

**Programa Rodoviário do Espírito Santo II
(Programa BID II)**

Nº do Empréstimo: 1675/OC-BR

Contrato de Consultoria BID II nº 06/2007

Elaboração do Plano Diretor Rodoviário para o Estado do Espírito Santo, incluindo o desenvolvimento e a implantação de um Núcleo de Planejamento Rodoviário na estrutura do DER-ES, e desenvolvimento e implantação de sistemas e instrumentos de planejamento rodoviário necessários à elaboração de planos diretores.

**Plano Estratégico de Logística e de
Transportes do Espírito Santo**

Volume 2 - Estudos Socioeconômicos

Novembro/2009

Sumário

1. ATIVIDADES ECONÔMICAS REGIONAIS/SETORIAIS NO ESPÍRITO SANTO ...	3
1.1 Introdução.....	3
1.2 Os Grandes Negócios na Economia Capixaba.....	4
1.3 Previsão de Investimentos no Espírito Santo	6
1.4 Atuação das Maiores Empresas no Espírito Santo.....	14
1.5 Atividades Econômicas Regionalizadas do Espírito Santo.....	17
2. ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS SETORIAIS E REGIONAIS	25
2.1 Atividades Econômicas Regionalizadas do Espírito Santo.....	25
2.2 Agropecuária Regional do Espírito Santo.....	25
3. ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS DO ESPÍRITO SANTO.....	30
3.1 Mapeamento	30
3.2 Os Novos Valores.....	31
3.3 Metodologia de Identificação e Mapeamento dos APLs	33
3.3.1 Definição.....	33
3.3.2 Referencial Metodológico.....	34
3.3.3 Análise de Dados Quantitativos.....	35
3.3.4 Aplicação ao Caso do Espírito Santo: Identificação e Mapeamento dos APLs	36
3.4 Síntese dos Dados dos APLs por Regiões.....	37
3.5 Conclusão	37
4. PROJETO PELTES - CENÁRIO DE REFERÊNCIA.....	41
4.1 Considerações Iniciais e Gerais Relevantes	41
4.2 Considerações Específicas	41
4.3 A “Nova” Economia Capixaba	42
4.4 Espírito Santo 2025 como Referência.....	43
4.5 Uma Visão do Contexto Internacional	43
4.5.1 Ascensão de Países Emergentes.....	44
4.5.2 Tendências Tecnológicas	44
4.5.3 Globalização: Oportunidades e Ameaças	44
4.6 Condicionantes Nacionais	45
4.6.1 A Reconfiguração Econômica e Espacial: Novos Espaços Dinâmicos	45
4.6.2 Inserção Competitiva e Capacidade de Inovação	46

4.6.3	Tendências Mais Recentes	46
4.7	Fatores Portadores de Futuro.....	47
4.7.1	Expansão das Atividades do Setor de Gás e Petróleo.....	47
4.7.2	O Papel das <i>Commodities</i>	48
4.7.3	A Importância da Logística.....	48
4.7.4	Interiorização do Desenvolvimento	48
4.8	Projeção do PIB Brasil, Sudeste e Bahia.....	49
4.9	Estimativa do PIB do Espírito Santo e Dinâmica Regional	51
4.9.1	Dinâmica Regional.....	51
4.10	Projeção do PIB Regional	52
4.10.1	Critérios e Procedimentos Adotados na Projeção do PIB por Região	52
4.10.2	Resultados	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		55
ANEXO		57

1. ATIVIDADES ECONÔMICAS REGIONAIS/SETORIAIS NO ESPÍRITO SANTO

1.1 Introdução

Os estudos aqui realizados pretendem analisar o setor industrial, o agropecuário e os Arranjos Produtivos Locais (APLs) a partir das microrregiões com o objetivo de identificar o potencial de cada uma delas e entender a dinâmica das economias locais. Tal análise permitirá a identificação das principais ligações internas e destas com o mercado externo.

Identificadas as potencialidades regionais, é possível determinar as atividades que geram maior quantidade de emprego e renda e analisar a dinâmica dos APLs em cada microrregião, levando em conta a tendência de cada um deles, a partir da taxa de crescimento do arranjo, e a participação de cada região dentro da estrutura estadual. Podemos constatar, ainda, a maturidade de cada arranjo em uma segunda reflexão, analisando as possibilidades e capacidade de crescimento.

A partir da análise regionalizada, busca-se também identificar e destacar atividades mais expressivas e que proporcionam maior densidade na geração de emprego e renda, consubstanciadas nos Arranjos Produtivos Locais (APLs). Comandados por grandes empresas ou construídos a partir de micro, pequenas e médias empresas, são as atividades desenvolvidas em torno dos APLs, em diferentes estágios de consolidação, que estabelecem as mais importantes relações comerciais de cada região com o mundo exterior. A economia capixaba está se desenvolvendo cada vez mais em torno da organização de APLs, o que permite ações coletivas visando à criação de oportunidades de crescimento e de desenvolvimento para todas as regiões estaduais.

Por último, e a partir dessa visão histórica, regional e setorial, há uma firme tentativa de “pensar o futuro” do Espírito Santo e de suas regiões, baseada no “diamante” da Estratégia de Desenvolvimento do Espírito Santo, que contempla quatro estratégias principais e sete complementares, consubstanciadas no documento síntese ES 2025 (SEP, 2006, p. 80). Para o propósito deste trabalho, a que mais se destaca é a referente à *diversificação econômica, agregação de valor à produção e adensamento das cadeias produtivas*. Dentre as complementares, destacam-se *a promoção de um desenvolvimento mais equilibrado entre a região metropolitana, o litoral e o interior; o alcance de níveis crescentes de eficiência, integração e acessibilidade do sistema logístico, reforçando seu papel de fator de competitividade da economia capixaba; e o desenvolvimento de uma rede equilibrada de cidades que favoreça o dinamismo econômico e a qualidade e sustentabilidade do espaço urbano*. É com base nessas estratégias que o presente trabalho será desenvolvido, criando uma conexão entre a logística e o sistema de transportes, considerando-se os diferentes modais.

Com o objetivo de possibilitar uma leitura mais direta dos aspectos abordados, a maior parte dos Quadros e Ilustrações, que refletem graficamente os dados analisados, foram separados por assunto e colocados no Anexo do presente relatório.

1.2 Os Grandes Negócios na Economia Capixaba

A industrialização do Espírito Santo e sua efetiva inserção nas economias nacional e internacional somente foram deslanchadas a partir da instalação dos grandes projetos industriais exportadores, centrados nos ramos da siderurgia e da celulose. No entanto, a própria integração desses grandes projetos com a economia local foi um processo muito lento, levando mais de duas décadas para se perceber seus efeitos multiplicadores mais amplificados, além daqueles impactos meramente atribuídos ao pagamento de salários diretos, no sentido de provocar o surgimento de negócios nucleados por esses investimentos, sejam como vendedores de produtos e serviços ou como compradores de produtos e subprodutos para posterior transformação.

A partir de meados de 1990 e reforçada pela política federal de privatização quando alguns dos grandes projetos passaram por uma profunda mudança patrimonial, tornou-se mais efetiva a vinculação dessas grandes empresas com a economia local, ampliando o leque dos efeitos multiplicadores nos níveis de emprego e renda, especialmente aqueles vinculados ao surgimento de empresas diretamente envolvidas com essas atividades, até então um pouco alheias às empresas de origem capixaba. Inicialmente tratava-se de pequenas empresas, inseridas numa ampla divisão de trabalho e, portanto, altamente especializadas, algumas decorrentes de oportunidades criadas com o processo de terceirização empreendido pelas grandes corporações. Com a intensificação desses novos mercados, algumas dessas empresas cresceram e, pode-se dizer se “libertaram” da demanda altamente concentrada de seus produtos/serviços, alcançando outros mercados, inclusive externos ao Espírito Santo.

Esse salto qualitativo foi impulsionado justamente pelo potencial de competitividade atingido em função do patamar de exigências de qualidade e de responsabilidade empresarial por parte dos grandes compradores. Vale a pena citar o poder de disseminação de novas práticas de gestão e a introdução de novos procedimentos, juntamente com produtos e processos, resultante do PRODFOR - Programa de Desenvolvimento de Fornecedores - criado no âmbito da FINDES e patrocinado pelas grandes empresas atuantes no Espírito Santo. Esse certificado é tão importante que pode equivaler à certificação internacional ISO, uma vez que qualificam as empresas para se tornarem fornecedoras de compradores que atuam diretamente nos exigentes mercados internacionais. Nesse ambiente de crescente interação e cooperação, tornou-se possível a difusão e a absorção de externalidades por parte das pequenas e médias empresas, configurando um novo ambiente em que se processa a concorrência. Não mais a individualidade das empresas lutando pela sobrevivência e pelo crescimento, mas a participação conjunta em prol de ganhos coletivos e de competitividade sistêmica, traduzida em melhorias da ambiência dos negócios no Espírito Santo.

Ressalta-se o papel das instituições nesse processo, a começar pela estabilidade política e pela recuperação da confiança no setor público estadual e de sua condução para um projeto de longo prazo, coletivo e abrangente, que se traduziu no Plano de Desenvolvimento ES 2025. Inúmeras outras instituições merecem destaque, algumas

atuando de forma a abarcar um amplo espectro de atividades econômicas, tais como: BANDES, BANESTES, SEBRAE/ES, Sistema FINDES, organizações empresariais, prefeituras municipais, e outras com atuação setorial, mas concatenadas com esse movimento de forma geral, tais como: os centros de desenvolvimento tecnológico, os sindicatos empresariais, as organizações do terceiro setor, bem como as incontáveis associações dedicadas à promoção de setores específicos localizados nos mais diferentes municípios do estado.

Ressalta-se que, de uma nova forma, volta a ter força e importância o planejamento que permite o envolvimento da sociedade organizada, das empresas conscientes das suas responsabilidades e do poder público como o grande direcionador desse processo de amadurecimento com o “fazer coletivo”.

Um resultado revelador do desenvolvimento recente da economia capixaba pode ser observado pela imbricação dos setores produtivos dominados pelos grandes projetos com os setores tradicionalmente característicos do cenário produtivo do Espírito Santo, rompendo-se uma dicotomia, evidente anteriormente, entre os pequenos e médios negócios versus os grandes projetos industriais exportadores. Direta ou indiretamente, a (re)organização dos setores produtivos, comumente considerados do ponto de vista de Arranjos Produtivos Locais (APLs), está vinculada a essa peculiaridade de desenvolvimento simultâneo das atividades econômicas.

Em primeiro lugar, não se pode deixar de destacar as vantagens locacionais do Espírito Santo em relação ao Brasil e ao mundo, que permitem a obtenção de competitividade tanto no alcance de mercados mais longínquos quanto na recepção de matérias-primas necessárias aos processos produtivos. E essas vantagens são potencializadas pela existência de uma infra-estrutura construída no estado, especialmente de transportes, proveniente de investimentos diretamente vinculados aos grandes projetos, como o sistema portuário e as ferrovias. Nesse aspecto, podem-se citar os APLs da cafeicultura e do mármore e granito como absorvedores dessas vantagens.

Em segundo lugar, alguns APLs tiveram o impulso de seu desenvolvimento derivado da evolução de uma cooperação interfirmas, na qual todas as participantes são beneficiadas nas respectivas relações de troca. Isso envolve desde a difusão do conhecimento, passando pelo aumento da competitividade setorial e sistêmica até a conquista de mercados mais abrangentes. Nesse caso destacam-se, como mais diretamente beneficiados, os setores vinculados ao APL Florestal-Moveleiro, ao da metal-mecânica e ao do turismo, especialmente de negócios e eventos. Sem dúvida, foram setores impulsionados pelo estreitamento das oportunidades de negócios entre empresas, inicialmente distantes entre si, que encontraram a possibilidade de desenvolvimento conjunto, embora seja, ainda, uma realidade que está sendo construída.

Em terceiro lugar, destaca-se o desenvolvimento e o fortalecimento dos setores tradicionais no período pós-crise da economia cafeeira. A extrema centralidade das atividades ligadas ao café e a dependência da economia capixaba em relação a esse produto, até fins dos anos 1960, deram lugar a um duplo movimento. De um lado, a gradativa modernização da agricultura, incluindo o próprio café, e a intensificação do processo de diversificação da sua base produtiva, como olericultura, fruticultura, pecuária de corte e leiteira e avicultura, sem falar na expansão da silvicultura. Por outro lado, a progressiva organização setorial em torno dos Arranjos Produtivos Locais, como os de

confeções, mármore e granito, moveleiro e alimentos, dentre outros, que embora em estágios diferenciados de amadurecimento, constituem boa parte da base econômica de muitos municípios capixabas.

Em quarto lugar, ganham muito vigor, podendo-se até considerar como algo novo no cenário capixaba, as atividades ligadas ao gás e petróleo, pelo menos em sua intensidade e na capacidade de gerar impactos no emprego e renda. Nucleada por uma grande empresa, essa área tem um enorme poder multiplicador, não só nos vultosos investimentos como gasodutos, oleodutos, portos, logística e suprimentos, mas também no impacto exercido como demandante de produtos e serviços, incluindo toda a área de educação, além dos substanciais royalties recolhidos aos cofres do setor público estadual e municipal.

Esses pontos levantados apontam para um novo rearranjo das atividades econômicas do Espírito Santo, destacando-se as tendências de integração das grandes empresas com a economia local, bem como uma base produtiva mais diversificada. No entanto, ainda persistem tendências de extrema concentração nas regiões litorâneas do estado, especialmente nos municípios da região metropolitana, como efeito das vantagens locacionais e da existência de uma logística que converge diretamente para essa região. Há, portanto, que se atentar para o potencial de crescimento e as oportunidades que podem ser aproveitadas nas regiões interioranas. Nisso reside a extrema importância da existência de uma infra-estrutura adequada para o escoamento de uma produção cada vez mais diversificada e para suporte a todas as transações comerciais daí decorrentes.

Para se avaliar a importância e a dimensão dos grandes negócios no Espírito Santo, foram utilizadas duas fontes de dados. A primeira refere-se aos grandes investimentos previstos para o horizonte do ano de 2012, que pode ajudar a entender o direcionamento regional e setorial dos novos empreendimentos e daqueles em expansão. A segunda fonte mostra a localização, também apurada regional e setorialmente, das 200 maiores empresas atuantes no Espírito Santo, destacando-se as respectivas Receitas Operacionais Brutas e os empregos gerados no estado. Sem dúvida, a conjugação dessas duas fontes pode proporcionar uma visão, pelo menos em médio prazo, das possíveis tendências da economia estadual, bem como retratar a “vocação” econômica do estado, tomando-se em conta as inter-relações empresariais que se estabelecem cada vez mais estreitamente entre os grandes negócios e os pequenos e médios empreendimentos.

1.3 Previsão de Investimentos no Espírito Santo

Desde o ano de 2000, o Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) vem realizando um importante levantamento estatístico da economia estadual referente à carteira de investimentos previstos para o Espírito Santo, com periódicas atualizações. A última projeção considerou o período 2007-2012 e, ressalte-se, sempre são considerados os projetos de investimentos com valores acima de R\$ 1 milhão. O objetivo é conhecer as características gerais dos investimentos previstos para o estado, observando-se o volume de recursos envolvidos ao longo do tempo, assim como sua distribuição setorial e regional. Nesse aspecto, pretende-se entender os impactos regionais e setoriais de tais investimentos, uma vez que, pelos elevados valores envolvidos, certamente produzirão efeitos significativos no ambiente econômico do Espírito Santo. Em função da crise atual,

alguns desses investimentos previstos poderão ser revistos e até postergados, mas dificilmente serão eliminados do planejamento estratégico das empresas.

Os investimentos são agrupados segundo os setores econômicos relevantes do estado, quais sejam: infra-estrutura (energia, transporte e terminal portuário/aeroporto e armazenagem); indústria; comércio/serviço e lazer; outros serviços (saneamento, meio ambiente, saúde e educação); e agroindústria. As informações também são apresentadas segundo a Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE) e distribuídas pelas Microrregiões Administrativas de Gestão do Espírito Santo, o que permite mostrar tanto características da trajetória recente dos investimentos quanto a sua distribuição setorial e regional.

As informações primárias para esse levantamento abarcam um amplo leque de instituições, de empresas e de outras fontes, tais como: instituições de financiamento e de licenciamento (GERES/BANDES, IEMA); diversas empresas (VALE, Oi, Telemar, Escelsa, PETROBRAS, Samarco, ArcelorMittal Tubarão e Banco do Nordeste); jornais e revistas; além do Programa de Incentivo ao Investimento no Estado do Espírito Santo (Invest-ES) e do programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do governo federal.

Como mais que repetido em inúmeras análises sobre a economia capixaba, o PIB do Espírito Santo vem crescendo, sistematicamente, acima da média nacional há algumas décadas. A sustentação desse crescimento só pode ser creditada à continuidade e à intensificação de projetos (e de suas realizações, obviamente) de investimentos que, sem dúvida, constituem o principal componente da demanda efetiva para conferir sustentabilidade ao crescimento do PIB.

A conjuntura externa favorável, em que predomina o crescimento acelerado das economias emergentes e a expansão da demanda por *commodities*, potencializa segmentos econômicos locais com inserção nacional e internacional, como mineração, siderurgia, celulose, petróleo e gás. Também a expansão da demanda interna promove os investimentos necessários ao aumento da capacidade produtiva da economia. Adicionalmente, a construção de um plano estratégico de longo prazo para o Espírito Santo tem contribuído para coordenar esforços na direção de um ambiente propício aos investimentos em todos os segmentos da economia capixaba, principalmente àqueles setores considerados estratégicos para consolidar seu desenvolvimento (IJSN, 2008, p. 10).

O Quadro 2.1 mostra a evolução recente da carteira dos maiores investimentos no Espírito Santo, passando de uma previsão de 195 projetos, em 2000, para 631, em 2007, um crescimento equivalente a 232,6% nesse período. Nesse ínterim, os valores evoluíram em ritmo ainda mais veloz, em 312,6%, o que contribuiu para a elevação do valor médio de cada projeto.

Quadro 2.1

EVOLUÇÃO DOS INVESTIMENTOS NO ESPÍRITO SANTO

Em Milhões de Reais

ANO	PROJETOS		VALOR		VALOR MÉDIO
	QUANTIDADE	EVOLUÇÃO	TOTAL	EVOLUÇÃO	
2000	195	100	13.437	100	68,91
2001	230	117,9	17.790	132,4	77,35
2002	256	131,3	19.787	147,3	77,29
2003	350	179,5	25.530	190	72,94
2004	403	206,7	35.775	266,2	88,77
2005	491	251,8	44.133	328,4	89,88
2006	521	267,2	45.298	337,1	86,94
2007	631	323,6	55.438	412,6	87,86

A previsão para o período entre 2007 e 2012, considerada pelos macro setores, mostra uma expressiva concentração nos segmentos da infra-estrutura, especialmente energia e transportes, com praticamente metade do valor total dos investimentos previstos, e da indústria, com 39,4% do valor total. São também os que apresentam o maior número de projetos e os maiores valores médios de cada projeto. Outros destaques ficam para a agroindústria, com 34 projetos e abarcando 1,4% do valor total, e o setor de saúde, com 33 projetos e 1,0% do valor total, conforme Quadro 2.2 e Ilustração 2.1.

Quadro 2.2

INVESTIMENTOS POR SETOR

Em Milhões de Reais - 2007 a 2012

SETORES	PROJETOS		VALOR		VALOR MÉDIO
	QUANTIDADE	PERCENTUAL	TOTAL	PERCENTUAL	
Infra-estrutura	201	31,9	26.575,6	47,9	132,2
Energia	76	12	15.536,0	28	204,4
Transporte	64	10,1	8.654,0	15,6	135,2
Terminal portuário, aeroporto e armazém	61	9,7	2.385,6	4,3	39,1
Indústria	182	28,8	21.851,1	39,4	120,1
Comércio/serviço e lazer	123	19,5	4.531,6	8,2	36,8
Outros serviços	91	14,4	1.687,6	3	18,5
Saneamento	19	3	428,9	0,8	22,6
Meio ambiente	17	2,7	389,5	0,7	22,9
Saúde	33	5,2	559,2	1	16,9
Educação	22	3,5	310,0	0,6	14,1
Agroindústria	34	5,4	792,1	1,4	23,3
TOTAL GERAL	631	100	55.438,0	100	87,9

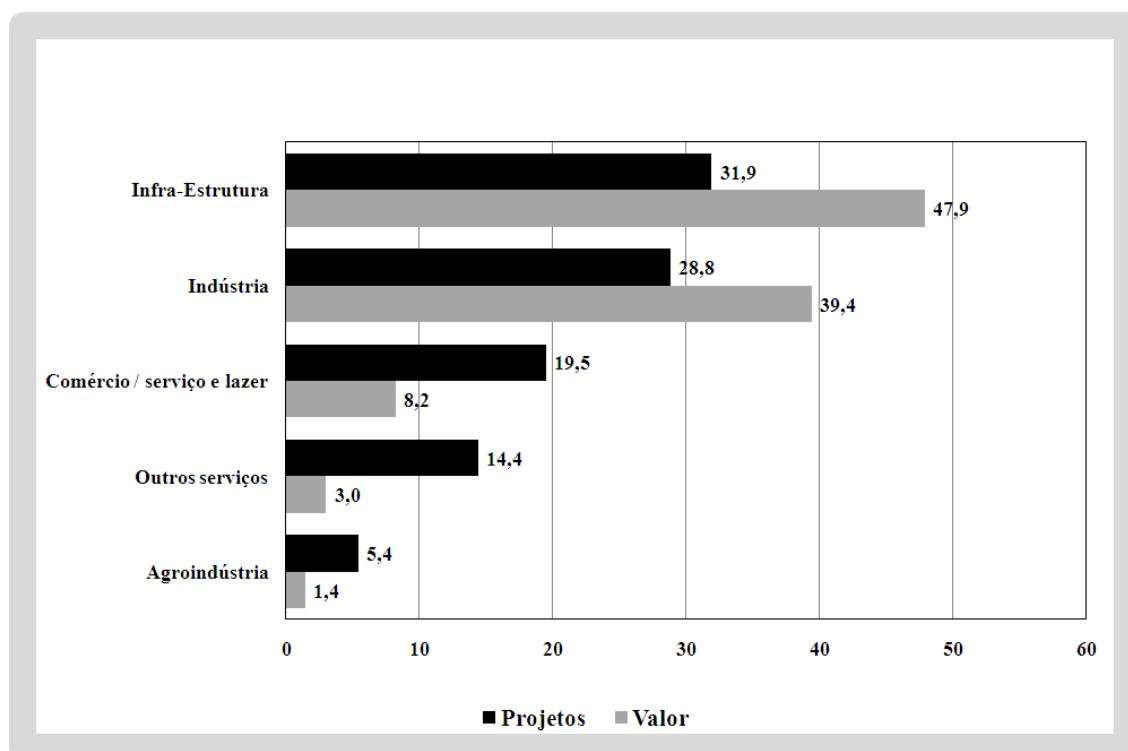


Ilustração 2.1 - Investimentos Previstos - Projetos e Valor por Setor de 2007-2012 (%)

A distribuição dos investimentos previstos para o período 2007-2012, conforme a CNAE, mostra também uma expressiva concentração em alguns segmentos, conforme Quadro 2.3.

A distribuição cruzada entre setores da atividade econômica e regiões encontra-se no Anexo do presente relatório. Pela análise dessas informações, pode-se inferir que os grandes investimentos no estado estão direcionados, basicamente, para dois setores: petróleo e siderurgia. O primeiro está presente tanto nas atividades de extração (setor 11 da CNAE com 16,7% do total dos investimentos previstos, concentrados nas regiões Pólo Linhares, Litoral Norte e Pólo Cachoeiro), quanto de refino (setor 23), com 11,7%, o qual inclui, ainda, a fabricação de coque e de álcool. O segundo, da mesma forma, abarca extração de minerais metálicos (setor 13, com 15,5% do total, predominante nas regiões Metropolitana e Metropolitana Expandida Sul), fabricação de coque (setor 23) e metalurgia básica (setor 27), com 18,1%. Somando-se essas quatro atividades, chega-se a 62,0% dos investimentos previstos para o estado nesse período, superiores, individualmente, a R\$ 1 milhão. Ressalta-se que, na região Metropolitana Expandida Sul estão previstos cerca de 80% dos investimentos em metalurgia básica, uma vez que foram considerados, certamente, os investimentos da siderúrgica prevista para ali ser instalada, ainda sem total aprovação dos órgãos competentes.

Três outros setores merecem ser mencionados: o de construção (setor 45), com predominância na região Metropolitana, com 7,4% do total de investimentos; o de fabricação de outros equipamentos de transportes (setor 35), baseado na região Pólo Linhares, com 6,2% do total; e o de eletricidade, gás e água quente, relativamente distribuído no estado (setor 40), com 5,4% do total, como apresentado no Quadro 2.3.

Quadro 2.3

INVESTIMENTOS POR SETOR SEGUNDO CLASSIFICAÇÃO CNAE

Em Milhões de Reais - 2007 a 2012

CNAE	SETORES DE ATIVIDADE	VALOR	PERCENTUAL
1	Agricultura, pecuária e serviços relacionados	17,5	0,03
2	Silvicultura, expl. florestal e serv. relacionados	657,4	1,19
5	Pesca, aquicultura e serviços relacionados	5,2	0,01
11	Extração de petróleo e serviços relacionados	9.239,5	16,67
13	Extração de minerais metálicos	8.564,3	15,45
14	Extração de minerais não-metálicos	95,2	0,17
15	Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	954,4	1,72
17	Fabricação de produtos têxteis	37,0	0,07
18	Confecção de artigos do vestuário e acessórios	18,1	0,03
21	Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	182,0	0,33
23	Fabr. de coque, ref. de petróleo e prod. de álcool	6.478,8	11,69
24	Fabricação de produtos químicos	172,5	0,31
25	Fabricação de artigos de borracha e plástico	395,5	0,71
26	Fabricação de prod. de minerais não-metálicos	214,1	0,39
27	Metalurgia básica	10.017,1	18,07
29	Fabricação de máquinas e equipamentos	352,0	0,63
35	Fabricação de outros equipamentos de transporte	3.461,5	6,24
37	Reciclagem	1,5	-
40	Eleticidade, gás e água quente	2.987,7	5,39
41	Captação, Tratamento e Distribuição de Água	37,6	0,07
45	Construção	4.082,1	7,36
51	Com. por atac. e repr. Com. e ag. do comércio	21,7	0,04
55	Alojamento e alimentação	606,8	1,09
60	Transporte terrestre	992,0	1,79
63	Ativ. anexas e aux. dos transp. e ag. de viagem	3.204,4	5,78
64	Correio e telecomunicações	120,0	0,22
70	Atividades Imobiliárias	5,0	0,01
85	Saúde e serviços sociais	371,6	0,67
92	Atividades Recreativas, Culturais e Desportivas	5,0	0,01
	Outros	2.140,5	3,86
TOTAL GERAL		55.438,0	100

Antes de passar às peculiaridades de cada região, é interessante tecer uma comparação, como faz o IJSN, entre a participação do PIB regional no estado e a distribuição dos investimentos. Uma primeira observação diz respeito a uma relativa desconcentração dos investimentos da região Metropolitana em relação ao PIB por ela gerado, uma vez que, respondendo por 63,1% do PIB estadual irá receber o equivalente a 33,8% desses investimentos. No entanto, essa tendência vale apenas para as regiões Metropolitana

Expandida Sul que, com 4,5% do PIB estadual, poderá receber 33,0% dos investimentos; Pólo Linhares, com 9,6% do PIB e 18,8% dos investimentos totais; e Litoral Norte, com 3,5% e 4,9%, respectivamente. Mais uma vez constata-se a concentração no litoral do mapa do Espírito Santo, uma vez que todas as demais regiões têm uma contribuição para o PIB estadual relativamente superior ao recebimento de grandes investimentos, destacando-se a região Pólo Colatina, com 3,1% do PIB e 1,4% dos investimentos; a Noroeste 2, com 1,8% e 0,3% e a Central Serrana, com 1,8% e 0,1%, respectivamente, conforme Quadro 2.4.

Quadro 2.4

PREVISÃO DE INVESTIMENTOS POR REGIÃO E PRINCIPAIS ATIVIDADES

Em Milhões de Reais - 2007 a 2012

REGIÃO	PRINCIPAIS ATIVIDADES	INVESTIMENTOS PREVISTOS	PIB	PERCENTUAL
1 MET	Mineração, construção civil, logística, siderurgia, energia elétrica e gás.	18.725.600	29.792.898	63,1
2 PLI	Atividade petrolífera, indústria naval, infra-estrutura e silvicultura.	10.413.200	4.518.877	9,6
3 MES	Siderurgia, atividade petrolífera e mineração.	18.296.900	2.133.899	4,5
4 SUS	Geração de energia elétrica, produção de bebidas e agricultura.	507.200	873.856	1,9
5 CES	Infra-estrutura rodoviária.	38.200	843.955	1,8
6 LNO	Atividade petrolífera e geração de energia elétrica.	2.710.800	1.671.054	3,5
7 ENO	Indústria sulcoalcooleira e construção civil (habitação).	578.600	668.639	1,4
8 PCO	Fabricação de produtos alimentícios, bebidas e combustível, infra-estrutura (transporte, energia e telecomunicações).	777.200	1.474.137	3,1
9 NO1	Distribuição de gás, extração e beneficiamento de rochas ornamentais.	36.500	583.416	1,2
10 NO2	Beneficiamento de rochas ornamentais, energia elétrica e infra-estrutura rodoviária	175.300	857.293	1,8
11 PCA	Atividade petrolífera, transporte ferroviário e energia elétrica (geração e distribuição).	3.073.400	2.924.183	6,2
12 CAP	Energia elétrica (geração) e silvicultura.	105.100	848.708	1,8
TOTAL GERAL		55.438.000	46.342.207	100

A seguir, serão destacados os investimentos previstos para cada região de acordo com a classificação setorial da CNAE, numa tentativa de começar a identificar as tendências setoriais/regionais dos empreendimentos destacadas pelo Instituto Jones dos Santos Neves em sua análise (IJSN, 2008). Os Quadros 1A a 12A, com a relação dos projetos previstos para cada microrregião, podem ser vistos no Anexo.

Os investimentos previstos para a região Metropolitana estão voltados basicamente para a indústria, destacando-se a extração e beneficiamento de minério de ferro (28,3%), construção (17%) e metalurgia básica (9,8%); para fontes energéticas; e para o setor de serviços, como as atividades auxiliares dos transportes (13,5%), alojamento e alimentação (3,2%) e saúde e serviços sociais (1,9%).

Entre os investimentos para a região Pólo Linhares, destaca-se, essencialmente, os destinados a atividades de prospecção e extração de petróleo (37,8%) e fabricação de outros equipamentos de transporte (30,8%), estes últimos relacionados com a perspectiva de investimentos na construção naval. Outros destaques são os investimentos nas atividades de construção e fabricação de celulose e na silvicultura (eucalipto), que, somados, correspondem a 12,4% do total. O elevado percentual para a construção também está vinculado à possibilidade da instalação de um estaleiro para construção e reparos navais.

Os investimentos previstos para a região Metrópole Expandida Sul estão diversificados em três grandes atividades. Em primeiro lugar encontra-se a metalurgia básica, representando 44,1% do total, em função da instalação de uma usina siderúrgica para a produção de placas de aço, o que deve ser confirmado, dadas as informações recentes sobre o investimento. Na segunda posição está a atividade petrolífera e serviços relacionados ao processamento de petróleo, com 24,4%. Em seguida situam-se as atividades relacionadas à extração de minerais metálicos, com 17,8%, decorrentes da ampliação da capacidade produtiva da Samarco Mineração, com a instalação de uma nova planta industrial (pelotização), como também do aumento da capacidade de transporte de minério de ferro. Os três segmentos são justamente os previstos para dar início ao Pólo Industrial e de Serviços de Anchieta que poderá servir de atratividade para a localização de pequenas e médias empresas fornecedoras desses grandes empreendimentos.

Na região Sudoeste Serrana, os destaques são os investimentos nas atividades de geração de energia elétrica, por meio da instalação de novas hidrelétricas (PCHs), bem como da modernização, reabilitação e repotencialização das usinas já instaladas, representando 67,6% do total; e a produção de alimentos e bebidas, que envolve a produção de água, refrigerante, cerveja e sucos, com 24,2%. Contam-se, ainda, com investimentos na agricultura, relativos ao cultivo de frutas da região e à modernização do cultivo de café, com 3,2%, bem como nas atividades mobiliárias e recreativas.

Os principais investimentos previstos para a região Central Serrana estão relacionados ao setor da construção, especificamente destinados à recuperação e à modernização da pavimentação rodoviária da região, programados com recursos públicos, representando 89,0% do total de R\$ 38,2 milhões. Outro segmento de destaque é a aquicultura, que representa 11,0% do total, com investimentos voltados principalmente para a produção e comercialização de peixes.

Na região Litoral Norte os investimentos estão voltados, prioritariamente, para as atividades de exploração, extração e armazenamento de petróleo, o que tem sido uma vocação dessa região, representando 81,4% do total de R\$ 2.710,8 milhões. Outros investimentos também relevantes, de acordo com o IJSN, se referem à instalação de usinas termelétricas (6,4%), com utilização de gás natural e biomassa a partir do bagaço da cana; à exploração de sal-gema (3,3%); e à ampliação da produção de álcool, com diversificação da produção de açúcar cristal (3,1%).

A quase totalidade dos investimentos previstos para a região Extremo Norte está concentrada na indústria sulcro-alcooleira, representando 98,7% dos R\$ 578,6 milhões programados. Também estão contemplados investimentos em construção, sendo grande parte destinada a unidades habitacionais, com 0,9% do total; e o restante voltado para a indústria alimentícia (laticínios), com 0,2%; e em produção no setor da aquicultura, incluindo o beneficiamento de peixes, com 0,2%.

A região Pólo Colatina apresenta uma maior diversidade na programação de seus investimentos, cujo destaque fica para a fabricação de produtos alimentícios e bebidas, com 40,1% do total de R\$ 777,2 milhões, destinados ao beneficiamento da produção de café (café solúvel) e à fruticultura, setores típicos da região. Grandes investimentos concentram-se, também, no setor de telecomunicações, voltados para a telefonia celular (15,4%), com a finalidade de ampliar a cobertura móvel na região. No setor da construção,

com 13,1%, destacam-se a modernização e a repotencialização das usinas hidrelétricas, como também a restauração de trechos rodoviários com recursos públicos e investimentos no sistema de esgotamento sanitário (IJSN, 2008). A fim de proporcionar o desenvolvimento da região com o abastecimento seguro de energia elétrica, estão previstos investimentos que representam cerca de 11,3% do total aplicado, com destaque para a interligação com a Rede Básica do Sistema Nacional.

A maior parte dos investimentos destinados à região Noroeste 1 está voltada para a distribuição de Gás Liquefeito de Petróleo (GLP), com 59,8% do total de R\$ 36,5 milhões. Compõem, também, uma carteira de investimentos nos setores de extração de minerais metálicos, com 16,4% do total; construção, com 10,7%; e a extração de minerais não-metálicos e beneficiamento de rochas ornamentais, com 9,9%.

A região Noroeste 2 deverá ser beneficiada com R\$ 175,3 milhões em investimentos, concentrados, sobretudo, no setor de rochas ornamentais, contemplando o beneficiamento e o tratamento dos resíduos decorrentes dos processos produtivos do setor, com 45% do total. Em segundo lugar, estão os investimentos em energia, com a implantação da linha de transmissão e a construção de uma subestação (34,2%). Em seguida, destacam-se investimentos no setor de construção (15,9%), voltados principalmente para a recuperação e modernização rodoviária e para a ampliação do sistema de abastecimento e tratamento do esgoto sanitário. Destaque-se que é a única região com investimento previsto no setor de reciclagem (37 da CNAE), com um valor de R\$ 1,5 milhão.

Segundo o IJSN (2008), os investimentos para a região Pólo Cachoeiro estão relacionados principalmente com a indústria petrolífera (58%), sendo voltados para perfuração, testes e exploração no Bloco BC-60 (Jubarte e demais), no município de Presidente Kennedy.

Outros investimentos estão focados no transporte ferroviário (Ferrovia Litorânea Sul) e na infra-estrutura para mobilidade urbana (24,9%). Os investimentos para construção de uma hidrelétrica (PCH) e ampliação da rede de distribuição de energia elétrica e construção de ramais (6,1%) também são relevantes. Nesta região, os investimentos classificados como minerais não-metálicos abrangem a produção de cimento, o comércio atacadista de produtos extrativos de origem mineral, o beneficiamento e a estocagem de rochas ornamentais (corte de chapas e polimento), além do tratamento e reciclagem da lama proveniente do beneficiamento das rochas ornamentais (3%). Na metalurgia básica, os valores se destinam à produção de ferro-gusa e produtos de aço e seus perfis, como é o caso da gralha utilizada como auxiliar na serragem de rochas ornamentais (2,4%).

Resta observar que essa região possui uma especialização forte nas atividades de extração, serragem e beneficiamento de rochas ornamentais, mas como esse levantamento considera apenas investimentos acima de R\$ 1 milhão, uma parte significativa de pequenos investimentos em teares e em equipamentos de beneficiamento não foi considerada.

Na região Caparaó, os valores dos investimentos se concentram, em sua quase totalidade, na geração de energia elétrica, através da construção de pequenas hidrelétricas (PCHs), com 98,0% dos R\$ 105,1 milhões, além de investimentos em matéria-prima para a indústria de celulose e para a construção de habitações.

Dessa análise empreendida, chega-se à conclusão que o movimento de concentração da riqueza econômica estadual na região metropolitana e estendida às regiões litorâneas, verificada com a intensificação da industrialização e da urbanização da população, a partir da década de 70, continua a se manifestar. Os investimentos programados para o Espírito Santo superiores a R\$ 1 milhão, previstos para alcançar a cifra de R\$ 55.438,0 milhões, estão fortemente concentrados no litoral capixaba. As regiões Metropolitana, Pólo Linhares e Metrópole Expandida Sul ficarão com 85,6% desse total e, se for acrescentada a região Litoral Norte, esse percentual atinge 90,5%, o que representa uma proporção maior do que suas próprias participações na geração do PIB estadual. As três primeiras regiões produziram o equivalente a 77,2% do PIB capixaba em 2005, enquanto as quatro em conjunto atingiram o percentual de 80,7%.

Setorialmente, também se observa a continuidade da concentração em algumas atividades, reproduzindo a atual estrutura produtiva, uma vez que 61,9% dos investimentos programados serão destinados aos setores da siderurgia e do petróleo e gás.

1.4 Atuação das Maiores Empresas no Espírito Santo

Para complementar a análise do item anterior, sobre a força dos grandes negócios instalados no Espírito Santo, foram utilizados os dados da pesquisa, anualmente realizada pelo IDEIES/FINDES, sobre as duzentas maiores empresas do estado, referente ao ano base de 2007. Os dados disponíveis foram agrupados setorialmente, num total de 35 setores, utilizando-se as informações referentes ao número de empresas por setor, a Receita Operacional Bruta (ROB) gerada no estado e o número de empregos no estado. Além disso, essas mesmas informações foram agrupadas para cada uma das doze Regiões Administrativas de Gestão.

Das duzentas maiores empresas estaduais, 40 estão no ramo do comércio atacadista, 18 nas atividades de importação/exportação, 16 na distribuição de veículos e autopeças, 12 na indústria de construção civil e 11 no setor de transportes, perfazendo um total de 97 empresas nesses cinco setores. Nota-se uma expressiva concentração setorial dessas grandes empresas. As empresas situadas nos três maiores setores em termos da ROB gerada no estado, quais sejam, indústria extrativa de minerais, comércio atacadista e a indústria siderúrgica, representam 51,8% do total da ROB. Os oito maiores setores geram o equivalente a 76,9% da ROB total sendo, além dos três citados, indústria de papel e papelão, o setor de serviços de importação/exportação, indústria de utilidade pública, instituições financeiras e indústria química, comprovando, dessa forma, que esses setores são realmente os mais representativos da economia capixaba.

Em termos de emprego gerado no Espírito Santo, a concentração não é tão evidente. Os três setores que mais empregam são responsáveis por 26,7% do tempo de emprego gerado pelas duzentas maiores empresas. São eles: o setor de transporte, a indústria da construção civil e a indústria extrativa de minerais. Os oito maiores empregadores somam 47,3%, além dos três citados, mais a indústria de produtos alimentares, a indústria siderúrgica, o setor de supermercados, as empresas de serviços médicos e odontológicos e as instituições financeiras.

Para corroborar a tendência de concentração econômica nas regiões litorâneas, tem-se que das duzentas maiores empresas estaduais, 158 estão na região Metropolitana, 18 na

Pólo Linhares, ficando as regiões de Pólo Colatina e Pólo Cachoeiro com 8 cada uma. Da receita operacional bruta total, 80,4% são gerados na Região Metropolitana e 11,0% na Pólo Linhares, e quanto ao emprego total as respectivas participações são de 79,6% e 11,0%. A terceira região em ROB é a Metropolitana Expandida Sul, responsável por 5,2% do total, enquanto a terceira em geração de emprego é a Pólo Colatina, com 3,7% do total. Registre-se que três regiões não abrigam nenhuma das maiores empresas: a Extremo Norte, a Noroeste 1 e a do Caparaó. O Quadro 2.5 apresenta, de forma resumida, por microrregião, os números referentes as 200 maiores empresas do estado. Informações mais detalhadas poderão ser vistas nos Quadros 13A, 14A e 20A, do Anexo.

Quadro 2.5

DADOS DAS 200 MAIORES EMPRESAS DO ESPÍRITO SANTO POR REGIÃO

Em Milhões de Reais - 2007

REGIÃO	EMPRESAS		VALOR	ROB NO ES		EMPREGOS NO ES		
	QUANTIDADE	PERCENTUAL		MÉDIA	PERCENTUAL	QUANTIDADE	MÉDIA	PERCENTUAL
1 MET	158	79	40.761.036,0	257.981,0	80,4	66449	421	79,6
2 PLI	18	9	5.556.266,0	308.681,0	11	9214	512	11
3 MES	2	1	2.617.632,0	1.308.816,0	5,2	1162	581	1,4
4 CES	1	0,5	69.933,0	69.934,0	0,1	181	181	0,2
5 SUS	1	0,5	33.748,0	33.749,0	0,1	340	340	0,4
6 LNO	2	1	119.584,0	59.792,0	0,2	1195	598	1,4
7 ENO	-	-	-	-	-	-	-	-
8 PCO	8	4	1.068.538,0	133.567,0	2,1	3079	385	3,7
9 NO1	-	-	-	-	-	-	-	-
10 NO2	2	1	105.874,0	52.937,0	0,2	317	159	0,4
11 PCA	8	4	348.576,0	43.572,0	0,7	1530	191	1,8
12 CAP								
TOTAL GERAL	200	100	50.681.187,0	253.406,0	100	83467	417	100

Fonte: Findes

A região Metropolitana tem empresas representadas em 29 setores do total de 35, sendo as mais importantes em geração de receita operacional bruta a indústria extrativa de minerais, o comércio atacadista, a indústria siderúrgica, e os serviços de importação/exportação. A região Pólo Linhares possui empresas em 15 setores, sendo os mais representativos, medidos pela ROB, a indústria de papel e papelão e o setor de supermercados. Em termos de emprego gerado, os mais importantes são a indústria de mobiliário, a indústria de papel e papelão, o setor de supermercados, o setor agropecuário e a indústria química. A região Metropolitana Expandida Sul está representada em dois setores: a indústria extrativa de minerais e a de produtos alimentares. As regiões Sudoeste Serrana, Central Serrana e Litoral Norte contam com empresas em apenas um setor: indústria de bebidas, comércio varejista (exceto supermercados) e indústria química, respectivamente. A região Pólo Colatina possui empresas em cinco setores, sendo os mais representativos, em termos da geração de emprego, a indústria de produtos alimentares, o setor de transportes e a indústria de vestuário. A região Noroeste 2 conta com empresas nos setores de comércio atacadista e da indústria de produtos alimentares. Por fim a região Pólo Cachoeiro tem empresas em cinco setores, sendo os mais significativos, os serviços médicos hospitalares, a indústria de minerais não-metálicos e a distribuição de veículos e autopeças.

1.5 Atividades Econômicas Regionalizadas do Espírito Santo

Uma vez delineados os principais setores da economia capixaba, por meio da análise da projeção dos grandes investimentos e da atuação das maiores empresas em nível regional, o objetivo dessa parte do relatório é o de mapear, setorial e regionalmente, o total das atividades econômicas desenvolvidas no Espírito Santo e analisar sua evolução recente. Entende-se que, com isso, possam ser fornecidos mais subsídios analíticos para a complementação do Plano Estratégico de Logística e de Transportes do Espírito Santo - PELTES, na área da socioeconomia.

No entanto, as informações disponíveis em nível municipal (a partir do qual são agrupadas em nível regional) são insuficientes e não trazem muitos detalhamentos, tendo-se que recorrer aos dados levantados anualmente pelo IBGE, relacionados no Cadastro Central de Empresas. Três observações merecem ser destacadas sobre os limites dessas estatísticas. Em primeiro lugar, são dados coletados unicamente em empresas constituídas formalmente e, portanto, não permitem uma avaliação das atividades informais que, como se sabe, são importantes para grande parte das pessoas ocupadas. Em segundo lugar, não se dispõe de uma discriminação maior das atividades, uma vez que só se encontram disponíveis, em nível municipal, as informações setoriais até dois dígitos, o que prejudica especialmente a identificação das estruturas dos setores industrial, de comércio e de serviços. Em terceiro lugar, não se dispõe de qualquer indício sobre o valor adicionado em cada um dos setores de atividade, apesar de constarem informações sobre o número de unidades do total de pessoal ocupado, do pessoal assalariado e dos salários totais pagos.

Para se estabelecer alguns contrastes, será analisada, em primeiro lugar, a estrutura ocupacional das pessoas, conforme o Censo Demográfico de 2000, último ano que se dispõe desse tipo de informação. Presume-se que as mudanças que tenham ocorrido, a partir de então, não comprometem a análise mais geral da composição da ocupação

setorial em cada região. Como pode ser observado, esses dados divergem daqueles apurados pela estrutura do Cadastro Central de Empresas.

O Quadro 2.6 mostra que as atividades desenvolvidas no setor agropecuário eram a principal fonte de ocupação no estado, representando 24,0% das pessoas ocupadas no ano de 2000. Em seguida situam-se as atividades ligadas ao comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos, com 16,3%; a indústria de transformação, com 10,7%. A construção e os serviços domésticos também foram setores importantes para o nível de ocupação, responsáveis por 7,5% e 7,1% da ocupação total, respectivamente. Esses cinco setores representavam um pouco mais que 2/3 de todas as oportunidades de trabalho no Espírito Santo.

Quadro 2.6

QUANTIDADE DE PESSOAS OCUPADAS NO TRABALHO PRINCIPAL DO ESPÍRITO SANTO 2000

ATIVIDADE ECONÔMICA	TOTAL	PERCENTUAL
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	313.823,0	24
Pesca	6.990,0	0,5
Indústria extrativa	10.897,0	0,8
Indústria de transformação	140.563,0	10,7
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	5.863,0	0,4
Construção	92.751,0	7,1
Comércio, rep. de veículos automotores, obj. pessoais e domésticos	213.042,0	16,3
Alojamento e alimentação	59.847,0	4,6
Transporte, armazenagem e comunicação	60.668,0	4,6
Intermediação financeira	12.950,0	1
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	65.290,0	5
Administração pública, defesa e seguridade social	69.546,0	5,3
Educação	66.857,0	5,1
Saúde e serviços sociais	39.240,0	3
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	43.853,0	3,3
Serviços domésticos	97.848,0	7,5
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	11,0	-
Atividades mal especificadas	9.249,0	0,7
TOTAL GERAL	1.309.288,0	100

Fonte: IBGE. Censo Demográfico, 2000

Regionalmente a população ocupada está distribuída no estado conforme mostrado a seguir. Em primeiro lugar, situa-se a região Metropolitana, com 44,2% da população ocupada em 2000, seguida de Pólo Cachoeiro, com 10,4%, de Pólo Linhares, com 7,4% e de Pólo Colatina, com 6,2%. As demais regiões têm percentuais que variam entre 3 e 5%, à exceção da Litoral Norte que representa apenas 1,4% da população estadual.

Comparando-se a estrutura ocupacional da população ocupada nas doze regiões encontram-se algumas peculiaridades. Em primeiro lugar, deve-se considerar a forte presença do setor agropecuário na geração de postos de trabalho, destacando-se a regiões Central Serrana e Sudoeste Serrano, que têm mais de 2/3 da população ocupada nessa atividade. Este setor também tem muita importância para a população das regiões Caparaó, 57,9%, Noroeste 1, com 54,4%, e Noroeste 2, com 50,8%.

Em segundo lugar, as atividades ligadas ao comércio em geral constituem uma grande fonte de oportunidades para a ocupação das pessoas, sendo que em algumas regiões o setor é responsável por mais de 15% da população ocupada total, como a região Metropolitana (20,9%), Pólo Cachoeiro e Metropolitana Expandida Sul (16,1% em cada uma) e Pólo Linhares (15,3%). Destacam-se, ainda, Pólo Colatina (14,9%) e Litoral Norte (14,5%).

Em terceiro lugar, destacam-se as atividades ligadas ao setor industrial, que na maioria das regiões constituem a terceira fonte de geração de postos de trabalho. Embora não se possa inferir quais os ramos industriais específicos a cada região, merecem destaque Pólo Linhares, com 14,0% da população ocupada nesse setor; Pólo Cachoeiro, com 13,8%; Pólo Colatina, com 13,6%, e região Metropolitana, com 12,3%, todas situadas acima da média estadual de 10,7%.

Por último, registram-se elevados índices também no setor da construção e nos serviços domésticos. As atividades ligadas à administração pública e à educação apresentam percentuais de ocupação muito próximos entre as regiões, ficando em torno de 10,0% do total da população ocupada.

A distribuição da população ocupada nos setores da atividade econômica em relação ao Espírito Santo indica o excessivo peso da região Metropolitana em praticamente todos os setores, chegando a abrigar 72,8% de todo o pessoal ocupado do estado no setor das atividades imobiliárias e congêneres. Grande peso, também para a intermediação financeira (67,6%), saúde e serviços sociais (63,7%), outros serviços coletivos, sociais e pessoais (62,0%) e transporte, armazenagem e comunicação (61,8).

Para as demais regiões vale destacar, por exemplo, que Pólo Cachoeiro é responsável por 20,4% de todo o pessoal ocupado na indústria extrativa, além da Noroeste 1, com 9,6%, com atividades ligadas ao mármore e granito. O pessoal ocupado na indústria de transformação localiza-se prioritariamente nas regiões Metropolitana, Pólo Cachoeiro, Pólo Linhares e Pólo Colatina. Por outro lado, aqueles ocupados no setor agropecuário estão radicados nas regiões Sudoeste Serrano, Caparaó, Central Serrana, Pólo Colatina e Noroeste 2. Por último, vale ressaltar que as pessoas ocupadas com as atividades de pesca concentram-se nas regiões Metropolitana Expandida Sul, Metropolitana e Litoral Norte. Os Quadros 16A a 18A, no Anexo, apresentam, em detalhe, as informações sobre a ocupação da população, por regiões do estado.

Em contraste com os dados apresentados sobre a estrutura ocupacional da população apurada pelo censo demográfico, a qual representa efetivamente os postos de trabalho nas regiões e nos setores da atividade econômica, independentemente de ser um emprego formal ou uma ocupação informal, os dados que serão analisados a seguir representam unicamente as empresas e os empregos existentes formalmente. Isso constitui uma limitação, pois encobre uma grande parte das atividades, especialmente aquelas

desenvolvidas no âmbito do setor agropecuário, do comércio e de alguns tipos de serviços. De qualquer forma, são estatísticas relevantes que permitem apurar a estrutura produtiva e ocupacional de cada região.

O Quadro 2.7 apresenta um resumo da estrutura produtiva estadual, destacando o número das unidades produtivas e o pessoal ocupado total, que inclui o pessoal assalariado e os demais, todos com funções formais. O Espírito Santo contava com 114,6 mil unidades produtivas no ano de 2005 empregando 746,9 mil pessoas. Dentre os setores em que predominam as unidades produtivas, destacam-se o de comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos, com 46,4% do total das unidades, seguido das atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas, com 13,5%, e da indústria de transformação, com 9,2%. Em relação ao pessoal ocupado, também o comércio e afins situa-se em primeiro lugar, ocupando 26,2% do pessoal. O segundo lugar em empregos formais fica para a administração pública, defesa e seguridade social, com 15,8%, seguida da indústria de transformação, com 15,0%. Destaque-se a inexpressividade das atividades ligadas ao setor agropecuário, que embora seja um dos maiores empregadores no Espírito Santo, é dominado por mão-de-obra familiar e contratos informais de trabalho.

Quadro 2.7

NÚMERO TOTAL DE UNIDADES LOCAIS E PESSOAL OCUPADO NO ESPÍRITO SANTO

Por Atividade Econômica em 2005

ATIVIDADE ECONÔMICA	QUANTIDADE	PERCENTUAL	PESSOAS OCUPADAS	PERCENTUAL	TAMANHO MÉDIO
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	654	0,6	8.782	1,2	13,4
Pesca	50	-	83	-	1,7
Indústria extrativa	1.449	1,3	11.097	1,5	7,7
Indústria de transformação	10.561	9,2	111.756	15	10,6
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	223	0,2	3.373	0,5	15,1
Construção	3.106	2,7	46.107	6,2	14,8
Com., rep. de veículos automotores, obj. pessoais e domésticos	53.172	46,4	195.760	26,2	3,7
Alojamento e alimentação	6.952	6,1	28.209	3,8	4,1
Transporte, armazenagem e comunicação	4.819	4,2	51.166	6,9	10,6
Intermediação financeira	2.043	1,8	11.525	1,5	5,6
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	15.447	13,5	80.236	10,7	5,2
Administração pública, defesa e seguridade social	380	0,3	118.014	15,8	310,6
Educação	2.160	1,9	25.043	3,4	11,6
Saúde e serviços sociais	3.186	2,8	26.142	3,5	8,2
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	10.378	9,1	29.584	4	2,9
Total	114.580	100	746.877	100	6,5

Fonte: IBGE. Cempre, 2005

Em relação ao tamanho médio das unidades, evidentemente se destaca a administração pública que emprega, em média, 310,6 pessoas por unidade. Afora isso, no geral o estado apresenta um tamanho médio de suas unidades empresariais bastante reduzido, predominantemente dominadas por micro, pequenas e médias empresas, variando de 1,7 pessoa por unidade na atividade da pesca, até 15,1 pessoas por estabelecimento na produção e distribuição de eletricidade, gás e água.

A distribuição regional dessas unidades produtivas e dos respectivos postos de trabalho é muito concentrada na região Metropolitana, que possui 53,7% do número total e gera 63,1% da ocupação total, sendo a região com o maior tamanho médio, com 7,7 pessoas ocupadas por unidade produtiva. As menores unidades médias encontram-se nas regiões Extremo Norte (3,1 pessoas por unidade), Caparaó (3,3), Central Serrana (3,5) e Sudoeste Serrano (3,9), justamente as regiões interioranas mais fortemente ligadas à agricultura. Por outro lado, Pólo Cachoeiro fica com 10,0% das unidades e representa 8,3% da ocupação total, Pólo Linhares, com 7,3% e 7,8%, e Pólo Colatina, com 5,2% e 5,1%, respectivamente (Quadro 19A).

Como as regiões participam das atividades econômicas distribuídas entre os principais setores, desenvolvidas no Espírito Santo? Os Quadros 20A e 21A, no Anexo, mostram essa distribuição para o ano de 2005, tanto em relação ao número de unidades produtivas quanto ao pessoal ocupado total. O setor agropecuário formal está, prioritariamente, localizado nas regiões de Pólo Linhares, com 27,1% das empresas e 38,2% do pessoal ocupado, e Litoral Norte, com 15,4% e 28,6%, respectivamente. Com menos destaque em relação ao pessoal ocupado, aparecem a Metropolitana Expandida Sul (6,8% da ocupação total), a Noroeste 2 (6,4%) e a Metropolitana (6,2%). A pesca empresarial está localizada, sobretudo, nas regiões Pólo Linhares, Metropolitana e Litoral Norte, responsáveis por 74,0% das unidades e pela totalidade da ocupação.

A indústria extrativa, embora tenha unidades distribuídas em todas as regiões, concentra as ocupações em apenas três delas: Pólo Cachoeiro, Metropolitana e Noroeste 1, responsáveis por 70,0% de todo o pessoal ocupado nesse setor. Da mesma forma, a indústria de transformação conta com muitas unidades espalhadas nas regiões, mas quatro delas originam 84,4% das ocupações: Metropolitana (46,5%), Pólo Linhares (14,0%), Pólo Cachoeiro (14,0%) e Pólo Colatina (9,9%).

As atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas e à construção, são dois setores extremamente concentrados na região Metropolitana, representando respectivamente 84,8% e 82,5% das ocupações totais do estado. A região Pólo Linhares vem a seguir com 5,1% e 7,2%, respectivamente.

Em muitos outros setores podem ser constatados elevados índices de concentração na região Metropolitana, especialmente no tocante à geração de ocupações formais. Chama atenção, por exemplo, o setor de educação que, embora tenha unidades relativamente distribuídas entre as regiões, gera 75,0% dos empregos na região Metropolitana. Acrescentando-se as regiões Pólo Colatina e Pólo Cachoeiro, chega-se a 87,4% das ocupações formais nesse setor. Sem dúvida, há alguma relação com o ensino superior, mas não pode ser comprovada uma vez que não se dispõe de discriminações a três dígitos.

Na área de saúde e serviços sociais, destacam-se as regiões Metropolitana, Pólo Cachoeiro e Pólo Linhares, geradoras de 84,8% das ocupações formais nesse setor. Sem

dúvida, ultrapassam os limites de seus atendimentos para outras regiões vizinhas, configurando unidades mais complexas e mais especializadas, o que merece uma atenção especial no tratamento das redes entre as cidades.

Comparativamente ao número de unidades e ao nível de ocupação, o setor de comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos é o mais bem distribuído entre as regiões do estado, por se tratar de uma atividade de caráter local e extremamente necessária para o funcionamento de outras atividades. Já o setor mais ligado ao comércio atacadista, que pode ser identificado como parte das atividades de transporte, armazenagem e comunicação, está mais concentrado, sobretudo nas regiões Metropolitana, Pólo Cachoeiro e Pólo Linhares que responderam por 73,8% de suas unidades produtivas e por 85,0% da ocupação total desse setor no estado.

As instituições ligadas à intermediação financeira, seguridade, previdência complementar e serviços relacionados estão, numericamente, distribuídas em todo o estado, mas concentram suas atividades em apenas duas regiões: a Metropolitana e a Pólo Cachoeiro, que respondem por 80,0% da mão-de-obra empregada no setor. A mesma observação vale para o setor relacionado a outros serviços coletivos, sociais e pessoais, cujas ocupações estão predominantemente nas regiões Metropolitana, Pólo Linhares e Pólo Cachoeiro (82,5%).

Interessante notar a desproporção existente entre a estrutura de ocupação formal levantada pelo CEMPRE (2005) daquela derivada dos dados censitários (2000), como analisados anteriormente.

As principais características das empresas no Espírito Santo podem ser vistas no Quadro 2.8. Os Quadros 22A a 33A, do Anexo, mostram essas informações discriminadas pelas microrregiões analisadas. Considerando a geração de emprego e renda por atividades na região metropolitana, a atividade comércio e reparação de veículos automotores é a mais representativa em relação a unidades locais e pessoal ocupado. Em termos salariais a atividade é a terceira. Este fato só confirma a importância do setor logístico na região. A atividade imobiliária e a indústria de transformação também se destacam.

Da mesma forma, na região Pólo Linhares, a atividade comércio e reparação de veículos automotores representa o maior número de unidades locais e em termos de pessoal ocupado.

Quadro 2.8

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS EMPRESAS DO ESPÍRITO SANTO

Por Atividade Econômica em 2005

ATIVIDADE ECONÔMICA	UNIDADES LOCAIS		PESSOAL OCUPADO TOTAL		PESSOAL ASSALARIADO		SALÁRIOS EM MILHÕES	
	abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual
A Agric., pecuária, silvicultura e exploração florestal	654	0,6	8.782	1,2	8.036	2,4	52.570,00	0,7
B Pesca	50	-	83	-	52	-	582,00	-
C Indústrias extrativas	1.449	1,3	11.097	1,5	9.544	4	158.638,00	2,2
D Indústrias de transformação	10.561	9,2	111.756	15	97.578	16	1.220.404,00	17,2
E Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	223	0,2	3.373	0,5	3.354	0,4	105.410,00	1,5
F Construção	3.106	2,7	46.107	6,2	41.586	2,9	327.760,00	4,6
G Com.; rep. de veíc. automotores, obj. pess. e domésticos	53.172	46,4	195.760	26,2	132.040	23,1	874.424,00	12,3
H Alojamento e alimentação	6.952	6,1	28.209	3,8	20.296	2,3	103.368,00	1,5
I Transporte, armazenagem e comunicações	4.819	4,2	51.166	6,9	45.429	4,7	607.040,00	8,5
J Interm. Fin., seguros, prev. compl. e serv. relacionados	2.043	1,8	11.525	1,5	9.994	1,2	280.586,00	3,9
K Ativ. imobiliárias, aluguéis e serv. prestados às empresas	15.447	13,5	80.236	10,7	60.116	4	468.254,00	6,6
L Administração pública, defesa e seguridade social	380	0,3	118.014	15,8	117.992	31,6	2.107.733,00	29,6
M Educação	2.160	1,9	25.043	3,4	22.587	1,6	368.479,00	5,2
N Saúde e serviços sociais	3.186	2,8	26.142	3,5	21.498	2,4	171.405,00	2,4
O Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	10.378	9,1	29.584	4	23.972	3,2	262.581,00	3,7
TOTAL GERAL	114.580	100	746.877	100	614.074	100	7.109.234,00	100

Fonte: IBGE. Cadastro Central de Empresas

2. ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS SETORIAIS E REGIONAIS

2.1 Atividades Econômicas Regionalizadas do Espírito Santo

Uma vez delineados os principais setores industriais da economia capixaba, por meio da análise da projeção dos grandes investimentos e da atuação das maiores empresas em nível regional, o objetivo dessa etapa do relatório é o de mapear, setorial e regionalmente, o total das atividades agrícolas desenvolvidas no Espírito Santo por produto e analisar sua evolução recente. Entende-se que, com isso, possam ser fornecidos mais subsídios analíticos para a complementação do Plano Estratégico de Logística e de Transportes do Espírito Santo - PELTES.

No Anexo estão apresentados os Quadros e Ilustrações de detalham as estatísticas e embasam as análises a seguir apresentadas.

2.2 Agropecuária Regional do Espírito Santo

A cultura do arroz é praticamente inexistente em quatro regiões, em especial na Litoral Norte e na Extremo Norte, enquanto que na Sudoeste Serrana, Caparaó e na Central Serrana não há forte expressividade.

Existem, portanto, apenas quatro regiões das doze analisadas que apresentam participação significativa na produção de arroz estadual: Pólo Colatina, Noroeste 1, Noroeste 2 e Pólo Cachoeiro. Destas, a que obtém maior destaque é a Noroeste 1, com uma tendência de produção crescente de 1990 a 2006, onde em 1990 contribuía com cerca de 28% da produção estadual passando em 2006 para em torno de 47% da produção total de arroz no Espírito Santo.

A produção de feijão está concentrada nas regiões de Pólo Linhares, Sudoeste Serrana, Central Serrana e Caparaó, que representam cerca de 75% do volume produzido no estado em 2006. Há que se notar, contudo, que mesmo sendo estas as maiores produtoras, o desempenho dessa cultura só segue uma tendência de crescimento consecutivo na participação no total do estado na Central Serrana e na Caparaó. Considerando a produção em toneladas, nota-se que em todas as regiões a produção caiu bruscamente entre 1990 e 2006, na maior parte a menos da metade da produção de 1990.

As regiões que mais se destacam na produção de mandioca, são a Pólo Linhares, a Extremo Norte, Pólo Cachoeiro e Metropolitana Expandida Sul. Mas a tendência de crescimento na participação estadual existe apenas nas regiões Pólo Linhares, Metropolitana Expandida Sul e Pólo Cachoeiro, visto que na Extremo Norte, ainda que detentora da maior participação, a produção venha decaindo desde 1995.

A participação na produção total de milho estadual só cresceu expressivamente na região Central Serrana e na Caparaó. Pode-se afirmar, porém, que apesar de ter decrescido, ela é significativa nas regiões Pólo Linhares, Sudoeste Serrana, Pólo Colatina e Pólo Cachoeiro, que juntas detém aproximadamente 45% do total do milho produzido.

A produção de café do Espírito Santo apresenta uma participação significativa em praticamente todas as regiões, não estando, portanto, concentrada e sim presente no estado como um todo.

A região que tem a maior participação é a Pólo Linhares, que juntamente com a Noroeste 2 e a Caparaó produzem cerca de 40% do total de café do estado. No entanto, há que se ressaltar que há regiões com tendências de queda de participação, como a Sudoeste Serrana, Pólo Cachoeiro e Caparaó. Já outras vêm aumentando a participação no total estadual, como a Noroeste 2 e a Litoral Norte. Esta última que detinha em 1990 cerca de 4% do total, passou para uma participação de 10% em 2006.

Já a cana-de-açúcar, ao contrário do café, é concentrada em quatro regiões, a Pólo Linhares, Metropolitana Expandida Sul, Extremo Norte e Litoral Norte, sendo esta última a de maior participação, com cerca de 35%. Contudo, a participação no total produzido só aumentou na Extremo Norte e na Noroeste 2.

A produção de abacate é concentrada em apenas duas regiões, a Sudoeste Serrana, que teve crescimento constante desde 1990 até 2006, indo de cerca de 38% em 1990 para cerca de 70% em 2006. A outra com participação significativa é a Pólo Cachoeiro, com 28% em 2006.

A produção de abacaxi é concentrada em apenas uma região, a Metropolitana Expandida Sul, que representava quase 90% da produção do estado em 2006. Contudo, a região Pólo Cachoeiro apresenta leve tendência de crescimento de participação de 1990 a 2006.

A banana também se concentra basicamente em cinco regiões: Metropolitana, Metropolitana Expandida Sul, Sudoeste Serrana, Central Serrana e Pólo Cachoeiro. Ainda que essas regiões sejam as mais representativas, apenas a Central Serrana apresentou tendência de aumento de participação estadual, onde todas as demais tiveram queda de participação.

A produção de cacau é concentrada apenas na região Pólo Linhares que manteve uma participação constante de cerca de 90% ao longo de 1990 a 2006.

A produção de coco-da-baía também é concentrada em três regiões, a Pólo Linhares, Litoral Norte e Noroeste 2, que juntas somam cerca de 77% do total estadual. Não houve avanço de participação de 2000 a 2006 em nenhuma das três regiões citadas, que se mantiveram dessa forma, estáveis. A região Litoral Norte figura como a única que obteve aumento de participação consecutivo de 1990 a 2000.

O histórico da produção de goiaba no estado apresenta um fato interessante. No início do período analisado, 1995, a região Central Serrana era a única produtora do estado. Em 2000 uma pequena produção começa a aparecer já em outras nove regiões, com considerável aumento em 2006, em regiões como a Litoral Norte e a Extremo Norte, sendo que esta última, apesar de não ter registrado produção nos dois períodos anteriores analisados, aparece no último período como a região que mais contribui com a produção de goiaba no estado.

A produção de laranja é presente no estado como um todo desde o início do período analisado, 1990, quando era distribuída de forma equilibrada entre as regiões, como pode

ser visivelmente constatado nos dados apresentados no Anexo. Já a partir de 1995, a participação de algumas regiões começa a decair, apresentando algumas oscilações positivas, mas mesmo assim com uma tendência de queda, como o ocorrido nas regiões Metropolitana Expandida Sul, na Sudoeste Serrana, Extremo Norte, Pólo Colatina, Noroeste 1 e 2, Pólo Cachoeiro e Caparaó.

Em 2006 apenas duas regiões se destacam em termos de tendência de crescimento: Pólo Linhares e Litoral Norte. É importante ressaltar o grande crescimento na participação da produção estadual de laranja da região Pólo Linhares, que em 1990 não representava nem 10% do total estadual e em 2006 passou a representar quase 45% do total.

A produção de limão esteve concentrada entre 1990 e 1995 nas regiões Pólo Linhares e Pólo Cachoeiro. A partir de 2000 ficou praticamente concentrada na região Pólo Linhares em decorrência da forte queda na produção de Pólo Cachoeiro, que mesmo em 2006 não conseguiu atingir os patamares dos anos anteriores.

Dessa forma, a principal produtora de limão no estado é a região Pólo Linhares, que em 1990 representava cerca de 25% do total produzido e em 2006, 59%. Certo crescimento de participação é observado na Litoral Norte e na Extremo Norte, esta antes com participação inexistente.

O mamão é produzido por basicamente três regiões: Pólo Linhares, Litoral Norte e Extremo Norte, sendo que na Noroeste 2 houve um pequeno crescimento em 2006. Das três apenas uma região apresentou crescimento contínuo ao longo de 1990 a 2006 - Extremo Norte - indo de cerca de 26% em 1990 para uma participação de 70% em 2006. As regiões Pólo Linhares e a Litoral Norte vêm sistematicamente diminuindo sua participação na produção de mamão estadual durante o mesmo período analisado.

Há três principais regiões produtoras de manga no estado, que são a Sudoeste Serrana, a Central Serrana e a Pólo Colatina. Dessas, a participação tem crescido na Sudoeste Serrana e na Pólo Colatina, visto que a Central Serrana vem perdendo participação desde 2000, sendo que conseguiu aumentá-la consideravelmente entre 1990 e 1995.

Quedas significativas na participação no total de manga produzido pelo estado são verificadas na Noroeste 1, antes a maior produtora, na Noroeste 2 e Pólo Cachoeiro. Duas regiões vêm aumentando a participação, ainda que de forma mais suave, a região Caparaó e Pólo Linhares.

O maracujá é mais uma fruta com a produção concentrada. As regiões Pólo Linhares, Litoral Norte e Extremo Norte são as principais produtoras, sendo que a Pólo Linhares detém participação significativamente maior que as demais, com quase 60% em 2006.

A produção de tangerina está presente em oito das doze microrregiões, com maior expressão na Central Serrana, na Sudoeste Serrana e na Metropolitana. É interessante notar que algumas regiões, antes grandes produtoras como Noroeste 1 e Pólo Cachoeiro, tiveram suas participações reduzidas a zero entre 1990 e 2006.

A produção de uva em 2006 encontra-se concentrada na região Central Serrana, Sudoeste Serrana e Pólo Linhares. Aqui o destaque vai para a Central Serrana, responsável por cerca de 58% do total de uva produzido no estado. É importante observar a queda de

participação da região Sudoeste Serrana no período 2000/2006, passando de 60% para aproximadamente 28%. Houve um forte declínio na participação da região Pólo Cachoeiro, que esteve entre 1990 e 1995 entre as principais regiões produtoras do estado.

O alho, desde o início do período analisado, é produzido principalmente por duas regiões, a Sudoeste Serrana e a Central Serrana, que tiveram em torno de 40% e 58% respectivamente de participação em 2006 na produção estadual. No entanto, mesmo a Central Serrana sendo a principal produtora, ela apresenta tendência de queda de 2000 a 2006, enquanto a Sudoeste Serrana segue movimento inverso durante igual período.

A produção de batata-doce é concentrada em praticamente uma região, a Central Serrana, desde o início do período analisado.

Já a batata inglesa é produzida principalmente por quatro regiões, a Sudoeste Serrana, a Central Serrana, a Pólo Cachoeiro e Caparaó. A região de destaque, com um crescimento de participação de 1990 a 2006 é a Central Serrana, sendo que a Sudoeste Serrana tem certa estabilidade em termos de participação de 1995 a 2006.

A produção de tomate também é concentrada em duas regiões, a Sudoeste Serrana e a Central Serrana, que em 2006 representaram cerca de 76% da produção total. Contudo, as duas regiões apresentam tendências contrárias, pois enquanto a Sudoeste Serrana vem num ritmo de crescimento consecutivo desde 1995, a Central Serrana vem declinando em participação desde então.

A produção de pimenta-do-reino é originada principalmente por uma região, a Litoral Norte, que mantém a participação estadual constante desde 1990.

Existem seis regiões produtoras de borracha no estado, sendo a Metropolitana a principal delas, em 2006. Mas mesmo sendo esta a principal região em 2006, é válido ressaltar que as únicas regiões com tendência de aumento de participação são a Litoral Norte, a Noroeste 2 e a Pólo Cachoeiro.

A produção de madeira em tora está localizada em praticamente duas regiões, a Pólo Linhares e a Litoral Norte, sendo que somente a Litoral Norte apresenta tendência de crescimento na participação estadual.

A mesma tendência em relação às duas regiões no caso da madeira em tora é verificada na produção para papel e celulose, com a Litoral Norte apresentando crescimento significativo de participação estadual, enquanto a Pólo Linhares vem perdendo constantemente participação estadual.

Já na produção de madeira em tora para outras finalidades a região Central Serrana é a de maior participação no estado.

A produção de lenha é distribuída de forma parcialmente equilibrada entre todas as regiões. Mesmo sendo a região que produz mais, a Central Serrana não passou de 20% de participação em 2006.

A participação na criação de bovinos é algo interessante no estado, pois há em todas as regiões algum tipo de criação, sendo que a região de maior participação na produção total

é a Noroeste 1, com quase todas as regiões mantendo-se constantes ao longo de todo o período analisado. As regiões que apresentam tendência de queda são a Pólo Linhares e a Litoral Norte, e as que têm comportamento oposto são a Extremo Norte e a Noroeste 1.

A produção de caprinos segue a mesma característica da produção de bovinos, distribuída de forma equilibrada, portanto, desconcentrada por todo o estado. As regiões que têm aumentado sua participação são a Metropolitana, a Central Serrana e a Extremo Norte. A principal produtora é a Pólo Cachoeiro, com um pouco mais de 18% da criação estadual.

Ao contrário do verificado na criação de bovino e caprinos, a criação de galinhas é muito concentrada, pois a região Central Serrana detinha em 2006 um pouco mais de 80% da criação total. Um fato interessante é o declínio da região Sudoeste Serrana, a segunda maior participação dentre todas as regiões. Em 1990 possuía em torno de 30% do total, caindo esse percentual em 2006 para 10%.

A criação de galos, frangos e pintos está concentrada principalmente na região Sudoeste Serrana, que deteve mais de 60% do total de participação em 2006. Por outro lado, a região Central Serrana vem aumentando de participação nesse setor desde 1990, quando detinha cerca de 5% e em 2006 passou para cerca de 15%.

A criação de ovinos é distribuída de forma uniforme no estado e está presente em todas as regiões, sendo a de menor participação a Metropolitana Expandida Sul (1%) e a de maior a Extremo Norte, com cerca de 16%. O destaque em termos de aumento de participação fica com a região Noroeste 2, Pólo Cachoeiro e Litoral Norte. Em relação às perdas, tem-se a Pólo Linhares.

A criação de suínos também é presente em todo o estado, com participação crescente desde 1990 nas regiões Sudoeste Serrana e Pólo Cachoeiro. As principais quedas de participação foram verificadas nas regiões Pólo Colatina, Noroeste 1 e Noroeste 2.

A produção de leite, de forma natural, segue a mesma característica da criação de bovinos, sendo distribuída uniformemente pelas regiões, destacando-se a Noroeste 1 em termos de crescimento de participação e a Pólo Cachoeiro em perda, mas ainda aparecendo como a principal produtora de leite no estado, mesmo com a participação saindo de cerca de 22% em 1990 para 17% em 2006.

O mel de abelha foi produzido em 2006 principalmente em duas regiões: Metropolitana e Pólo Linhares. A maior queda de participação durante todo o período analisado foi verificada na região Pólo Cachoeiro que em 1990 representava cerca de 25% e em 2006 menos de 5%.

A produção de ovos de codorna pode ser localizada em 2006 em apenas duas regiões, a Metropolitana, com uma participação em queda brusca desde 1995, e região Central Serrana, em ascensão desde 1995.

A produção de ovos de galinha passou a ser concentrada em apenas uma região em 2006, a Central Serrana, quando antes era polarizada também entre a Sudoeste Serrana, que reduziu drasticamente a participação no estado, indo de mais de 40% em 1990 para menos de 10% em 2006.

3. ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS DO ESPÍRITO SANTO

3.1 Mapeamento

A tentativa de explicação para a concentração de determinadas atividades em espaços específicos não é recente, como também não se restringe apenas a especialistas de um único ramo de conhecimento. A geografia econômica foi a primeira área de conhecimento a tentar explicar esse fenômeno, a partir da teoria da localização. A tese defendida era que certas atividades tendem a se localizar próximo das fontes de recursos naturais - matéria-prima - por razões de ordem econômica ligadas essencialmente ao custo de transporte e geração de externalidades econômicas - ganhos pela verticalização das atividades dispostas em cadeia. Por outro lado, haveria também aquelas atividades que normalmente tendem a se localizar próximas ao mercado, também chamadas “footloose”. Há aquelas que se estruturam a partir de “nós” de relações, e que normalmente dependem da disponibilidade de mão-de-obra relativamente qualificada, como é o caso da indústria de confecções e de calçados, que ganham competitividade de escala pelo conjunto.

Albert Rischman (1977) intentou explicar essa tendência de concentração a partir dos chamados encadeamentos para trás e para frente, ou seja, ao crescer, determinado setor ganha escala, atraindo ao seu redor atividades fornecedoras de produtos e serviços, como também outras empresas que se integram pelo lado da demanda (integração para frente). Nesse caso, segundo Rischman, tanto as conexões para trás quanto para frente dependem de fatores tecnológicos e produtivos.

Um avanço maior na explicação tem sido possível a partir da teoria da informação. Na verdade, a teoria da informação explica as condições mais propícias para que haja uma aprendizagem tendo por base a interação. Essa aprendizagem a partir de um processo interativo justificaria a existência, diga-se de passagem, com êxito, dos chamados distritos industriais, comuns na Itália (norte), Alemanha, ou mesmo no Brasil (indústria moveleira no Rio Grande do Sul). A interação funciona como veículo de difusão do conhecimento e da inovação, além de produzir economias externas e de escala, normalmente impossíveis de acontecer em situações em que as unidades econômicas se encontram longe uma das outras.

Já Porter trabalha os aspectos de diversidade e intensidade das relações funcionais entre as empresas, justificando a formação dos clusters. Ele parte do princípio de que a competitividade de uma unidade (empresa) depende de suas relações com fornecedores, atividades de apoio, produtores de insumos complementares e fatores especializados (serviços técnicos, consultorias, etc.). Nesse aspecto, os clusters podem se formar tanto próximos a fatores naturais, quanto aleatoriamente, por fatores de aglomeração (necessidades de conectividades).

Na verdade Porter desenvolveu o seu trabalho tendo como referência a indústria, além de realçar a rivalidade entre concorrentes dentro da mesma indústria como fator de competitividade. Esses dois aspectos podem ser considerados como limitativos em casos que envolvam o setor serviços, por exemplo.

O que há de comum nessas teorias é a constatação de que a competitividade de uma empresa é potencializada pela competitividade do setor, representada pelo conjunto de empresas.

O conceito de APL (Arranjo Produtivo Local), embora incorporando elementos comuns aos demais conceitos, principalmente aqueles relativos à aglomeração e especialização num determinado espaço, realça aspectos como cooperação, governança e territorialidade. Além disso, trabalha o conceito de empreendedor - empresário - na perspectiva de ator também político de articulação e operação em redes de fluxos de mercadorias e serviços e relacional enquanto formador do capital social do território.

Na verdade, os arranjos produtivos locais são vistos hoje como fonte sustentável de desenvolvimento local e de países, através deles são desenvolvidas vantagens competitivas de natureza sistêmica, facilitando assim processos de aprendizado e inovação.

Cresce, portanto, a importância de conhecer e fomentar os arranjos produtivos locais, como forma de fomento ao desenvolvimento de um país, de um estado e de um município (muitas vezes deprimido economicamente).

Esse relatório, é o resultado de um árduo trabalho de levantamento e análise crítica de informações.

3.2 Os Novos Valores

Atualmente, a existência de capitais tangíveis, principalmente aqueles representados pela categoria de capitais logísticos - infra-estrutura de meios de transporte, comunicação, energia e água, etc. -, já não é considerada condição suficiente para uma determinada região ou estado competir em vantagem sobre outras regiões e estados. Outras formas de capitais - intangíveis - apresentam-se como determinantes da capacidade competitiva.

Do ponto de vista das empresas, para ganharem competitividade nos seus mercados, é importante que:

- Elas se organizem com inteligência, através principalmente do capital empresarial e organizacional de que dispõem.
- Sejam flexíveis na produção: capital intelectual orientado para a inovação.
- Sejam eficientes e ágeis na comercialização.

No entanto, para que esses atributos possam ser efetivamente atingidos é necessário que, de forma sistêmica, um determinado local - região, estado, município ou cidade - possa suprir as empresas de outras necessidades consideradas também essenciais. São os atributos sistêmicos que se apresentam sob a forma de instituições governamentais, privadas e sociais.

Vale dizer que é importante que se disponha de bons governos, boas instituições de ensino e de pesquisa, organizações privadas, que se apresentam sob a forma de capitais tangíveis e também intangíveis. Fazem parte desse grupo:

- Capital logístico: infra-estruturas;
- Capital institucional: instituições;
- Capital governamental: governos;
- Capital social: ambiente propício e regras estabelecidas.

Como pode ser percebido, cada vez mais e paradoxalmente, numa economia de mudanças rápidas e globalizada, a chamada vantagem competitiva está ligada a aspectos concentrados localmente. A concentração de empresas numa determinada localidade permite a apropriação de ganhos de competitividade.

O novo paradigma de desenvolvimento que está em curso fundamenta-se na informação e no conhecimento, que se caracteriza por mudanças tecnológicas rápidas, sofisticação da demanda, valorização de talentos, maior rivalidade entre empresas e fortalecimento da função de marketing. Do ponto de vista dos governos são exigidas novas formas de atuar e de gerir as relações com o setor privado.

Novos fatores passam a integrar a capacidade competitiva das empresas, dentre os quais o tempo de produção e operação da logística de distribuição, mas, sobretudo, os chamados fatores de caráter intangível, tais como a capacidade de inovação em processos e produtos e formas de atuação nos mercados.

Além disso, é importante ressaltar que o novo conceito de competitividade, respaldado em vantagens competitivas, é mais abrangente que os limites de atuação da empresa, exigindo a formulação de um novo conceito: o conceito de Arranjo Produtivo Local.

Arranjos Produtivos Locais (APLs) basicamente são aglomerações de empresas, localizadas em uma mesma região, que apresentam especialização produtiva e mantêm vínculos de cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais.

Assim, quando se fala em um Arranjo Produtivo Local, deve-se considerar, em primeiro lugar, a existência de uma aglomeração de um número significativo de empresas que atuam em torno de uma atividade produtiva principal. Essa especialização produtiva envolve, além da produção de bens e serviços em si, o conhecimento, tácito ou explícito, que as pessoas e organizações de certa região possuem em torno de uma atividade econômica principal, seja ela no segmento da indústria, do comércio, dos serviços, do agronegócio ou do turismo. É a partir do conceito de APL que são buscados os objetivos deste trabalho.

3.3 Metodologia de Identificação e Mapeamento dos APLs

3.3.1 Definição

Arranjos Produtivos Locais (APLs) basicamente são aglomerações de empresas, localizadas em uma mesma região, que apresentam especialização produtiva e mantêm vínculos de cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais.

Antes de detalhar as diversas questões importantes sobre APL, é importante explicitar que alguns autores diferenciam Arranjos Produtivos Locais (APLs) de Sistemas Locais de Produção (SLP's). Para Suzigan *et alii* (2003), por exemplo, Sistemas Locais de Produção podem ter variadas caracterizações conforme sua história, evolução, organização institucional, contextos sociais e culturais nos quais se inserem, estrutura produtiva, organização industrial, formas de governança, logística, associativismo, cooperação entre agentes, formas de aprendizado e grau de disseminação do conhecimento especializado local. Por isso, definir tais sistemas não é tarefa trivial, nem isenta de controvérsias.

Uma tentativa de definição, que parece bastante adequada, é a que foi adotada pela Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais (Redesist), coordenada pelo Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Segundo essa definição, sistemas locais de produção e inovação “referem-se a aglomerados de agentes econômicos, políticos e sociais, localizados em um mesmo território, que apresentam vínculos consistentes de articulação, interação, cooperação e aprendizagem. Incluem não apenas empresas - produtoras de bens e serviços finais, fornecedoras de insumos e equipamentos, prestadoras de serviços, comercializadoras, clientes, etc. e suas variadas formas de representação e associação - mas também outras instituições públicas e privadas voltadas à formação e treinamento de recursos humanos, pesquisa, desenvolvimento e engenharia, promoção e financiamento”. Adicionalmente, procurando levar em conta sistemas locais ainda não inteiramente constituídos, a Redesist adota o conceito auxiliar de arranjos produtivos locais (APLs) para denominar “aglomerações produtivas cujas articulações entre os agentes locais não é suficientemente desenvolvida para caracterizá-las como sistemas”.

No caso do presente trabalho, porém, considera-se que APL é o conceito mais utilizado na literatura sobre o tema, e por isso será aqui adotado, com a ressalva de que tal conceito deve ser acompanhado de uma tipologia sobre os diversos tipos de APL existentes. Como será visto mais à frente, se separarmos os APL em três categorias (maduro, em consolidação e embrionário), fica claro que o APL maduro corresponde à definição de SLP vista acima.

Assim, quando se fala em um Arranjo Produtivo Local, deve-se considerar, em primeiro lugar, a existência de uma aglomeração de um número significativo de empresas que atuam em torno de uma atividade produtiva principal. Esta especialização produtiva envolve, além da produção de bens e serviços em si, o conhecimento, tácito ou explícito, que as pessoas e organizações de certa região possuem em torno de uma atividade econômica principal, seja ela no segmento da indústria, do comércio, dos serviços, do agronegócio ou do turismo.

Em geral, um APL comporta um conjunto de empresas com capacidades relacionadas ou afins, de portes variados, mas em geral com um conjunto expressivo de pequenas e médias empresas não integradas verticalmente. Essas empresas, por sua vez, atraem fornecedores e outras indústrias correlatas e de apoio, cuja presença e importância nos APLs são determinadas exclusivamente por forças de mercado.

Em Arranjos Produtivos Locais, identificam-se diferentes tipos de cooperação, incluindo a cooperação produtiva visando à obtenção de melhoria dos índices de qualidade e produtividade; e a cooperação inovativa, que resulta na diminuição de riscos, custos, tempo e, principalmente, no aprendizado interativo, dinamizando o potencial inovativo do Arranjo Produtivo Local. Porém, deve ficar claro que a competição não perde sua importância na busca de eficiência por parte das empresas do arranjo. Na verdade, cooperação e competição coexistem no interior do arranjo produtivo.

Também ao lidar com Arranjos Produtivos Locais é imprescindível pensar na presença dos vários atores que possuem ações voltadas diretamente ao desenvolvimento da atividade produtiva local, ou ligadas indiretamente a esse desenvolvimento. São exemplos de atores locais as instituições de promoção, financiamento e crédito, de ensino e pesquisa, os centros tecnológicos, as associações empresariais, os prestadores de serviços, as organizações do terceiro setor e os governos em todas as esferas que se relacionam de alguma forma com o APL.

Sob a ótica da competitividade, o compartilhamento de informações, de riscos, de instituições e de toda uma gama de serviços, socializa as chamadas vantagens competitivas de uma determinada região. A realidade tem demonstrado que empresas organizadas e integradas em arranjos produtivos tornam-se mais competitivas na medida em que elas se aproveitam das chamadas economias externas. Essas externalidades acabam contribuindo para uma maior produtividade comparativamente a outras empresas isoladas.

A metodologia de APL já está difundida em praticamente todo o mundo. A abordagem através de APL possibilita a identificação de oportunidades de negócios e também a formulação de políticas de desenvolvimento local mais consistentes. O conceito de APL é hoje usado como principal metodologia para avaliação da competitividade das regiões, para auxiliar os governos locais na identificação das áreas prioritárias para intervenções, e também para melhorar as condições sistêmicas da região em várias questões (educação, saúde, treinamento, infra-estrutura, ciência e tecnologia, etc.).

3.3.2 Referencial Metodológico

Suzigan *et alii* (2003) desenvolveram uma metodologia para identificação, delimitação geográfica e caracterização estrutural de APLs por meio da utilização do coeficiente de Gini locacional e de um índice de especialização, o quociente locacional (QL), combinados com variáveis de controle e filtros. Tal metodologia foi aplicada a dados de emprego e de produção do estado de São Paulo, utilizando as bases de dados da RAIS/MTE. Para os autores, essa tarefa reveste-se de grande importância inclusive para a definição de instrumentos mais finos de políticas de apoio aos sistemas locais.

A principal vantagem da RAIS para essa metodologia é justamente a elevada desagregação setorial e geográfica dos dados. Isto torna possível, sem necessidade de recurso a tabulações especiais, obter e processar diretamente os dados desagregados, em termos espaciais, até o nível de municípios e, em termos setoriais, até o nível de classes de indústrias a 4 dígitos da CNAE - Classificação Nacional da Atividade Econômica.

O coeficiente de Gini locacional indica a concentração espacial da atividade econômica. Quanto maior o coeficiente de Gini locacional, mais espacialmente concentrada é a classe industrial. Nesse sentido, nas classes em que se verifica elevado coeficiente de Gini locacional, existe maior concentração geográfica, indicando maiores possibilidades para que se encontrem arranjos produtivos locais.

Porém, o coeficiente de Gini locacional indica apenas que determinada classe de indústria é geograficamente concentrada; não permite verificar a existência de arranjos produtivos locais. Para isso, é necessário um segundo passo, utilizando-se o quociente locacional (QL), que mostra a especialização produtiva da região em cada uma das classes de indústrias. O quociente locacional é a razão entre a participação de uma determinada classe industrial na estrutura produtiva de certa região e a participação dessa mesma classe em todo o estado, por exemplo. Nesse sentido, quanto maior o QL, maior é a especialização da região.

Em adição a esses dois indicadores, devem ser utilizadas algumas variáveis de controle, que servem de “filtros” para a melhor utilização e interpretação das informações oriundas dos cálculos dos indicadores de concentração e de especialização. A utilização dessas variáveis de controle justifica-se por dois motivos principais. Primeiro porque, em alguns casos, o elevado índice de especialização é uma decorrência da baixa densidade da estrutura industrial local, o que pode levar a uma superestimação da importância do sistema local. Para solucionar esse problema, utiliza-se a participação da microrregião (ou município) no estado naquela determinada classe industrial, o que indica a sua importância econômica. Segundo, essas variáveis de controle permitem verificar se o elevado QL de uma determinada região não é mera decorrência da presença local de uma grande empresa, o que não caracterizaria um APL. Para isso, são utilizadas as informações de número de estabelecimentos, o que permite verificar se trata efetivamente de uma aglomeração de um número significativo de empresas.

3.3.3 Análise de Dados Quantitativos

Gini Locacional - Indica a concentração espacial da atividade econômica. Quanto maior o coeficiente de Gini locacional, mais espacialmente concentrada é a classe industrial. Nesse sentido, no caso deste estudo, nas classes em que se verifica elevado coeficiente de Gini locacional, existe maior concentração geográfica da atividade em certas regiões do Espírito Santo, indicando maiores possibilidades para que se encontrem arranjos produtivos locais.

Quociente Locacional Municipal - Mostra a especialização produtiva da região em cada uma das classes de indústrias. O quociente locacional é a razão entre a participação de uma determinada classe industrial na estrutura produtiva de certa região (ou município) e a participação dessa mesma classe em todo o estado, por

exemplo. Nesse sentido, quanto maior o QL, maior é a especialização da região (ou município).

Número de Empregos Gerados - O número de empregos gerados por cada APL é outra variável que deve ser considerada, por destacar a importância não somente econômica, mas também social de cada arranjo. Neste sentido, estimativas de geração informal de empregos, que não aparecem nos dados da RAIS, também devem ser levadas em conta.

Números Referentes à Quantidade Produzida ou Valor da Produção - Em alguns setores da economia há uma sabida predominância da informalidade, especialmente nas atividades agrícolas. Sendo assim, ao invés de serem utilizados os dados contidos na RAIS, que não refletiriam a realidade desses setores, foram utilizados os dados da Produção Agrícola Municipal (PAM) do IBGE, referentes à quantidade produzida ou quando este não era possível devido a unidades diferentes, o valor de produção foi a medida adotada.

3.3.4 Aplicação ao Caso do Espírito Santo: Identificação e Mapeamento dos APLs

Analisando estudos anteriores sobre APLs no Espírito Santo, e entrevistando pessoas que possuem notório saber sobre a estrutura industrial do Estado, este trabalho constatou a presença dos seguintes arranjos, que serão examinados com a metodologia definida acima:

- Alimentos (massas e bebidas);
- Cafeicultura;
- Confeções;
- Florestal-moveleiro;
- Fruticultura;
- Mármore e granito;
- Metalmecânico;
- Pecuária de corte;
- Pecuária de leite;
- Petróleo e gás (gasoduto, oleoduto, porto, logística e suprimento);
- Sulcroatilheiro;
- Turismo.

Dada a metodologia exposta anteriormente, é feita a seguir, para estes setores, a análise em conjunto dos QLs e dos índices de Gini para as classes CNAE do Estado do Espírito Santo¹, além de outros indicadores quantitativos e qualitativos.

1 Nos Quadros dessa seção, apresentados no texto ou no Anexo, o leitor encontrará o mapeamento de cada setor a partir das classes CNAE que o integram. Vale ressaltar, nos cálculos do QL para o Brasil, foram usadas as mesmas classes CNAE que as do Espírito Santo. Isso porque algumas atividades (no caso aqui, algumas classes CNAE) não existem no Estado, ou seja, o número de empregos formais é zero. Isso para se manter certa equivalência na hora da comparação de dados.

Vale ressaltar também, para a caracterização dos APLs, que utilizamos como “corte” o índice de Gini de 0,50, acima do qual temos concentração regional alta e, portanto, maiores possibilidades de existência de APLs consolidados ou em consolidação.

Além disso, para delimitar os APLs não foram considerados apenas os municípios de forma isolada, mas sim as doze microrregiões administrativas. O leitor poderá visualizar quais municípios e microrregiões são especializados na produção de cada atividade a partir de um quadro confeccionado para cada APL, no qual cada município ou microrregião com QL acima de 1 aparece destacado. Aplicando essa Metodologia, chegamos aos resultados mostrados nos Quadros 98A a 121A, no Anexo.

3.4 Síntese dos Dados dos APLs por Regiões

Nos Quadros 122A a 125A, também constantes do Anexo, são mostrados o Gini, Quociente Locacional, Taxa de Crescimento e Participação das regiões no APL estadual. A partir desses dados é possível fazer comparações entre as regiões e identificar as semelhanças e particularidades dos APLs.

3.5 Conclusão

O QL (Quociente Locacional) indica o nível de especialização de determinado local, nesse caso municípios e microrregiões, em algum tipo de atividade produtiva, representada aqui pelos APLs (Arranjos Produtivos Locais).

Já o Índice de Gini Locacional aponta a concentração da atividade produtiva nos municípios ou microrregiões. Dessa forma, o QL diz em quais localidades a atividade produtiva é encontrada e a sua importância dentro da estrutura produtiva da região, com o Gini indicando o grau de concentração da atividade no local.

As doze atividades econômicas listadas sob a forma de Arranjos Produtivos Locais representam as principais fontes de riqueza produzidas no Estado. Ao se analisar apenas a participação de cada microrregião nessas atividades é possível perceber a importância essencial da microrregião Metropolitana na economia estadual, onde esta detém participação majoritária em seis dos doze APLs.

É necessário lembrar, contudo, que isso se deve não pelo fato de a Região Metropolitana ser grande produtora de insumos, mas sim porque se constitui no grande centro de transações comerciais e de negócios de todo o estado, como pode ser constatado a partir da participação no APL florestal-moveleiro. Isso faz com que muitas vezes essa microrregião detenha participação elevada a nível estadual em determinada atividade produtiva, mas internamente na economia microrregional a mesma atividade signifique algo sem expressão. Tome-se como, por exemplo, o APL de alimentos, onde a participação da região no total estadual é de 64,2% e em relação à sua dinâmica interna econômica essa atividade representa apenas 9,25% do total de empregos em âmbito microrregional.

Dessa forma, no setor de alimentos, o Índice de Gini locacional é o mais alto dentre todas as outras atividades produtivas, com 0,705, o que indica concentração da atividade produtiva em determinados locais, nesse caso na microrregião Metropolitana, que detém, como indicado anteriormente, 64,2% do total de empregos no setor alimentício estadual. Porém, as taxas mais elevadas de crescimento no setor estão situadas nas microrregiões Sudoeste Serrana e Central Serrana, onde inclusive estão os maiores quocientes locais do setor, que demonstram a importância deste dentro de cada economia microrregional.

No setor de confecções novamente a Microrregião Metropolitana aparece como a de maior importância em nível de empregos estadual, mesmo com um quociente locacional baixo. De acordo com os QIs mais elevados, o setor tem mais importância econômica dentro das microrregiões Pólo Colatina e Noroeste 2. Sendo que o município de Colatina sozinho corresponde a 20,6% do total de empregos no setor de confecções estadual, assim como São Gabriel da Palha é o destaque na Noroeste 2, com 10,7% do total de empregos. O Gini de 0,500 indica concentração locacional da atividade produtiva; nesse caso é concentrada em três microrregiões: Metropolitana, Pólo Colatina e Noroeste 2.

O setor cafeeiro estadual apresenta Gini baixo em relação ao nível predeterminado metodologicamente, com 0,455. Isso porque o café é a atividade produtiva mais tradicional do estado e como uma das principais características da agricultura capixaba é a de existir em pequenas propriedades, essa cultura encontra-se pulverizada em praticamente todo o território estadual, com destaque para as microrregiões Pólo Linhares, Litoral Norte, Noroeste 2 e Caparaó, que juntas representam mais de 50% do total da produção de café do Estado. A Microrregião Metropolitana aparece devido à questão de comercialização desse insumo.

O APL florestal-moveleiro também é concentrado territorialmente conforme indicado pelo elevado Gini do setor, de 0,684. A Microrregião Pólo Linhares é a principal produtora desse tipo de matéria-prima no Estado, sendo responsável por aproximadamente 53% do total da produção. Todavia, a Litoral Norte obteve maiores taxas de crescimento médio ao longo do período considerado quando comparada com a Pólo Linhares, além de também deter parcela significativa no total da produção (16,3%).

O setor de fruticultura também apresentou Gini elevado, de 0,684, indicando aqui a concentração da produção de frutas na Microrregião Extremo Norte, com destaque para os municípios de Pinheiros e Montanha. O interessante nesse setor é que muitas microrregiões apresentaram taxas de crescimento negativas, enquanto a Microrregião Extremo Norte apresenta a mais elevada de todas, o que a configura como o pólo da fruticultura estadual.

Outro setor concentrado espacialmente é o de mármore e granito, com um Gini de 0,686. A produção é tradicionalmente concentrada na Microrregião Pólo Cachoeiro, que detém 48,4% do total de empregos nesse setor. Outra microrregião que vem se destacando é a Noroeste 1, com 13,4% do total de empregos e taxa de crescimento de 18,4% contra 7,6% de Pólo Cachoeiro.

O setor metalmeccânico está concentrado na Microrregião Metropolitana, que participa 68,3% do total de empregos dessa atividade. O município da Serra é o grande destaque

do setor dentro dessa microrregião, pois corresponde a 48% do total dos empregos estaduais.

A pecuária de corte, apesar de ter um Gini baixo, de 0,415, que indica concentração produtiva, segue a mesma situação anteriormente citada da cafeicultura, com a presença de muitos pequenos produtores por praticamente todo o território. No entanto, ao observar a participação de cada microrregião no total da produção estadual, é possível perceber a existência de três microrregiões que concentram mais a produção, todas no norte do Estado: Extremo Norte, Noroeste 1 e Noroeste 2, que juntas participam com cerca de 41% da produção total. Pode-se afirmar que essa atividade é, ainda, importante para a economia dessas microrregiões, visto que os maiores QLs nessa atividade são a elas pertencentes.

Já a pecuária de leite, é mais concentrada no sul do estado, principalmente nas microrregiões Pólo Linhares, Pólo Cachoeiro e Caparaó, que são responsáveis por cerca de 56% do total de leite produzido no Estado. Entretanto, duas outras microrregiões no norte estadual vêm despontando nessa atividade: as Noroeste 1 e 2, que apresentaram elevadas taxas de crescimento durante o período analisado quando comparadas às demais microrregiões, com exceção da Pólo Linhares.

O setor de petróleo e gás por ser bem específico e normalmente concentrado nas localidades detentoras da matéria-prima, encontra-se concentrado em apenas três regiões: Metropolitana, devido à comercialização, Pólo Linhares e Litoral Norte devido à localização do insumo. Ainda que concentrado na Microrregião Metropolitana é importante observar as altas taxas de crescimento nas demais regiões, onde tanto o turismo de negócios tem crescido também nas regiões produtoras de petróleo, quanto o turismo de lazer tem crescido em regiões com esse tipo de vocação turística, como a Metropolitana Expandida Sul e Sudoeste Serrana.

O APL sulcroalcooleiro está concentrado nas regiões de Pólo de Linhares, Metropolitana Expandida Sul e Litoral Norte, com participação de 27%, 18% e 43%, respectivamente. Devido à quase totalidade do arranjo estar restrita a 3 microrregiões, o Gini é elevado atingindo 0,642. A região Litoral Norte apresenta o maior índice de especialização com QL 11,91, enquanto a Metropolitana Expandida Sul apesar de possuir um QL menor, de 7,08, também possui um alto grau de especialização.

O setor de turismo detém um dos Ginis mais elevados, com maior concentração na Microrregião Metropolitana, devido ao turismo de negócios, muito comum na microrregião.

A partir da análise do índice de Gini locacional, do Quociente Locacional, da taxa geométrica média de crescimento setorial e da participação em relação ao Estado, é possível afirmar que há algumas microrregiões que sustentam o crescimento estadual e que a riqueza produzida ainda é expressivamente concentrada na Microrregião Metropolitana. Junto com a Metropolitana, as microrregiões Pólo Linhares, Litoral Norte, Extremo Norte e Pólo Cachoeiro, são as grandes propulsoras do crescimento econômico estadual, apresentando taxas de crescimento e participação estadual elevadas frente às demais microrregiões.

Faz-se necessário ainda lembrar que o documento ES 2025 tem como um dos seus principais objetivos o desenvolvimento socioeconômico uniforme do Espírito Santo, e que a partir das análises feitas, ainda encontra-se muito concentrado em regiões específicas no Estado. Há que se atentar, portanto, para as taxas muito baixas de crescimento em regiões como a do Pólo Colatina, outrora um dos focos de crescimento estadual, para que o objetivo de desenvolvimento seja alcançado de maneira uniforme.

4. PROJETO PELTES - CENÁRIO DE REFERÊNCIA

4.1 Considerações Iniciais e Gerais Relevantes

As considerações a seguir podem ser interpretadas como hipóteses básicas que deverão orientar os cálculos de estimativas e projeções de variáveis que integrarão o cenário.

- A crise mundial não incorporada nas principais variáveis econômicas, com efeito somente no médio prazo - período previsível de duração no entorno de 2 anos. Como o PELTES trabalha com um horizonte de cálculo de vinte anos, parte-se do princípio que a economia mundial retornará ao seu leito normal de tendência.
- O PELTES deve ser compreendido como parte da preparação do Espírito Santo para o cenário de retomada de crescimento nacional e internacional. Desta forma, a infraestrutura e a logística que a opera serão tratadas como fatores estruturais estratégicos, capazes de atrair novos negócios, melhorar a competitividade da economia capixaba e reduzir as desigualdades regionais;
- O Projeto de Desenvolvimento do Espírito Santo, o ES 2025 será tomado como referência, principalmente nos eixos estratégicos ao desenvolvimento das regiões, agregação de valor e integração competitiva nacional e internacional. O ES 2025 será, portanto, a carta de navegação;
- O binômio estratégico infra-estrutura e logística será concebido enquanto instrumento capaz de causar impactos finais no crescimento sustentável e na qualidade de vida dos capixabas;
- As projeções combinam o observável - tendência histórica - com o desejável - o que se busca construir e alcançar. Essa observação é válida, sobretudo, para as projeções regionais. Assim as projeções de dados socioeconômicos, de carga e frota incorporarão um processo de "calibragem" entre ambos.

4.2 Considerações Específicas

Não necessariamente na ordem, os seguintes conhecimentos prévios, princípios e teses serviram de orientação para a produção dos cenários:

- O desempenho recente da economia capixaba foi centrado na dinâmica urbano industrial, tendo como epicentro a Região Metropolitana. O seu crescimento se deu numa lógica metropolitana, entrado em atividades industriais e de comércio exterior.
- O dinamismo urbano da maioria dos municípios do interior é dependente de atividades agrícolas. Em 2000, 53,4% do total das pessoas ocupadas nos municípios com até 20.000 habitantes urbanos eram ligados às atividades agrícolas. Esse percentual passa para 30% na faixa que vai de 20.000 a 50.000. Ressalta-se que 87% dos municípios capixabas têm população urbana abaixo de 50.000.
- Na maioria desses municípios existe, ainda, uma incipiente base industrial de micro e pequenas empresas, com a maioria delas produzindo produtos cujos mercados dependem da expansão ou desconcentração da renda nos mercados local e nacional.

- O modelo de inserção competitiva do Brasil integrou parcelas pequenas do território estadual - como também em nível nacional. No Espírito Santo restringiu-se à Região Metropolitana.
- Um novo modelo, mais desconcentrado, deverá passar por um processo de fortalecimento da INTEGRAÇÃO com os mercados locais e nacional. Essa estratégia deverá qualificar porções do território do interior do Estado para o mercado internacional.

4.3 A “Nova” Economia Capixaba

A economia capixaba se encontra diante de um processo de transformação que a alçará a um novo patamar de complexidade, diversidade e integração interna e externa, nacional e internacional. Já podemos perceber sinais nítidos de uma “nova” economia capixaba, que, sem se desgarrar do seu passado ou mesmo negá-lo, incorpora novos valores e abre novas frentes de expansão. Na verdade, ela emerge da velha economia, que a molda nos seus fundamentos e trajetória, mas a distingue na sua capacidade de aprendizado e de avançar.

É comum não darmos conta de perceber o novo que acontece ao nosso redor, seja em qualquer campo de observação. No mundo econômico não é diferente. As transformações são tão rápidas que o novo passa despercebido ao ser incorporado no curso do dia-a-dia. Além disso, muitas vezes, os resultados demonstrados em números não refletem de forma clara e objetiva as mudanças que ocorrem nas entranhas do mundo produtivo, em especial aquelas de natureza qualitativa. E no mundo produtivo capixaba muita coisa nova está acontecendo, seja na agricultura, na indústria, nos serviços e nas grandes empresas. Trata-se de uma verdadeira “revolução”, que inicialmente operou de maneira silenciosa, mas que agora já começa a apresentar a sua pujança.

Essa nova economia capixaba pode ser vista, por exemplo, através do setor de mármore e granito, que se apresenta hoje como um arranjo produtivo maduro, capaz de enfrentar mercados exigentes. Ou de um setor moveleiro que de forma surpreendente também se abre aos mercados de outros países, integrando-se à lógica exportadora da economia capixaba através da incorporação de tecnologias, capacidade empreendedora e processos inovadores de produção. Não há como deixar de registrar também o mosaico de iniciativas inovadoras que acontecem na agricultura capixaba, na sua tradicional cultura, o café, na fruticultura, na avicultura, na aquíicultura, etc.

Além disso, numa nova relação, as grandes empresas e os grandes negócios se colocam mais presentes e mais parceiros no processo de construção dos fundamentos dessa nova economia capixaba. E é nessa lógica que vemos também o novo “grande negócio” chamado gás e petróleo. Dele poderemos tirar muito proveito, não somente em termos de oportunidades de emprego e renda, mas principalmente no que esse novo negócio poderá gerar de base tecnológica e capital humano avançado, aquele que fará a diferença no futuro bem próximo. E será exatamente pela estratégia de diferenciar-se, de qualificar-se para o novo e através do novo que a economia capixaba encontrará o seu espaço no contexto de um mundo cada vez mais competitivo.

Assim, a construção da Ferrovia Litorânea Sul vem para potencializar ainda mais essa dinamização verificada na economia capixaba através de impactos positivos proporcionados por uma interligação eficiente das regiões norte e sul do Estado, distribuindo de forma mais uniforme o crescimento econômico vivido pelo Espírito Santo.

4.4 Espírito Santo 2025 como Referência

Nas palavras do próprio governador, o Espírito Santo 2025 é um plano construído com a parceria do governo e da sociedade, é um plano construído sob o escopo da parceria, e tem a finalidade de apontar um novo ciclo de desenvolvimento para o Estado, baseado nas formas mais modernas de gestão do espaço público, levando em consideração a integração competitiva global e local, a diversificação da economia agregando valor ao produto, tendo esses elementos como base um capital humano, social e institucional de alta qualidade. Ou seja, mais do que um plano para o futuro é uma agenda da gestão do dia-a-dia da administração pública estadual.

São quatro os pilares de sustentação desse plano: a erradicação da pobreza e a redução das desigualdades para a ampla inclusão social; o desenvolvimento do capital humano capixaba segundo padrões internacionais de excelência; a diversificação econômica, agregando valor à produção e ao adensamento das cadeias produtivas; e o desenvolvimento do capital social e o uso de práticas democráticas e republicanas por parte das instituições públicas.

Com essa visão de futuro, o Espírito Santo quer erradicar a pobreza, alcançando índices semelhantes a países de Primeiro Mundo, ter escolaridade equivalente à da população da Finlândia, promover massiva atração de investimentos produtivos, possuir PIB per capita superior ao da Coreia do Sul e modernizar a gestão pública, prestando serviço de qualidade à população.

4.5 Uma Visão do Contexto Internacional

O contexto mundial oferece um conjunto de variáveis importantes que tendem a afetar a trajetória do Espírito Santo, e que, por isso, não podem deixar de ser objeto de estudo e análise ao longo do processo de construção de uma estratégia de planejamento.

Trata-se, portanto, de processos que estão em andamento na conjuntura mundial e que podem vir acompanhados tanto de oportunidades quanto de ameaças para empreendimentos no Espírito Santo. Tais aspectos condicionam o futuro capixaba deixando com que sua trajetória real dependa da capacidade de aproveitar as oportunidades emergentes ou neutralizar as ameaças que surgem no bojo desse processo. Dentre as forças em voga no contexto mundial que tendem a influenciar o futuro do Espírito Santo, destacamos a seguir algumas.

4.5.1 Ascensão de Países Emergentes

No campo econômico, o mundo reconhece cada vez mais a ascensão de países emergentes que, por suas dimensões, têm elevado potencial de ocupar um lugar de liderança na economia global, dentre as quais se destacam China e Índia. Se, por um lado, o crescimento econômico desses países provocará uma significativa expansão da demanda global por *commodities* industriais - como ferro, aço e minérios - e energia (especialmente petróleo), podendo impactar positivamente a economia capixaba, por outro lado poderá ocasionar uma gradual transferência do eixo mais dinâmico da economia mundial do Oceano Atlântico para o Pacífico.

Esse cenário não tende a ser invalidado pela crise que se abate atualmente na economia internacional. O mais provável é que na retomada do crescimento esses países chamados emergentes estejam posicionados em situações estratégicas mais vantajosas.

Esse aspecto pode ser visto como uma ameaça para o Espírito Santo na medida em que o Estado, dada a sua posição geográfica, está orientado para o comércio exterior via Atlântico. Como consequência, se tornará cada vez mais necessário o investimento em tecnologia nos sistemas produtivo e logístico, como ferrovias e portos, para que o Estado se mantenha competitivo e possa fazer frente a essa nova tendência. Tal tendência deverá manter-se mesmo com a crise mundial que está afetando mais fortemente os países desenvolvidos.

4.5.2 Tendências Tecnológicas

Ao lado desse deslocamento geográfico situa-se outro, de natureza tecnológica. O desenvolvimento científico passa atualmente por um momento de grande ruptura quanto às principais tendências tecnológicas - biotecnologia, nanotecnologia, tecnologia da informação e ciências cognitivas convergem e rompem paradigmas.

O amplo processo de convergência tecnológica certamente oferecerá ao Espírito Santo um vasto leque de oportunidades de trabalho e de mecanismos de inserção externa. Tais avanços certamente provocarão impactos no campo da infra-estrutura de transporte e nos serviços de logística.

4.5.3 Globalização: Oportunidades e Ameaças

Outro aspecto que marcará o panorama mundial nos próximos anos e que terá especial impacto sobre a realidade capixaba está relacionado à intensificação da globalização, entendida como a ampliação dos fluxos de informação, tecnologia, capitais, produtos, serviços e pessoas ao redor do mundo. Esse processo atuará como a base do crescimento econômico mundial, sendo responsável pela modificação do padrão de inserção externa e de inter-relação dos países.

O evento da crise poderá no curto prazo fazer retrair o processo de globalização e internacionalização das economias dos países. Todavia, o mais provável é que na retomada do crescimento da economia mundial a tendência mais recente prevaleça. Até porque não seria razoável admitir a hipótese de se construir condições favoráveis para um

desenvolvimento sustentável em escala internacional sem a intensificação dos fluxos de mercadorias e serviços entre países.

Nesse caso, o aumento da inserção externa do Brasil tem impacto direto sobre o Espírito Santo, por ser um dos principais canais de escoamento da produção nacional, mas também de entrada de mercadorias provenientes do exterior.

A condição privilegiada do Estado o credencia a ocupar papel de destaque no processo de intensificação da inserção brasileira na economia global, além de funcionar como um portal de integração do País com o resto do mundo, o Espírito Santo está localizado justamente na fronteira do espaço econômico mais dinâmico da América do Sul, que vem de Santiago do Chile ao Rio de Janeiro, passando por Buenos Aires e São Paulo. Por isso, investimentos no setor logístico são essenciais para que o Estado consiga atender às demandas crescentes.

4.6 Condicionantes Nacionais

Do ponto de vista nacional, o ritmo e a forma de desenvolvimento são os primeiros condicionantes e os mais fortes. Se o País cresce, as possibilidades de crescimento no Espírito Santo são maiores do que se o País enfrentar uma situação de recessão, por exemplo. Mas, o crescimento do Brasil depende do contexto mundial, e dos movimentos próprios de sua economia.

4.6.1 A Reconfiguração Econômica e Espacial: Novos Espaços Dinâmicos

Nesse sentido, um forte condicionante nacional é o processo de reconfiguração econômica e espacial. Nas duas últimas décadas observa-se a emergência de um conjunto de alterações significativas nos padrões de localização das atividades produtivas. Se, historicamente, os investidores buscaram os grandes centros motivados pelas economias de aglomeração, essa preferência tem se reduzido progressivamente, provocando uma desconcentração espacial da base produtiva nacional.

O Quadro 2.9 mostra o desempenho das economias das grandes regiões do país e de alguns estados. Observa-se uma tendência de crescimento maior das economias das regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste, em detrimento das demais.

Quadro 2.9

EVOLUÇÃO DO PIB DO BRASIL, REGIÕES E ALGUNS ESTADOS Em valores de 2000

LOCALIDADE	1985-2006	1994-2006	2002-2006
Espírito Santo	3,80%	4,42%	4,98%
Minas Gerais	2,23%	1,90%	2,30%
Rio de Janeiro	2,09%	2,90%	3,84%
São Paulo	2,21%	2,62%	3,09%
Bahia	1,20%	2,26%	3,00%
Região Centro-oeste	5,46%	5,79%	7,18%
Região Norte	3,88%	2,66%	4,31%
Região Nordeste	2,17%	2,86%	3,37%
Região Sul	2,29%	1,55%	2,38%
Região Sudeste	2,24%	2,62%	3,17%
BRASIL	2,52%	2,69%	3,40%

Fonte: IPEA, PIB real a preços de 2000.

Nota: Valores deflacionados pelo deflator implícito do PIB nacional

Esse movimento de interiorização do desenvolvimento é motivado por uma série de fatores, dentre os quais o aumento dos índices de economias de aglomeração nos grandes centros.

4.6.2 Inserção Competitiva e Capacidade de Inovação

Um desses fatores é o grau de inserção da economia brasileira na economia mundial e sua capacidade de inovação. A constituição de mercados globais traz consigo um aumento da concorrência entre os agentes econômicos, por meio da aceleração na adoção de inovações tecnológicas e organizacionais, entre outros fatores.

A inserção favorável do Brasil no mercado exterior ajuda o Espírito Santo, que é um dos principais corredores de saída da produção nacional, e favorece o desenvolvimento da sua base exportadora, em especial a atração de novos investimentos.

4.6.3 Tendências Mais Recentes

Fatores novos estão surgindo e poderão influenciar processos decisórios de investimentos, dentre os quais podem ser listados:

- Reconfiguração da logística nacional, com o favorecimento de estruturas mais modernas e eficientes. Nesse aspecto, saem na frente estados como São Paulo.

Exemplo dessa tendência pode ser encontrado nos novos movimentos das montadoras em direção ao Estado de São Paulo.

- Novo cenário de reconcentração de investimentos por conta do esgotamento das fontes fiscais de atração, caso passe a reforma tributária.
- Novas oportunidades e ameaças para o Espírito Santo, principalmente em relação à logística de integração com os grandes mercados nacionais e também internacionais. É bom lembrar que o Espírito Santo é hoje superavitário tanto em relação ao comércio internacional, quanto nacional. Daí decorre a grande importância da logística.

A evolução da economia do Espírito Santo depende em grande parte do comportamento de condicionantes externos, mas também do movimento de um conjunto de fatores internos. Trata-se de processos atuais ou potenciais que tendem a provocar alto impacto e que devem ser considerados em uma reflexão/construção da melhor estratégia para o seu desenvolvimento no longo prazo.

4.7 Fatores Portadores de Futuro

4.7.1 Expansão das Atividades do Setor de Gás e Petróleo

O principal condicionante interno do futuro do Espírito Santo, de uma perspectiva de longo prazo, relaciona-se à expansão das atividades do setor petróleo que é esperada para os próximos anos. As recentes descobertas de novos campos de petróleo e gás, mais particularmente em sua plataforma marítima, demonstram que o setor possui elevado potencial de crescimento (em torno de 400 a 500 mil barris/dia nos próximos 5 anos) no Estado.

Uma característica que deve ser observada é sua “diversidade” - única no País até o momento - na produção de óleo e gás natural. O Estado possui campos terrestres e marítimos - tanto em águas rasas como profundas e ultraprofundas - com óleos leves, médios, pesados e extrapesados, com gás associado ao óleo e também gás não-associado. Observa-se, ainda, a existência no Estado de campos produtores recém-descobertos, como também campos no estágio final de seu ciclo de produção, isto é, “maduros”.

Com isso, existe grande expectativa de que as atividades de exploração, extração, transporte e beneficiamento de óleo e gás gerem profundas mudanças na economia capixaba, não apenas pelo impacto direto que o crescimento do setor terá sobre o PIB estadual, mas também pela possibilidade de irradiação para outras cadeias. Há um vasto conjunto de atividades demandadas por esta indústria, tais como: serviços de hotelaria, alimentação, transportes e logística. Além disso, o adensamento do setor petrolífero possibilita o surgimento de novos setores dentro da economia local, como a cadeia petroquímica e a de fertilizantes. A grande incerteza, nesse campo, é em que medida o Estado será capaz de internalizar os benefícios da expansão dessa indústria, seja por intermédio do adensamento e da diversificação da estrutura produtiva local, seja por meio do uso sustentável dos recursos gerados por *royalties* e participações especiais.

4.7.2 O Papel das *Commodities*

As *commodities* devem permanecer como os principais componentes da pauta de exportação capixaba, reforçando outro traço marcante da economia estadual que tende a crescer nos próximos anos: a importância do comércio exterior para o desenvolvimento econômico. Independentemente das mudanças fiscais que possam ocorrer no País e do surgimento de outros pólos de exportação mais competitivos, o Estado não deve perder sua característica de importante pólo de exportação e importação, considerando-se a logística já implantada, a localização geográfica estratégica, os conhecimentos adquiridos e o capital humano formado.

4.7.3 A Importância da Logística

Já existe um conjunto de investimentos impactantes em execução ou programados na área de logística para os próximos anos, o que terá forte impacto sobre toda a cadeia de comércio exterior do Estado, em especial sobre o setor de serviços ligados ao setor.

Apesar de toda a expectativa quanto ao crescimento econômico do Estado, que para muitos já aparece como algo certo e líquido, a sua efetiva materialização ou potencialização ainda é condicionada pela superação de importantes gargalos estruturais, dentre os quais a logística.

4.7.4 Interiorização do Desenvolvimento

O Plano de Desenvolvimento do Espírito Santo - ES 2025 coloca como eixo estratégico o desenvolvimento do interior do Estado. Devem convergir para esse eixo todas as iniciativas e projetos que possam alterar a tendência histórica de concentração da produção e do PIB na Região Metropolitana. A estratégia é dinamizar as economias regionais a partir de suas potencialidades e seus arranjos produtivos já estabelecidos ou em construção.

O Quadro 2.10 mostra o comportamento das intenções de investimentos em anos recentes e projetadas para o horizonte de 2012. Já se observa uma tendência de deslocamento de investimentos para outras regiões que não a Região Metropolitana.

Quadro 2.10

INVESTIMENTOS PREVISTOS NO ESPÍRITO SANTO

Por Período - Em Milhões de Reais

PERÍODO	TOTAL	VARIAÇÃO	MÉDIA ANUAL	REGIÃO METROPOLITANA	RM	PIB
2002 – 2007	19.809	-	3.962	8.703	43,9%	42.133
2003 – 2008	25.548	29,0%	5.110	10.002	39,2%	42.765
2004 – 2009	35.793	40,1%	7.159	14.082	39,3%	45.245
2005 – 2010	44.150	23,4%	8.830	12.980	29,4%	47.191
2006 – 2011	45.298	2,6%	9.060	15.945	35,2%	49.551
2007 – 2012	55.438	22,4%	11.087	18.726	33,8%	52.524
2002 – 2007 (%)	179,9%	-	179,9%	115,2%	-23,1%	24,7%

Fonte: IJSN

Embora as projeções para o período 2007-2012 possam estar sendo prejudicadas pela crise, em especial no setor siderúrgico, é razoável admitir a hipótese de que tais investimentos sejam retomados mais adiante no tempo, quando a demanda internacional voltar ao seu curso normal.

4.8 Projeção do PIB Brasil, Sudeste e Bahia

As projeções apresentadas nos Quadros 2.11 e 2.12 foram baseadas em tendências observadas na evolução do PIB em nível nacional, sudeste e Estados com os quais o Espírito Santo mantém um maior intercâmbio comercial, bem como também na perspectiva de uma inserção mais forte da economia brasileira no contexto internacional.

Quadro 2.11

POPULAÇÃO E PIB NO BRASIL

Preços em Mil Reais - 2006

ANO	PIB	POPULAÇÃO	PIB PER CAPITA
2006	2.369.797	185.564.212	12.771
2011	2.802.595	194.932.685	14.377
2015	3.278.640	200.881.685	16.321
2020	4.085.781	207.143.243	19.724
2025	5.091.627	212.430.049	23.968
2030	6.345.094	216.410.030	29.320

Fonte: Dados do PIB IPEA. Dados população IBGE. Cálculos

Quadro 2.12

PROJEÇÃO DO PIB DO BRASIL E ALGUNS ESTADOS

Em Valores de 2000

ESTADOS	2008-2011	2011-2015	2015-2020	2020-2025	2025-2030
Espírito Santo	3,00%	4,87%	5,00%	4,70%	6,00%
Minas Gerais	2,50%	3,00%	4,00%	4,00%	4,00%
Rio de Janeiro	3,00%	4,00%	4,50%	4,50%	4,50%
São Paulo	3,00%	3,00%	4,00%	4,00%	4,00%
Bahia	3,00%	4,00%	4,50%	4,50%	4,50%
Brasil	3,00%	4,00%	4,50%	4,50%	4,50%

Fonte: IPEA, PIB real a preços de 2000. Valores deflacionados pelo deflator implícito do PIB nacional

O Quadro 2.13 e a Ilustração 2.2 apresentam estimativas feitas para as taxas de crescimento do PIB do Espírito Santo até 2015, e para o valor do PIB estadual. Trabalhou-se na perspectiva de um horizonte de longo prazo, onde a crise atual terá um impacto restrito ao período 2009-2011. Valores estimados para o PIB e a população do estado até 2030, taxas de crescimento do PIB e sua distribuição nas regiões consideradas podem ser vistos nos Quadros 128A a 131A, no Anexo.

Quadro 2.13

PIB ESPÍRITO SANTO

ANO	REAIS
2004	48.520
2005	50.606
2006	52.782
2010	62.895
2015	90.182
2025	135.132

Fonte: IPEA. Cálculos Futura.

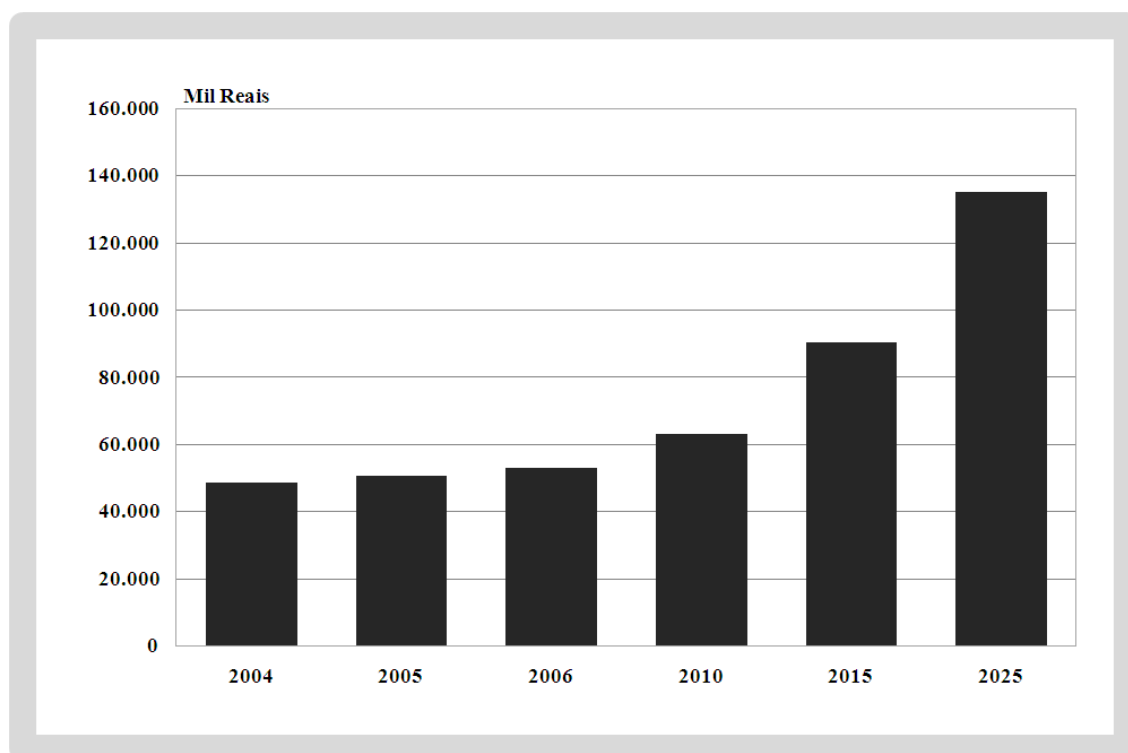


Ilustração 2.2 - Valor Estimado e Projetado do PIB Estadual a Preços de 2006

4.9 Estimativa do PIB do Espírito Santo e Dinâmica Regional

4.9.1 Dinâmica Regional

Quadro Síntese das Microrregiões

Nos Quadros constantes do Anexo são apresentadas sínteses que ilustram as principais informações socioeconômicas das regiões com o objetivo de caracterizar a dinâmica regional através de dados como população, PIB, número de empregos, taxa de urbanização, e dos principais APLs.

Os dados utilizados para a elaboração das análises sobre a composição da produção das diversas regiões foram extraídos de órgãos oficiais como IBGE, RAIS, ALICE (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior), IJSN e do banco de dados da Futura. Os dados referentes aos APLs foram trabalhados pela Futura, sendo a taxa de crescimento calculada a partir de:

- APLs Industriais - Empregos gerados;
- APLs agropecuários - Valor de produção física.

Sínteses das principais informações sobre Exportações no Espírito Santo, por Microrregiões podem ser vistas nos Quadros constantes do Anexo.

4.10 Projeção do PIB Regional

4.10.1 Critérios e Procedimentos Adotados na Projeção do PIB por Região

Evolução Histórica do Crescimento do PIB Estadual e Regional, e das Bases Econômicas das Regiões

- "Trend" histórico da dinâmica do PIB em nível estadual e sua dinâmica territorial, expresso por taxas de variação no período que vai de 1970 a 2006 (última informação oficial disponível), levando-se em consideração principalmente os dados de anos mais recentes, pelo fato de incorporarem novos fatores portadores de futuro, como as atividades de gás e petróleo e diversificação da base industrial produtora de *commodities*.
- Distribuição da produção de riqueza pelas regiões - PIB regional.
- Evolução histórica mais recente das especializações regionais enquanto componentes capazes de orientar o desempenho futuro das suas respectivas economias: QL - Quociente de localização e índice de Gini, indicadores de crescimento dos principais arranjos produtivos locais, produção agropecuária, etc. Referência: Quadro Síntese Regional, que integra o presente Relatório.

Critérios Adotados para a Projeção

PIB Estadual

- Coerência e consistência histórica da evolução do PIB nos últimos 40 anos, mas em especial a partir de 2002, com a adoção da nova metodologia de cálculo do PIB por parte do IBGE;
- Comparativo com a evolução do PIB nacional, do Sudeste e dos Estados que integram a região sudeste;
- O novo ciclo da economia do Espírito Santo, que integra novos elementos portadores de futuro, expressos no Plano de Desenvolvimento do Estado, o ES 2025;
- As taxas de crescimento projetadas refletem, portanto, tendências e desejos, esses últimos embutidos numa clara política governamental de intensificar o crescimento, associando-o ao desenvolvimento sustentável.

PIB Regional

- O PIB de cada região foi projetado tendo como base a projeção de sua participação relativa no PIB estadual;
- As participações relativas das regiões, no futuro, carregam expectativas/desejos - expressos no ES 2025, em especial a determinação de redução das desigualdades regionais e interiorização do desenvolvimento, dois eixos centrais do Plano;
- As participações também expressam o esforço do governo na orientação de investimentos públicos - PPA, fundo de redução das desigualdades, etc.- para as regiões do interior do Estado.

- Naturalmente os impactos nessa direção aparecerão com maior intensidade num futuro mais longínquo. Para isso, inclusive, a expectativa é de que o PELTES possa contribuir para a melhoria da infra-estrutura, fazendo com que as regiões tenham acesso mais fácil a suprimentos e mercados.

4.10.2 Resultados

Nos Quadros 2.14 e 2.15 são apresentados os resultados da distribuição do PIB por região, população e PIB per capita projetados para as microrregiões do estado.

Quadro 2.14

DISTRIBUIÇÃO DO PIB NO ESPÍRITO SANTO

Em Mil Reais - 2006

MICRORREGIÃO	2006	2008	2011	2015	2020	2025	2030
Extremo Norte	545.844	609.655	664.079	830.648	1.138.186	1.467.521	2.013.003
Pólo Colatina	1.701.009	1.866.785	2.026.304	2.532.775	3.470.018	4.473.945	6.136.891
Noroeste 1	708.022	806.938	882.534	1.126.452	1.580.152	2.087.090	2.933.113
Noroeste 2	976.968	1.080.420	1.174.541	1.468.564	2.012.124	2.594.292	3.558.588
Litoral Norte	2.135.398	2.450.385	2.683.603	3.360.354	4.605.482	5.938.338	8.145.709
Pólo Linares	5.151.887	5.865.066	6.413.085	7.988.433	10.861.918	13.887.262	18.830.673
Central Serrana	905.596	1.031.276	1.127.706	1.453.180	2.062.005	2.756.036	3.919.755
Sudoeste Serrana	957.245	1.026.255	1.108.752	1.377.800	1.876.200	2.404.227	3.277.680
Metropolitana	33.399.561	38.084.710	41.656.755	50.614.780	66.924.861	83.156.529	109.895.307
M. Expandida Sul	2.064.926	2.394.245	2.627.569	3.259.286	4.414.830	5.622.926	7.617.917
Caparaó	949.929	1.018.388	1.100.248	1.360.495	1.841.689	2.343.250	3.171.114
Pólo Cachoeiro	3.285.615	3.631.222	3.947.052	4.886.613	6.616.570	8.402.316	11.344.035
POPULAÇÃO ESTIMADA	3.380.923	3.453.647	3.549.207	3.656.068	3.768.543	3.863.509	3.947.292
PIB PER CAPITA	15.612	17.334	18.430	21.953	28.501	34.976	45.813
TOTAL GERAL	52.782.000	59.865.344	65.410.312	80.262.029	107.408.700	135.131.622	180.836.593

Fonte: Dados do PIB IPEA. Dados população IBGE. Cálculos Futura.

*Ano do início da aplicação da nova metodologia do IBGE.

Nota 1: Hipóteses básicas assumidas: Efeito redução das desigualdades regionais, combate a pobreza, efeito infra-estrutura inter-regional, investimentos do PPA.

Quadro 2.15

DISTRIBUIÇÃO DO PIB NO ESPÍRITO SANTO

Por Microrregião

MICRORREGIÃO	2006	2008	2011	2015	2020	2025	2030
Extremo Norte	1,03%	1,02%	1,02%	1,03%	1,06%	1,09%	1,11%
Pólo Colatina	3,22%	3,12%	3,10%	3,16%	3,23%	3,31%	3,39%
Noroeste 1	1,34%	1,35%	1,35%	1,40%	1,47%	1,54%	1,62%
Noroeste 2	1,85%	1,80%	1,80%	1,83%	1,87%	1,92%	1,97%
Litoral Norte	4,05%	4,09%	4,10%	4,19%	4,29%	4,39%	4,50%
Pólo Linhares	9,76%	9,80%	9,80%	9,95%	10,11%	10,28%	10,41%
Central Serrana	1,72%	1,72%	1,72%	1,81%	1,92%	2,04%	2,17%
Sudoeste Serrana	1,81%	1,71%	1,70%	1,72%	1,75%	1,78%	1,81%
Metropolitana	63,28%	63,62%	63,69%	63,06%	62,31%	61,54%	60,77%
M. Expandida Sul	3,91%	4,00%	4,02%	4,06%	4,11%	4,16%	4,21%
Caparaó	1,80%	1,70%	1,68%	1,70%	1,71%	1,73%	1,75%
Pólo Cachoeiro	6,22%	6,07%	6,03%	6,09%	6,16%	6,22%	6,27%
TOTAL ES	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Dados do PIB IPEA. Dados população IBGE. Cálculos Futura.

Referências Bibliográficas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SEBRAE/ES. **Espírito Santo: breves traços históricos, sociais e econômicos (compilações diversas)**. Vitória: SEBRAE/ES, 2003.

A GAZETA. **Potencialidades 2008: o espírito do desenvolvimento**. Vitória: Gráfica Espírito Santo, 2008.

CAÇADOR, Sívio Bertochi. **Um olhar crítico sobre a evolução da economia capixaba nas últimas décadas**: uma análise a partir das teorias de desenvolvimento regional e de estatísticas de inovação. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do Espírito Santo, 2008.

COUTINHO, J. M. **Uma história do povo de Aracruz**. Aracruz: Reitem, 2006, Vols. I e II.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, **Cadastro Central de Empresas**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/cadastroempresa>.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, **Censos Demográficos**. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/cd2000ru.asp>.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, **Produção Agrícola Municipal**. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/pam/default.asp?o=19&i=P>.

INSTITUTO Jones Santos Neves - IPES, **Produto Interno Bruto Estadual**. Disponível em: http://www.ipes.es.gov.br/follow.asp?urlframe=contasregionais/pib_estadual.asp

INSTITUTO Jones Santos Neves - IPES, **Produto Interno Bruto Municipal**. Disponível em: http://www.ipes.es.gov.br/follow.asp?urlframe=contasregionais/pib_municipal.asp.

IPEADATA, **Contas Nacionais**. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/ipeaweb.dll/ipeadata?270657203>.

IPEADATA, **Indicadores Sociais**. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/ipeaweb.dll/ipeadata?270657203>.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACRUZ. Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Econômico. **Guia do empreendedor**. Aracruz, 2005.

SANTOS NEVES, L. G. et al. **Aracruz: nosso município. Noções históricas e geográficas**. Serra: Gráfica e Editora Formar, 2004.

SEBRAE. **Termo de referência para atuação do Sistema SEBRAE em Arranjos Produtivos Locais**. Brasília: SEBRAE, 2003.

SUZIGAN et al. *Coeficientes de Gini locais - GL: Aplicação à indústria de calçados do Estado de São Paulo*. In **Nova Economia**. Belo Horizonte: 13(2)39-60, julho-dezembro de 2003.

SEP - SECRETARIA DE ESTADO DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO. **Espírito Santo 2025**: plano de desenvolvimento. Vitória: SEP/MACROPLAN, 2006.

Redesist. Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais. www.ie.ufrj.br/redesist.

ANEXO

Quadro 1A

PREVISÃO DE INVESTIMENTOS REGIÃO METROPOLITANA

Em Milhões de Reais - 2007 a 2012

CNAE	SETORES DE ATIVIDADE	VALOR	PERCENTUAL
13	Extração de Minerais Metálicos	5.295,5	28,3
45	Construção	3.187,9	17
63	Atividades Anexas e Auxiliares dos Transportes e Agências de Viagem	2.524,9	13,5
27	Metalurgia Básica	1.839,1	9,8
40	Eletricidade, Gás e Água Quente	1.008,5	5,4
23	Fabricação de Coque, Refino de Petróleo, Elab. de Comb. Nucleares e Prod. de Álcool	891,5	4,8
11	Extração de Petróleo e Serviços Relacionados	678,4	3,6
55	Alojamento e Alimentação	606,8	3,2
25	Fabricação de Artigos de Borracha e Plástico	395,5	2,1
15	Fabricação de Produtos Alimentícios e Bebidas	358,6	1,9
85	Saúde e Serviços Sociais	356,6	1,9
35	Fabricação de Outros Equipamentos de Transporte	252,1	1,3
	Outros	1.330,2	7,1
TOTAL GERAL		18.725,6	100

Quadro 2A

PREVISÃO DE INVESTIMENTOS PÓLO LINHARES

Em Milhões de Reais - 2007 a 2012

CNAE	SETORES DE ATIVIDADES	VALOR	PERCENTUAL
11	Extração de petróleo e serviços relacionados	3.932,8	37,8
35	Fabricação de outros equipamentos de transporte	3.209,4	30,8
45	Construção	662,3	6,4
2	Silvicultura, exploração florestal e serviços relacionados	623,9	6
23	Fabricação de Coque, Refino de Petróleo, Elab. de Comb. Nucleares e Prod. de Álcool	440,3	4,2
60	Transporte terrestre	226,8	2,2
40	Eletricidade, gás e água quente	212,4	2
21	Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	180,9	1,7
24	Fabricação de produtos químicos	172,5	1,7
15	Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	122,6	1,2
	Outros	629,3	6
TOTAL GERAL		10.413,2	100

Quadro 3A

PREVISÃO DE INVESTIMENTOS REGIÃO EXPANDIDA SUL

Em Milhões de Reais - 2007-2012

CNAE	SETORES DE ATIVIDADES	VALOR	PERCENTUAL
27	Metalurgia básica	8.068,0	44,1
23	Fabricação de Coque, Refino de Petróleo, Elab. de Comb. Nucleares e Prod. de Álcool	4.459,7	24,4
13	Extração de minerais metálicos	3.262,8	17,8
40	Eleticidade, gás e água quente	813,4	4,4
63	Atividades anexas e auxiliares dos transportes e agências de viagem	676,5	3,7
11	Extração de petróleo e serviços relacionados	638,8	3,5
29	Fabricação de máquinas e equipamentos	352,0	1,9
	Outros	25,7	0,1
TOTAL GERAL		18.296,9	100

Quadro 4A

PREVISÃO DE INVESTIMENTOS REGIÃO SUDESTE SERRANA

Em Milhões de Reais - 2007-2012

CNAE	SETORES DE ATIVIDADES	VALOR	PERCENTUAL
40	Eleticidade, gás e água quente	342,9	67,6
15	Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	122,6	24,2
1	Agricultura, pecuária e serviços relacionados	16,0	3,2
45	Construção	7,2	1,4
70	Atividades Imobiliárias	5,0	1
92	Atividades Recreativas, Culturais e Desportivas	5,0	1
63	Atividades anexas e auxiliares dos transportes e agências de viagem	3,0	0,6
	Outros	5,5	1,1
TOTAL GERAL		507,2	100

Fonte: IJSN

Quadro 5A

PREVISÃO DE INVESTIMENTOS REGIÃO CENTRAL SERRANA

Em Milhões de Reais - 2007-2012

CNAE	SETORES DE ATIVIDADE	VALOR	PERCENTUAL
45	Construção	34	89
5	Pesca, aquicultura e serviços relacionados	4,2	11
TOTAL GERAL		38,2	100

Fonte: IJSN

Quadro 6A

PREVISÃO DE INVESTIMENTOS REGIÃO LITORAL NORTE

Em Milhões de Reais - 2007-2012

CNAE	SETORES DE ATIVIDADES	VALOR	PERCENTUAL
11	Extração de petróleo e serviços relacionados	2.206,5	81,4
40	Eletricidade, gás e água quente	173,9	6,4
14	Extração de minerais não-metálicos	89,1	3,3
23	Fabricação de Coque, Refino de Petróleo, Elab. de Comb. Nucleares e Prod. de Álcool	84,2	3,1
45	Construção	50,7	1,9
2	Silvicultura, exploração florestal e serviços relacionados	33,5	1,2
	Outros	72,9	2,7
TOTAL GERAL		2.710,8	100

Fonte: IJSN

Quadro 7A

PREVISÃO DE INVESTIMENTOS REGIÃO EXTREMO NORTE

Em Milhões de Reais - 2007-2012

CNAE	SETORES DE ATIVIDADES	R\$ milhão	%
23	Fabricação de Coque, Refino de Petróleo, Elab. de Comb. Nucleares e Prod. de Álcool	571,1	98,7
45	Construção	5,3	0,9
15	Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	1,2	0,2
5	Pesca, aquicultura e serviços relacionados	1,0	0,2
TOTAL GERAL		578,6	100

Fonte: IJSN

Quadro 8A

PREVISÃO DE INVESTIMENTOS REGIÃO PÓLO COLATINA

Em Milhões de Reais - 2007-2012

CNAE	SETORES DE ATIVIDADES	VALOR	PERCENTUAL
15	Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	311,7	40,1
64	Correio e telecomunicações	120,0	15,4
45	Construção	102,0	13,1
40	Eleticidade, gás e água quente	87,6	11,3
26	Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	42,0	5,4
17	Fabricação de produtos têxteis	37,0	4,8
27	Metalurgia básica	35,0	4,5
18	Confecção de artigos do vestuário e acessórios	18,1	2,3
85	Saúde e serviços sociais	15,0	1,9
	Outros	8,8	1,1
TOTAL GERAL		777,2	100

Fonte: IJSN

Quadro 9A

PREVISÃO DE INVESTIMENTOS REGIÃO NOROESTE 1

Em Milhões de Reais - 2007-2012

CNAE	SETORES DE ATIVIDADES	VALOR	PERCENTUAL
51	Comércio por atacado e representantes comerciais e agentes do comércio	21,7	59,5
13	Extração de minerais metálicos	6,0	16,4
45	Construção	3,9	10,7
14	Extração de minerais não-metálicos	3,6	9,9
26	Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	1,3	3,6
TOTAL GERAL		36,5	100

Fonte: IJSN

Quadro 10A

PREVISÃO DE INVESTIMENTOS REGIÃO NOROESTE 2

Em Milhões de Reais - 2007-2012

CNAE	SETORES DE ATIVIDADES	VALOR	PERCENTUAL
26	Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	78,8	45
40	Eletricidade, gás e água quente	60,0	34,2
45	Construção	27,8	15,9
14	Extração de minerais não-metálicos	2,5	1,4
41	Captação, Tratamento e Distribuição de Água	2,2	1,3
1	Agricultura, pecuária e serviços relacionados	1,5	0,9
37	Reciclagem	1,5	0,9
15	Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	1,0	0,6
TOTAL GERAL		175,3	100

Fonte: IJSN

Quadro 11A

PREVISÃO DE INVESTIMENTOS REGIÃO PÓLO CACHOEIRO

Em Milhões de Reais - 2007-2012

CNAE	SETORES DE ATIVIDADES	VALOR	PERCENTUAL
11	Extração de petróleo e serviços relacionados	1.783,0	58
60	Transporte terrestre	765,2	24,9
40	Eletricidade, gás e água quente	186,0	6,1
26	Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	92,0	3
27	Metalurgia básica	75,0	2,4
15	Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	36,7	1,2
41	Captação, tratamento e distribuição de água	35,4	1,2
23	Fabricação de Coque, Refino de Petróleo, Elab. de Comb. Nucleares e Prod. de Álcool	32,0	1
	Outros	68,1	2,2
TOTAL GERAL		3.073,4	100

Fonte: IJSN

Quadro 12A

PREVISÃO DE INVESTIMENTOS REGIÃO CAPARAÓ

Em Milhões de Reais - 2007-2012

CNAE	SETORES DE ATIVIDADES	VALOR	PERCENTUAL
40	Eletricidade, gás e água quente	103,0	98
21	Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	1,1	1
45	Construção	1,0	1
TOTAL GERAL		105,1	100

Fonte: IJSN

Quadro 13A

DADOS DAS 200 MAIORES EMPRESAS DO ESPÍRITO SANTO POR SETOR DE ATIVIDADE
Em Milhões de Reais - 2007

SETORES DE ATIVIDADES	EMPRESAS		VALOR	ROB NO ES MÉDIA	PERCENTUAL	EMPREGOS NO ES		
	QUANTIDADE	PERCENTUAL				QUANTIDADE	MÉDIA	PERCENTUAL
Agricultura e outros tipos de culturas	2	1	66.075,0	33.038,0	0,1	894	447	1,1
Com. atacadista	40	20	8.324.232,0	208.106,0	16,4	2807	70	3,4
Com. e adm. de imóveis	1	0,5	18.099,0	18.099,0	-	7	7	-
Com. varejista (exceto supermercados)	6	3	601.340,0	100.223,0	1,2	1594	266	1,9
Comunicações	2	1	1.001.972,0	500.986,0	2	2561	1281	3,1
Distr. de veículos e autopeças	16	8	1.254.970,0	78.436,0	2,5	2072	130	2,5
Ensino	1	0,5	25.100,0	25.100,0	-	491	491	0,6
Ind. de bebidas	1	0,5	33.748,0	33.748,0	0,1	340	340	0,4
Ind. de construção civil	12	6	579.807,0	48.317,0	1,1	7573	631	9,1
Ind. de utilidade pública	5	2,5	2.407.143,0	481.429,0	4,7	3783	757	4,5
Ind. editorial e gráfica	1	0,5	62.962,0	62.962,0	0,1	467	467	0,6
Ind. ext. de minerais	6	3	10.491.570,0	1.748.595,0	20,7	6546	1091	7,8
Ind. mat. eletr. e comunicações	1	0,5	57.398,0	57.398,0	0,1	55	55	0,1
Ind. metalúrgica (exceto siderúrgicas)	4	2	243.798,0	60.950,0	0,5	1121	280	1,3
Ind. min. não-metálicos	7	3,5	315.596,0	45.085,0	0,6	1516	217	1,8
Ind. mobiliário	3	1,5	247.000,0	82.333,0	0,5	1741	580	2,1
Ind. papel e papelão	1	0,5	4.385.042,0	4.385.042,0	8,6	1491	1491	1,8
Ind. prod. alimentares	8	4	2.035.091,0	254.386,0	4	5897	737	7,1
Ind. prod. de mat. plásticas	2	1	177.267,0	88.634,0	0,3	685	343	0,8
Ind. química	6	3	1.906.088,0	317.681,0	3,8	2575	429	3,1
Ind. siderúrgica	5	2,5	7.440.081,0	1.488.016,0	14,7	5251	1050	6,3
Ind. têxtil	2	1	134.565,0	67.283,0	0,3	1189	595	1,4
Ind. vestuário	1	0,5	23.644,0	23.644,0	0	350	350	0,4
Inst. de créd., seg. e capitalização	5	2,5	2.251.532,0	450.306,0	4,4	4363	873	5,2
Serv. aux. at. econômica	9	4,5	434.090,0	48.232,0	0,9	1981	220	2,4
Serv. aux. de transporte	1	0,5	18.368,0	18.368,0	-	33	33	-
Serv. de alojamento e alimentação	1	0,5	29.934,0	29.934,0	0,1	261	261	0,3
Serv. de vigilância e segurança	3	1,5	103.156,0	34.385,0	0,2	4041	1347	4,8
Serv. conserv./limpeza	1	0,5	22.733,0	22.733,0	-	1998	1998	2,4
Serv. import./exportação	18	9	3.748.652,0	208.258,0	7,4	481	27	0,6
Serv. médicos e odontológicos	9	4,5	710.597,0	78.955,0	1,4	4972	552	5,9
Serv. telemarketing	1	0,5	28.221,0	28.221,0	0,1	958	958	1,1
Serv. de div., radiodifusão e TV	2	1	65.359,0	32.680,0	0,1	415	208	0,5
Supermercados	6	3	743.331,0	123.889,0	1,5	4921	820	5,9
Transportes	11	5,5	724.834,0	65.894,0	1,4	8213	747	9,8
TOTAL GERAL	200	100	50.713.395,0	253.567,0	100	83643	418	100

Fonte: Fines/Ideias

Quadro 14A

PARTICIPAÇÃO DA ROB DAS 200 MAIORES EMPRESAS DO ESPÍRITO SANTO

Por Região em 2007

SETORES DE ATIVIDADES	1 MET	2 PLI	3 MES	4 CES	5 SUS	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
Agricultura e outros tipos de culturas	-	1,2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,1
Com. atacadista	18,8	1	-	-	-	-	-	51	-	63,1	-	-	16,4
Com. e adm. de imóveis	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Com. varejista (exceto supermercados)	1,3	-	-	100	-	-	-	-	-	-	-	-	1,2
Comunicações	2,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Distr. de veículos e autopeças	2,5	1,9	-	-	-	-	-	-	-	-	24,9	-	2,5
Ensino	0,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ind. de bebidas	-	-	-	-	100	-	-	-	-	-	-	-	0,1
Ind. de construção civil	1,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1,1
Ind. de utilidade pública	5,6	-	-	-	-	-	-	11,1	-	-	8,2	-	4,7
Ind. editorial e gráfica	0,2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,1
Ind. ext. de minerais	19,5	-	97,2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	20,7
Ind. mat. eletr. e comunicações	0,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,1
Ind. metalúrgica (exceto siderúrgicas)	0,1	2,9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,5
Ind. min. não-metálicos	0,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	23,9	-	0,6
Ind. mobiliário	-	4,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,5
Ind. papel e papelão	-	78,9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8,6
Ind. prod. alimentares	3,7	0,5	2,8	-	-	-	-	29,2	-	36,9	24,5	-	4
Ind. prod. de mat. plásticas	0,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,3
Ind. química	4,3	0,7	-	-	-	100	-	-	-	-	-	-	3,8
Ind. siderúrgica	18,1	0,9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14,7
Ind. têxtil	0,2	1,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,3
Ind. vestuário	-	-	-	-	-	-	-	2,3	-	-	-	-	-
Inst. de crédl., seg. e capitalização	5,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4,4
Serv. aux. at. econômica	1	0,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,9
Serv. aux. de transporte	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Serv. de alojamento e alimentação	0,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,1
Serv. de vigilância e segurança	0,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,2
Serv. conserv./limpeza	0,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Serv. import./exportação	9,2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7,4
Serv. médicos e odontológicos	1,4	0,5	-	-	-	-	-	3,7	-	-	18,6	-	1,4
Serv. telemarketing	0,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,1
Serv. de div., radiodifusão e tv	0,2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,1
Supermercados	1,3	4,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1,5
Transportes	1,6	1,1	-	-	-	-	-	2,6	-	-	-	-	1,4
TOTAL GERAL	100	100	100	100	100	100	0	100	0	100	100	0	100

Fonte: Findes/Ideias

Quadro 15A

PARTICIPAÇÃO DO EMPREGO DAS 200 MAIORES EMPRESAS DO ESPÍRITO SANTO

Por Região em 2007

SETORES DE ATIVIDADES	1 MET	2 PLI	3 MES	4 CES	5 SUS	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
Agricultura e outros tipos de culturas	-	9,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1,1
Com. atacadista	3,6	0,3	-	-	-	-	-	4,3	-	31,5	-	-	3,4
Com. e adm. de imóveis	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Com. varejista (exceto supermercados)	2,1	-	-	100	-	-	-	-	-	-	-	-	1,9
Comunicações	3,9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3,1
Distr. de veículos e autopeças	2,2	3,5	-	-	-	-	-	-	-	-	14,6	-	2,5
Ensino	0,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,6
Ind. de bebidas	-	-	-	-	100	-	-	-	-	-	-	-	0,4
Ind. de construção civil	11,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9,1
Ind. de utilidade pública	4,9	-	-	-	-	-	-	10,1	-	-	12,9	-	4,5
Ind. editorial e gráfica	0,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,6
Ind. ext. de minerais	8,8	-	58,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7,8
Ind. mat. eletr. e comunicações	0,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,1
Ind. metalúrgica (exceto siderúrgicas)	0,3	7,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1,3
Ind. min. não-metálicos	1,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	24,1	-	1,8
Ind. mobiliário	-	18,9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2,1
Ind. papel e papelão	-	16,2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1,8
Ind. prod. alimentares	5,1	3,9	41,7	-	-	-	-	36,2	-	68,5	21,1	-	7,1
Ind. prod. de mat. plásticas	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,8
Ind. química	0,9	8,7	-	-	-	100	-	-	-	-	-	-	3,1
Ind. siderúrgica	7,7	1,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6,3
Ind. têxtil	1,1	4,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1,4
Ind. vestuário	-	-	-	-	-	-	-	11,4	-	-	-	-	0,4
Inst. de crédl., seg. e capitalização	6,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5,2
Serv. aux. at. econômica	2,7	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2,4
Serv. aux. de transporte	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Serv. de alojamento e alimentação	0,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,3
Serv. de vigilância e segurança	6,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4,8
Serv. conserv./limpeza	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2,4
Serv. import./exportação	0,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,6
Serv. médicos e odontológicos	6,2	1,7	-	-	-	-	-	9,3	-	-	27,4	-	5,9
Serv. telemarketing	1,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1,1
Serv. de div., radiodifusão e tv	0,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,5
Supermercados	5,6	13,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5,9
Transportes	10,2	8,4	-	-	-	-	-	20,7	-	-	-	-	9,8
TOTAL GERAL	100	100	100	100	100	100	0	91,9	0	100	100	0	100

Fonte: Fines/Ideias

Quadro 16A

PESSOAS OCUPADAS NO ESPÍRITO SANTO Por Região - 2000

REGIÕES	TOTAL	PERCENTUAL
1 MET	578.160,0	44,2
2 PLI	96.942,0	7,4
3 MES	48.129,0	3,7
4 SUS	67.231,0	5,1
5 CES	53.124,0	4,1
6 LNO	62.828,0	4,8
7 ENO	18.840,0	1,4
8 PCO	81.817,0	6,2
9 NO1	40.064,0	3,1
10 NO2	54.203,0	4,1
11 PCA	136.510,0	10,4
12 CAP	71.440,0	5,5
TOTAL	1.309.288,0	100

Fonte: IBGE. Censo Demográfico, 2000

Quadro 17A

PARTICIPAÇÃO DAS PESSOAS OCUPADAS NO TOTAL DE CADA MICRORREGIÃO

Percentual por Atividade Econômica em 2000

ATIVIDADE ECONÔMICA	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	2,3	27,3	27,1	65,5	66,6	33,8	42,2	34,8	54,4	50,8	24,2	57,9	24
Pesca	0,4	0,5	6	-	-	1,3	-	0,1	-	0,1	0,2	0,1	0,5
Indústria extrativa	0,8	0,4	0,6	0,3	0,4	0,5	0,2	0,7	2,6	1,4	1,6	0,2	0,8
Indústria de transformação	12,3	14	7,8	3,5	5,5	9,2	5,1	13,6	3,8	10,1	13,8	4,1	10,7
Prod. e distr. de eletr., gás e água	0,5	0,5	0,8	0,2	0,2	0,5	0,3	0,5	0,3	0,5	0,4	0,2	0,4
Construção	9,5	5,9	7,8	3,1	3,1	5,9	4,8	4,7	3,9	3,5	6,9	4,2	7,1
Comércio, rep. de veículos autom., obj. pess. e domésticos	20,9	15,3	16,1	7,2	6,8	14,5	13,7	14,9	9,7	9,3	16,1	9,2	16,3
Alojamento e alimentação	6,2	4	4,5	2,5	1,9	4,2	3,3	3,4	3,2	2,4	3,7	2,5	4,6
Transp., armaz. e comunicação	6,5	4,2	3,7	2	1,6	3,5	2,7	3,2	1,6	2,3	4,8	1,9	4,6
Intermediação financeira	1,5	0,7	0,5	0,4	0,5	0,5	0,5	0,7	0,2	0,4	0,9	0,3	1
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	8,2	3,2	3,1	1,4	1,2	3,1	2,8	2,6	1,5	1,4	3,2	1,7	5
Adm. pública, defesa e seg. social	6,1	6,1	4,6	3,4	2,6	4	6,6	4,3	4,8	4,8	5,3	5,1	5,3
Educação	5,9	5,6	5,1	2,7	3,1	5,4	5,4	5	4,3	4,1	4,6	3,9	5,1
Saúde e serviços sociais	4,3	2,4	1,7	1	1,2	2,4	2,1	2,2	1,5	1,3	2,7	1,5	3
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	4,7	2,7	2,6	1,3	1,3	2,9	2,4	2,9	2	1,7	2,6	1,8	3,3
Serviços domésticos	9	6,4	7	5,1	3,8	7,5	7,4	5,7	5,6	5,7	8	5	7,5
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Atividades mal especificadas	0,8	0,7	0,9	0,4	0,2	0,6	0,4	0,7	0,5	0,3	1	0,5	0,7
TOTAL GERAL	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: IBGE. Censo Demográfico, 2000

Quadro 18A

PARTICIPAÇÃO DAS PESSOAS OCUPADAS DE CADA MICRORREGIÃO NO TOTAL DO ESPÍRITO SANTO

Percentual por Atividade Econômica em 2000

ATIVIDADE ECONÔMICA	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	4,3	8,4	4,2	14	11,3	6,8	2,5	9,1	6,9	8,8	10,5	13,2	100
Pesca	33	7,2	41,4	0,4	0,1	11,6	0,1	1,3	0,3	0,4	3,3	0,7	100
Indústria extrativa	43,5	3,3	2,8	1,7	1,7	3,1	0,4	5,5	9,6	6,8	20,4	1,3	100
Indústria de transformação	50,6	9,7	2,7	1,7	2,1	4,1	0,7	7,9	1,1	3,9	13,4	2,1	100
Prod. e distr. de eletr., gás e água	48,8	7,8	6,2	2,2	2,2	5,5	1	7,4	2,2	4,8	9,6	2,2	100
Construção	59,5	6,2	4,1	2,3	1,8	4	1	4,2	1,7	2	10,2	3,3	100
Comércio, rep. de veículos autom., obj. pess. e domésticos	56,7	7	3,6	2,3	1,7	4,3	1,2	5,7	1,8	2,4	10,3	3,1	100
Alojamento e alimentação	59,5	6,5	3,6	2,8	1,7	4,4	1	4,7	2,1	2,2	8,5	3	100
Transp., armaz. e comunicação	61,8	6,8	3	2,2	1,4	3,6	0,8	4,3	1,1	2,1	10,7	2,2	100
Intermediação financeira	67,6	5,3	2	2,1	2	2,6	0,7	4,3	0,8	1,6	9,5	1,5	100
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	72,8	4,7	2,3	1,5	1	3	0,8	3,3	0,9	1,2	6,7	1,9	100
Adm. pública, defesa e seg. social	50,4	8,5	3,2	3,3	2	3,6	1,8	5,1	2,8	3,8	10,4	5,2	100
Educação	50,9	8,1	3,7	2,7	2,5	5,1	1,5	6,1	2,6	3,3	9,4	4,1	100
Saúde e serviços sociais	63,7	6	2,1	1,8	1,6	3,8	1	4,5	1,6	1,8	9,3	2,8	100
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	62	6,1	2,8	2	1,5	4,2	1	5,5	1,8	2,1	8,1	2,9	100
Serviços domésticos	53,4	6,4	3,4	3,5	2,1	4,8	1,4	4,7	2,3	3,1	11,2	3,6	100
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
Atividades mal especificadas	51,1	7,4	4,9	2,6	1	3,9	0,8	6,4	2,2	1,5	14,2	3,9	100
TOTAL GERAL	44,2	7,4	3,7	5,1	4,1	4,8	1,4	6,2	3,1	4,1	10,4	5,5	100

Fonte: IBGE. Censo Demográfico, 2000

Quadro 19A

NÚMERO TOTAL DE UNIDADES LOCAIS E PESSOAL OCUPADO NO ESPÍRITO SANTO
Por Região em 2005

REGIÃO	QUANTIDADE	PERCENTUAL	PESSOAS OCUPADAS	PERCENTUAL	TAMANHO MÉDIO
1 MET	61.548	53,7	471.233	63,1	7,7
2 PLI	8.397	7,3	58.589	7,8	7
3 MES	3.759	3,3	18.566	2,5	4,9
4 SUS	3.757	3,3	14.700	2	3,9
5 CES	2.980	2,6	10.522	1,4	3,5
6 LNO	4.217	3,7	24.341	3,3	5,8
7 ENO	1.453	1,3	4.550	0,6	3,1
8 PCO	5.955	5,2	38.184	5,1	6,4
9 NO1	2.477	2,2	10.717	1,4	4,3
10 NO2	3.812	3,3	17.883	2,4	4,7
11 PCA	11.485	10	62.113	8,3	5,4
12 CAP	4.740	4,1	15.479	2,1	3,3
TOTAL GERAL	114.580	100	746.877	100	6,5

Fonte: IBGE, Cempre, 2005

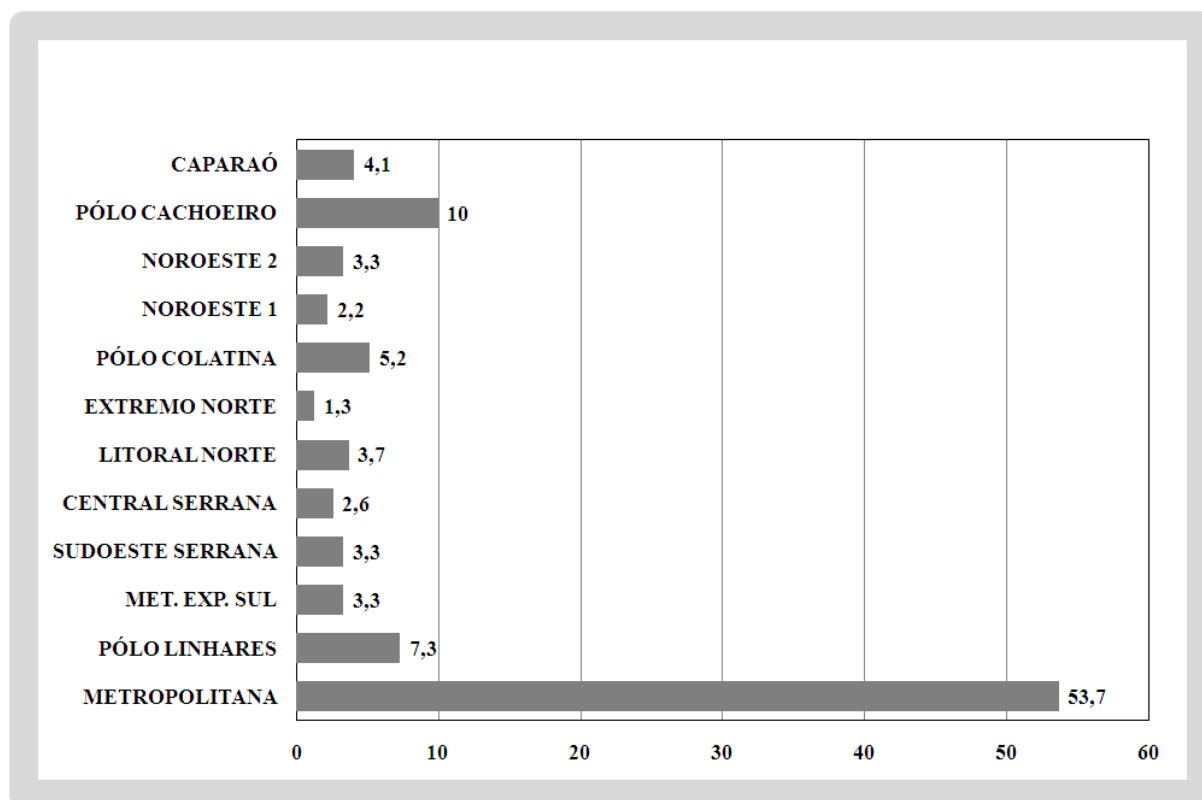


Ilustração 1A - Participação do Número de Unidades Locais por Microrregião no Espírito Santo - 2005 (%)

Quadro 20A

PARTICIPAÇÃO DAS UNIDADES LOCAIS DE CADA MICRORREGIÃO NO TOTAL DO ESPÍRITO SANTO

Percentual por Atividade Econômica em 2005

ATIVIDADE ECONÔMICA	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	20,5	27,1	3,1	8,1	4,1	15,4	3,5	4,1	1,5	3,8	4,4	4,3	100
Pesca	34	20	12	2	2	20	-	4	-	2	-	4	100
Indústria extrativa	10,8	4,6	2,5	6,2	5	1,3	0,8	10,5	19,9	8	27,4	3	100
Indústria de transformação	42,4	9,2	3,2	3,2	3,3	3,3	1,3	8,2	1,7	5,5	16,1	2,7	100
Prod. e distr. de eletr., gás e água	20,2	8,1	6,7	6,3	7,6	5,4	3,6	4,5	4,5	4,9	15,7	12,6	100
Construção	63,4	7,2	3,2	2,1	1,7	2,9	1	2,8	1,4	2,5	9,2	2,7	100
Comércio, rep. de veículos automotores, obj. pessoais e domésticos	51,2	6,9	3,6	3,6	2,6	4	1,6	5,3	2,4	3,4	10,5	4,9	100
Alojamento e alimentação	54,8	6,2	4,8	4,9	3,9	4,8	0,7	4,1	1,1	2,7	7,9	4,1	100
Transporte, armaz. e comunicação	55,6	9,3	3,8	2,4	2,5	3,8	1	4,2	1,7	3,3	8,9	3,5	100
Interm. financeira, seg., prev. complementar e serv. relacionados	59,2	7,3	2,8	2,8	2,3	2,8	1,3	5,1	1,6	2,8	8,4	3,5	100
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	74,8	7,5	1,7	1,3	0,9	2	0,4	2,7	0,6	1,3	5,3	1,6	100
Adm. pública, defesa e seg. social	32,4	6,3	5	5,3	5	3,9	3,4	7,1	5	5,3	11,6	9,7	100
Educação	55	7	2,6	3,3	2,4	4,7	1,9	5	2,4	2,8	8,2	4,5	100
Saúde e serviços sociais	63,5	5,5	1,9	2,1	1,9	3,1	0,8	5,8	1,7	3,1	6,7	3,9	100
Outros serv. coletivos, soc. e pessoais	47,5	6,9	3,6	4,2	3,2	4,1	1,5	6,4	2,4	4	10,3	5,9	100
TOTAL GERAL	53,7	7,3	3,3	3,3	2,6	3,7	1,3	5,2	2,2	3,3	10	4,1	100

Fonte: IBGE, Cempre, 2005

Quadro 21A

PARTICIPAÇÃO TOTAL DO PESSOAL OCUPADO DE CADA MICRORREGIÃO NO ESPÍRITO SANTO

Percentual por Atividade Econômica em 2005

ATIVIDADE ECONÔMICA	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	6,2	38,2	6,8	5,4	1,4	28,6	1,6	3,1	0,3	6,4	1,6	0,5	100
Pesca	37,3	51,8	-	-	-	10,8	-	-	-	-	-	-	100
Indústria extrativa	21,3	3,4	0,7	3,5	1,3	4,8	0,8	6,8	22,9	7,6	25,8	1,2	100
Indústria de transformação	46,5	14	2,6	1,9	2	2,2	0,3	9,9	0,7	5,1	14	0,9	100
Prod. e distr. de eletr., gás e água	55,3	9,9	3,3	0,9	1,2	5	0,7	13,9	1	1,6	3,6	3,7	100
Construção	82,5	7,2	1,3	0,6	0,5	1,8	0,2	1,3	0,2	0,6	3,3	0,5	100
Comércio, rep. de veículos automotores, obj. pessoais e domésticos	58,6	7,3	2,5	2,5	1,8	4	0,8	6	1,6	2,5	9,4	2,9	100
Alojamento e alimentação	66,8	7,3	3	3,1	1,7	4,7	0,3	3	0,7	1,5	5,9	1,8	100
Transporte, armaz. e comunicação	71,2	6,6	4,1	1,5	0,8	3,2	0,2	3	0,5	1	7,2	0,8	100
Interm. financeira, seg., prev. complementar e serv. relacionados	72,1	4,5	1,5	2,2	1,6	1,6	0,4	3,8	0,6	1,9	7,9	1,9	100
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	84,8	5,1	1,4	0,6	0,4	1	0,1	2	0,2	0,5	2,8	1	100
Adm. pública, defesa e seg. social	62,2	5,3	3,5	2,4	1,4	3,6	1,3	4,2	2,3	2,4	7,5	3,9	100
Educação	75	3,6	1,1	1,6	1,2	1,6	0,2	6,4	0,7	1,2	6	1,4	100
Saúde e serviços sociais	65,4	8,3	1,1	1,4	1,6	1,7	0,4	4,2	0,8	1,6	11,1	2,4	100
Outros serv. coletivos, soc. e pessoais	70,5	6,2	1,6	1,7	1,4	3,4	0,8	3,9	0,9	2	5,8	1,9	100
TOTAL (Cempré 2005)	63,1	7,8	2,5	2	1,4	3,3	0,6	5,1	1,4	2,4	8,3	2,1	100
POPULAÇÃO OCUPADA (Censo 2000)	44,2	7,4	3,7	5,1	4,1	4,8	1,4	6,2	3,1	4,1	10,4	5,5	100

Fonte: IBGE, Cempré, 2005 e IBGE, Censo Demográfico, 2000

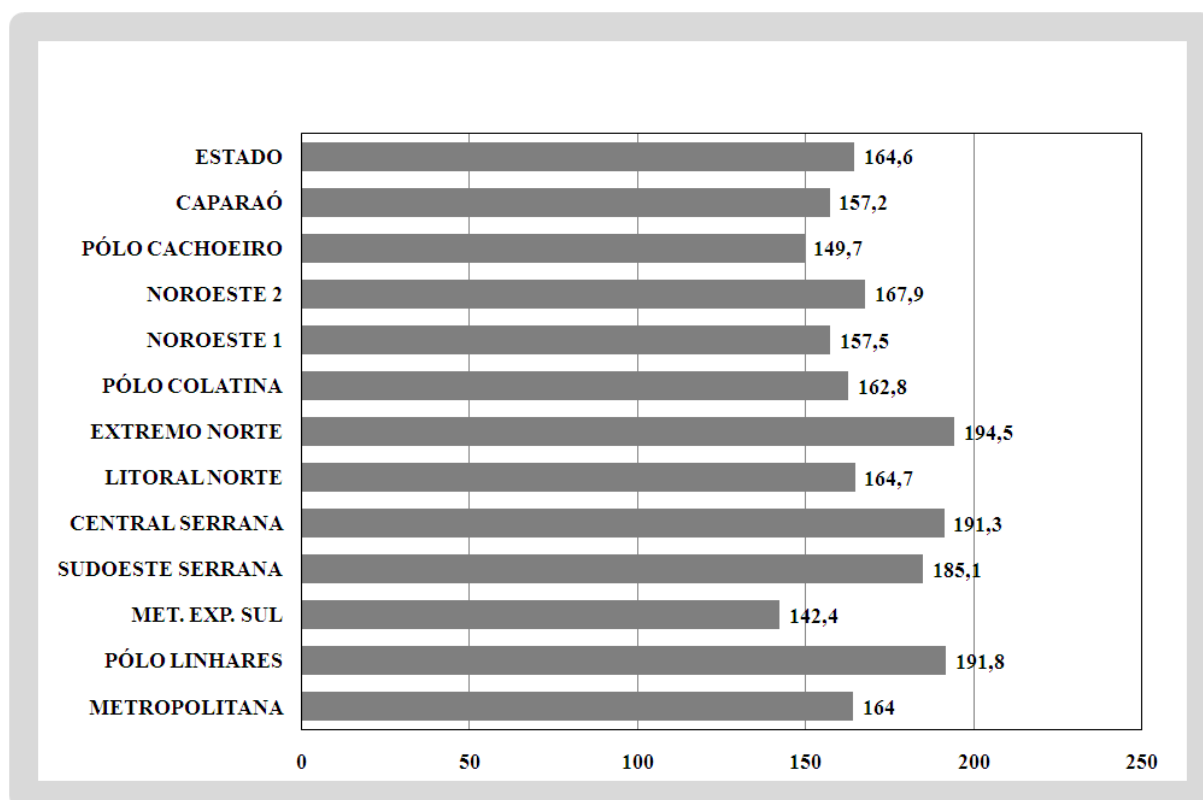


Ilustração 2A - Taxa de Aumento do Número de Unidades Locais por Microrregião do Espírito Santo - 1996-2005 (1996 = 100)

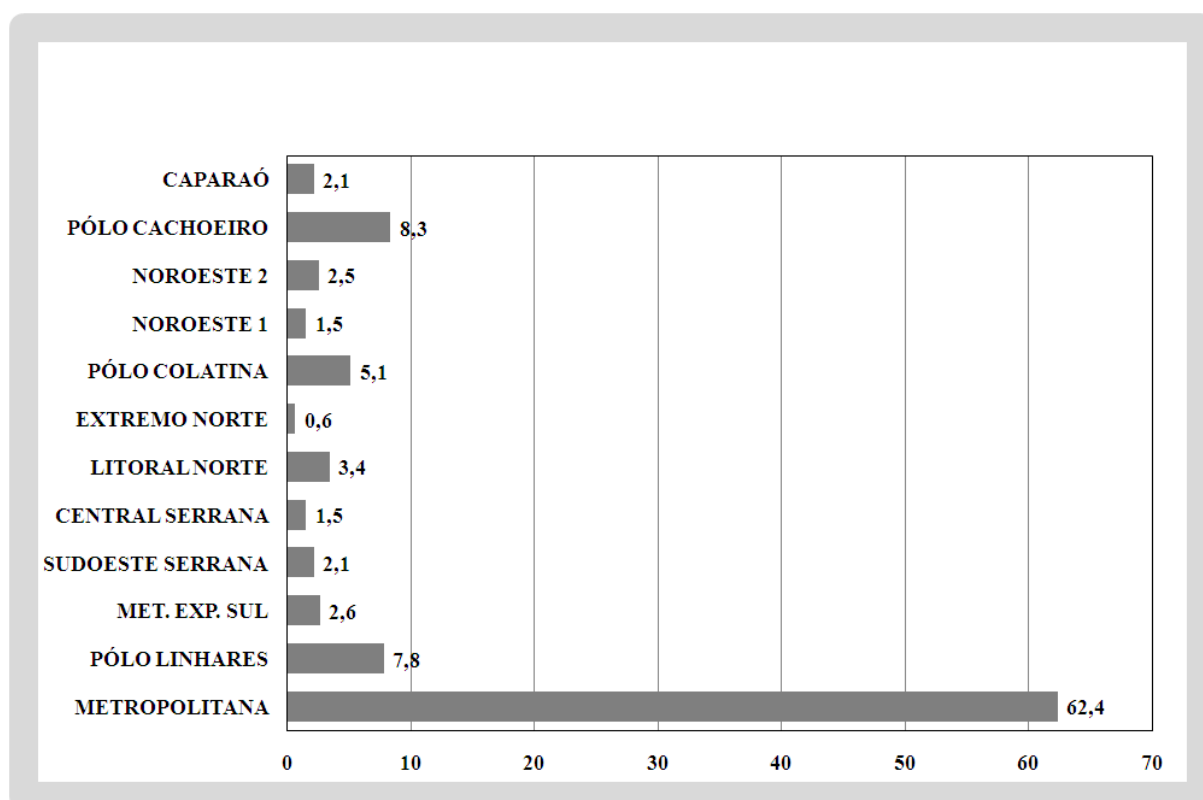


Ilustração 3A - Participação do Pessoal Ocupado Total nas Unidades Locais por Microrregiões no Espírito Santo - 2005 (%)

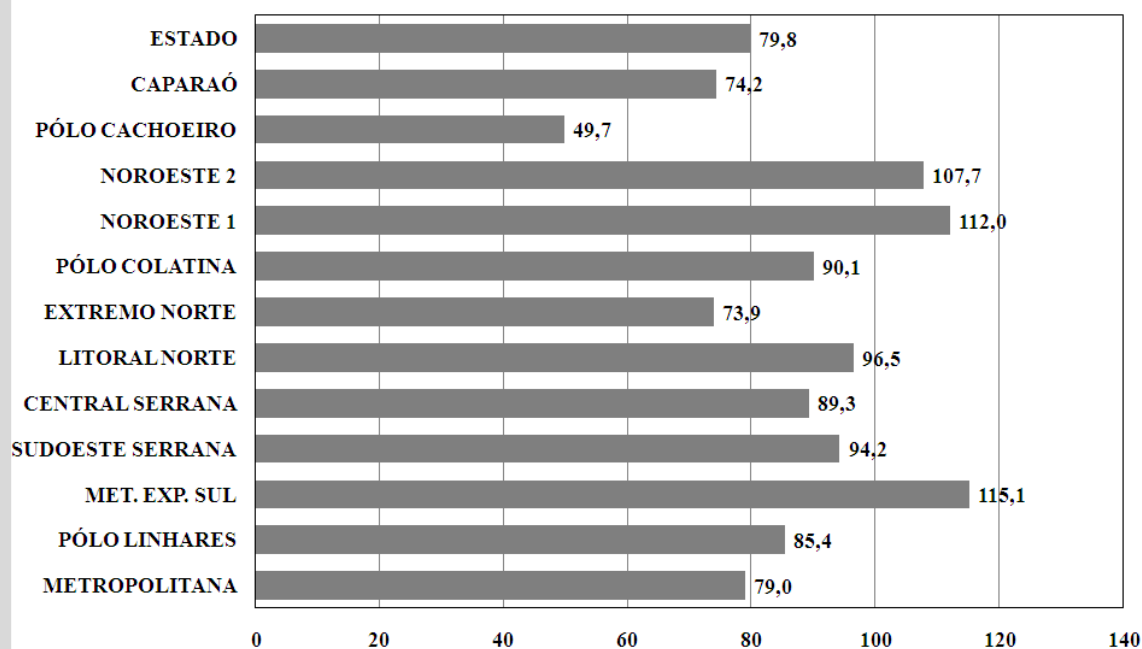


Ilustração 4A - Evolução do Pessoal Ocupado Total nas Unidades Locais por Microrregião no Espírito Santo - 1996-2005

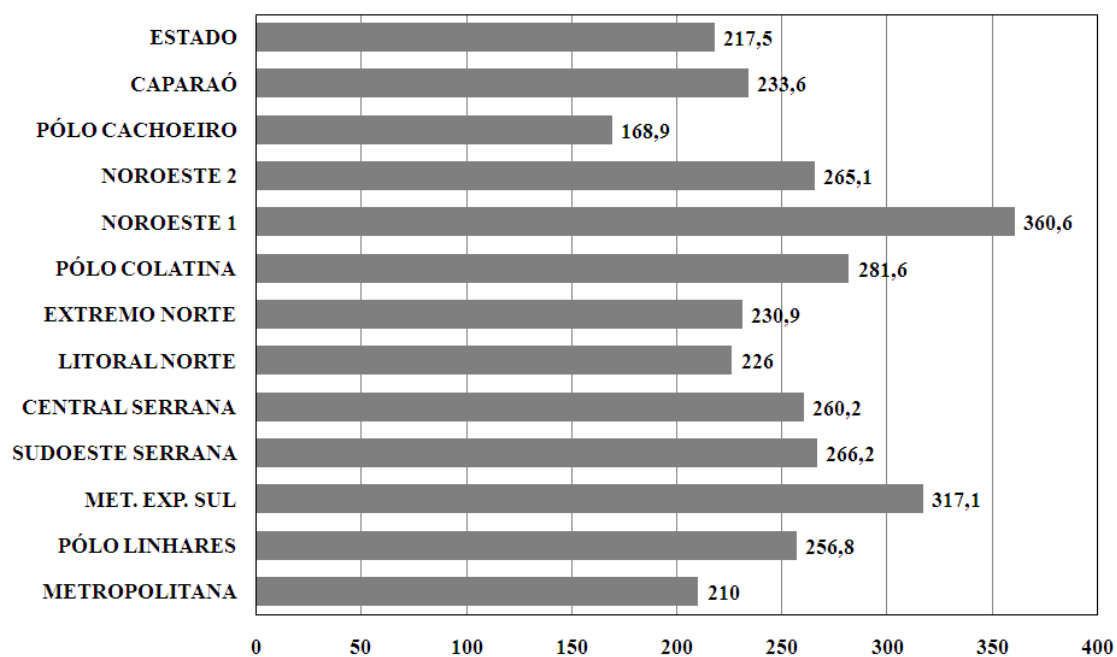


Ilustração 5A - Evolução do Salário Total nas Unidades Locais por Microrregião no Espírito Santo - 1996-2005 (%)

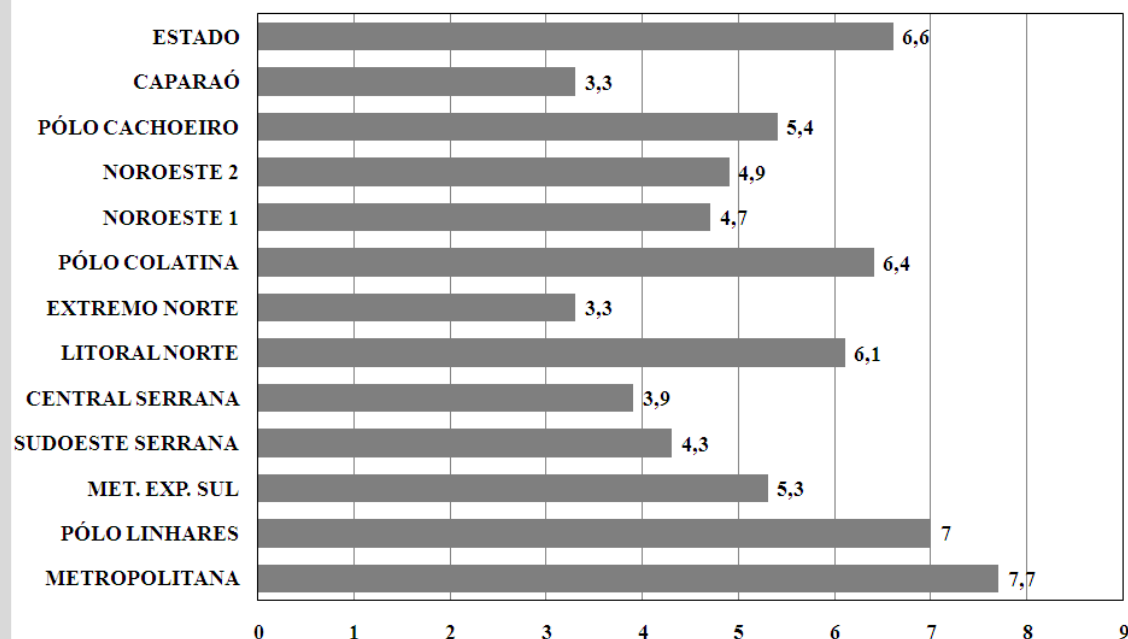


Ilustração 6A - Tamanho Médio (Pessoal Ocupado Total/Número de Unidades Locais) por Microrregião do Espírito Santo - 2005 (%)

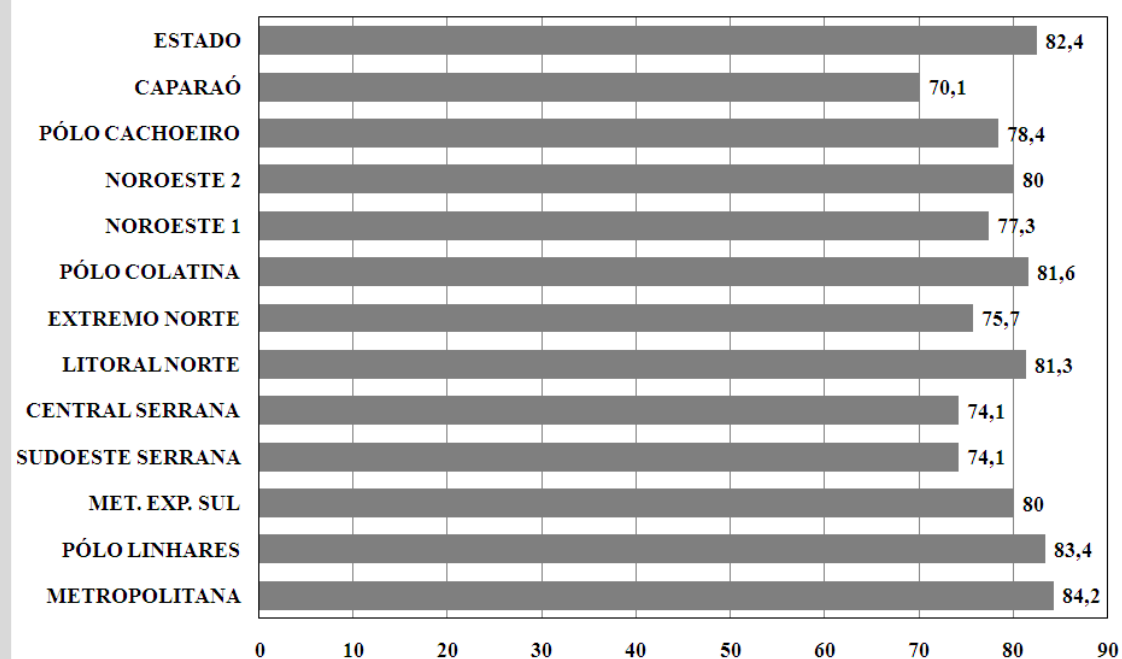


Ilustração 7A - Participação do Pessoal Assalariado no Pessoal Total por Microrregião no Espírito Santo - 2005 (%)

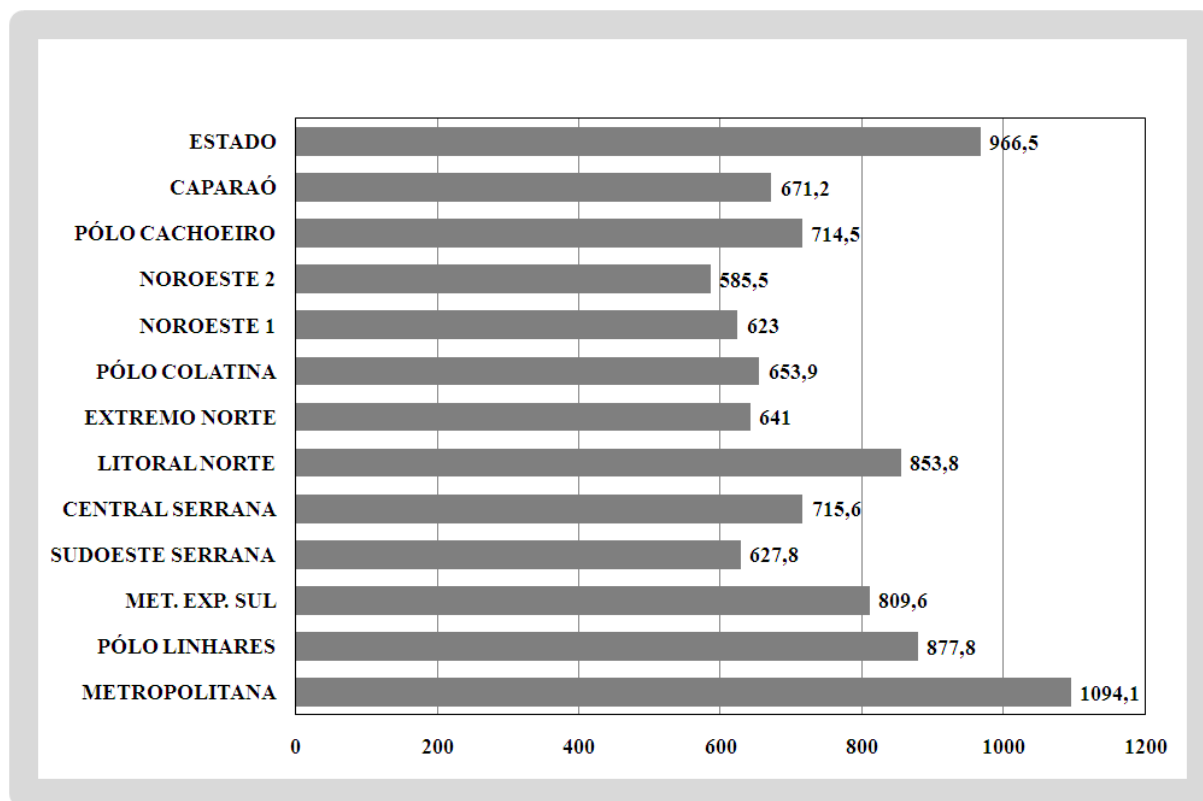


Ilustração 8A - Salário Mensal Médio por Microrregião do Espírito Santo - 2005 (R\$)

Quadro 22A

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS EMPRESAS DA REGIÃO METROPOLITANA

Por Atividade Econômica em 2005

ATIVIDADE ECONÔMICA		UNIDADES LOCAIS		PESSOAL OCUPADO TOTAL		PESSOAL ASSALARIADO		SALÁRIOS EM MILHÕES	
		abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual
A	Agric., pecuária, silvicultura e exploração florestal	134	0,2	543	0,1	392	0,3	2,67	0,1
B	Pesca	17	-	31	-	11	-	0,12	-
C	Indústrias extrativas	156	0,3	2.367	0,5	2.191	0,4	58,42	1,1
D	Indústrias de transformação	4.479	7,3	51.961	11	46.033	13,9	733,42	14,1
E	Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	45	0,1	1.865	0,4	1.859	0,3	75,34	1,4
F	Construção	1.969	3,2	38.029	8,1	35.147	8	274,44	5,3
G	Com.; rep. de veíc. automotores, obj. pess. e domésticos	27.228	44,2	114.704	24,3	81.383	22,5	579,89	11,1
H	Alojamento e alimentação	3.809	6,2	18.848	4	14.334	3,9	74,16	1,4
I	Transporte, armazenagem e comunicações	2.678	4,4	36.421	7,7	33.118	11,9	484,29	9,3
J	Interm. fin., seguros, prev. compl. e serv. relacionados	1.210	2	8.305	1,8	7.306	1,3	205,80	4
K	Ativ. imobiliárias, aluguéis e serv. prestados às empresas	11.561	18,8	68.052	14,4	52.890	15,5	415,41	8
L	Administração pública, defesa e seguridade social	123	0,2	73.395	15,6	73.384	14,3	1.668,99	32
M	Educação	1.189	1,9	18.776	4	17.195	2,8	304,78	5,9
N	Saúde e serviços sociais	2.024	3,3	17.094	3,6	14.021	2,2	116,84	2,2
O	Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	4.926	8	20.842	4,4	17.531	2,6	214,76	4,1
TOTAL GERAL		61.548	100	471.233	100	396.795	100	5.209,32	100

Fonte: IBGE. Cadastro Central de Empresas

Quadro 23A

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS EMPRESAS DA REGIÃO PÓLO LINHARES

Por Atividade Econômica em 2005

ATIVIDADE ECONÔMICA		UNIDADES LOCAIS		PESSOAL OCUPADO TOTAL		PESSOAL ASSALARIADO		SALÁRIOS EM MILHÕES	
		abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual
A	Agric., pecuária, silvicultura e exploração florestal	177	2,1	3.354	5,7	3.097	5,5	20.329,00	4
B	Pesca	10	0,1	43	0,1	40	-	406,00	0,1
C	Indústrias extrativas	66	0,8	377	0,6	299	1	2.863,00	0,6
D	Indústrias de transformação	969	11,5	15.650	26,7	14.326	24	217.715,00	42,4
E	Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	18	0,2	333	0,6	333	0,5	6.357,00	1,2
F	Construção	224	2,7	3.320	5,7	2.983	7,9	27.746,00	5,4
G	Com.; rep. de veíc. automotores, obj. pess. e domésticos	3.692	44	14.295	24,4	9.884	21,4	59.739,00	11,6
H	Alojamento e alimentação	430	5,1	2.063	3,5	1.594	3,1	8.302,00	1,6
I	Transporte, armazenagem e comunicações	446	5,3	3.365	5,7	2.881	4,7	37.732,00	7,3
J	Interm. fin., seguros, prev. compl. e serv. relacionados	150	1,8	518	0,9	395	1,1	11.131,00	2,2
K	Ativ. imobiliárias, aluguéis e serv. prestados às empresas	1.152	13,7	4.058	6,9	2.431	7,3	22.965,00	4,5
L	Administração pública, defesa e seguridade social	24	0,3	6.313	10,8	6.313	17,2	62.605,00	12,2
M	Educação	152	1,8	901	1,5	774	1,1	8.783,00	1,7
N	Saúde e serviços sociais	175	2,1	2.169	3,7	1.928	2,6	14.929,00	2,9
O	Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	712	8,5	1.830	3,1	1.480	2,5	12.169,00	2,4
TOTAL GERAL		8.397	100	58.589	100	48.758	100	513.771,00	100

Fonte: IBGE. Cadastro Central de Empresas

Quadro 24A

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS EMPRESAS DA REGIÃO METROPOLITANA EXPANDIDA SUL

Por Atividade Econômica em 2005

ATIVIDADE ECONÔMICA		UNIDADES LOCAIS		PESSOAL OCUPADO TOTAL		PESSOAL ASSALARIADO		SALÁRIOS EM MILHÕES	
		abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual
A	Agric., pecuária, silvicultura e exploração florestal	20	0,5	595	3,2	577	3	4.546,00	4
B	Pesca	6	0,2	-	-	-	-	0,00	-
C	Indústrias extrativas	36	1	74	0,4	37	0,2	261,00	0,2
D	Indústrias de transformação	335	8,9	2.878	15,5	2.424	14,6	19.302,00	17
E	Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	15	0,4	111	0,6	111	0,7	3.144,00	2,8
F	Construção	98	2,6	587	3,2	457	3,5	2.245,00	2
G	Com.; rep. de veíc. automotores, obj. pess. e domésticos	1.904	50,7	4.957	26,7	2.844	21,9	15.390,00	13,6
H	Alojamento e alimentação	335	8,9	856	4,6	466	3,3	2.092,00	1,8
I	Transporte, armazenagem e comunicações	184	4,9	2.084	11,2	1.865	13,7	15.102,00	13,3
J	Interm. fin., seguros, prev. compl. e serv. relacionados	57	1,5	172	0,9	155	1,2	4.675,00	4,1
K	Ativ. imobiliárias, aluguéis e serv. prestados às empresas	257	6,8	1.121	6	824	5,6	4.340,00	3,8
L	Administração pública, defesa e seguridade social	19	0,5	4.111	22,1	4.111	26,7	37.019,00	32,6
M	Educação	57	1,5	270	1,5	241	1,8	1.665,00	1,5
N	Saúde e serviços sociais	59	1,6	276	1,5	209	1,4	1.537,00	1,4
O	Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	377	10	474	2,6	304	2,4	2.126,00	1,9
TOTAL GERAL		3.759	100	18.566	100	14.625	100	113.444,00	100

Fonte: IBGE. Cadastro Central de Empresas

Quadro 25A

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS EMPRESAS DA REGIÃO CENTRAL SERRANA

Por Atividade Econômica em 2005

ATIVIDADE ECONÔMICA		UNIDADES LOCAIS		PESSOAL OCUPADO TOTAL		PESSOAL ASSALARIADO		SALÁRIOS EM MILHÕES	
		abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual
A	Agric., pecuária, silvicultura e exploração florestal	27	0,9	123	1,2	104	2,1	786,00	1,2
B	Pesca	1	-	-	-	-	-	-	-
C	Indústrias extrativas	73	2,4	140	1,3	75	1,3	593,00	0,9
D	Indústrias de transformação	349	11,7	2.253	21,4	1.834	21	9.881,00	15,4
E	Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	17	0,6	39	0,4	39	0,7	1.209,00	1,9
F	Construção	52	1,7	240	2,3	159	1,6	1.297,00	2
G	Com.; rep. de veíc. automotores, obj. pess. e domésticos	1.405	47,1	3.580	34	2.067	30,4	11.185,00	17,4
H	Alojamento e alimentação	271	9,1	490	4,7	216	2,6	810,00	1,3
I	Transporte, armazenagem e comunicações	121	4,1	385	3,7	262	3,1	1.863,00	2,9
J	Interm. fin., seguros, prev. compl. e serv. relacionados	48	1,6	189	1,8	169	2,3	4.671,00	7,3
K	Ativ. imobiliárias, aluguéis e serv. prestados às empresas	146	4,9	291	2,8	121	1,8	492,00	0,8
L	Administração pública, defesa e seguridade social	19	0,6	1.660	15,8	1.660	22	23.456,00	36,6
M	Educação	52	1,7	310	2,9	269	2,4	4.187,00	6,5
N	Saúde e serviços sociais	62	2,1	421	4	330	5,6	2.182,00	3,4
O	Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	337	11,3	401	3,8	255	3,1	1.503,00	2,3
TOTAL GERAL		2.980	100	10.522	100	7.560	100	64.115,00	100

Fonte: IBGE. Cadastro Central de Empresas

Quadro 26A

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS EMPRESAS DA REGIÃO SUDOESTE SERRANA

Por Atividade Econômica em 2005

ATIVIDADE ECONÔMICA		UNIDADES LOCAIS		PESSOAL OCUPADO TOTAL		PESSOAL ASSALARIADO		SALÁRIOS EM MILHÕES	
		abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual
A	Agric., pecuária, silvicultura e exploração florestal	53	1,4	478	3,3	427	3,8	1.923,00	2,5
B	Pesca	1	-	-	-	-	-	-	-
C	Indústrias extrativas	90	2,4	385	2,6	292	3,1	2.021,00	2,6
D	Indústrias de transformação	341	9,1	2.120	14,4	1.665	14	10.778,00	13,8
E	Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	14	0,4	29	0,2	29	0,2	796,00	1
F	Construção	66	1,8	260	1,8	165	1,2	673,00	0,9
G	Com.; rep. de veíc. automotores, obj. pess. e domésticos	1.892	50,4	4.929	33,5	2.688	27,7	13.920,00	17,9
H	Alojamento e alimentação	343	9,1	878	6	497	3,6	2.314,00	3
I	Transporte, armazenagem e comunicações	118	3,1	777	5,3	630	5,5	8.260,00	10,6
J	Interm. fin., seguros, prev. compl. e serv. relacionados	57	1,5	258	1,8	213	1,9	5.771,00	7,4
K	Ativ. imobiliárias, aluguéis e serv. prestados às empresas	194	5,2	520	3,5	297	2,2	1.674,00	2,1
L	Administração pública, defesa e seguridade social	20	0,5	2.809	19,1	2.809	29,9	22.430,00	28,8
M	Educação	71	1,9	390	2,7	290	2	3.510,00	4,5
N	Saúde e serviços sociais	66	1,8	371	2,5	293	2,1	1.969,00	2,5
O	Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	431	11,5	496	3,4	282	2,8	1.903,00	2,4
TOTAL GERAL		3.757	100	14.700	100	10.577	100	77.942,00	100

Fonte: IBGE. Cadastro Central de Empresas

Quadro 27A

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS EMPRESAS DA REGIÃO LITORAL NORTE

Por Atividade Econômica em 2005

ATIVIDADE ECONÔMICA		UNIDADES LOCAIS		PESSOAL OCUPADO TOTAL		PESSOAL ASSALARIADO		SALÁRIOS EM MILHÕES	
		abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual
A	Agric., pecuária, silvicultura e exploração florestal	101	2,4	2.511	10,3	2.392	9,1	15.897,00	7,9
B	Pesca	10	0,2	9	-	1	-	59,00	-
C	Indústrias extrativas	19	0,5	537	2,2	525	1,1	36.580,00	18,1
D	Indústrias de transformação	347	8,2	2.413	9,9	1.962	15	24.774,00	12,3
E	Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	12	0,3	170	0,7	170	0,7	2.732,00	1,4
F	Construção	91	2,2	844	3,5	713	5,4	8.878,00	4,4
G	Com.; rep. de veíc. automotores, obj. pess. e domésticos	2.111	50,1	7.755	31,9	5.080	28,8	28.331,00	14
H	Alojamento e alimentação	334	7,9	1.329	5,5	940	4,1	5.343,00	2,6
I	Transporte, armazenagem e comunicações	182	4,3	1.625	6,7	1.436	5	14.240,00	7
J	Interm. fin., seguros, prev. compl. e serv. relacionados	58	1,4	184	0,8	163	1	5.176,00	2,6
K	Ativ. imobiliárias, aluguéis e serv. prestados às empresas	311	7,4	828	3,4	450	2	4.307,00	2,1
L	Administração pública, defesa e seguridade social	15	0,4	4.265	17,5	4.264	18,1	44.379,00	21,9
M	Educação	102	2,4	405	1,7	317	1,7	2.154,00	1,1
N	Saúde e serviços sociais	100	2,4	448	1,8	305	1,6	1.828,00	0,9
O	Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	424	10,1	1.018	4,2	821	6,3	7.535,00	3,7
TOTAL GERAL		4.217	100	24.341	100	19.539	100	202.213,00	100

Fonte: IBGE. Cadastro Central de Empresas

Quadro 28A

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS EMPRESAS DA REGIÃO EXTREMO NORTE

Por Atividade Econômica em 2005

ATIVIDADE ECONÔMICA		UNIDADES LOCAIS		PESSOAL OCUPADO TOTAL		PESSOAL ASSALARIADO		SALÁRIOS EM MILHÕES	
		abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual
A	Agric., pecuária, silvicultura e exploração florestal	23	1,6	142	3,1	120	5	835,00	3,2
B	Pesca	-	-	-	-	-	-	-	-
C	Indústrias extrativas	12	0,8	93	2	82	3,6	811,00	3,1
D	Indústrias de transformação	133	9,2	324	7,1	193	4,5	910,00	3,5
E	Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	8	0,6	22	0,5	22	0,5	625,00	2,4
F	Construção	30	2,1	96	2,1	48	2,4	161,00	0,6
G	Com.; rep. de veíc. automotores, obj. pess. e domésticos	830	57,1	1.600	35,2	860	22	4.332,00	16,8
H	Alojamento e alimentação	46	3,2	86	1,9	50	1,1	169,00	0,7
I	Transporte, armazenagem e comunicações	50	3,4	77	1,7	39	1,3	306,00	1,2
J	Interm. fin., seguros, prev. compl. e serv. relacionados	26	1,8	48	1,1	48	1,2	1.729,00	6,7
K	Ativ. imobiliárias, aluguéis e serv. prestados às empresas	58	4	91	2	38	1,7	297,00	1,2
L	Administração pública, defesa e seguridade social	13	0,9	1.575	34,6	1.575	48,5	13.136,00	51
M	Educação	41	2,8	52	1,1	35	0,7	315,00	1,2
N	Saúde e serviços sociais	26	1,8	111	2,4	93	3,4	580,00	2,3
O	Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	157	10,8	233	5,1	180	4,2	1.546,00	6
TOTAL GERAL		1.453	100	4.550	100	3.383	100	25.752,00	100

Fonte: IBGE. Cadastro Central de Empresas

Quadro 29A

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS EMPRESAS DA REGIÃO PÓLO COLATINA

Por Atividade Econômica em 2005

ATIVIDADE ECONÔMICA		UNIDADES LOCAIS		PESSOAL OCUPADO TOTAL		PESSOAL ASSALARIADO		SALÁRIOS EM MILHÕES	
		abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual
A	Agric., pecuária, silvicultura e exploração florestal	27	0,5	270	0,7	229	1,3	2.052,00	0,8
B	Pesca	2	-	-	-	-	-	-	-
C	Indústrias extrativas	152	2,6	751	2	595	1,9	6.020,00	2,5
D	Indústrias de transformação	865	14,5	11.094	29,1	9.805	23,2	59.902,00	24,5
E	Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	10	0,2	468	1,2	462	0,5	6.788,00	2,8
F	Construção	87	1,5	615	1,6	498	1,1	2.551,00	1
G	Com.; rep. de veíc. automotores, obj. pess. e domésticos	2.818	47,3	11.713	30,7	8.148	20	50.792,00	20,8
H	Alojamento e alimentação	283	4,8	855	2,2	543	0,9	2.507,00	1
I	Transporte, armazenagem e comunicações	204	3,4	1.559	4,1	1.299	2	11.495,00	4,7
J	Interm. fin., seguros, prev. compl. e serv. relacionados	105	1,8	436	1,1	370	0,7	9.586,00	3,9
K	Ativ. imobiliárias, aluguéis e serv. prestados às empresas	419	7	1.642	4,3	1.038	3	7.016,00	2,9
L	Administração pública, defesa e seguridade social	27	0,5	4.927	12,9	4.927	40,7	55.019,00	22,5
M	Educação	108	1,8	1.594	4,2	1.488	1,5	19.356,00	7,9
N	Saúde e serviços sociais	184	3,1	1.092	2,9	824	0,8	5.272,00	2,2
O	Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	664	11,2	1.168	3,1	944	2,5	6.087,00	2,5
TOTAL GERAL		5.955	100	38.184	100	31.170	100	244.443,00	100

Fonte: IBGE. Cadastro Central de Empresas

Quadro 30A

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS EMPRESAS DA REGIÃO NOROESTE 1

Por Atividade Econômica em 2005

ATIVIDADE ECONÔMICA		UNIDADES LOCAIS		PESSOAL OCUPADO TOTAL		PESSOAL ASSALARIADO		SALÁRIOS EM MILHÕES	
		abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual
A	Agric., pecuária, silvicultura e exploração florestal	10	0,4	24	0,2	15	0,2	149,00	0,3
B	Pesca	-	-	-	-	-	-	-	-
C	Indústrias extrativas	289	11,7	2.536	23,7	2.269	30,3	18.960,00	32,4
D	Indústrias de transformação	181	7,3	748	7	512	3,6	3.556,00	6,1
E	Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	10	0,4	33	0,3	33	0,2	926,00	1,6
F	Construção	43	1,7	108	1	52	0,4	266,00	0,5
G	Com.; rep. de veíc. automotores, obj. pess. e domésticos	1.286	51,9	3.201	29,9	1.678	17,9	8.302,00	14,2
H	Alojamento e alimentação	77	3,1	197	1,8	112	0,7	486,00	0,8
I	Transporte, armazenagem e comunicações	80	3,2	232	2,2	130	1	988,00	1,7
J	Interm. fin., seguros, prev. compl. e serv. relacionados	33	1,3	71	0,7	68	0,7	2.206,00	3,8
K	Ativ. imobiliárias, aluguéis e serv. prestados às empresas	92	3,7	164	1,5	50	0,6	204,00	0,3
L	Administração pública, defesa e seguridade social	19	0,8	2.754	25,7	2.754	39,3	19.987,00	34,2
M	Educação	51	2,1	179	1,7	111	0,8	865,00	1,5
N	Saúde e serviços sociais	53	2,1	213	2	139	1,1	669,00	1,1
O	Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	253	10,2	257	2,4	161	3,3	894,00	1,5
TOTAL GERAL		2.477	100	10.717	100	8.084	100	58.458,00	100

Fonte: IBGE. Cadastro Central de Empresas

Quadro 31A

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS EMPRESAS DA REGIÃO NOROESTE 2

Por Atividade Econômica em 2005

ATIVIDADE ECONÔMICA		UNIDADES LOCAIS		PESSOAL OCUPADO TOTAL		PESSOAL ASSALARIADO		SALÁRIOS EM MILHÕES	
		abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual
A	Agric., pecuária, silvicultura e exploração florestal	25	0,7	562	3,1	535	5,7	2.421,00	2,5
B	Pesca	1	-	-	-	-	-	-	-
C	Indústrias extrativas	116	3	839	4,7	751	7,5	10.167,00	10,4
D	Indústrias de transformação	577	15,1	5.670	31,7	4.984	30	24.717,00	25,2
E	Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	11	0,3	55	0,3	53	0,2	1.740,00	1,8
F	Construção	77	2	256	1,4	165	0,8	959,00	1
G	Com.; rep. de veíc. automotores, obj. pess. e domésticos	1.814	47,6	4.858	27,2	2.948	21,2	14.931,00	15,2
H	Alojamento e alimentação	189	5	436	2,4	269	1,6	1.081,00	1,1
I	Transporte, armazenagem e comunicações	158	4,1	513	2,9	336	2	2.765,00	2,8
J	Interm. fin., seguros, prev. compl. e serv. relacionados	57	1,5	216	1,2	197	1,1	5.275,00	5,4
K	Ativ. imobiliárias, aluguéis e serv. prestados às empresas	196	5,1	376	2,1	149	0,9	698,00	0,7
L	Administração pública, defesa e seguridade social	20	0,5	2.798	15,6	2.798	23,4	26.453,00	26,9
M	Educação	61	1,6	311	1,7	242	0,9	1.900,00	1,9
N	Saúde e serviços sociais	98	2,6	410	2,3	307	1,4	1.961,00	2
O	Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	412	10,8	583	3,3	446	3,2	3.162,00	3,2
TOTAL GERAL		3.812	100	17.883	100	14.180	100	98.230,00	100

Fonte: IBGE. Cadastro Central de Empresas

Quadro 32A

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS EMPRESAS DA REGIÃO PÓLO CACHOEIRO

Por Atividade Econômica em 2005

ATIVIDADE ECONÔMICA		UNIDADES LOCAIS		PESSOAL OCUPADO TOTAL		PESSOAL ASSALARIADO		SALÁRIOS EM MILHÕES	
		abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual
A	Agric., pecuária, silvicultura e exploração florestal	29	0,3	138	0,2	124	0,3	753,00	0,2
B	Pesca	-	-	-	-	-	-	-	-
C	Indústrias extrativas	397	3,5	2.860	4,6	2.331	3,9	21.040,00	5
D	Indústrias de transformação	1.697	14,8	15.590	25,1	13.174	18,2	111.588,00	26,6
E	Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	35	0,3	122	0,2	127	0,2	4.004,00	1
F	Construção	285	2,5	1.528	2,5	1.113	2,1	8.199,00	2
G	Com.; rep. de veíc. automotores, obj. pess. e domésticos	5.575	48,5	18.405	29,6	11.693	19,4	72.151,00	17,2
H	Alojamento e alimentação	547	4,8	1.657	2,7	1.055	1,7	5.203,00	1,2
I	Transporte, armazenagem e comunicações	430	3,7	3.699	6	3.191	3	28.088,00	6,7
J	Interm. fin., seguros, prev. compl. e serv. relacionados	171	1,5	905	1,5	747	1,2	19.444,00	4,6
K	Ativ. imobiliárias, aluguéis e serv. prestados às empresas	813	7,1	2.265	3,6	1.304	1,8	7.810,00	1,9
L	Administração pública, defesa e seguridade social	44	0,4	8.838	14,2	9.292	40,2	93.937,00	22,4
M	Educação	178	1,5	1.493	2,4	1.351	1,3	18.068,00	4,3
N	Saúde e serviços sociais	215	1,9	2.907	4,7	2.592	2,8	20.504,00	4,9
O	Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	1.069	9,3	1.706	2,7	1.251	3,9	9.310,00	2,2
TOTAL GERAL		11.485	100	62.113	100	49.345	100	420.099,00	100

Fonte: IBGE. Cadastro Central de Empresas

Quadro 33A

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS EMPRESAS DA REGIÃO CAPARAÓ

Por Atividade Econômica em 2005

ATIVIDADE ECONÔMICA		UNIDADES LOCAIS		PESSOAL OCUPADO TOTAL		PESSOAL ASSALARIADO		SALÁRIOS EM MILHÕES	
		abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual	abs.	Percentual
A	Agric., pecuária, silvicultura e exploração florestal	28	0,6	42	0,3	24	0,1	214,00	0,3
B	Pesca	2	-	-	-	-	-	-	-
C	Indústrias extrativas	43	0,9	138	0,9	97	0,9	903,00	1,2
D	Indústrias de transformação	288	6,1	1.055	6,8	593	4,7	3.442,00	4,4
E	Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	28	0,6	126	0,8	116	0,7	1.745,00	2,2
F	Construção	84	1,8	224	1,4	86	1	345,00	0,4
G	Com.; rep. de veíc. automotores, obj. pess. e domésticos	2.617	55,2	5.763	37,2	2.638	27,7	14.744,00	18,9
H	Alojamento e alimentação	288	6,1	514	3,3	219	1,9	903,00	1,2
I	Transporte, armazenagem e comunicações	168	3,5	429	2,8	240	2,4	1.886,00	2,4
J	Interm. fin., seguros, prev. compl. e serv. relacionados	71	1,5	223	1,4	163	1,4	5.126,00	6,6
K	Ativ. imobiliárias, aluguéis e serv. prestados às empresas	248	5,2	828	5,3	524	3,5	3.039,00	3,9
L	Administração pública, defesa e seguridade social	37	0,8	4.569	29,5	3.848	46,3	38.138,00	48,9
M	Educação	98	2,1	362	2,3	273	1,8	2.894,00	3,7
N	Saúde e serviços sociais	124	2,6	630	4,1	457	4,2	3.135,00	4
O	Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	616	13	576	3,7	304	3,3	1.550,00	2
TOTAL GERAL		4.740	100	15.479	100	9.582	100	78.064,00	100

Fonte: IBGE. Cadastro Central de Empresas

Quadro 34A

PRODUÇÃO DE ARROZ NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	1.444	5.118	1.426	5.117	4.720	493	788	20.258	26.983	13.470	7.598	5.697	93.112
1991	1.253	4.824	2.400	5.405	5.230	464	867	22.733	26.610	13.780	9.162	7.289	100.017
1992	1.275	4.285	1.811	5.513	5.420	799	1.018	18.983	14.874	13.146	9.271	6.205	82.600
1993	566	3.160	2.226	4.630	4.920	186	213	17.078	27.150	10.248	8.552	6.242	85.171
1994	673	2.980	2.320	4.905	5.045	378	190	16.456	27.960	10.245	8.401	5.155	84.708
1995	421	2.191	2.216	5.051	3.025	95	113	9.374	18.555	5.940	7.563	5.570	60.114
1996	85	998	107	3.722	1.270	77	-	4.561	7.201	3.448	4.657	1.875	28.001
1997	81	648	147	3.799	1.525	85	-	4.120	8.040	3.641	3.207	1.647	26.940
1998	93	356	788	2.733	1.305	16	-	4.545	7.600	2.955	2.233	1.212	23.836
1999	75	344	456	2.197	1.085	-	-	3.769	8.800	1.521	2.339	1.093	21.679
2000	65	155	583	1.296	695	-	-	3.848	6.230	1.645	1.850	812	17.179
2001	63	155	527	1.114	395	-	-	3.708	5.690	1.215	1.343	506	14.716
2002	33	115	184	482	300	-	-	2.920	5.690	965	1.500	369	12.558
2003	33	106	85	472	350	-	-	1.018	3.345	797	1.251	411	7.868
2004	35	109	108	354	515	-	-	1.190	6.260	973	1.635	503	11.682
2005	38	102	134	329	525	-	-	1.180	6.125	1.018	1.524	765	11.740
2006	30	87	-	297	500	20	-	1.295	4.530	1.098	1.211	478	9.546
1990	1,6	5,5	1,5	5,5	5,1	0,5	0,8	21,8	29	14,5	8,2	6,1	100
1991	1,3	4,8	2,4	5,4	5,2	0,5	0,9	22,7	26,6	13,8	9,2	7,3	100
1992	1,5	5,2	2,2	6,7	6,6	1	1,2	23	18	15,9	11,2	7,5	100
1993	0,7	3,7	2,6	5,4	5,8	0,2	0,3	20,1	31,9	12	10	7,3	100
1994	0,8	3,5	2,7	5,8	6	0,4	0,2	19,4	33	12,1	9,9	6,1	100
1995	0,7	3,6	3,7	8,4	5	0,2	0,2	15,6	30,9	9,9	12,6	9,3	100
1996	0,3	3,6	0,4	13,3	4,5	0,3	-	16,3	25,7	12,3	16,6	6,7	100
1997	0,3	2,4	0,5	14,1	5,7	0,3	-	15,3	29,8	13,5	11,9	6,1	100
1998	0,4	1,5	3,3	11,5	5,5	0,1	-	19,1	31,9	12,4	9,4	5,1	100
1999	0,3	1,6	2,1	10,1	5	-	-	17,4	40,6	7	10,8	5	100
2000	0,4	0,9	3,4	7,5	4	-	-	22,4	36,3	9,6	10,8	4,7	100
2001	0,4	1,1	3,6	7,6	2,7	-	-	25,2	38,7	8,3	9,1	3,4	100
2002	0,3	0,9	1,5	3,8	2,4	-	-	23,3	45,3	7,7	11,9	2,9	100
2003	0,4	1,3	1,1	6	4,4	-	-	12,9	42,5	10,1	15,9	5,2	100
2004	0,3	0,9	0,9	3	4,4	-	-	10,2	53,6	8,3	14	4,3	100
2005	0,3	0,9	1,1	2,8	4,5	-	-	10,1	52,2	8,7	13	6,5	100
2006	0,3	0,9	-	3,1	5,2	0,2	-	13,6	47,5	11,5	12,7	5	100

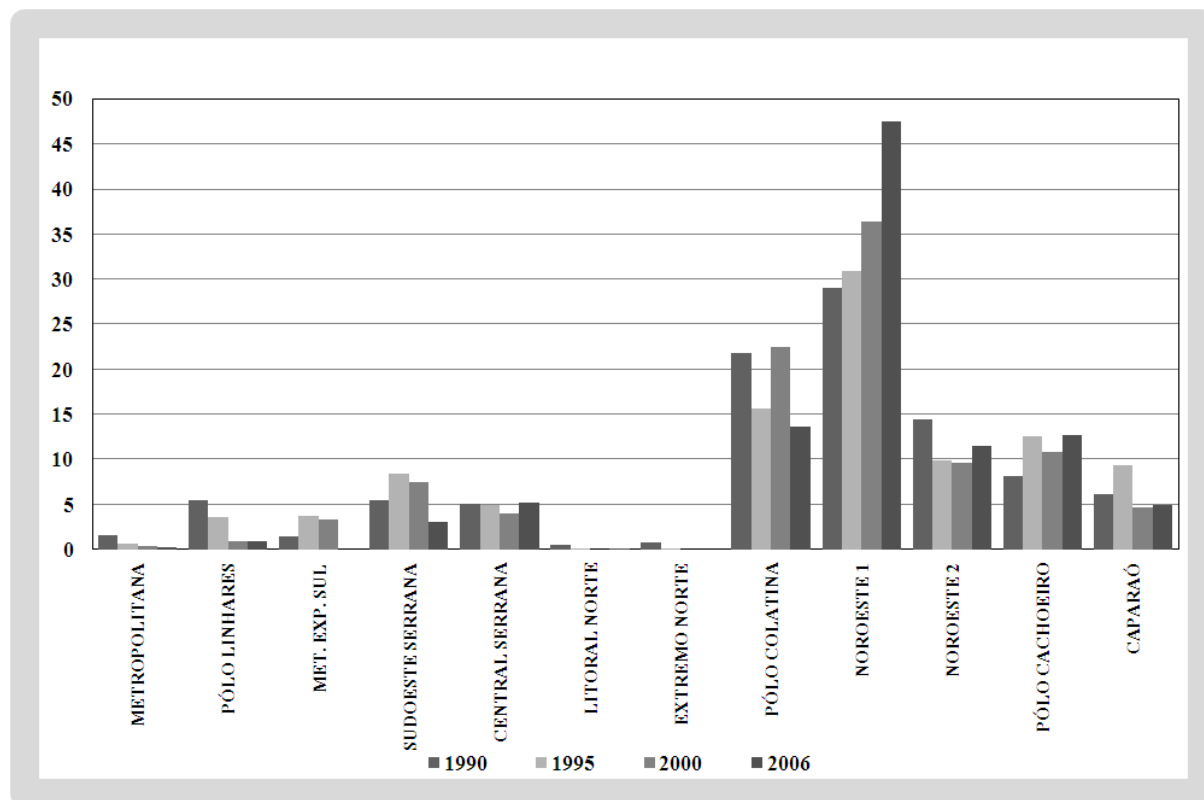
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 35A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE ARROZ NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1991	86,8	94,3	168,3	105,6	110,8	94,1	110	112,2	98,6	102,3	120,6	127,9	107,4
1992	88,3	83,7	127	107,7	114,8	162,1	129,2	93,7	55,1	97,6	122	108,9	88,7
1993	39,2	61,7	156,1	90,5	104,2	37,7	27	84,3	100,6	76,1	112,6	109,6	91,5
1994	46,6	58,2	162,7	95,9	106,9	76,7	24,1	81,2	103,6	76,1	110,6	90,5	91
1995	29,2	42,8	155,4	98,7	64,1	19,3	14,3	46,3	68,8	44,1	99,5	97,8	64,6
1996	5,9	19,5	7,5	72,7	26,9	15,6	-	22,5	26,7	25,6	61,3	32,9	30,1
1997	5,6	12,7	10,3	74,2	32,3	17,2	-	20,3	29,8	27	42,2	28,9	28,9
1998	6,4	7	55,3	53,4	27,6	3,2	-	22,4	28,2	21,9	29,4	21,3	25,6
1999	5,2	6,7	32	42,9	23	-	-	18,6	32,6	11,3	30,8	19,2	23,3
2000	4,5	3	40,9	25,3	14,7	-	-	19	23,1	12,2	24,3	14,3	18,4
2001	4,4	3	37	21,8	8,4	-	-	18,3	21,1	9	17,7	8,9	15,8
2002	2,3	2,2	12,9	9,4	6,4	-	-	14,4	21,1	7,2	19,7	6,5	13,5
2003	2,3	2,1	6	9,2	7,4	-	-	5	12,4	5,9	16,5	7,2	8,5
2004	2,4	2,1	7,6	6,9	10,9	-	-	5,9	23,2	7,2	21,5	8,8	12,5
2005	2,6	2	9,4	6,4	11,1	-	-	5,8	22,7	7,6	20,1	13,4	12,6
2006	2,1	1,7	-	5,8	10,6	4,1	-	6,4	16,8	8,2	15,9	8,4	10,3

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 9A - Arroz: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 36A

PRODUÇÃO DE FEIJÃO EM GRÃO NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO
Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	ES
1990	720	12.660	1.047	10.631	6.150	13.074	14.442	2.381	2.985	1.613	1.475	4.478	71.656
1991	1.211	12.866	1.304	8.460	4.287	9.362	18.382	3.666	2.642	2.886	2.131	3.672	70.869
1992	1.104	11.450	1.265	10.817	4.603	7.233	14.314	2.462	1.707	2.969	1.851	4.130	63.905
1993	1.006	10.872	1.366	16.553	5.062	4.769	10.151	3.228	2.602	1.689	2.231	4.643	64.172
1994	666	11.415	1.148	15.045	4.974	2.822	8.274	2.217	1.760	1.084	2.127	4.273	55.805
1995	557	10.107	1.188	10.842	2.626	3.749	2.149	617	177	213	1.729	4.055	38.009
1996	340	8.088	394	9.917	3.332	1.899	789	1.164	486	393	1.759	3.453	32.014
1997	276	6.988	483	9.212	3.467	1.940	1.369	889	521	770	1.746	3.546	31.207
1998	327	5.057	902	8.691	3.356	1.985	1.351	819	529	616	1.527	2.782	27.942
1999	428	4.006	823	9.912	2.876	1.617	473	1.069	419	667	1.611	3.199	27.100
2000	453	3.114	840	9.964	3.356	1.035	341	1.191	462	655	1.554	3.236	26.201
2001	196	2.594	395	6.891	3.013	540	1.199	1.032	432	556	946	2.160	19.954
2002	219	4.058	448	7.858	3.862	175	793	1.062	462	780	1.345	2.183	23.245
2003	251	4.579	469	7.584	4.944	478	665	410	227	504	1.898	2.626	24.635
2004	224	1.856	445	6.634	3.696	204	1.003	709	469	703	1.997	2.563	20.503
2005	275	3.079	343	5.364	3.287	416	1.313	608	364	726	1.366	2.508	19.649
2006	202	3.150	329	5.013	2.647	409	557	560	306	531	1.087	2.602	17.393
1990	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1991	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1992	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1993	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1994	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1995	1,5	26,6	3,1	28,5	6,9	9,9	5,7	1,6	0,5	0,6	4,5	10,7	100
1996	1,1	25,3	1,2	31	10,4	5,9	2,5	3,6	1,5	1,2	5,5	10,8	100
1997	0,9	22,4	1,5	29,5	11,1	6,2	4,4	2,8	1,7	2,5	5,6	11,4	100
1998	1,2	18,1	3,2	31,1	12	7,1	4,8	2,9	1,9	2,2	5,5	10	100
1999	1,6	14,8	3	36,6	10,6	6	1,7	3,9	1,5	2,5	5,9	11,8	100
2000	1,7	11,9	3,2	38	12,8	4	1,3	4,5	1,8	2,5	5,9	12,4	100
2001	1	13	2	34,5	15,1	2,7	6	5,2	2,2	2,8	4,7	10,8	100
2002	0,9	17,5	1,9	33,8	16,6	0,8	3,4	4,6	2	3,4	5,8	9,4	100
2003	1	18,6	1,9	30,8	20,1	1,9	2,7	1,7	0,9	2	7,7	10,7	100
2004	1,1	9,1	2,2	32,4	18	1	4,9	3,5	2,3	3,4	9,7	12,5	100
2005	1,4	15,7	1,7	27,3	16,7	2,1	6,7	3,1	1,9	3,7	7	12,8	100
2006	1,2	18,1	1,9	28,8	15,2	2,4	3,2	3,2	1,8	3,1	6,2	15	100

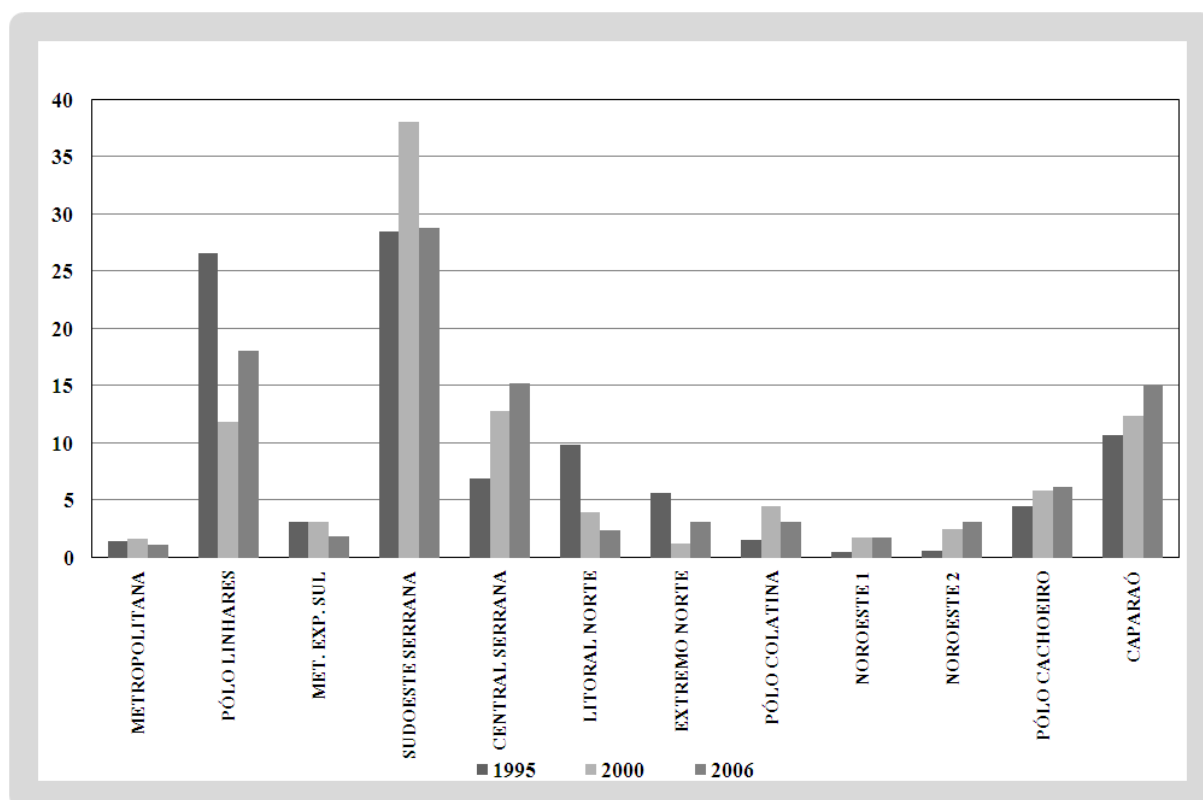
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 37A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE FEIJÃO EM GRÃO NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO
Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1991	168,2	101,6	124,5	79,6	69,7	71,6	127,3	154	88,5	178,9	144,5	82	98,9
1992	153,3	90,4	120,8	101,7	74,8	55,3	99,1	103,4	57,2	184,1	125,5	92,2	89,2
1993	139,7	85,9	130,5	155,7	82,3	36,5	70,3	135,6	87,2	104,7	151,3	103,7	89,6
1994	92,5	90,2	109,6	141,5	80,9	21,6	57,3	93,1	59	67,2	144,2	95,4	77,9
1995	77,4	79,8	113,5	102	42,7	28,7	14,9	25,9	5,9	13,2	117,2	90,6	53
1996	47,2	63,9	37,6	93,3	54,2	14,5	5,5	48,9	16,3	24,4	119,3	77,1	44,7
1997	38,3	55,2	46,1	86,7	56,4	14,8	9,5	37,3	17,5	47,7	118,4	79,2	43,6
1998	45,4	39,9	86,2	81,8	54,6	15,2	9,4	34,4	17,7	38,2	103,5	62,1	39
1999	59,4	31,6	78,6	93,2	46,8	12,4	3,3	44,9	14	41,4	109,2	71,4	37,8
2000	62,9	24,6	80,2	93,7	54,6	7,9	2,4	50	15,5	40,6	105,4	72,3	36,6
2001	27,2	20,5	37,7	64,8	49	4,1	8,3	43,3	14,5	34,5	64,1	48,2	27,8
2002	30,4	32,1	42,8	73,9	62,8	1,3	5,5	44,6	15,5	48,4	91,2	48,7	32,4
2003	34,9	36,2	44,8	71,3	80,4	3,7	4,6	17,2	7,6	31,2	128,7	58,6	34,4
2004	31,1	14,7	42,5	62,4	60,1	1,6	6,9	29,8	15,7	43,6	135,4	57,2	28,6
2005	38,2	24,3	32,8	50,5	53,4	3,2	9,1	25,5	12,2	45	92,6	56	27,4
2006	28,1	24,9	31,4	47,2	43	3,1	3,9	23,5	10,3	32,9	73,7	58,1	24,3

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 10A - Feijão em Grão : Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 38A

PRODUÇÃO DE MANDIOCA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	11.220	31.050	26.870	9.400	12.280	56.982	99.600	8.435	15.795	22.500	19.680	4.789	318.601
1991	11.874	30.150	17.400	10.775	11.550	83.700	68.480	7.585	10.168	21.600	29.320	6.790	309.392
1992	10.106	22.125	30.200	12.650	11.730	38.940	75.270	7.925	10.090	25.200	33.785	7.330	285.351
1993	9.700	24.540	21.860	14.775	10.880	32.940	110.000	8.775	13.350	21.000	37.880	7.215	312.915
1994	10.060	34.900	21.860	15.975	14.220	39.850	141.100	10.120	17.875	28.010	37.900	7.215	379.085
1995	8.140	34.900	22.220	18.975	12.170	30.220	131.060	10.635	17.855	25.200	28.600	5.840	345.815
1996	7.724	27.078	11.554	11.470	14.137	34.494	81.810	8.700	13.875	11.210	40.442	5.031	267.525
1997	7.992	28.550	17.300	11.820	14.250	34.160	72.545	7.310	8.000	13.000	43.117	3.945	261.989
1998	9.670	22.110	20.310	13.220	13.530	24.680	59.000	7.600	9.220	8.560	43.455	3.735	235.090
1999	9.730	19.190	23.430	13.200	10.250	22.170	66.700	6.650	8.620	6.900	37.370	3.735	227.945
2000	10.630	19.190	24.500	13.065	9.420	22.800	86.005	6.650	8.800	8.250	41.545	3.735	254.590
2001	8.956	18.700	24.950	7.500	10.510	17.190	103.250	6.975	11.200	8.250	39.425	3.735	260.641
2002	9.600	21.600	24.950	7.500	10.760	19.920	72.400	6.815	10.870	8.050	46.515	3.735	242.715
2003	10.050	21.900	22.700	8.050	11.120	13.780	42.300	6.260	10.460	8.990	47.170	3.735	206.515
2004	10.346	31.970	42.800	8.450	10.480	17.780	81.250	4.980	9.164	11.908	58.855	3.713	291.696
2005	9.080	47.280	41.900	7.270	11.780	27.990	95.550	4.980	10.424	12.295	67.135	3.768	339.452
2006	10.124	47.280	39.900	6.935	11.920	24.740	88.350	5.280	8.654	12.395	67.185	2.683	325.446
1990	3,5	9,7	8,4	3	3,9	17,9	31,3	2,6	5	7,1	6,2	1,5	100
1991	3,8	9,7	5,6	3,5	3,7	27,1	22,1	2,5	3,3	7	9,5	2,2	100
1992	3,5	7,8	10,6	4,4	4,1	13,6	26,4	2,8	3,5	8,8	11,8	2,6	100
1993	3,1	7,8	7	4,7	3,5	10,5	35,2	2,8	4,3	6,7	12,1	2,3	100
1994	2,7	9,2	5,8	4,2	3,8	10,5	37,2	2,7	4,7	7,4	10	1,9	100
1995	2,4	10,1	6,4	5,5	3,5	8,7	37,9	3,1	5,2	7,3	8,3	1,7	100
1996	2,9	10,1	4,3	4,3	5,3	12,9	30,6	3,3	5,2	4,2	15,1	1,9	100
1997	3,1	10,9	6,6	4,5	5,4	13	27,7	2,8	3,1	5	16,5	1,5	100
1998	4,1	9,4	8,6	5,6	5,8	10,5	25,1	3,2	3,9	3,6	18,5	1,6	100
1999	4,3	8,4	10,3	5,8	4,5	9,7	29,3	2,9	3,8	3	16,4	1,6	100
2000	4,2	7,5	9,6	5,1	3,7	9	33,8	2,6	3,5	3,2	16,3	1,5	100
2001	3,4	7,2	9,6	2,9	4	6,6	39,6	2,7	4,3	3,2	15,1	1,4	100
2002	4	8,9	10,3	3,1	4,4	8,2	29,8	2,8	4,5	3,3	19,2	1,5	100
2003	4,9	10,6	11	3,9	5,4	6,7	20,5	3	5,1	4,4	22,8	1,8	100
2004	3,5	11	14,7	2,9	3,6	6,1	27,9	1,7	3,1	4,1	20,2	1,3	100
2005	2,7	13,9	12,3	2,1	3,5	8,2	28,1	1,5	3,1	3,6	19,8	1,1	100
2006	3,1	14,5	12,3	2,1	3,7	7,6	27,1	1,6	2,7	3,8	20,6	0,8	100

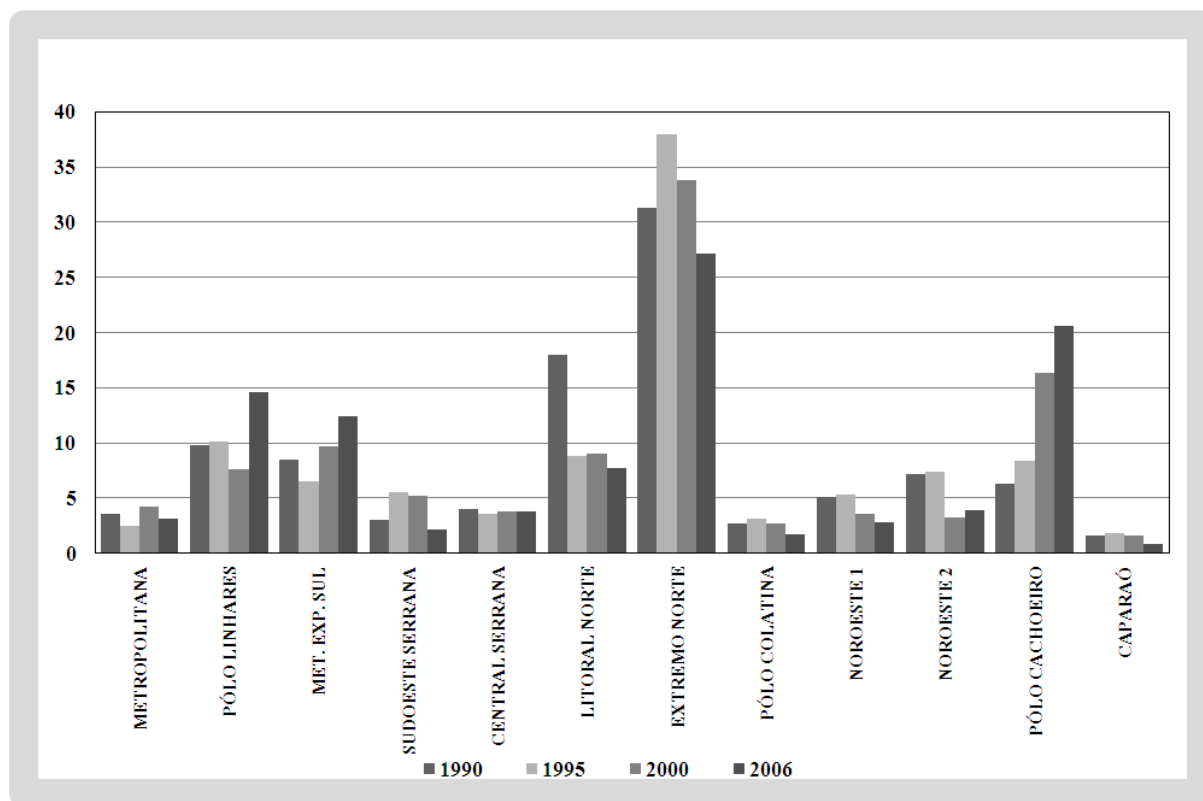
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 39A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE MANDIOCA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1991	105,8	97,1	64,8	114,6	94,1	146,9	68,8	89,9	64,4	96	149	141,8	97,1
1992	90,1	71,3	112,4	134,6	95,5	68,3	75,6	94	63,9	112	171,7	153,1	89,6
1993	86,5	79	81,4	157,2	88,6	57,8	110,4	104	84,5	93,3	192,5	150,7	98,2
1994	89,7	112,4	81,4	169,9	115,8	69,9	141,7	120	113,2	124,5	192,6	150,7	119
1995	72,5	112,4	82,7	201,9	99,1	53	131,6	126,1	113	112	145,3	121,9	108,5
1996	68,8	87,2	43	122	115,1	60,5	82,1	103,1	87,8	49,8	205,5	105,1	84
1997	71,2	91,9	64,4	125,7	116	59,9	72,8	86,7	50,6	57,8	219,1	82,4	82,2
1998	86,2	71,2	75,6	140,6	110,2	43,3	59,2	90,1	58,4	38	220,8	78	73,8
1999	86,7	61,8	87,2	140,4	83,5	38,9	67	78,8	54,6	30,7	189,9	78	71,5
2000	94,7	61,8	91,2	139	76,7	40	86,4	78,8	55,7	36,7	211,1	78	79,9
2001	79,8	60,2	92,9	79,8	85,6	30,2	103,7	82,7	70,9	36,7	200,3	78	81,8
2002	85,6	69,6	92,9	79,8	87,6	35	72,7	80,8	68,8	35,8	236,4	78	76,2
2003	89,6	70,5	84,5	85,6	90,6	24,2	42,5	74,2	66,2	40	239,7	78	64,8
2004	92,2	103	159,3	89,9	85,3	31,2	81,6	59	58	52,9	299,1	77,5	91,6
2005	80,9	152,3	155,9	77,3	95,9	49,1	95,9	59	66	54,6	341,1	78,7	106,5
2006	90,2	152,3	148,5	73,8	97,1	43,4	88,7	62,6	54,8	55,1	341,4	56	102,1

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 11A - Mandioca: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 40A

PRODUÇÃO DE MILHO EM GRÃO NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	2.462	22.190	2.563	58.770	35.330	14.488	28.550	44.228	17.520	13.060	28.635	48.528	316.324
1991	2.590	19.911	1.978	54.140	34.443	8.290	25.216	32.685	11.067	12.705	28.112	34.380	265.517
1992	1.888	29.007	1.738	52.400	24.643	11.595	27.451	44.035	16.720	14.575	33.968	32.586	290.606
1993	1.832	23.789	1.810	38.710	29.297	12.620	22.897	17.942	7.053	12.885	23.820	31.189	223.844
1994	1.443	20.225	1.380	16.719	9.699	8.419	10.997	376	252	636	15.584	30.335	116.065
1995	1.060	20.743	777	31.817	11.467	4.719	3.540	9.858	2.766	3.258	24.142	21.785	135.932
1996	1.163	16.040	563	30.562	23.088	12.346	4.170	10.030	4.545	5.859	25.047	21.828	155.241
1997	867	9.640	1.156	27.667	19.448	6.888	1.945	9.156	4.660	4.450	23.604	15.298	124.779
1998	819	9.736	976	20.815	22.126	8.709	1.726	9.552	3.367	3.010	24.689	16.789	122.314
1999	963	9.670	902	21.305	20.098	2.120	771	11.700	3.454	4.270	18.550	15.289	109.092
2000	966	13.320	890	20.840	22.223	2.538	1.851	11.676	3.190	4.060	17.475	12.500	111.529
2001	1.087	18.836	756	22.530	22.308	3.249	2.771	12.060	4.135	6.273	22.580	18.210	134.795
2002	803	19.085	696	26.229	22.793	2.890	798	4.326	2.604	5.355	24.128	18.810	128.517
2003	837	22.638	530	25.538	19.910	1.890	688	6.060	2.614	4.206	18.458	22.440	125.809
2004	772	13.138	520	24.170	23.550	1.113	1.174	6.990	2.614	4.172	17.519	22.130	117.862
2005	619	11.775	640	13.429	16.755	977	1.325	4.445	1.549	3.316	11.159	9.688	75.677
2006	531	9.145	520	13.600	23.480	1.288	848	6.146	1.655	3.692	11.516	16.270	88.691
1990	0,8	7	0,8	18,6	11,2	4,6	9	14	5,5	4,1	9,1	15,3	100
1991	1	7,5	0,7	20,4	13	3,1	9,5	12,3	4,2	4,8	10,6	12,9	100
1992	0,6	10	0,6	18	8,5	4	9,4	15,2	5,8	5	11,7	11,2	100
1993	0,8	10,6	0,8	17,3	13,1	5,6	10,2	8	3,2	5,8	10,6	13,9	100
1994	1,2	17,4	1,2	14,4	8,4	7,3	9,5	0,3	0,2	0,5	13,4	26,1	100
1995	0,8	15,3	0,6	23,4	8,4	3,5	2,6	7,3	2	2,4	17,8	16	100
1996	0,7	10,3	0,4	19,7	14,9	8	2,7	6,5	2,9	3,8	16,1	14,1	100
1997	0,7	7,7	0,9	22,2	15,6	5,5	1,6	7,3	3,7	3,6	18,9	12,3	100
1998	0,7	8	0,8	17	18,1	7,1	1,4	7,8	2,8	2,5	20,2	13,7	100
1999	0,9	8,9	0,8	19,5	18,4	1,9	0,7	10,7	3,2	3,9	17	14	100
2000	0,9	11,9	0,8	18,7	19,9	2,3	1,7	10,5	2,9	3,6	15,7	11,2	100
2001	0,8	14	0,6	16,7	16,5	2,4	2,1	8,9	3,1	4,7	16,8	13,5	100
2002	0,6	14,9	0,5	20,4	17,7	2,2	0,6	3,4	2	4,2	18,8	14,6	100
2003	0,7	18	0,4	20,3	15,8	1,5	0,5	4,8	2,1	3,3	14,7	17,8	100
2004	0,7	11,1	0,4	20,5	20	0,9	1	5,9	2,2	3,5	14,9	18,8	100
2005	0,8	15,6	0,8	17,7	22,1	1,3	1,8	5,9	2	4,4	14,7	12,8	100
2006	0,6	10,3	0,6	15,3	26,5	1,5	1	6,9	1,9	4,2	13	18,3	100

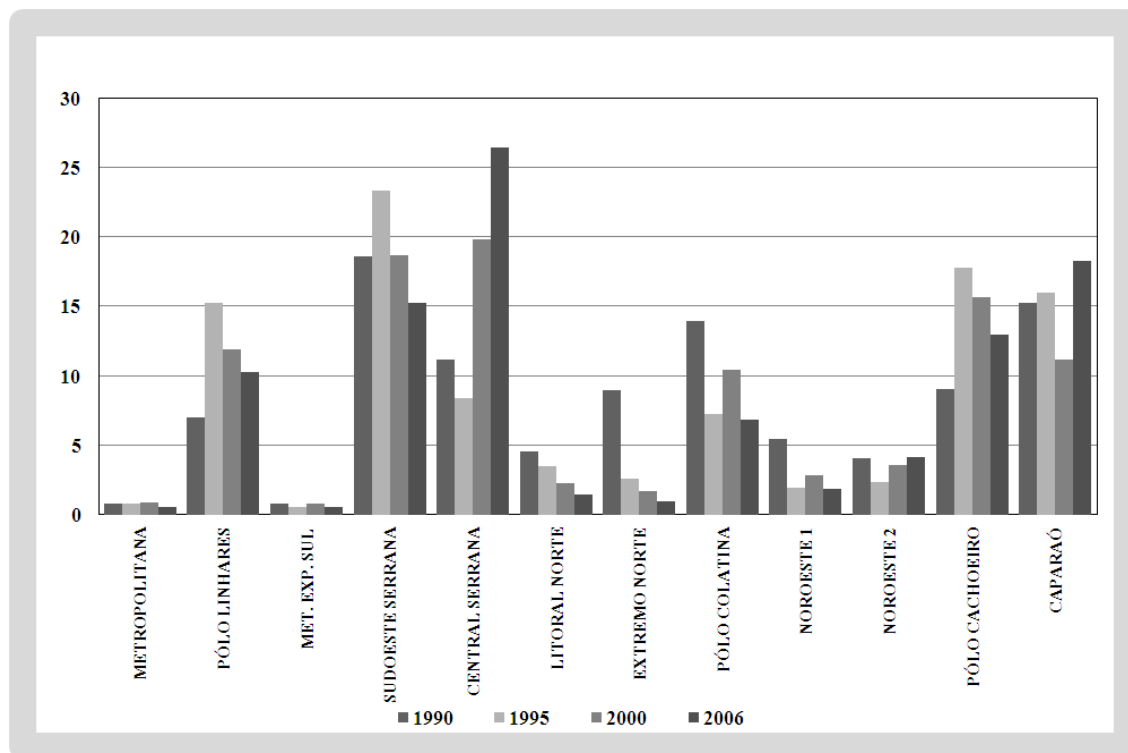
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 41A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE MILHO EM GRÃO NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1991	105,2	89,7	77,2	92,1	97,5	57,2	88,3	73,9	63,2	97,3	98,2	70,8	83,9
1992	76,7	130,7	67,8	89,2	69,8	80	96,2	99,6	95,4	111,6	118,6	67,1	91,9
1993	74,4	107,2	70,6	65,9	82,9	87,1	80,2	40,6	40,3	98,7	83,2	64,3	70,8
1994	58,6	91,1	53,8	28,4	27,5	58,1	38,5	0,9	1,4	4,9	54,4	62,5	36,7
1995	43,1	93,5	30,3	54,1	32,5	32,6	12,4	22,3	15,8	24,9	84,3	44,9	43
1996	47,2	72,3	22	52	65,3	85,2	14,6	22,7	25,9	44,9	87,5	45	49,1
1997	35,2	43,4	45,1	47,1	55	47,5	6,8	20,7	26,6	34,1	82,4	31,5	39,4
1998	33,3	43,9	38,1	35,4	62,6	60,1	6	21,6	19,2	23	86,2	34,6	38,7
1999	39,1	43,6	35,2	36,3	56,9	14,6	2,7	26,5	19,7	32,7	64,8	31,5	34,5
2000	39,2	60	34,7	35,5	62,9	17,5	6,5	26,4	18,2	31,1	61	25,8	35,3
2001	44,2	84,9	29,5	38,3	63,1	22,4	9,7	27,3	23,6	48	78,9	37,5	42,6
2002	32,6	86	27,2	44,6	64,5	19,9	2,8	9,8	14,9	41	84,3	38,8	40,6
2003	34	102	20,7	43,5	56,4	13	2,4	13,7	14,9	32,2	64,5	46,2	39,8
2004	31,4	59,2	20,3	41,1	66,7	7,7	4,1	15,8	14,9	31,9	61,2	45,6	37,3
2005	25,1	53,1	25	22,9	47,4	6,7	4,6	10,1	8,8	25,4	39	20	23,9
2006	21,6	41,2	20,3	23,1	66,5	8,9	3	13,9	9,4	28,3	40,2	33,5	28

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 12A - Milho: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 42A

PRODUÇÃO DE CAFÉ BENEFICIADO NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	2.579	68.086	5.728	43.869	57.495	18.073	11.528	38.401	16.762	38.360	62.968	69.695	433.544
1991	2.921	80.815	6.692	58.486	54.299	20.353	11.268	70.320	34.990	56.612	84.736	64.824	546.316
1992	3.339	75.960	7.458	64.021	48.980	18.314	7.530	68.310	32.715	56.515	64.025	63.050	510.217
1993	3.802	73.953	7.458	39.196	40.604	18.152	8.688	65.060	34.245	51.655	64.666	49.188	456.667
1994	3.656	56.297	8.085	51.305	45.855	17.239	8.364	44.291	25.368	36.775	64.951	67.743	429.929
1995	2.679	45.290	8.087	53.862	32.209	15.402	8.672	26.565	20.062	29.539	60.427	63.358	366.152
1996	5.849	65.826	13.563	67.541	58.539	57.180	14.587	75.210	52.759	66.968	65.209	79.956	623.187
1997	5.911	55.563	12.130	80.450	46.438	28.862	4.547	40.936	29.165	37.099	80.161	86.859	508.121
1998	5.768	53.358	9.725	100.893	78.902	43.919	20.349	54.090	29.824	39.044	89.138	126.206	651.216
1999	6.439	68.940	10.849	91.677	70.300	49.936	16.364	37.271	25.408	43.840	90.200	115.136	626.360
2000	8.947	153.041	17.110	119.277	82.496	72.240	39.897	67.915	56.571	121.896	101.388	180.708	1.021.486
2001	9.313	160.824	10.771	85.325	87.570	96.942	32.279	67.920	60.038	132.360	77.164	144.494	965.000
2002	5.419	75.092	7.871	73.824	50.819	38.241	11.100	46.760	32.062	78.570	43.782	93.450	556.990
2003	5.433	61.184	10.190	59.567	41.331	40.007	19.677	38.842	26.393	61.612	50.933	57.788	472.957
2004	6.511	71.806	10.852	56.781	34.827	51.676	22.678	43.575	31.710	59.196	57.175	64.146	510.933
2005	6.916	67.619	13.566	58.008	44.216	51.863	23.740	43.374	35.292	68.745	56.597	58.818	528.754
2006	7.905	92.580	13.527	45.895	50.687	55.970	23.703	42.899	30.138	71.519	49.983	63.079	547.885
1990	0,6	15,7	1,3	10,1	13,3	4,2	2,7	8,9	3,9	8,8	14,5	16,1	100
1991	0,5	14,8	1,2	10,7	9,9	3,7	2,1	12,9	6,4	10,4	15,5	11,9	100
1992	0,7	14,9	1,5	12,5	9,6	3,6	1,5	13,4	6,4	11,1	12,5	12,4	100
1993	0,8	16,2	1,6	8,6	8,9	4	1,9	14,2	7,5	11,3	14,2	10,8	100
1994	0,9	13,1	1,9	11,9	10,7	4	1,9	10,3	5,9	8,6	15,1	15,8	100
1995	0,7	12,4	2,2	14,7	8,8	4,2	2,4	7,3	5,5	8,1	16,5	17,3	100
1996	0,9	10,6	2,2	10,8	9,4	9,2	2,3	12,1	8,5	10,7	10,5	12,8	100
1997	1,2	10,9	2,4	15,8	9,1	5,7	0,9	8,1	5,7	7,3	15,8	17,1	100
1998	0,9	8,2	1,5	15,5	12,1	6,7	3,1	8,3	4,6	6	13,7	19,4	100
1999	1	11	1,7	14,6	11,2	8	2,6	6	4,1	7	14,4	18,4	100
2000	0,9	15	1,7	11,7	8,1	7,1	3,9	6,6	5,5	11,9	9,9	17,7	100
2001	1	16,7	1,1	8,8	9,1	10	3,3	7	6,2	13,7	8	15	100
2002	1	13,5	1,4	13,3	9,1	6,9	2	8,4	5,8	14,1	7,9	16,8	100
2003	1,1	12,9	2,2	12,6	8,7	8,5	4,2	8,2	5,6	13	10,8	12,2	100
2004	1,3	14,1	2,1	11,1	6,8	10,1	4,4	8,5	6,2	11,6	11,2	12,6	100
2005	1,3	12,8	2,6	11	8,4	9,8	4,5	8,2	6,7	13	10,7	11,1	100
2006	1,4	16,9	2,5	8,4	9,3	10,2	4,3	7,8	5,5	13,1	9,1	11,5	100

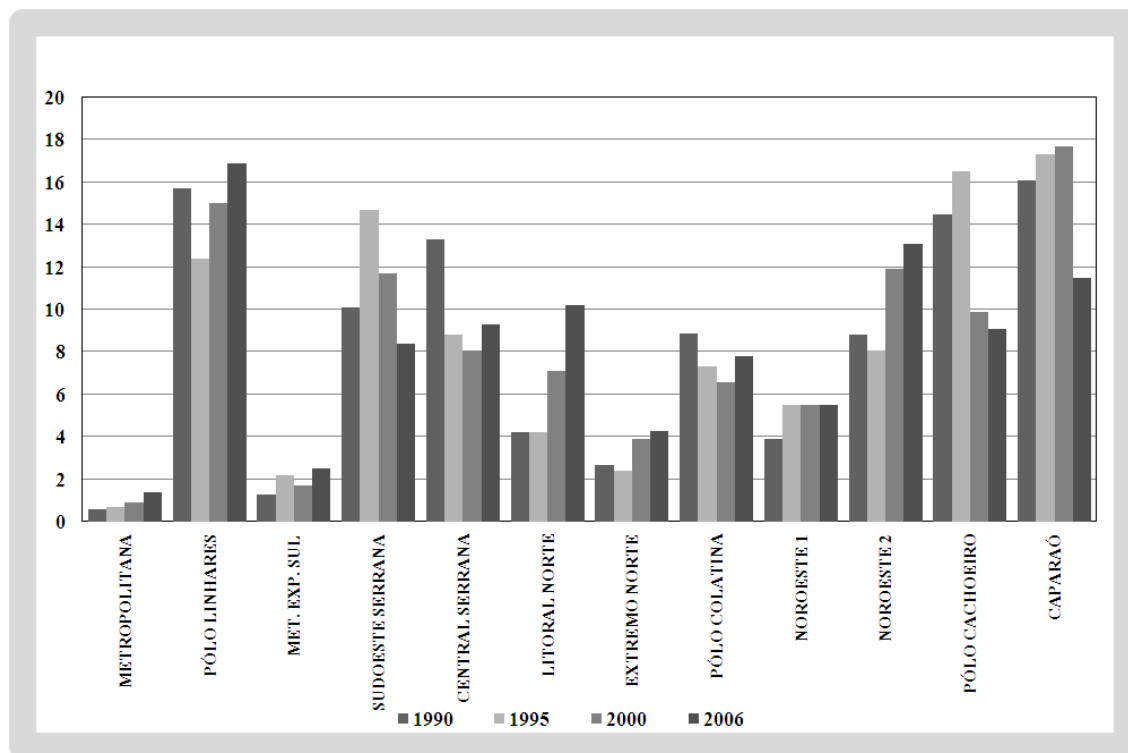
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 43A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE CAFÉ BENEFICIADO NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1991	113,3	118,7	116,8	133,3	94,4	112,6	97,7	183,1	208,7	147,6	134,6	93	126
1992	129,5	111,6	130,2	145,9	85,2	101,3	65,3	177,9	195,2	147,3	101,7	90,5	117,7
1993	147,4	108,6	130,2	89,3	70,6	100,4	75,4	169,4	204,3	134,7	102,7	70,6	105,3
1994	141,8	82,7	141,1	117	79,8	95,4	72,6	115,3	151,3	95,9	103,1	97,2	99,2
1995	103,9	66,5	141,2	122,8	56	85,2	75,2	69,2	119,7	77	96	90,9	84,5
1996	226,8	96,7	236,8	154	101,8	316,4	126,5	195,9	314,8	174,6	103,6	114,7	143,7
1997	229,2	81,6	211,8	183,4	80,8	159,7	39,4	106,6	174	96,7	127,3	124,6	117,2
1998	223,7	78,4	169,8	230	137,2	243	176,5	140,9	177,9	101,8	141,6	181,1	150,2
1999	249,7	101,3	189,4	209	122,3	276,3	142	97,1	151,6	114,3	143,2	165,2	144,5
2000	346,9	224,8	298,7	271,9	143,5	399,7	346,1	176,9	337,5	317,8	161	259,3	235,6
2001	361,1	236,2	188	194,5	152,3	536,4	280	176,9	358,2	345	122,5	207,3	222,6
2002	210,1	110,3	137,4	168,3	88,4	211,6	96,3	121,8	191,3	204,8	69,5	134,1	128,5
2003	210,7	89,9	177,9	135,8	71,9	221,4	170,7	101,1	157,5	160,6	80,9	82,9	109,1
2004	252,5	105,5	189,5	129,4	60,6	285,9	196,7	113,5	189,2	154,3	90,8	92	117,9
2005	268,2	99,3	236,8	132,2	76,9	287	205,9	113	210,5	179,2	89,9	84,4	122
2006	306,5	136	236,2	104,6	88,2	309,7	205,6	111,7	179,8	186,4	79,4	90,5	126,4

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 13A - Café Beneficiado: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 44A

PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	22.460	386.500	127.370	22.460	40.975	690.500	79.500	6.885	7.850	75.250	44.900	6.198	1.510.848
1991	21.240	334.500	366.860	21.240	41.700	495.625	157.803	5.340	7.395	56.925	73.760	5.098	1.587.486
1992	28.350	489.500	369.350	28.350	54.050	594.940	159.153	5.445	5.695	82.450	61.160	5.098	1.883.541
1993	28.500	469.000	457.900	28.500	62.600	517.780	189.690	8.840	5.545	72.450	62.610	6.398	1.909.813
1994	29.490	482.000	505.800	29.490	62.800	649.025	170.900	12.000	4.960	71.220	63.910	6.978	2.088.573
1995	30.860	360.920	395.955	30.860	42.920	853.960	195.590	11.200	5.160	87.685	59.560	6.978	2.081.648
1996	14.400	474.508	352.207	14.400	27.500	1.080.640	201.900	3.750	8.447	170.346	75.248	5.948	2.429.294
1997	14.610	556.445	353.547	14.610	41.800	845.780	314.000	4.550	6.700	111.570	101.832	5.948	2.371.392
1998	18.192	644.845	455.900	18.192	55.600	715.940	274.920	4.600	8.755	77.435	118.803	5.948	2.399.130
1999	18.192	698.820	455.900	18.192	68.400	622.760	285.850	4.800	7.490	78.235	171.970	5.948	2.436.557
2000	17.952	501.720	452.225	17.952	64.760	840.820	200.500	4.800	9.450	93.415	160.970	5.948	2.370.512
2001	16.560	625.480	295.375	16.560	44.060	942.320	220.520	4.550	8.990	232.435	59.770	5.948	2.472.568
2002	16.710	600.920	456.650	16.710	44.185	1.072.172	435.020	4.865	10.115	205.872	110.320	5.948	2.979.487
2003	17.760	769.600	502.925	17.760	42.750	1.369.850	728.230	4.075	11.450	146.171	147.720	5.308	3.763.599
2004	18.410	772.150	606.000	18.410	45.300	1.374.820	757.630	4.075	12.450	285.080	166.300	4.550	4.065.175
2005	19.410	882.900	606.450	19.410	45.300	1.475.572	668.750	4.075	14.250	285.950	200.900	3.325	4.226.292
2006	19.290	884.700	576.450	19.290	45.300	1.475.572	654.150	4.075	17.850	286.350	200.900	6.135	4.190.062
1990	1,5	25,6	8,4	1,5	2,7	45,7	5,3	0,5	0,5	5	3	0,4	100
1991	1,3	21,1	23,1	1,3	2,6	31,2	9,9	0,3	0,5	3,6	4,6	0,3	100
1992	1,5	26	19,6	1,5	2,9	31,6	8,4	0,3	0,3	4,4	3,2	0,3	100
1993	1,5	24,6	24	1,5	3,3	27,1	9,9	0,5	0,3	3,8	3,3	0,3	100
1994	1,4	23,1	24,2	1,4	3	31,1	8,2	0,6	0,2	3,4	3,1	0,3	100
1995	1,5	17,3	19	1,5	2,1	41	9,4	0,5	0,2	4,2	2,9	0,3	100
1996	0,6	19,5	14,5	0,6	1,1	44,5	8,3	0,2	0,3	7	3,1	0,2	100
1997	0,6	23,5	14,9	0,6	1,8	35,7	13,2	0,2	0,3	4,7	4,3	0,3	100
1998	0,8	26,9	19	0,8	2,3	29,8	11,5	0,2	0,4	3,2	5	0,2	100
1999	0,7	28,7	18,7	0,7	2,8	25,6	11,7	0,2	0,3	3,2	7,1	0,2	100
2000	0,8	21,2	19,1	0,8	2,7	35,5	8,5	0,2	0,4	3,9	6,8	0,3	100
2001	0,7	25,3	11,9	0,7	1,8	38,1	8,9	0,2	0,4	9,4	2,4	0,2	100
2002	0,6	20,2	15,3	0,6	1,5	36	14,6	0,2	0,3	6,9	3,7	0,2	100
2003	0,5	20,4	13,4	0,5	1,1	36,4	19,3	0,1	0,3	3,9	3,9	0,1	100
2004	0,5	19	14,9	0,5	1,1	33,8	18,6	0,1	0,3	7	4,1	0,1	100
2005	0,5	20,9	14,3	0,5	1,1	34,9	15,8	0,1	0,3	6,8	4,8	0,1	100
2006	0,5	21,1	13,8	0,5	1,1	35,2	15,6	0,1	0,4	6,8	4,8	0,1	100

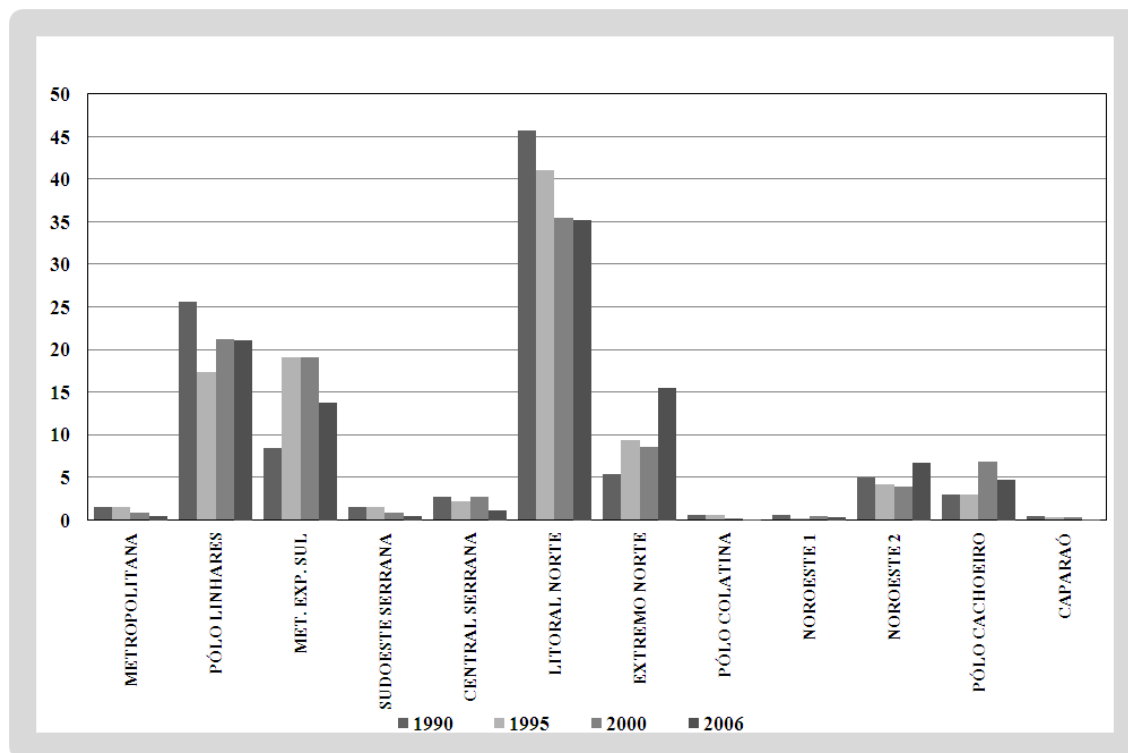
Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal.

Quadro 45A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1991	94,6	86,5	288	94,6	101,8	71,8	198,5	77,6	94,2	75,6	164,3	82,3	105,1
1992	126,2	126,6	290	126,2	131,9	86,2	200,2	79,1	72,5	109,6	136,2	82,3	124,7
1993	126,9	121,3	359,5	126,9	152,8	75	238,6	128,4	70,6	96,3	139,4	103,2	126,4
1994	131,3	124,7	397,1	131,3	153,3	94	215	174,3	63,2	94,6	142,3	112,6	138,2
1995	137,4	93,4	310,9	137,4	104,7	123,7	246	162,7	65,7	116,5	132,7	112,6	137,8
1996	64,1	122,8	276,5	64,1	67,1	156,5	254	54,5	107,6	226,4	167,6	96	160,8
1997	65	144	277,6	65	102	122,5	395	66,1	85,4	148,3	226,8	96	157
1998	81	166,8	357,9	81	135,7	103,7	345,8	66,8	111,5	102,9	264,6	96	158,8
1999	81	180,8	357,9	81	166,9	90,2	359,6	69,7	95,4	104	383	96	161,3
2000	79,9	129,8	355	79,9	158	121,8	252,2	69,7	120,4	124,1	358,5	96	156,9
2001	73,7	161,8	231,9	73,7	107,5	136,5	277,4	66,1	114,5	308,9	133,1	96	163,7
2002	74,4	155,5	358,5	74,4	107,8	155,3	547,2	70,7	128,9	273,6	245,7	96	197,2
2003	79,1	199,1	394,9	79,1	104,3	198,4	916	59,2	145,9	194,2	329	85,6	249,1
2004	82	199,8	475,8	82	110,6	199,1	953	59,2	158,6	378,8	370,4	73,4	269,1
2005	86,4	228,4	476,1	86,4	110,6	213,7	841,2	59,2	181,5	380	447,4	53,6	279,7
2006	85,9	228,9	452,6	85,9	110,6	213,7	822,8	59,2	227,4	380,5	447,4	99	277,3

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 14A - Cana-de-açúcar: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 46A

PRODUÇÃO DE ABACATE NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	231	-	392	6.060	150	-	-	2.175	775	750	5.675	948	17.156
1991	231	-	381	6.060	150	-	-	2.035	350	450	6.227	948	16.832
1992	233	-	381	6.652	225	-	-	1.137	350	450	6.130	945	16.503
1993	189	-	381	7.708	375	-	-	990	350	450	10.042	958	21.443
1994	129	-	381	8.980	375	-	-	990	350	450	10.039	958	22.652
1995	72	-	153	8.830	825	-	-	990	350	450	9.178	988	21.836
1996	-	46	63	7.612	493	-	-	-	-	-	9.256	1.945	19.415
1997	-	46	63	7.928	480	-	-	-	-	-	11.019	1.945	21.481
1998	34	25	204	10.735	480	-	-	-	-	-	6.101	1.107	18.686
1999	34	25	279	10.791	570	-	-	-	-	-	6.000	1.844	19.543
2000	34	25	279	10.788	570	-	-	-	-	-	5.100	1.893	18.689
2001	9	5	175	8.276	285	-	-	-	-	-	1.990	918	11.658
2002	9	5	175	5.763	158	-	-	-	-	-	1.858	918	8.886
2003	9	5	395	4.789	270	-	-	-	-	-	2.358	1.218	9.044
2004	-	-	215	4.699	195	-	-	-	-	-	2.100	1.346	8.555
2005	-	-	-	2.986	45	-	-	-	-	-	1.200	202	4.433
2006	-	-	-	2.588	36	-	-	-	-	-	1.010	-	3.634
1990	1,3	-	2,3	35,3	0,9	-	-	12,7	4,5	4,4	33,1	5,5	100
1991	1,4	-	2,3	36	0,9	-	-	12,1	2,1	2,7	37	5,6	100
1992	1,4	-	2,3	40,3	1,4	-	-	6,9	2,1	2,7	37,1	5,7	100
1993	0,9	-	1,8	35,9	1,7	-	-	4,6	1,6	2,1	46,8	4,5	100
1994	0,6	-	1,7	39,6	1,7	-	-	4,4	1,5	2	44,3	4,2	100
1995	0,3	-	0,7	40,4	3,8	-	-	4,5	1,6	2,1	42	4,5	100
1996	-	0,2	0,3	39,2	2,5	-	-	-	-	-	47,7	10	100
1997	-	0,2	0,3	36,9	2,2	-	-	-	-	-	51,3	9,1	100
1998	0,2	0,1	1,1	57,4	2,6	-	-	-	-	-	32,7	5,9	100
1999	0,2	0,1	1,4	55,2	2,9	-	-	-	-	-	30,7	9,4	100
2000	0,2	0,1	1,5	57,7	3	-	-	-	-	-	27,3	10,1	100
2001	0,1	0	1,5	71	2,4	-	-	-	-	-	17,1	7,9	100
2002	0,1	0,1	2	64,9	1,8	-	-	-	-	-	20,9	10,3	100
2003	0,1	0,1	4,4	53	3	-	-	-	-	-	26,1	13,5	100
2004	-	-	2,5	54,9	2,3	-	-	-	-	-	24,5	15,7	100
2005	-	-	-	67,4	1	-	-	-	-	-	27,1	4,6	100
2006	-	-	-	71,2	1	-	-	-	-	-	27,8	-	100

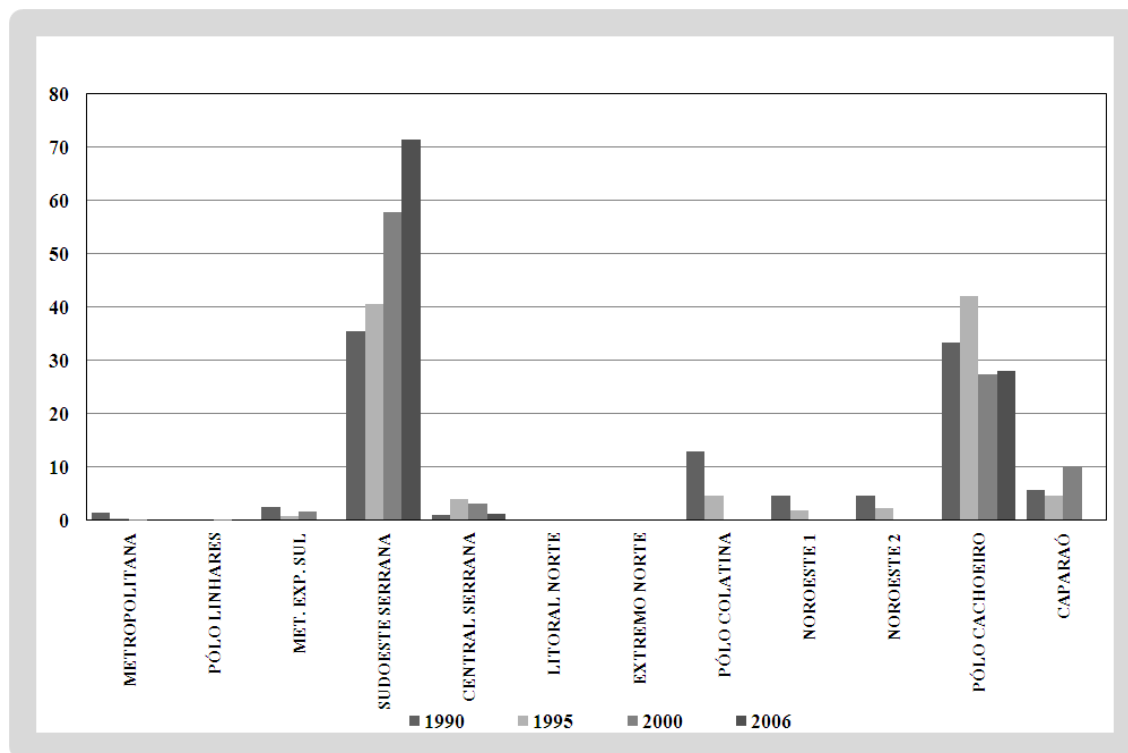
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 47A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE ABACATE NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	100	-	100	100	100	-	-	100	100	100	100	100	100
1991	100	-	97,19	100	100	-	-	93,56	45,16	60	109,73	100	98,11
1992	100,87	-	97,19	109,77	150	-	-	52,28	45,16	60	108,02	99,68	96,19
1993	81,82	-	97,19	127,19	250	-	-	45,52	45,16	60	176,95	101,05	124,99
1994	55,84	-	97,19	148,18	250	-	-	45,52	45,16	60	176,9	101,05	132,04
1995	31,17	-	39,03	145,71	550	-	-	45,52	45,16	60	161,73	104,22	127,28
1996	-	100	16,07	125,61	328,67	-	-	-	-	-	163,1	205,17	113,17
1997	-	100	16,07	130,83	320	-	-	-	-	-	194,17	205,17	125,21
1998	14,72	54,35	52,04	177,15	320	-	-	-	-	-	107,51	116,77	108,92
1999	14,72	54,35	71,17	178,07	380	-	-	-	-	-	105,73	194,51	113,91
2000	14,72	54,35	71,17	178,02	380	-	-	-	-	-	89,87	199,68	108,94
2001	3,9	10,87	44,64	136,57	190	-	-	-	-	-	35,07	96,84	67,95
2002	3,9	10,87	44,64	95,1	105,33	-	-	-	-	-	32,74	96,84	51,8
2003	3,9	10,87	100,77	79,03	180	-	-	-	-	-	41,55	128,48	52,72
2004	-	-	54,85	77,54	130	-	-	-	-	-	37	141,98	49,87
2005	-	-	-	49,27	30	-	-	-	-	-	21,15	21,31	25,84
2006	-	-	-	42,71	24	-	-	-	-	-	17,8	-	21,18

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 15A - Abacate: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 48A

PRODUÇÃO DE ABACAXI NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	8.550	280	24.200	-	-	-	-	-	-	-	1.296	-	34.326
1991	7.717	430	35.200	-	-	-	-	-	-	-	1.215	-	44.562
1992	3.650	875	32.000	-	-	110	132	-	-	-	1.680	-	38.447
1993	2.330	1.470	62.160	-	-	945	-	-	20	-	1.440	-	68.365
1994	2.170	-	62.250	-	-	195	12	-	-	-	1.920	-	66.547
1995	1.990	-	47.220	-	-	165	510	-	-	-	1.600	-	51.485
1996	328	190	83.891	-	-	110	660	-	-	-	4.000	-	89.179
1997	200	180	37.890	-	-	100	660	-	-	-	9.000	-	48.030
1998	150	-	26.400	-	-	125	600	-	-	-	6.000	-	33.275
1999	150	-	36.270	-	-	125	790	-	-	-	4.000	-	41.335
2000	150	-	35.270	-	-	50	815	-	-	100	3.600	-	39.985
2001	-	-	24.500	-	-	200	200	-	-	150	4.000	-	29.050
2002	56	-	36.000	-	-	200	520	-	-	175	3.000	-	39.951
2003	224	-	34.400	-	-	75	626	-	-	210	3.750	-	39.285
2004	200	-	26.200	-	-	165	389	-	-	210	4.400	-	31.564
2005	-	-	26.200	-	-	134	285	-	-	345	4.400	-	31.364
2006	-	-	30.200	-	-	169	165	-	-	225	4.400	-	35.159
1990	24,9	0,8	70,5	-	-	-	-	-	-	-	3,8	-	100
1991	17,3	1	79	-	-	-	-	-	-	-	2,7	-	100
1992	9,5	2,3	83,2	-	-	0,3	0,3	-	-	-	4,4	-	100
1993	3,4	2,2	90,9	-	-	1,4	-	-	-	-	2,1	-	100
1994	3,3	-	93,5	-	-	0,3	-	-	-	-	2,9	-	100
1995	3,9	-	91,7	-	-	0,3	1	-	-	-	3,1	-	100
1996	0,4	0,2	94,1	-	-	0,1	0,7	-	-	-	4,5	-	100
1997	0,4	0,4	78,9	-	-	0,2	1,4	-	-	-	18,7	-	100
1998	0,5	-	79,3	-	-	0,4	1,8	-	-	-	18	-	100
1999	0,4	-	87,7	-	-	0,3	1,9	-	-	-	9,7	-	100
2000	0,4	-	88,2	-	-	0,1	2	-	-	0,3	9	-	100
2001	-	-	84,3	-	-	0,7	0,7	-	-	0,5	13,8	-	100
2002	0,1	-	90,1	-	-	0,5	1,3	-	-	0,4	7,5	-	100
2003	0,6	-	87,6	-	-	0,2	1,6	-	-	0,5	9,5	-	100
2004	0,6	-	83	-	-	0,5	1,2	-	-	0,7	13,9	-	100
2005	-	-	83,5	-	-	0,4	0,9	-	-	1,1	14	-	100
2006	-	-	85,9	-	-	0,5	0,5	-	-	0,6	12,5	-	100

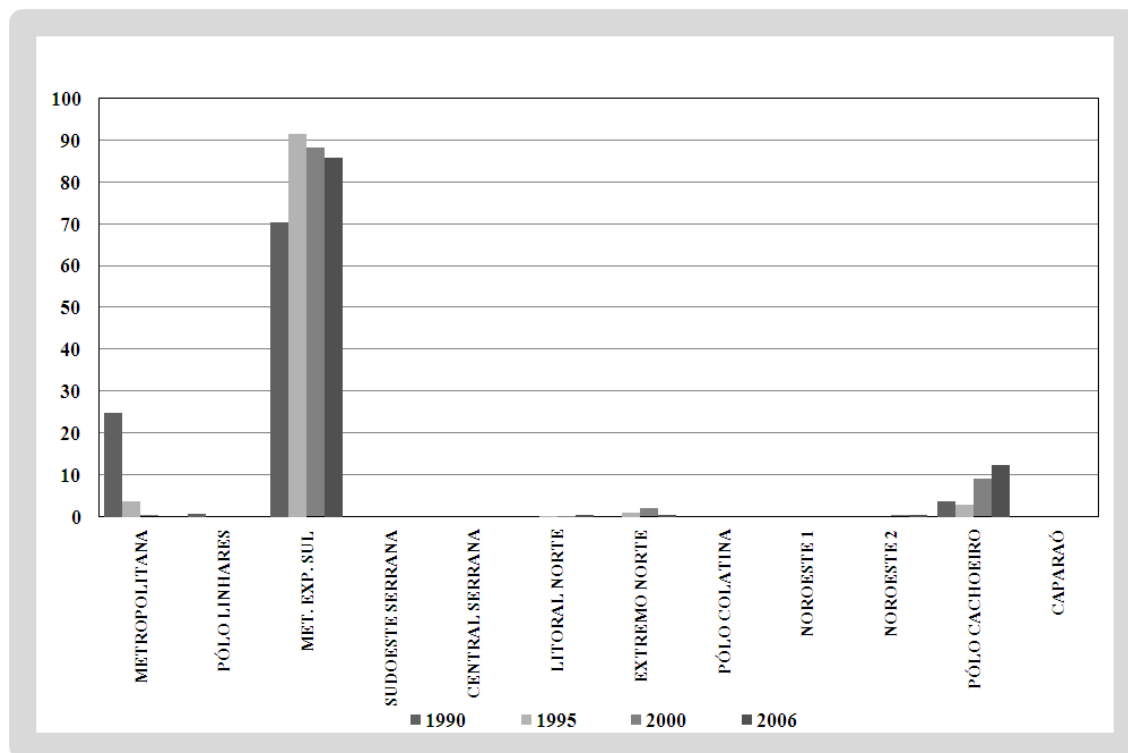
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 49A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE ABACAXI NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	100	100	100	-	-	-	-	-	-	-	100	-	100
1991	90,3	153,6	145,5	-	-	-	-	-	-	-	93,8	-	129,8
1992	42,7	312,5	132,2	-	-	100	100	-	-	-	129,6	-	112
1993	27,3	525	256,9	-	-	859,1	-	-	100	-	111,1	-	199,2
1994	25,4	-	257,2	-	-	177,3	9,1	-	-	-	148,1	-	193,9
1995	23,3	-	195,1	-	-	150	386,4	-	-	-	123,5	-	150
1996	3,8	67,9	346,7	-	-	100	500	-	-	-	308,6	-	259,8
1997	2,3	64,3	156,6	-	-	90,9	500	-	-	-	694,4	-	139,9
1998	1,8	-	109,1	-	-	113,6	454,5	-	-	-	463	-	96,9
1999	1,8	-	149,9	-	-	113,6	598,5	-	-	-	308,6	-	120,4
2000	1,8	-	145,7	-	-	45,5	617,4	-	-	100	277,8	-	116,5
2001	-	-	101,2	-	-	181,8	151,5	-	-	150	308,6	-	84,6
2002	0,7	-	148,8	-	-	181,8	393,9	-	-	175	231,5	-	116,4
2003	2,6	-	142,1	-	-	68,2	474,2	-	-	210	289,4	-	114,4
2004	2,3	-	108,3	-	-	150	294,7	-	-	210	339,5	-	92
2005	-	-	108,3	-	-	121,8	215,9	-	-	345	339,5	-	91,4
2006	-	-	124,8	-	-	153,6	125	-	-	225	339,5	-	102,4

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 16A - Abacaxi: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 50A

PRODUÇÃO DE BANANA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	3.302	1.445	7.876	1.214	2.123	25	-	186	231	262	1.678	270	18.612
1991	4.037	1.445	9.061	2.136	2.123	25	16	186	161	382	2.755	310	22.637
1992	4.831	1.566	10.057	2.587	2.449	45	50	220	161	653	3.418	325	26.362
1993	4.486	1.393	10.157	3.252	2.287	119	78	220	203	699	3.870	406	27.170
1994	4.904	1.717	10.160	2.753	2.846	86	53	290	233	806	4.193	476	28.517
1995	3.916	1.657	9.745	2.170	2.033	66	38	325	277	886	4.128	608	25.849
1996	2.007	1.344	3.603	2.601	1.724	21	9	318	279	431	4.124	596	17.057
1997	2.103	1.373	3.830	2.885	1.892	20	10	357	316	447	3.409	534	17.176
1998	3.477	1.024	7.877	2.787	1.886	28	2	305	218	183	3.730	403	21.920
1999	3.352	824	5.478	2.837	1.793	30	2	305	218	187	3.072	363	18.461
2000	3.332	674	4.416	2.967	1.785	9	18	305	226	190	3.067	368	17.357
2001	14.023	4.393	21.428	40.409	24.409	336	273	2.285	1.750	1.491	23.162	3.315	137.274
2002	16.123	4.578	20.528	35.134	24.514	312	738	2.311	1.750	2.191	25.846	3.315	137.340
2003	20.634	5.253	40.034	30.159	26.330	276	848	2.597	1.716	1.851	25.287	3.315	158.300
2004	20.905	4.995	46.627	31.305	28.320	922	582	2.277	1.494	2.739	26.285	4.018	170.469
2005	22.140	6.614	47.242	31.306	31.376	1.175	246	2.277	1.494	3.479	28.835	3.983	180.167
2006	22.460	6.614	47.242	26.816	34.550	1.350	210	2.277	1.554	3.859	28.941	4.103	179.976
1990	17,7	7,8	42,3	6,5	11,4	0,1	-	1	1,2	1,4	9	1,5	100
1991	17,8	6,4	40	9,4	9,4	0,1	0,1	0,8	0,7	1,7	12,2	1,4	100
1992	18,3	5,9	38,1	9,8	9,3	0,2	0,2	0,8	0,6	2,5	13	1,2	100
1993	16,5	5,1	37,4	12	8,4	0,4	0,3	0,8	0,7	2,6	14,2	1,5	100
1994	17,2	6	35,6	9,7	10	0,3	0,2	1	0,8	2,8	14,7	1,7	100
1995	15,1	6,4	37,7	8,4	7,9	0,3	0,1	1,3	1,1	3,4	16	2,4	100
1996	11,8	7,9	21,1	15,2	10,1	0,1	0,1	1,9	1,6	2,5	24,2	3,5	100
1997	12,2	8	22,3	16,8	11	0,1	0,1	2,1	1,8	2,6	19,8	3,1	100
1998	15,9	4,7	35,9	12,7	8,6	0,1	0	1,4	1	0,8	17	1,8	100
1999	18,2	4,5	29,7	15,4	9,7	0,2	0	1,7	1,2	1	16,6	2	100
2000	19,2	3,9	25,4	17,1	10,3	0,1	0,1	1,8	1,3	1,1	17,7	2,1	100
2001	10,2	3,2	15,6	29,4	17,8	0,2	0,2	1,7	1,3	1,1	16,9	2,4	100
2002	11,7	3,3	14,9	25,6	17,8	0,2	0,5	1,7	1,3	1,6	18,8	2,4	100
2003	13	3,3	25,3	19,1	16,6	0,2	0,5	1,6	1,1	1,2	16	2,1	100
2004	12,3	2,9	27,4	18,4	16,6	0,5	0,3	1,3	0,9	1,6	15,4	2,4	100
2005	12,3	3,7	26,2	17,4	17,4	0,7	0,1	1,3	0,8	1,9	16	2,2	100
2006	12,5	3,7	26,2	14,9	19,2	0,8	0,1	1,3	0,9	2,1	16,1	2,3	100

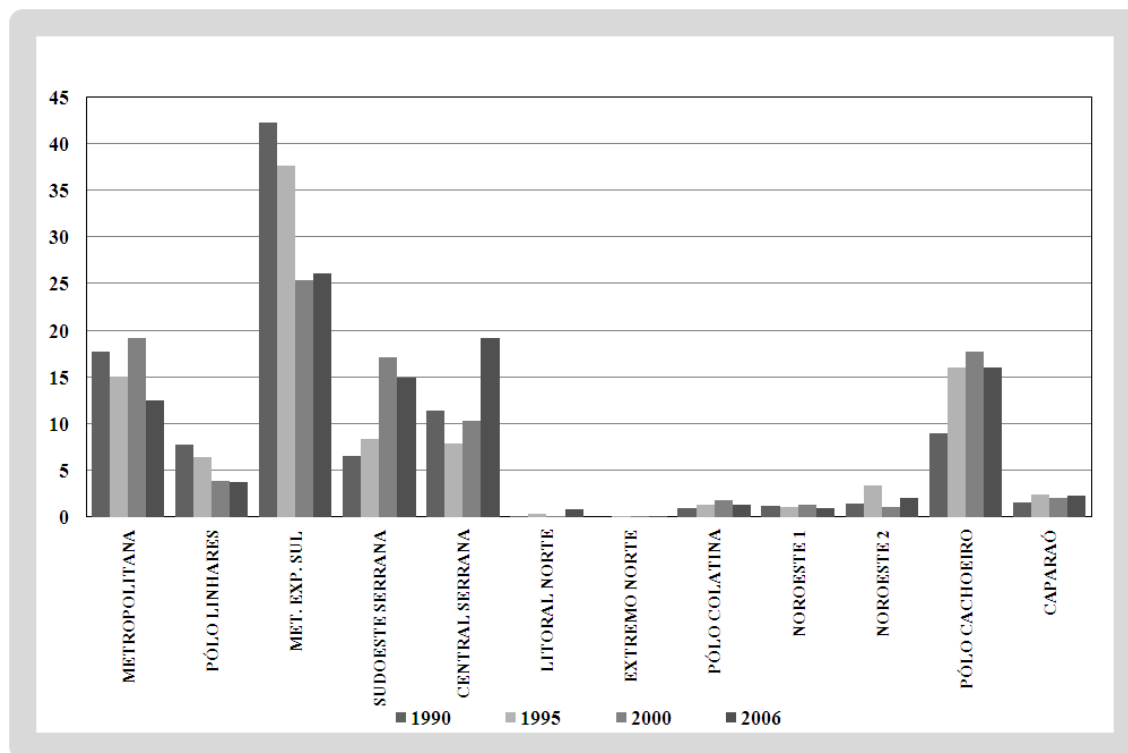
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 51A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE BANANA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	100	100	100	100	100	100	-	100	100	100	100	100	100
1991	122,3	100	115	175,9	100	100	100	100	69,7	145,8	164,2	114,8	121,6
1992	146,3	108,4	127,7	213,1	115,4	180	312,5	118,3	69,7	249,2	203,7	120,4	141,6
1993	135,9	96,4	129	267,9	107,7	476	487,5	118,3	87,9	266,8	230,6	150,4	146
1994	148,5	118,8	129	226,8	134,1	344	331,3	155,9	100,9	307,6	249,9	176,3	153,2
1995	118,6	114,7	123,7	178,7	95,8	264	237,5	174,7	119,9	338,2	246	225,2	138,9
1996	60,8	93	45,7	214,3	81,2	84	56,3	171	120,8	164,5	245,8	220,7	91,6
1997	63,7	95	48,6	237,6	89,1	80	62,5	191,9	136,8	170,6	203,2	197,8	92,3
1998	105,3	70,9	100	229,6	88,8	112	12,5	164	94,4	69,8	222,3	149,3	117,8
1999	101,5	57	69,6	233,7	84,5	120	12,5	164	94,4	71,4	183,1	134,4	99,2
2000	100,9	46,6	56,1	244,4	84,1	36	112,5	164	97,8	72,5	182,8	136,3	93,3
2001	424,7	304	272,1	3328,6	1149,7	1344	1706,3	1228,5	757,6	569,1	1380,3	1227,8	737,6
2002	488,3	316,8	260,6	2894,1	1154,7	1248	4612,5	1242,5	757,6	836,3	1540,3	1227,8	737,9
2003	624,9	363,5	508,3	2484,3	1240,2	1104	5300	1396,2	742,9	706,5	1507	1227,8	850,5
2004	633,1	345,7	592	2578,7	1334	3688	3637,5	1224,2	646,8	1045,4	1566,4	1488,1	915,9
2005	670,5	457,7	599,8	2578,7	1477,9	4700	1537,5	1224,2	646,8	1327,9	1718,4	1475,2	968
2006	680,2	457,7	599,8	2208,9	1627,4	5400	1312,5	1224,2	672,7	1472,9	1724,7	1519,6	967

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 17A - Banana: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 52A

PRODUÇÃO DE CACAU NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	24	5.873	-	-	18	315	-	239	-	4	-	-	6.473
1991	24	6.812	-	-	17	371	-	239	-	10	-	-	7.473
1992	51	11.602	-	-	17	371	-	280	-	10	-	-	12.331
1993	33	5.842	-	-	17	399	-	280	-	10	-	-	6.581
1994	29	6.274	-	-	17	238	-	280	-	6	-	-	6.844
1995	25	3.565	-	-	17	126	-	121	-	6	-	-	3.860
1996	17	13.501	12	13	7	260	-	258	7	31	9	1	14.116
1997	17	13.498	12	-	6	261	-	330	6	19	7	-	14.156
1998	15	4.186	9	-	1	105	-	203	3	12	5	-	4.539
1999	8	6.199	9	-	1	170	-	138	3	12	-	-	6.540
2000	14	10.599	9	-	-	405	-	265	1	12	-	-	11.305
2001	14	10.986	9	-	-	481	-	219	1	12	-	-	11.722
2002	14	10.986	9	-	-	481	-	219	1	12	-	-	11.722
2003	7	7.606	9	-	-	481	-	361	1	12	-	-	8.477
2004	8	6.319	11	-	1	288	-	304	1	12	-	-	6.944
2005	10	11.058	12	-	3	375	-	304	1	19	-	-	11.782
2006	12	8.776	12	-	17	400	-	225	1	27	-	-	9.470
1990	0,4	90,7	-	-	0,3	4,9	-	3,7	-	0,1	-	-	100
1991	0,3	91,2	-	-	0,2	5	-	3,2	-	0,1	-	-	100
1992	0,4	94,1	-	-	0,1	3	-	2,3	-	0,1	-	-	100
1993	0,5	88,8	-	-	0,3	6,1	-	4,3	-	0,2	-	-	100
1994	0,4	91,7	-	-	0,2	3,5	-	4,1	-	0,1	-	-	100
1995	0,6	92,4	-	-	0,4	3,3	-	3,1	-	0,2	-	-	100
1996	0,1	95,6	0,1	0,1	-	1,8	-	1,8	-	0,2	0,1	-	100
1997	0,1	95,4	0,1	-	-	1,8	-	2,3	-	0,1	-	-	100
1998	0,3	92,2	0,2	-	-	2,3	-	4,5	0,1	0,3	0,1	-	100
1999	0,1	94,8	0,1	-	-	2,6	-	2,1	-	0,2	-	-	100
2000	0,1	93,8	0,1	-	-	3,6	-	2,3	-	0,1	-	-	100
2001	0,1	93,7	0,1	-	-	4,1	-	1,9	-	0,1	-	-	100
2002	0,1	93,7	0,1	-	-	4,1	-	1,9	-	0,1	-	-	100
2003	0,1	89,7	0,1	-	-	5,7	-	4,3	-	0,1	-	-	100
2004	0,1	91	0,2	-	-	4,1	-	4,4	-	0,2	-	-	100
2005	0,1	93,9	0,1	-	-	3,2	-	2,6	-	0,2	-	-	100
2006	0,1	92,7	0,1	-	0,2	4,2	-	2,4	-	0,3	-	-	100

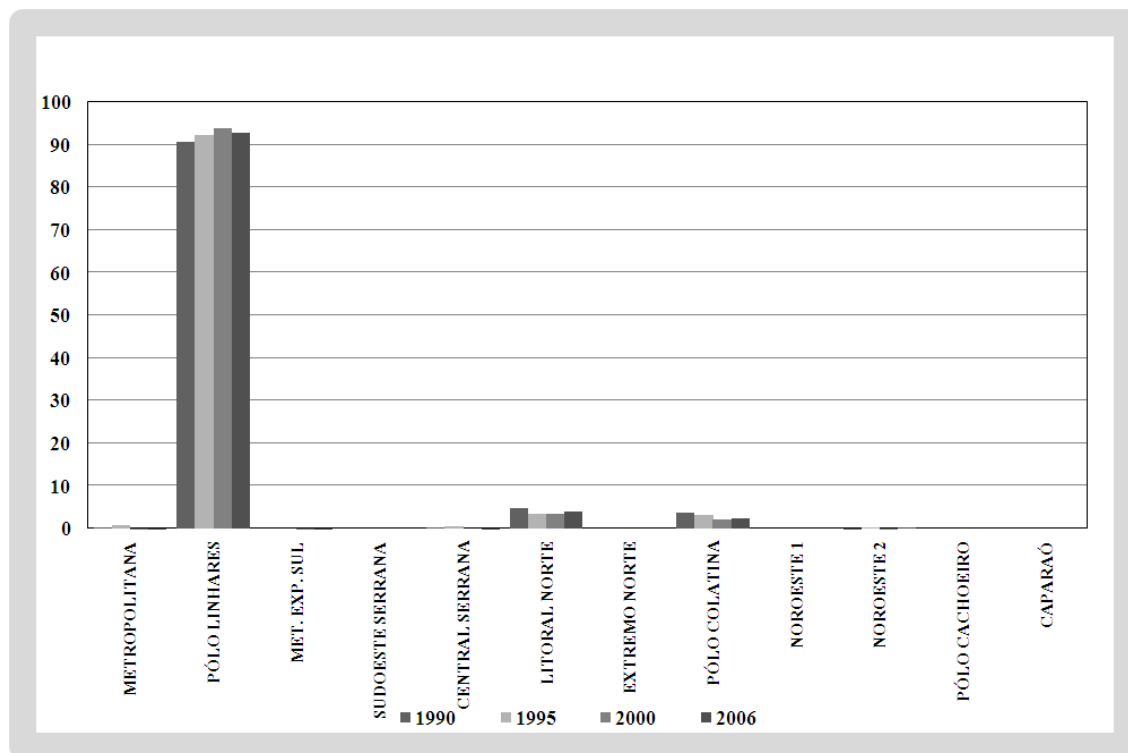
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 53A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE CACAU NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	100	100	-	-	100	100	-	100	-	100	-	-	100
1991	100	116	-	-	94,4	117,8	-	100	-	250	-	-	115,4
1992	212,5	197,5	-	-	94,4	117,8	-	117,2	-	250	-	-	190,5
1993	137,5	99,5	-	-	94,4	126,7	-	117,2	-	250	-	-	101,7
1994	120,8	106,8	-	-	94,4	75,6	-	117,2	-	150	-	-	105,7
1995	104,2	60,7	-	-	94,4	40	-	50,6	-	150	-	-	59,6
1996	70,8	229,9	-	100	38,9	82,5	-	107,9	-	775	-	-	218,1
1997	70,8	229,8	-	-	33,3	82,9	-	138,1	-	475	-	-	218,7
1998	62,5	71,3	-	-	5,6	33,3	-	84,9	-	300	-	-	70,1
1999	33,3	105,6	-	-	5,6	54	-	57,7	-	300	-	-	101
2000	58,3	180,5	-	-	0	128,6	-	110,9	-	300	-	-	174,6
2001	58,3	187,1	-	-	0	152,7	-	91,6	-	300	-	-	181,1
2002	58,3	187,1	-	-	0	152,7	-	91,6	-	300	-	-	181,1
2003	29,2	129,5	-	-	0	152,7	-	151	-	300	-	-	131
2004	33,3	107,6	-	-	5,6	91,4	-	127,2	-	300	-	-	107,3
2005	41,7	188,3	-	-	16,7	119	-	127,2	-	475	-	-	182
2006	50	149,4	-	-	94,4	127	-	94,1	-	675	-	-	146,3

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 18A - Cacao: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 54A

PRODUÇÃO DE COCO-DA-BAÍA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	231	636	142	14	132	624	180	236	252	1.087	114	21	3.669
1991	231	636	187	14	132	624	180	236	252	1.292	114	21	3.919
1992	454	2.104	364	14	140	1.320	854	814	754	6.324	135	21	13.298
1993	747	2.375	441	-	145	1.948	1.182	829	754	5.226	244	21	13.912
1994	778	2.508	441	-	145	4.224	1.098	913	854	7.026	309	21	18.317
1995	1.007	3.137	1.121	-	145	3.915	1.258	1.041	1.074	7.778	324	21	20.821
1996	1.346	6.778	817	45	220	7.384	1.222	3.210	1.943	7.857	725	136	31.683
1997	1.463	5.499	1.226	45	495	15.304	2.280	4.275	3.149	11.976	606	136	46.454
1998	1.886	5.419	1.950	32	735	22.080	2.860	4.518	4.736	14.845	897	136	60.094
1999	2.150	8.511	1.943	32	759	25.232	3.960	7.425	5.355	17.290	1.150	136	73.943
2000	3.810	13.000	1.943	56	858	72.008	7.160	7.425	5.355	19.490	1.246	136	132.487
2001	4.115	14.020	1.943	120	948	89.420	7.540	8.241	5.355	19.490	1.511	87	152.790
2002	4.775	14.340	2.183	120	1.130	89.780	7.540	8.241	5.355	20.090	1.676	87	155.317
2003	4.990	17.210	3.565	104	1.050	57.300	9.520	9.891	5.235	24.460	2.525	87	135.937
2004	5.716	19.472	3.515	104	1.154	77.550	10.160	11.680	6.091	27.626	2.550	87	165.705
2005	5.871	16.742	4.375	104	1.284	90.648	9.069	11.680	6.011	27.026	2.560	87	175.457
2006	5.597	16.896	4.375	104	1.569	95.368	8.832	11.680	6.011	27.026	2.700	87	180.245
1990	6,3	17,3	3,9	0,4	3,6	17	4,9	6,4	6,9	29,6	3,1	0,6	100
1991	5,9	16,2	4,8	0,4	3,4	15,9	4,6	6	6,4	33	2,9	0,5	100
1992	3,4	15,8	2,7	0,1	1,1	9,9	6,4	6,1	5,7	47,6	1	0,2	100
1993	5,4	17,1	3,2	-	1	14	8,5	6	5,4	37,6	1,8	0,2	100
1994	4,2	13,7	2,4	-	0,8	23,1	6	5	4,7	38,4	1,7	0,1	100
1995	4,8	15,1	5,4	-	0,7	18,8	6	5	5,2	37,4	1,6	0,1	100
1996	4,2	21,4	2,6	0,1	0,7	23,3	3,9	10,1	6,1	24,8	2,3	0,4	100
1997	3,1	11,8	2,6	0,1	1,1	32,9	4,9	9,2	6,8	25,8	1,3	0,3	100
1998	3,1	9	3,2	0,1	1,2	36,7	4,8	7,5	7,9	24,7	1,5	0,2	100
1999	2,9	11,5	2,6	-	1	34,1	5,4	10	7,2	23,4	1,6	0,2	100
2000	2,9	9,8	1,5	-	0,6	54,4	5,4	5,6	4	14,7	0,9	0,1	100
2001	2,7	9,2	1,3	0,1	0,6	58,5	4,9	5,4	3,5	12,8	1	0,1	100
2002	3,1	9,2	1,4	0,1	0,7	57,8	4,9	5,3	3,4	12,9	1,1	0,1	100
2003	3,7	12,7	2,6	0,1	0,8	42,2	7	7,3	3,9	18	1,9	0,1	100
2004	3,4	11,8	2,1	0,1	0,7	46,8	6,1	7	3,7	16,7	1,5	0,1	100
2005	3,3	9,5	2,5	0,1	0,7	51,7	5,2	6,7	3,4	15,4	1,5	-	100
2006	3,1	9,4	2,4	0,1	0,9	52,9	4,9	6,5	3,3	15	1,5	-	100

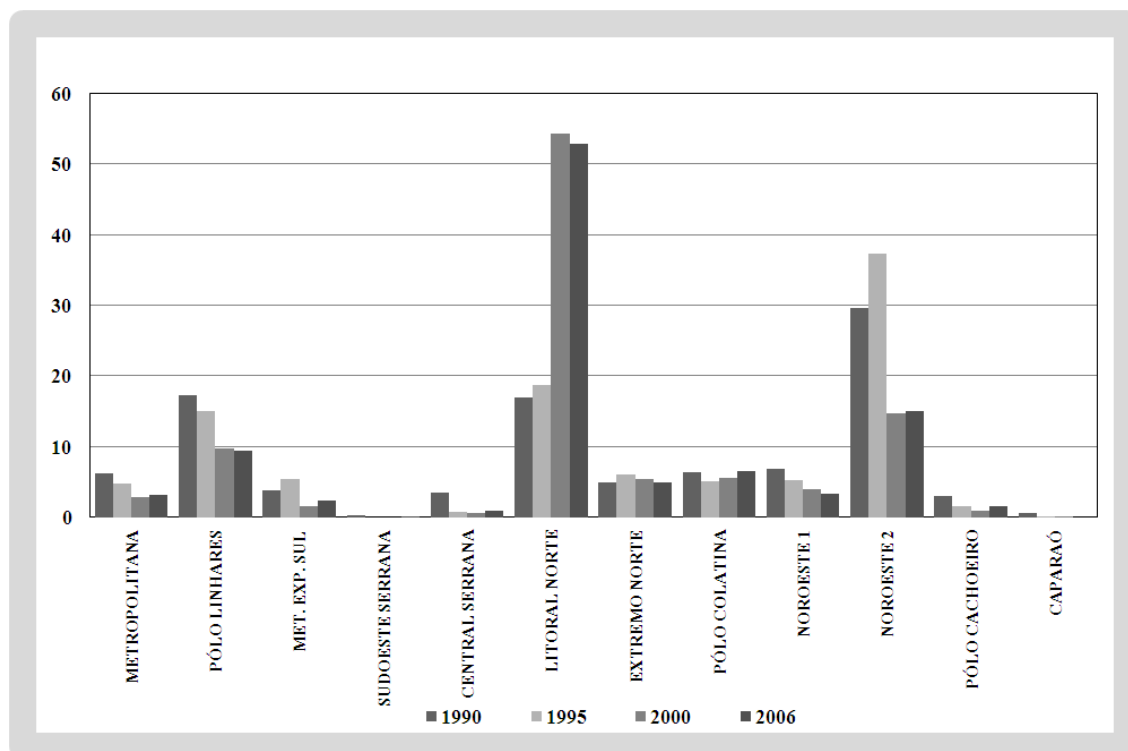
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 55A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE COCO-DA-BAÍA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1991	100	100	131,7	100	100	100	100	100	100	118,9	100	100	106,8
1992	196,5	330,8	256,3	100	106,1	211,5	474,4	344,9	299,2	581,8	118,4	100	362,4
1993	323,4	373,4	310,6	-	109,8	312,2	656,7	351,3	299,2	480,8	214	100	379,2
1994	336,8	394,3	310,6	-	109,8	676,9	610	386,9	338,9	646,4	271,1	100	499,2
1995	435,9	493,2	789,4	-	109,8	627,4	698,9	441,1	426,2	715,5	284,2	100	567,5
1996	582,7	1065,7	575,4	321,4	166,7	1183,3	678,9	1360,2	771	722,8	636	647,6	863,5
1997	633,3	864,6	863,4	321,4	375	2452,6	1266,7	1811,4	1249,6	1101,7	531,6	647,6	1266,1
1998	816,5	852	1373,2	228,6	556,8	3538,5	1588,9	1914,4	1879,4	1365,7	786,8	647,6	1637,9
1999	930,7	1338,2	1368,3	228,6	575	4043,6	2200	3146,2	2125	1590,6	1008,8	647,6	2015,3
2000	1649,4	2044	1368,3	400	650	11539,7	3977,8	3146,2	2125	1793	1093	647,6	3611
2001	1781,4	2204,4	1368,3	857,1	718,2	14330,1	4188,9	3491,9	2125	1793	1325,4	414,3	4164,3
2002	2067,1	2254,7	1537,3	857,1	856,1	14387,8	4188,9	3491,9	2125	1848,2	1470,2	414,3	4233,2
2003	2160,2	2706	2510,6	742,9	795,5	9182,7	5288,9	4191,1	2077,4	2250,2	2214,9	414,3	3705
2004	2474,5	3061,6	2475,4	742,9	874,2	12427,9	5644,4	4949,2	2417,1	2541,5	2236,8	414,3	4516,4
2005	2541,6	2632,4	3081	742,9	972,7	14526,9	5038,3	4949,2	2385,3	2486,3	2245,6	414,3	4782,1
2006	2422,9	2656,6	3081	742,9	1188,6	15283,3	4906,7	4949,2	2385,3	2486,3	2368,4	414,3	4912,6

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 19A - Coco-da-baía: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 56A

PRODUÇÃO DE GOIABA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1991	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1992	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1993	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1994	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1995	-	-	-	-	1.000	-	-	-	-	-	-	-	1.000
1996	-	-	-	-	2.000	-	-	-	-	-	363	226	2.589
1997	60	20	-	-	3.550	-	-	-	-	-	336	171	4.137
1998	1.164	1.045	-	288	14.872	-	-	1.700	460	775	68	171	20.543
1999	1.728	1.450	-	6.067	16.530	600	-	2.600	580	1.175	134	1.991	32.855
2000	2.600	2.330	3	7.266	14.850	1.380	-	1.400	615	1.400	311	1.038	33.193
2001	790	538	33	570	3.060	1.746	96	350	139	370	150	310	8.152
2002	730	648	78	835	2.820	1.746	104	350	139	495	150	310	8.405
2003	660	778	90	790	2.315	477	300	675	112	290	162	251	6.900
2004	640	988	102	510	2.425	432	300	624	92	65	161	205	6.544
2005	484	875	90	356	1.599	502	300	624	92	65	189	201	5.377
2006	394	850	102	356	1.246	1.152	2.164	624	92	105	141	201	7.427
1990	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1991	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1992	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1993	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1994	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1995	-	-	-	-	100	-	-	-	-	-	-	-	100
1996	-	-	-	-	77,2	-	-	-	-	-	14	8,7	100
1997	1,5	0,5	-	-	85,8	-	-	-	-	-	8,1	4,1	100
1998	5,7	5,1	-	1,4	72,4	-	-	8,3	2,2	3,8	0,3	0,8	100
1999	5,3	4,4	-	18,5	50,3	1,8	-	7,9	1,8	3,6	0,4	6,1	100
2000	7,8	7	-	21,9	44,7	4,2	-	4,2	1,9	4,2	0,9	3,1	100
2001	9,7	6,6	0,4	7	37,5	21,4	1,2	4,3	1,7	4,5	1,8	3,8	100
2002	8,7	7,7	0,9	9,9	33,6	20,8	1,2	4,2	1,7	5,9	1,8	3,7	100
2003	9,6	11,3	1,3	11,4	33,6	6,9	4,3	9,8	1,6	4,2	2,3	3,6	100
2004	9,8	15,1	1,6	7,8	37,1	6,6	4,6	9,5	1,4	1	2,5	3,1	100
2005	9	16,3	1,7	6,6	29,7	9,3	5,6	11,6	1,7	1,2	3,5	3,7	100
2006	5,3	11,4	1,4	4,8	16,8	15,5	29,1	8,4	1,2	1,4	1,9	2,7	100

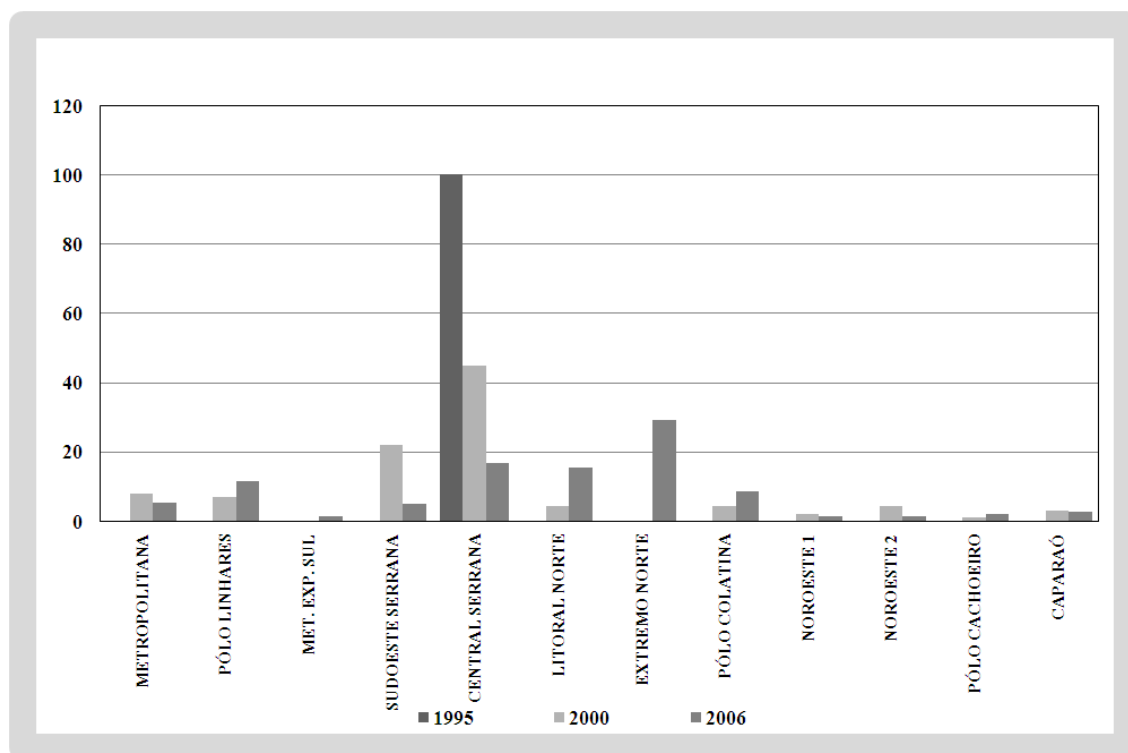
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 57A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE GOIABA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1991	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1992	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1993	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1994	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1995	-	-	-	-	100	-	-	-	-	-	-	-	100
1996	-	-	-	-	200	-	-	-	-	-	100	100	258,9
1997	100	100	-	-	355	-	-	-	-	-	92,6	75,7	413,7
1998	1940	5225	-	100	1487,2	-	-	100	100	100	18,7	75,7	2054,3
1999	2880	7250	-	2106,6	1653	100	-	152,9	126,1	151,6	36,9	881	3285,5
2000	4333,3	11650	100	2522,9	1485	230	-	82,4	133,7	180,6	85,7	459,3	3319,3
2001	1316,7	2690	1100	197,9	306	291	100	20,6	30,2	47,7	41,3	137,2	815,2
2002	1216,7	3240	2600	289,9	282	291	108,3	20,6	30,2	63,9	41,3	137,2	840,5
2003	1100	3890	3000	274,3	231,5	79,5	312,5	39,7	24,3	37,4	44,6	111,1	690
2004	1066,7	4940	3400	177,1	242,5	72	312,5	36,7	20	8,4	44,4	90,7	654,4
2005	806,7	4375	3000	123,6	159,9	83,7	312,5	36,7	20	8,4	52,1	88,9	537,7
2006	656,7	4250	3400	123,6	124,6	192	2254,2	36,7	20	13,5	38,8	88,9	742,7

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 20A - Goiaba: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 58A

PRODUÇÃO DE LARANJA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	10.308	11.440	15.470	8.850	13.310	9.884	5.000	7.225	8.250	9.035	23.129	8.727	130.628
1991	10.308	11.520	15.470	8.850	13.310	9.884	5.000	7.225	8.250	10.235	24.929	9.357	134.338
1992	9.942	32.450	19.520	8.850	13.660	8.344	3.120	5.265	6.675	10.235	40.200	9.497	167.758
1993	9.266	32.500	19.680	7.800	13.740	11.794	4.980	3.860	4.730	8.735	36.975	9.497	163.557
1994	9.516	33.400	19.680	8.050	13.740	13.859	2.800	3.785	4.250	8.735	44.025	9.497	171.337
1995	9.416	26.448	19.680	8.550	14.700	14.024	1.600	3.710	4.538	7.425	58.225	9.497	177.813
1996	9.020	61.159	5.791	10.770	16.470	2.345	1.140	1.835	1.796	1.795	45.903	20.125	178.149
1997	11.440	37.830	6.310	12.310	19.470	3.870	1.135	1.960	1.926	1.990	44.509	20.125	162.875
1998	11.440	37.830	7.300	10.800	18.620	10.525	1.600	1.680	1.770	3.390	42.720	20.912	168.587
1999	11.390	37.830	7.300	10.240	18.620	13.368	1.765	1.680	1.770	3.390	42.930	18.912	169.195
2000	12.190	38.080	7.300	9.040	19.580	13.705	1.225	1.680	1.626	3.040	43.140	18.912	169.518
2001	1.822	7.710	1.136	669	2.263	5.641	135	275	194	394	5.803	2.951	28.993
2002	1.636	7.710	1.085	669	2.078	3.571	122	275	176	394	6.262	2.946	26.924
2003	1.533	11.230	851	651	1.972	3.077	82	275	154	421	5.128	2.055	27.429
2004	1.533	12.150	851	651	1.924	2.477	27	199	123	380	3.277	1.708	25.300
2005	1.533	12.120	784	975	1.924	2.422	20	199	123	395	2.897	1.377	24.769
2006	1.517	10.050	734	975	1.924	2.602	11	199	123	395	2.884	1.057	22.471
1990	7,9	8,8	11,8	6,8	10,2	7,6	3,8	5,5	6,3	6,9	17,7	6,7	100
1991	7,7	8,6	11,5	6,6	9,9	7,4	3,7	5,4	6,1	7,6	18,6	7	100
1992	5,9	19,3	11,6	5,3	8,1	5	1,9	3,1	4	6,1	24	5,7	100
1993	5,7	19,9	12	4,8	8,4	7,2	3	2,4	2,9	5,3	22,6	5,8	100
1994	5,6	19,5	11,5	4,7	8	8,1	1,6	2,2	2,5	5,1	25,7	5,5	100
1995	5,3	14,9	11,1	4,8	8,3	7,9	0,9	2,1	2,6	4,2	32,7	5,3	100
1996	5,1	34,3	3,3	6	9,2	1,3	0,6	1	1	1	25,8	11,3	100
1997	7	23,2	3,9	7,6	12	2,4	0,7	1,2	1,2	1,2	27,3	12,4	100
1998	6,8	22,4	4,3	6,4	11	6,2	0,9	1	1	2	25,3	12,4	100
1999	6,7	22,4	4,3	6,1	11	7,9	1	1	1	2	25,4	11,2	100
2000	7,2	22,5	4,3	5,3	11,6	8,1	0,7	1	1	1,8	25,4	11,2	100
2001	6,3	26,6	3,9	2,3	7,8	19,5	0,5	0,9	0,7	1,4	20	10,2	100
2002	6,1	28,6	4	2,5	7,7	13,3	0,5	1	0,7	1,5	23,3	10,9	100
2003	5,6	40,9	3,1	2,4	7,2	11,2	0,3	1	0,6	1,5	18,7	7,5	100
2004	6,1	48	3,4	2,6	7,6	9,8	0,1	0,8	0,5	1,5	13	6,8	100
2005	6,2	48,9	3,2	3,9	7,8	9,8	0,1	0,8	0,5	1,6	11,7	5,6	100
2006	6,8	44,7	3,3	4,3	8,6	11,6	-	0,9	0,5	1,8	12,8	4,7	100

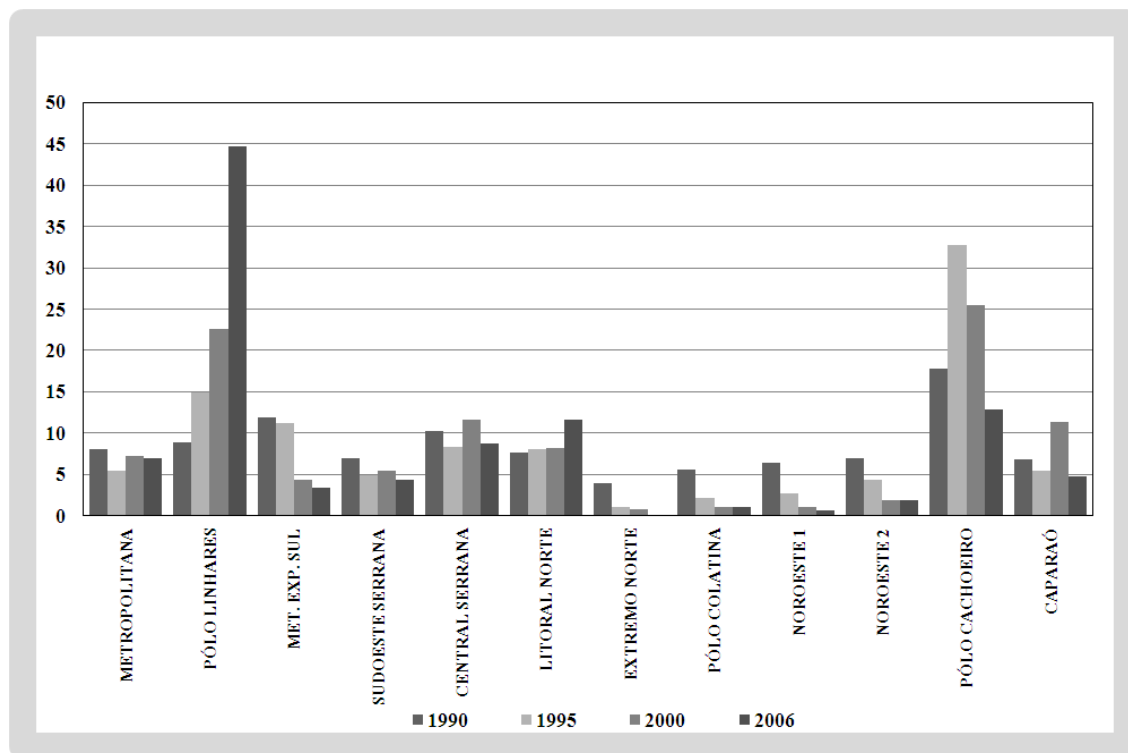
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 59A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE LARANJA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1991	100	100,7	100	100	100	100	100	100	100	113,3	107,8	107,2	102,8
1992	96,4	283,7	126,2	100	102,6	84,4	62,4	72,9	80,9	113,3	173,8	108,8	128,4
1993	89,9	284,1	127,2	88,1	103,2	119,3	99,6	53,4	57,3	96,7	159,9	108,8	125,2
1994	92,3	292	127,2	91	103,2	140,2	56	52,4	51,5	96,7	190,3	108,8	131,2
1995	91,3	231,2	127,2	96,6	110,4	141,9	32	51,3	55	82,2	251,7	108,8	136,1
1996	87,5	534,6	37,4	121,7	123,7	23,7	22,8	25,4	21,8	19,9	198,5	230,6	136,4
1997	111	330,7	40,8	139,1	146,3	39,2	22,7	27,1	23,3	22	192,4	230,6	124,7
1998	111	330,7	47,2	122	139,9	106,5	32	23,3	21,5	37,5	184,7	239,6	129,1
1999	110,5	330,7	47,2	115,7	139,9	135,2	35,3	23,3	21,5	37,5	185,6	216,7	129,5
2000	118,3	332,9	47,2	102,1	147,1	138,7	24,5	23,3	19,7	33,6	186,5	216,7	129,8
2001	17,7	67,4	7,3	7,6	17	57,1	2,7	3,8	2,4	4,4	25,1	33,8	22,2
2002	15,9	67,4	7	7,6	15,6	36,1	2,4	3,8	2,1	4,4	27,1	33,8	20,6
2003	14,9	98,2	5,5	7,4	14,8	31,1	1,6	3,8	1,9	4,7	22,2	23,5	21
2004	14,9	106,2	5,5	7,4	14,5	25,1	0,5	2,8	1,5	4,2	14,2	19,6	19,4
2005	14,9	105,9	5,1	11	14,5	24,5	0,4	2,8	1,5	4,4	12,5	15,8	19
2006	14,7	87,8	4,7	11	14,5	26,3	0,2	2,8	1,5	4,4	12,5	12,1	17,2

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 21A - Laranja: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 60A

PRODUÇÃO DE LIMÃO NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	4.223	7.200	3.967	885	1.470	913	-	1.225	1.760	1.800	5.044	290	28.777
1991	4.275	9.000	3.964	1.075	1.470	1.883	-	830	1.350	1.600	5.194	290	30.931
1992	5.535	12.382	3.964	3.356	1.020	1.883	-	650	1.000	1.500	6.335	735	38.360
1993	5.535	13.200	3.964	3.471	1.020	3.205	-	520	560	1.400	6.679	665	40.219
1994	5.535	16.200	3.964	3.471	3.200	2.110	-	470	420	1.350	6.529	290	43.539
1995	5.607	16.200	4.076	3.536	3.200	1.960	-	405	315	1.050	6.760	390	43.499
1996	4.511	10.309	209	3.430	2.994	453	-	-	-	-	1.009	506	23.421
1997	4.016	11.024	210	3.430	4.369	450	-	-	-	-	994	502	24.995
1998	3.800	66.600	126	3.300	5.460	750	-	187	-	-	206	290	80.719
1999	7.904	66.600	105	9.526	10.862	6.000	-	960	544	-	276	360	103.137
2000	7.184	67.050	727	9.726	14.336	6.000	-	960	544	570	828	360	108.285
2001	756	11.315	105	905	1.795	1.292	2.815	64	34	51	96	55	19.283
2002	822	11.315	105	918	1.825	1.078	5.115	64	34	51	346	55	21.728
2003	527	9.275	66	879	1.915	2.172	3.509	525	34	90	325	55	19.372
2004	527	9.775	66	907	1.489	1.604	3.500	483	34	90	325	13	18.813
2005	591	9.775	154	774	1.588	1.140	1.050	483	-	90	325	13	15.983
2006	765	9.075	154	670	1.938	1.140	700	483	-	90	325	13	15.353
1990	14,7	25	13,8	3,1	5,1	3,2	-	4,3	6,1	6,3	17,5	1	100
1991	13,8	29,1	12,8	3,5	4,8	6,1	-	2,7	4,4	5,2	16,8	0,9	100
1992	14,4	32,3	10,3	8,7	2,7	4,9	-	1,7	2,6	3,9	16,5	1,9	100
1993	13,8	32,8	9,9	8,6	2,5	8	-	1,3	1,4	3,5	16,6	1,7	100
1994	12,7	37,2	9,1	8	7,3	4,8	-	1,1	1	3,1	15	0,7	100
1995	12,9	37,2	9,4	8,1	7,4	4,5	-	0,9	0,7	2,4	15,5	0,9	100
1996	19,3	44	0,9	14,6	12,8	1,9	-	-	-	-	4,3	2,2	100
1997	16,1	44,1	0,8	13,7	17,5	1,8	-	-	-	-	4	2	100
1998	4,7	82,5	0,2	4,1	6,8	0,9	-	0,2	-	-	0,3	0,4	100
1999	7,7	64,6	0,1	9,2	10,5	5,8	-	0,9	0,5	-	0,3	0,3	100
2000	6,6	61,9	0,7	9	13,2	5,5	-	0,9	0,5	0,5	0,8	0,3	100
2001	3,9	58,7	0,5	4,7	9,3	6,7	14,6	0,3	0,2	0,3	0,5	0,3	100
2002	3,8	52,1	0,5	4,2	8,4	5	23,5	0,3	0,2	0,2	1,6	0,3	100
2003	2,7	47,9	0,3	4,5	9,9	11,2	18,1	2,7	0,2	0,5	1,7	0,3	100
2004	2,8	52	0,4	4,8	7,9	8,5	18,6	2,6	0,2	0,5	1,7	0,1	100
2005	3,7	61,2	1	4,8	9,9	7,1	6,6	3	-	0,6	2	0,1	100
2006	5	59,1	1	4,4	12,6	7,4	4,6	3,1	-	0,6	2,1	0,1	100

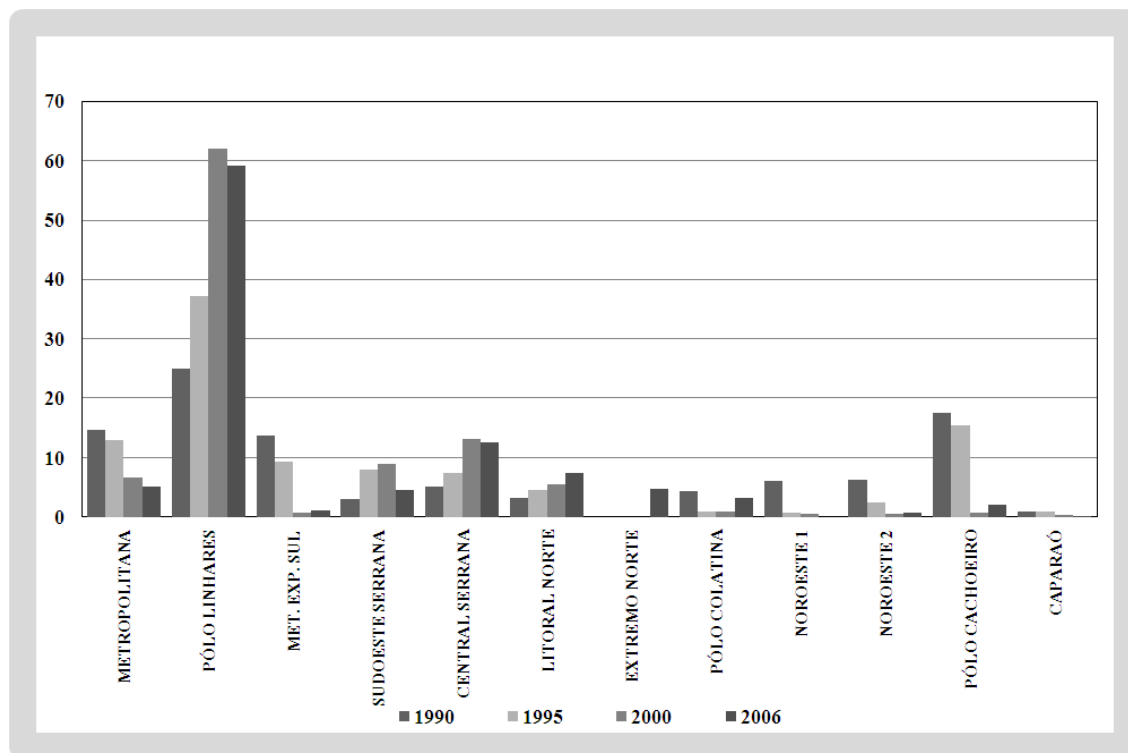
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 61A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE LIMÃO NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	100	100	100	100	100	100	-	100	100	100	100	100	100
1991	101,2	125	99,9	121,5	100	206,2	-	67,8	76,7	88,9	103	100	107,5
1992	131,1	172	99,9	379,2	69,4	206,2	-	53,1	56,8	83,3	125,6	253,4	133,3
1993	131,1	183,3	99,9	392,2	69,4	351	-	42,4	31,8	77,8	132,4	229,3	139,8
1994	131,1	225	99,9	392,2	217,7	231,1	-	38,4	23,9	75	129,4	100	151,3
1995	132,8	225	102,7	399,5	217,7	214,7	-	33,1	17,9	58,3	134	134,5	151,2
1996	106,8	143,2	5,3	387,6	203,7	49,6	-	-	-	-	20	174,5	81,4
1997	95,1	153,1	5,3	387,6	297,2	49,3	-	-	-	-	19,7	173,1	86,9
1998	90	925	3,2	372,9	371,4	82,1	-	15,3	-	-	4,1	100	280,5
1999	187,2	925	2,6	1076,4	738,9	657,2	-	78,4	30,9	-	5,5	124,1	358,4
2000	170,1	931,3	18,3	1099	975,2	657,2	-	78,4	30,9	31,7	16,4	124,1	376,3
2001	17,9	157,2	2,6	102,3	122,1	141,5	100	5,2	1,9	2,8	1,9	19	67
2002	19,5	157,2	2,6	103,7	124,1	118,1	181,7	5,2	1,9	2,8	6,9	19	75,5
2003	12,5	128,8	1,7	99,3	130,3	237,9	124,7	42,9	1,9	5	6,4	19	67,3
2004	12,5	135,8	1,7	102,5	101,3	175,7	124,3	39,4	1,9	5	6,4	4,5	65,4
2005	14	135,8	3,9	87,5	108	124,9	37,3	39,4	-	5	6,4	4,5	55,5
2006	18,1	126	3,9	75,7	131,8	124,9	24,9	39,4	-	5	6,4	4,5	53,4

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 22A - Limão: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 62A

PRODUÇÃO DE MAMÃO NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	12.261	102.980	-	728	500	85.054	64.950	956	240	6.846	312	-	274.827
1991	10.831	113.260	-	728	1.780	96.034	99.150	851	240	13.692	402	-	336.968
1992	444	118.300	-	936	1.440	117.800	100.000	851	240	13.692	1.336	-	355.039
1993	444	119.950	-	936	7.440	103.932	157.750	350	240	8.313	1.605	50	401.010
1994	-	115.000	-	-	8.304	131.250	159.000	350	240	-	2.585	300	417.029
1995	-	158.590	-	-	3.280	94.040	93.600	-	-	-	2.585	-	352.095
1996	-	92.150	-	270	3.280	77.675	71.550	-	-	-	3.643	173	248.741
1997	-	117.470	-	240	2.000	188.060	160.320	-	-	2.000	1.312	-	471.402
1998	-	142.500	-	240	1.120	158.000	187.200	1.200	-	2.000	2.340	-	494.600
1999	-	162.570	170	291	1.120	142.348	210.400	400	-	9.440	2.240	-	528.979
2000	900	157.080	170	291	1.360	108.088	218.640	400	-	10.400	2.240	-	499.569
2001	-	76.414	520	102	2.400	47.000	282.960	400	-	10.400	336	-	420.532
2002	-	105.320	1.560	153	3.540	76.705	368.800	400	-	28.880	-	-	585.358
2003	-	115.845	2.600	170	4.800	77.200	451.000	630	-	26.990	-	-	679.235
2004	500	123.014	2.600	60	5.520	64.700	426.300	1.110	-	26.874	-	-	650.678
2005	-	120.521	-	75	5.520	58.700	408.000	1.110	-	35.310	-	-	629.236
2006	-	97.342	-	75	8.400	67.500	532.730	1.110	-	45.310	36	-	752.503
1990	4,5	37,5	-	0,3	0,2	30,9	23,6	0,3	0,1	2,5	0,1	-	100
1991	3,2	33,6	-	0,2	0,5	28,5	29,4	0,3	0,1	4,1	0,1	-	100
1992	0,1	33,3	-	0,3	0,4	33,2	28,2	0,2	0,1	3,9	0,4	-	100
1993	0,1	29,9	-	0,2	1,9	25,9	39,3	0,1	0,1	2,1	0,4	-	100
1994	-	27,6	-	-	2	31,5	38,1	0,1	0,1	-	0,6	0,1	100
1995	-	45	-	-	0,9	26,7	26,6	-	-	-	0,7	-	100
1996	-	37	-	0,1	1,3	31,2	28,8	-	-	-	1,5	0,1	100
1997	-	24,9	-	0,1	0,4	39,9	34	-	-	0,4	0,3	-	100
1998	-	28,8	-	0	0,2	31,9	37,8	0,2	-	0,4	0,5	-	100
1999	-	30,7	-	0,1	0,2	26,9	39,8	0,1	-	1,8	0,4	-	100
2000	0,2	31,4	-	0,1	0,3	21,6	43,8	0,1	-	2,1	0,4	-	100
2001	-	18,2	0,1	-	0,6	11,2	67,3	0,1	-	2,5	0,1	-	100
2002	-	18	0,3	-	0,6	13,1	63	0,1	-	4,9	-	-	100
2003	-	17,1	0,4	-	0,7	11,4	66,4	0,1	-	4	-	-	100
2004	0,1	18,9	0,4	-	0,8	9,9	65,5	0,2	-	4,1	-	-	100
2005	-	19,2	-	-	0,9	9,3	64,8	0,2	-	5,6	-	-	100
2006	-	12,9	-	-	1,1	9	70,8	0,1	-	6	-	-	100

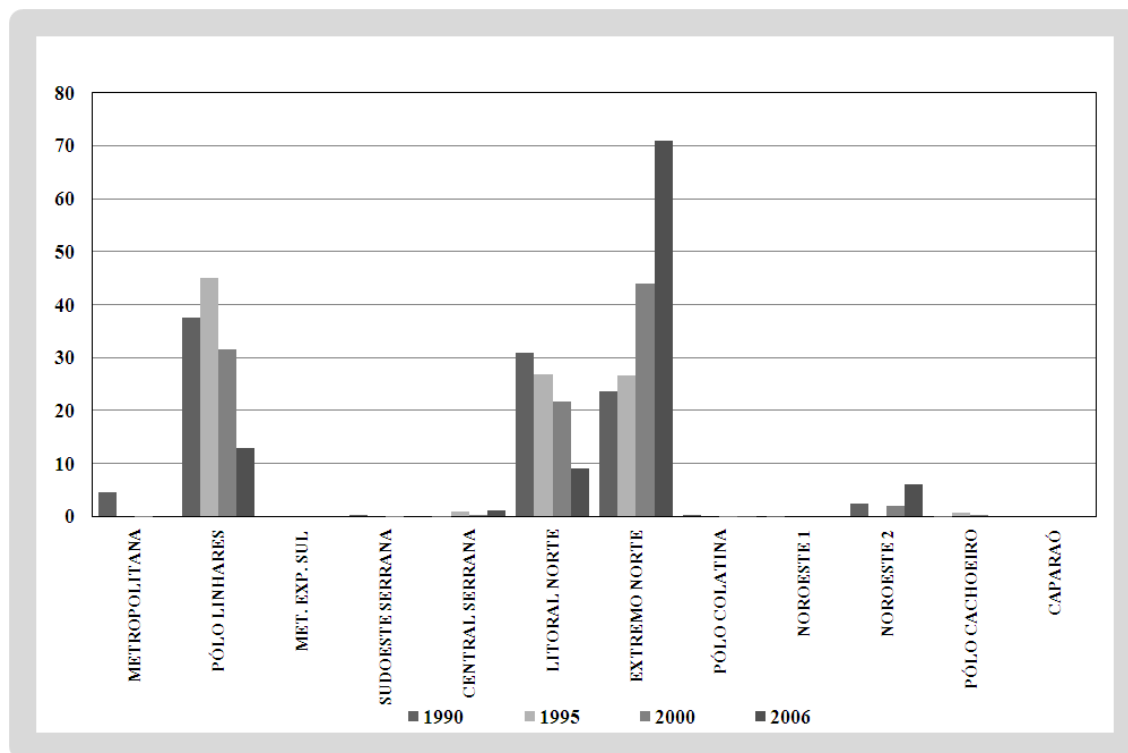
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 63A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE MAMÃO NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	100	100	-	100	100	100	100	100	100	100	100	-	100
1991	88,3	110	-	100	356	112,9	152,7	89	100	200	128,8	-	122,6
1992	3,6	114,9	-	128,6	288	138,5	154	89	100	200	428,2	-	129,2
1993	3,6	116,5	-	128,6	1488	122,2	242,9	36,6	100	121,4	514,4	100	145,9
1994	-	111,7	-	-	1660,8	154,3	244,8	36,6	100	-	828,5	600	151,7
1995	-	154	-	-	656	110,6	144,1	-	-	-	828,5	-	128,1
1996	-	89,5	-	37,1	656	91,3	110,2	-	-	-	1167,6	346	90,5
1997	-	114,1	-	33	400	221,1	246,8	-	-	29,2	420,5	-	171,5
1998	-	138,4	-	33	224	185,8	288,2	125,5	-	29,2	750	-	180
1999	-	157,9	100	40	224	167,4	323,9	41,8	-	137,9	717,9	-	192,5
2000	7,3	152,5	100	40	272	127,1	336,6	41,8	-	151,9	717,9	-	181,8
2001	-	74,2	305,9	14	480	55,3	435,7	41,8	-	151,9	107,7	-	153
2002	-	102,3	917,6	21	708	90,2	567,8	41,8	-	421,9	-	-	213
2003	-	112,5	1529,4	23,4	960	90,8	694,4	65,9	-	394,2	-	-	247,2
2004	4,1	119,5	1529,4	8,2	1104	76,1	656,4	116,1	-	392,6	-	-	236,8
2005	-	117	-	10,3	1104	69	628,2	116,1	-	515,8	-	-	229
2006	-	94,5	-	10,3	1680	79,4	820,2	116,1	-	661,8	11,5	-	273,8

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 23A - Mamão: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 64A

PRODUÇÃO DE MANGA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	684	-	922	217	440	3.765	-	1.825	9.100	3.271	4.267	467	24.958
1991	667	-	850	215	440	3.840	-	1.750	8.690	2.871	4.237	467	24.027
1992	553	-	850	65	480	230	-	1.650	7.875	2.871	4.279	467	19.320
1993	553	-	850	65	480	80	-	1.800	7.475	2.871	3.997	467	18.638
1994	553	-	850	3.765	480	-	-	1.800	7.475	3.671	3.995	467	23.056
1995	457	-	828	3.565	11.200	-	-	1.900	7.475	3.700	3.970	467	33.562
1996	625	257	191	178	8.898	-	84	1.200	739	1.455	2.622	1.020	17.269
1997	566	257	176	183	9.298	-	84	1.666	950	1.634	2.326	1.020	18.160
1998	1.170	640	325	475	9.454	-	240	1.800	680	1.506	409	1.020	17.719
1999	1.410	640	160	759	9.317	-	84	1.838	672	708	1.236	3.389	20.213
2000	1.750	491	60	1.068	12.232	-	84	1.838	672	708	1.236	3.389	23.528
2001	230	491	60	504	1.946	-	672	613	184	311	356	858	6.225
2002	230	491	60	818	1.946	-	672	613	184	311	356	858	6.539
2003	215	491	75	883	2.282	-	392	960	184	311	356	522	6.671
2004	215	491	45	763	2.442	-	224	960	180	339	209	333	6.201
2005	150	219	-	1.423	1.978	-	-	960	180	339	209	333	5.791
2006	150	219	-	1.423	2.098	-	-	960	180	265	125	333	5.753
1990	2,7	-	3,7	0,9	1,8	15,1	-	7,3	36,5	13,1	17,1	1,9	100
1991	2,8	-	3,5	0,9	1,8	16	-	7,3	36,2	11,9	17,6	1,9	100
1992	2,9	-	4,4	0,3	2,5	1,2	-	8,5	40,8	14,9	22,1	2,4	100
1993	3	-	4,6	0,3	2,6	0,4	-	9,7	40,1	15,4	21,4	2,5	100
1994	2,4	-	3,7	16,3	2,1	-	-	7,8	32,4	15,9	17,3	2	100
1995	1,4	-	2,5	10,6	33,4	-	-	5,7	22,3	11	11,8	1,4	100
1996	3,6	1,5	1,1	1	51,5	-	0,5	6,9	4,3	8,4	15,2	5,9	100
1997	3,1	1,4	1	1	51,2	-	0,5	9,2	5,2	9	12,8	5,6	100
1998	6,6	3,6	1,8	2,7	53,4	-	1,4	10,2	3,8	8,5	2,3	5,8	100
1999	7	3,2	0,8	3,8	46,1	-	0,4	9,1	3,3	3,5	6,1	16,8	100
2000	7,4	2,1	0,3	4,5	52	-	0,4	7,8	2,9	3	5,3	14,4	100
2001	3,7	7,9	1	8,1	31,3	-	10,8	9,8	3	5	5,7	13,8	100
2002	3,5	7,5	0,9	12,5	29,8	-	10,3	9,4	2,8	4,8	5,4	13,1	100
2003	3,2	7,4	1,1	13,2	34,2	-	5,9	14,4	2,8	4,7	5,3	7,8	100
2004	3,5	7,9	0,7	12,3	39,4	-	3,6	15,5	2,9	5,5	3,4	5,4	100
2005	2,6	3,8	-	24,6	34,2	-	-	16,6	3,1	5,9	3,6	5,8	100
2006	2,6	3,8	-	24,7	36,5	-	-	16,7	3,1	4,6	2,2	5,8	100

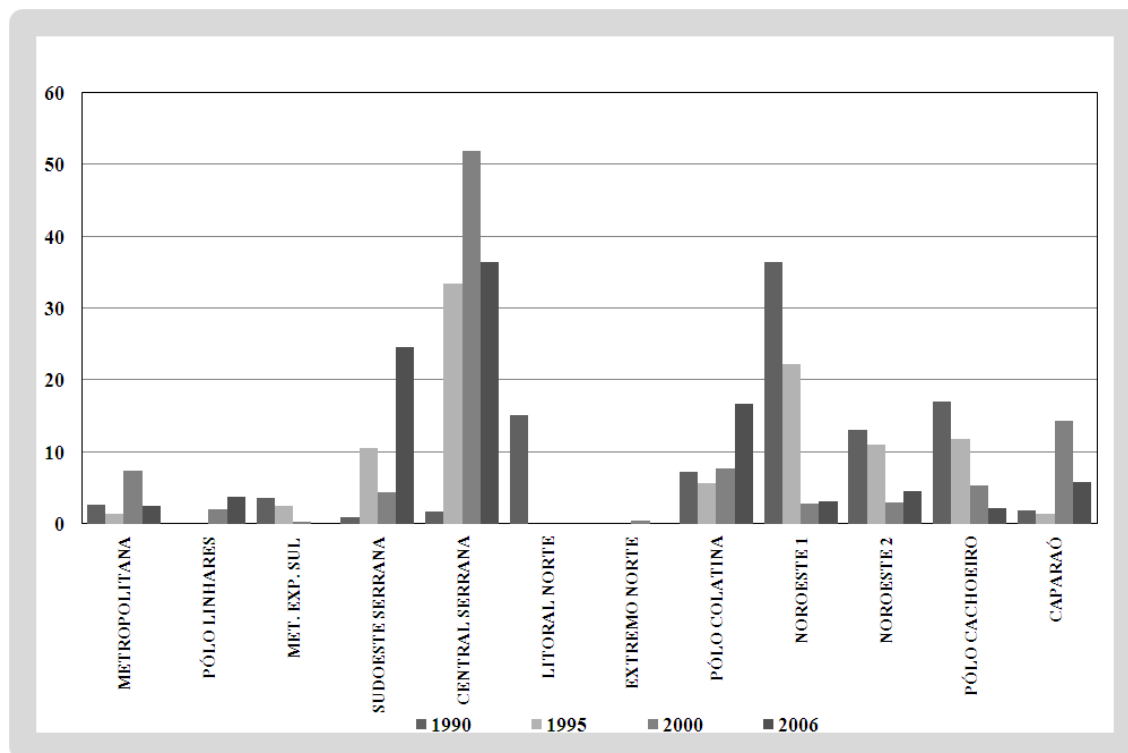
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 65A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE MANGA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	100	-	100	100	100	100	-	100	100	100	100	100	100
1991	97,5	-	92,2	99,1	100	102	-	95,9	95,5	87,8	99,3	100	96,3
1992	80,8	-	92,2	30	109,1	6,1	-	90,4	86,5	87,8	100,3	100	77,4
1993	80,8	-	92,2	30	109,1	2,1	-	98,6	82,1	87,8	93,7	100	74,7
1994	80,8	-	92,2	1735	109,1	-	-	98,6	82,1	112,2	93,6	100	92,4
1995	66,8	-	89,8	1642,9	2545,5	-	-	104,1	82,1	113,1	93	100	134,5
1996	91,4	100	20,7	82	2022,3	-	100	65,8	8,1	44,5	61,4	218,4	69,2
1997	82,7	100	19,1	84,3	2113,2	-	100	91,3	10,4	50	54,5	218,4	72,8
1998	171,1	249	35,2	218,9	2148,6	-	285,7	98,6	7,5	46	9,6	218,4	71
1999	206,1	249	17,4	349,8	2117,5	-	100	100,7	7,4	21,6	29	725,7	81
2000	255,8	191,1	6,5	492,2	2780	-	100	100,7	7,4	21,6	29	725,7	94,3
2001	33,6	191,1	6,5	232,3	442,3	-	800	33,6	2	9,5	8,3	183,7	24,9
2002	33,6	191,1	6,5	377	442,3	-	800	33,6	2	9,5	8,3	183,7	26,2
2003	31,4	191,1	8,1	406,9	518,6	-	466,7	52,6	2	9,5	8,3	111,8	26,7
2004	31,4	191,1	4,9	351,6	555	-	266,7	52,6	2	10,4	4,9	71,3	24,8
2005	21,9	85,2	-	655,8	449,5	-	-	52,6	2	10,4	4,9	71,3	23,2
2006	21,9	85,2	-	655,8	476,8	-	-	52,6	2	8,1	2,9	71,3	23,1

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 24A - Manga: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 66A

PRODUÇÃO DE MARACUJÁ NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1991	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9.280	-	9.280
1992	-	1.820	-	-	-	-	-	-	-	-	6.525	-	8.345
1993	-	7.500	-	-	-	-	-	-	-	-	5.680	-	13.180
1994	-	9.840	-	-	-	150	-	-	-	-	5.680	-	15.670
1995	-	18.880	-	-	-	570	-	-	-	-	-	-	19.450
1996	-	19.200	92	-	-	15.558	2.310	-	-	112	1.450	-	38.722
1997	-	18.726	90	-	-	18.099	9.129	-	-	-	1.500	-	47.544
1998	-	40.000	90	-	-	15.545	15.125	-	-	756	4.272	-	75.788
1999	2.965	58.750	750	880	675	44.360	22.400	-	-	4.215	23.850	-	158.845
2000	2.493	79.875	235	880	1.300	34.880	36.800	-	675	6.599	20.850	-	184.587
2001	437	15.780	237	80	219	3.720	4.620	-	69	721	3.630	-	29.513
2002	481	42.050	312	330	217	6.200	10.370	-	-	340	2.676	45	63.021
2003	630	46.030	800	520	781	7.325	10.350	50	270	465	4.995	54	72.270
2004	1.080	50.545	810	225	691	9.900	10.395	50	380	900	5.980	224	81.180
2005	795	29.665	1.010	100	334	9.040	3.645	50	705	1.590	3.845	291	51.070
2006	1.045	40.900	952	100	161	10.780	9.000	50	2.385	2.960	3.495	251	72.079
1990	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1991	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100	-	100
1992	-	21,8	-	-	-	-	-	-	-	-	78,2	-	100
1993	-	56,9	-	-	-	-	-	-	-	-	43,1	-	100
1994	-	62,8	-	-	-	1	-	-	-	-	36,2	-	100
1995	-	97,1	-	-	-	2,9	-	-	-	-	-	-	100
1996	-	49,6	0,2	-	-	40,2	6	-	-	0,3	3,7	-	100
1997	-	39,4	0,2	-	-	38,1	19,2	-	-	-	3,2	-	100
1998	-	52,8	0,1	-	-	20,5	20	-	-	1	5,6	-	100
1999	1,9	37	0,5	0,6	0,4	27,9	14,1	-	-	2,7	15	-	100
2000	1,4	43,3	0,1	0,5	0,7	18,9	19,9	-	0,4	3,6	11,3	-	100
2001	1,5	53,5	0,8	0,3	0,7	12,6	15,7	-	0,2	2,4	12,3	-	100
2002	0,8	66,7	0,5	0,5	0,3	9,8	16,5	-	-	0,5	4,2	0,1	100
2003	0,9	63,7	1,1	0,7	1,1	10,1	14,3	0,1	0,4	0,6	6,9	0,1	100
2004	1,3	62,3	1	0,3	0,9	12,2	12,8	0,1	0,5	1,1	7,4	0,3	100
2005	1,6	58,1	2	0,2	0,7	17,7	7,1	0,1	1,4	3,1	7,5	0,6	100
2006	1,4	56,7	1,3	0,1	0,2	15	12,5	0,1	3,3	4,1	4,8	0,3	100

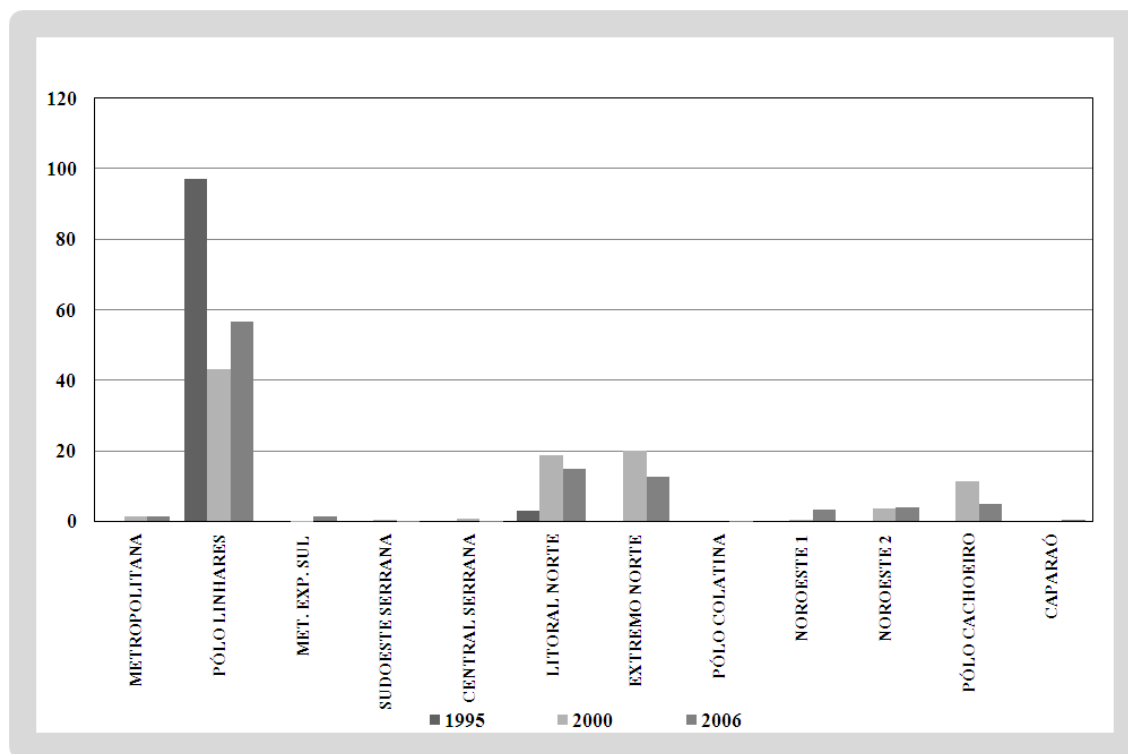
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 67A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE MARACUJÁ NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1991	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100	-	100
1992	-	100	-	-	-	-	-	-	-	-	70,3	-	89,9
1993	-	412,1	-	-	-	-	-	-	-	-	61,2	-	142
1994	-	540,7	-	-	-	100	-	-	-	-	61,2	-	168,9
1995	-	1037,4	-	-	-	380	-	-	-	-	0	-	209,6
1996	-	1054,9	100	-	-	10372	100	-	-	100	15,6	-	417,3
1997	-	1028,9	97,8	-	-	12066	395,2	-	-	-	16,2	-	512,3
1998	-	2197,8	97,8	-	-	10363,3	654,8	-	-	675	46	-	816,7
1999	100	3228	815,2	100	100	29573,3	969,7	-	-	3763,4	257	-	1711,7
2000	84,1	4388,7	255,4	100	192,6	23253,3	1593,1	-	100	5892	224,7	-	1989,1
2001	14,7	867	257,6	9,1	32,4	2480	200	-	10,2	643,8	39,1	-	318
2002	16,2	2310,4	339,1	37,5	32,1	4133,3	448,9	-	-	303,6	28,8	100	679,1
2003	21,2	2529,1	869,6	59,1	115,7	4883,3	448,1	100	40	415,2	53,8	120	778,8
2004	36,4	2777,2	880,4	25,6	102,4	6600	450	100	56,3	803,6	64,4	497,8	874,8
2005	26,8	1629,9	1097,8	11,4	49,5	6026,7	157,8	100	104,4	1419,6	41,4	646,7	550,3
2006	35,2	2247,3	1034,8	11,4	23,9	7186,7	389,6	100	353,3	2642,9	37,7	557,8	776,7

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 25A - Maracujá: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 68A

PRODUÇÃO DE TANGERINA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	3.386	-	4.120	1.712	3.400	-	-	1.600	3.440	1.440	5.817	3.273	28.188
1991	3.971	-	4.206	2.927	3.400	-	-	1.130	2.795	780	5.842	3.273	28.324
1992	4.451	-	4.206	5.862	3.400	-	-	950	2.100	650	6.334	4.344	32.297
1993	4.451	-	4.206	5.842	10.510	-	-	795	1.380	450	6.481	4.329	38.444
1994	4.447	-	4.206	5.842	16.385	-	-	720	995	350	6.395	3.609	42.949
1995	4.501	-	3.659	2.182	16.385	-	-	700	875	350	6.395	3.689	38.736
1996	1.169	36	317	19.782	22.752	-	-	-	-	-	2.881	9.118	56.055
1997	1.565	36	317	19.645	22.752	-	-	-	-	-	2.344	9.118	55.777
1998	2.791	36	197	22.060	23.472	2.400	-	-	-	-	516	9.118	60.590
1999	2.772	1.176	19	31.895	28.495	1.599	-	-	-	-	583	10.453	76.992
2000	3.882	1.176	234	33.905	31.231	1.599	-	-	-	-	583	10.453	83.063
2001	1.280	330	21	5.111	7.105	240	30	-	-	-	144	2.445	16.706
2002	1.287	870	19	5.155	7.655	240	24	-	-	-	370	2.945	18.565
2003	1.267	870	19	5.199	6.331	240	24	-	-	-	354	2.945	17.249
2004	1.307	870	19	5.634	5.916	240	16	-	-	-	347	1.956	16.305
2005	1.235	870	32	6.399	5.580	-	8	-	-	-	275	951	15.350
2006	1.805	870	32	6.219	5.580	378	8	-	-	-	275	921	16.088
1990	12	-	14,6	6,1	12,1	-	-	5,7	12,2	5,1	20,6	11,6	100
1991	14	-	14,8	10,3	12	-	-	4	9,9	2,8	20,6	11,6	100
1992	13,8	-	13	18,2	10,5	-	-	2,9	6,5	2	19,6	13,5	100
1993	11,6	-	10,9	15,2	27,3	-	-	2,1	3,6	1,2	16,9	11,3	100
1994	10,4	-	9,8	13,6	38,1	-	-	1,7	2,3	0,8	14,9	8,4	100
1995	11,6	-	9,4	5,6	42,3	-	-	1,8	2,3	0,9	16,5	9,5	100
1996	2,1	0,1	0,6	35,3	40,6	-	-	-	-	-	5,1	16,3	100
1997	2,8	0,1	0,6	35,2	40,8	-	-	-	-	-	4,2	16,3	100
1998	4,6	0,1	0,3	36,4	38,7	4	-	-	-	-	0,9	15	100
1999	3,6	1,5	0	41,4	37	2,1	-	-	-	-	0,8	13,6	100
2000	4,7	1,4	0,3	40,8	37,6	1,9	-	-	-	-	0,7	12,6	100
2001	7,7	2	0,1	30,6	42,5	1,4	0,2	-	-	-	0,9	14,6	100
2002	6,9	4,7	0,1	27,8	41,2	1,3	0,1	-	-	-	2	15,9	100
2003	7,3	5	0,1	30,1	36,7	1,4	0,1	-	-	-	2,1	17,1	100
2004	8	5,3	0,1	34,6	36,3	1,5	0,1	-	-	-	2,1	12	100
2005	8	5,7	0,2	41,7	36,4	-	0,1	-	-	-	1,8	6,2	100
2006	11,2	5,4	0,2	38,7	34,7	2,3	-	-	-	-	1,7	5,7	100

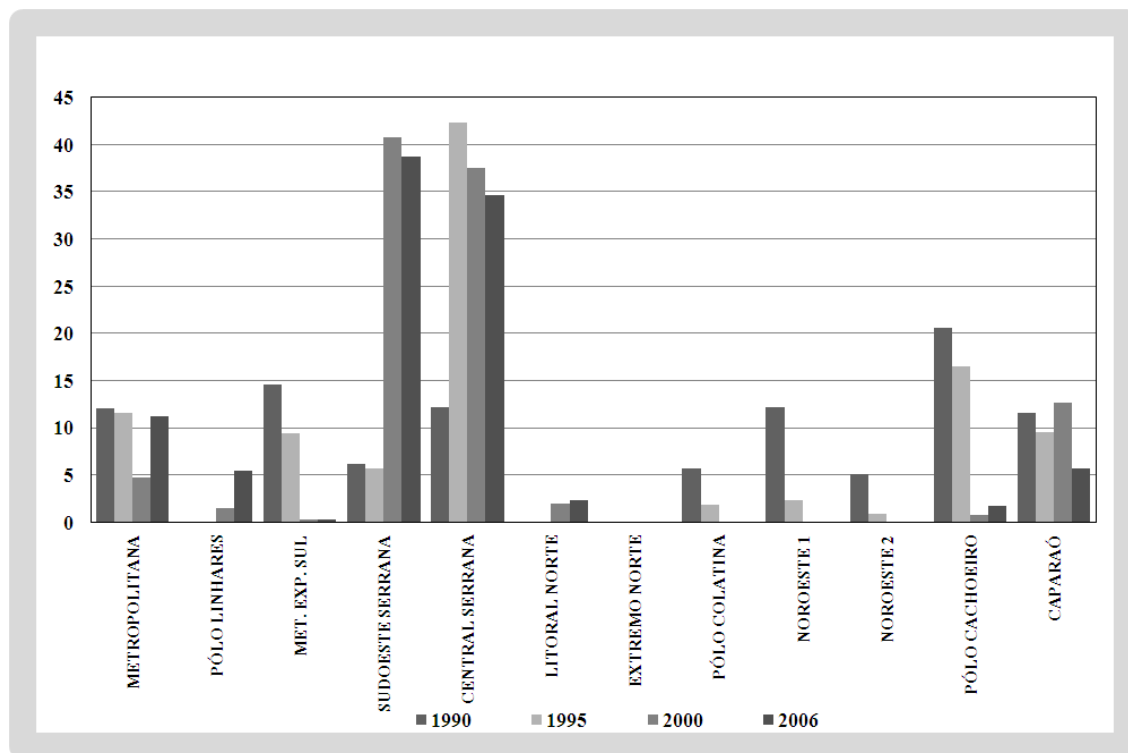
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 69A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE TANGERINA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	100	-	100	100	100	-	-	100	100	100	100	100	100
1991	117,3	-	102,1	171	100	-	-	70,6	81,3	54,2	100,4	100	100,5
1992	131,5	-	102,1	342,4	100	-	-	59,4	61	45,1	108,9	132,7	114,6
1993	131,5	-	102,1	341,2	309,1	-	-	49,7	40,1	31,3	111,4	132,3	136,4
1994	131,3	-	102,1	341,2	481,9	-	-	45	28,9	24,3	109,9	110,3	152,4
1995	132,9	-	88,8	127,5	481,9	-	-	43,8	25,4	24,3	109,9	112,7	137,4
1996	34,5	-	7,7	1155,5	669,2	-	-	-	-	-	49,5	278,6	198,9
1997	46,2	-	7,7	1147,5	669,2	-	-	-	-	-	40,3	278,6	197,9
1998	82,4	-	4,8	1288,6	690,4	-	-	-	-	-	8,9	278,6	214,9
1999	81,9	-	0,5	1863	838,1	-	-	-	-	-	10	319,4	273,1
2000	114,6	-	5,7	1980,4	918,6	-	-	-	-	-	10	319,4	294,7
2001	37,8	-	0,5	298,5	209	-	-	-	-	-	2,5	74,7	59,3
2002	38	-	0,5	301,1	225,1	-	-	-	-	-	6,4	90	65,9
2003	37,4	-	0,5	303,7	186,2	-	-	-	-	-	6,1	90	61,2
2004	38,6	-	0,5	329,1	174	-	-	-	-	-	6	59,8	57,8
2005	36,5	-	0,8	373,8	164,1	-	-	-	-	-	4,7	29,1	54,5
2006	53,3	-	0,8	363,3	164,1	-	-	-	-	-	4,7	28,1	57,1

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 26A - Tangerina: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 70A

PRODUÇÃO DE UVA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	-	-	42	50	-	-	-	-	-	-	80	-	172
1991	-	-	42	50	-	-	-	-	-	-	80	-	172
1992	-	-	42	49	-	-	-	-	-	-	50	-	141
1993	-	-	42	52	-	-	-	-	-	-	48	-	142
1994	-	-	42	52	-	-	-	-	-	-	48	-	142
1995	-	-	42	52	-	-	-	-	-	-	48	-	142
1996	-	-	42	32	10	-	-	-	-	-	6	-	90
1997	-	-	40	32	10	-	-	-	-	-	6	-	88
1998	-	-	25	32	10	-	-	-	-	-	6	-	73
1999	-	-	10	32	10	-	-	-	-	-	-	-	52
2000	-	-	10	32	10	-	-	-	-	-	-	-	52
2001	-	-	10	50	10	-	-	-	-	-	-	-	70
2002	-	-	10	92	10	-	-	-	-	-	-	-	112
2003	-	-	10	90	50	-	-	-	-	-	25	-	175
2004	-	-	10	90	50	-	-	-	-	-	25	-	175
2005	-	50	30	123	275	-	-	-	-	-	26	-	504
2006	13	50	-	132	300	-	-	-	-	-	27	-	522
1990	-	-	24,4	29,1	-	-	-	-	-	-	46,5	-	100
1991	-	-	24,4	29,1	-	-	-	-	-	-	46,5	-	100
1992	-	-	29,8	34,8	-	-	-	-	-	-	35,5	-	100
1993	-	-	29,6	36,6	-	-	-	-	-	-	33,8	-	100
1994	-	-	29,6	36,6	-	-	-	-	-	-	33,8	-	100
1995	-	-	29,6	36,6	-	-	-	-	-	-	33,8	-	100
1996	-	-	46,7	35,6	11,1	-	-	-	-	-	6,7	-	100
1997	-	-	45,5	36,4	11,4	-	-	-	-	-	6,8	-	100
1998	-	-	34,2	43,8	13,7	-	-	-	-	-	8,2	-	100
1999	-	-	19,2	61,5	19,2	-	-	-	-	-	-	-	100
2000	-	-	19,2	61,5	19,2	-	-	-	-	-	-	-	100
2001	-	-	14,3	71,4	14,3	-	-	-	-	-	-	-	100
2002	-	-	8,9	82,1	8,9	-	-	-	-	-	-	-	100
2003	-	-	5,7	51,4	28,6	-	-	-	-	-	14,3	-	100
2004	-	-	5,7	51,4	28,6	-	-	-	-	-	14,3	-	100
2005	-	9,9	6	24,4	54,6	-	-	-	-	-	5,2	-	100
2006	2,5	9,6	-	25,3	57,5	-	-	-	-	-	5,2	-	100

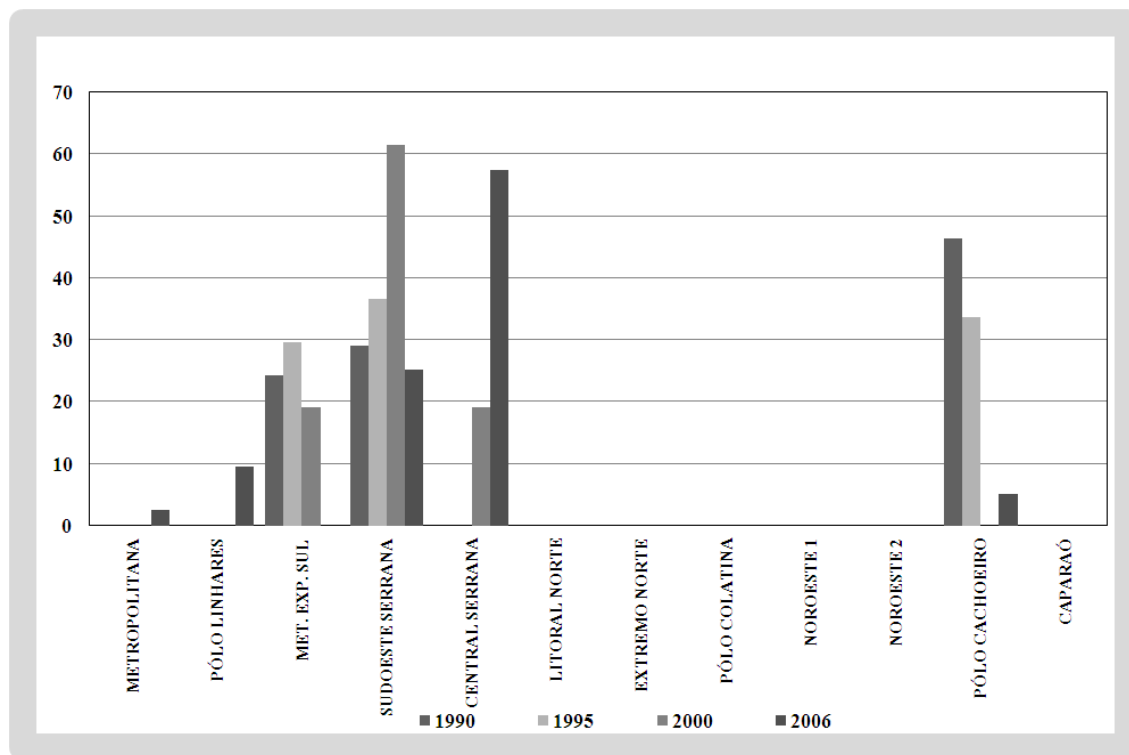
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 71A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE UVA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	-	-	100	100	-	-	-	-	-	-	100	-	100
1991	-	-	100	100	-	-	-	-	-	-	100	-	100
1992	-	-	100	98	-	-	-	-	-	-	62,5	-	82
1993	-	-	100	104	-	-	-	-	-	-	60	-	82,6
1994	-	-	100	104	-	-	-	-	-	-	60	-	82,6
1995	-	-	100	104	-	-	-	-	-	-	60	-	82,6
1996	-	-	100	64	100	-	-	-	-	-	7,5	-	52,3
1997	-	-	95,2	64	100	-	-	-	-	-	7,5	-	51,2
1998	-	-	59,5	64	100	-	-	-	-	-	7,5	-	42,4
1999	-	-	23,8	64	100	-	-	-	-	-	-	-	30,2
2000	-	-	23,8	64	100	-	-	-	-	-	-	-	30,2
2001	-	-	23,8	100	100	-	-	-	-	-	-	-	40,7
2002	-	-	23,8	184	100	-	-	-	-	-	-	-	65,1
2003	-	-	23,8	180	500	-	-	-	-	-	31,3	-	101,7
2004	-	-	23,8	180	500	-	-	-	-	-	31,3	-	101,7
2005	-	100	71,4	246	2750	-	-	-	-	-	32,5	-	293
2006	100	100	-	264	3000	-	-	-	-	-	33,8	-	303,5

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 27A - Uva: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 72A

PRODUÇÃO DE ALHO NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	-	-	-	2.376	3.860	-	-	-	-	-	50	18	6.304
1991	-	-	-	1.922	4.445	-	-	-	-	-	48	5	6.420
1992	-	-	5	1.925	3.385	-	-	-	-	25	48	14	5.402
1993	-	-	20	1.759	3.835	-	-	-	-	-	25	-	5.639
1994	-	-	20	1.668	2.725	-	-	-	-	-	25	-	4.438
1995	-	-	20	745	560	-	-	-	-	-	-	-	1.325
1996	-	-	20	1.072	1.155	-	-	-	-	-	2	-	2.249
1997	-	-	20	1.057	1.945	-	-	-	-	-	2	-	3.024
1998	-	-	20	502	1.840	-	-	-	-	-	-	-	2.362
1999	-	-	20	602	2.540	-	-	-	-	-	-	-	3.162
2000	-	-	20	822	3.708	-	-	-	-	-	-	-	4.550
2001	-	-	20	813	1.840	-	-	-	-	-	-	-	2.673
2002	-	-	20	638	2.345	-	-	-	-	-	-	-	3.003
2003	-	-	20	684	1.130	-	-	-	-	-	-	-	1.834
2004	-	-	20	634	730	-	-	-	-	-	-	-	1.384
2005	-	-	20	394	890	-	-	-	-	-	-	-	1.304
2006	-	-	20	344	490	-	-	-	-	-	-	-	854
1990	-	-	-	37,7	61,2	-	-	-	-	-	0,8	0,3	100
1991	-	-	-	29,9	69,2	-	-	-	-	-	0,7	0,1	100
1992	-	-	0,1	35,6	62,7	-	-	-	-	0,5	0,9	0,3	100
1993	-	-	0,4	31,2	68	-	-	-	-	-	0,4	-	100
1994	-	-	0,5	37,6	61,4	-	-	-	-	-	0,6	-	100
1995	-	-	1,5	56,2	42,3	-	-	-	-	-	-	-	100
1996	-	-	0,9	47,7	51,4	-	-	-	-	-	0,1	-	100
1997	-	-	0,7	35	64,3	-	-	-	-	-	0,1	-	100
1998	-	-	0,8	21,3	77,9	-	-	-	-	-	-	-	100
1999	-	-	0,6	19	80,3	-	-	-	-	-	-	-	100
2000	-	-	0,4	18,1	81,5	-	-	-	-	-	-	-	100
2001	-	-	0,7	30,4	68,8	-	-	-	-	-	-	-	100
2002	-	-	0,7	21,2	78,1	-	-	-	-	-	-	-	100
2003	-	-	1,1	37,3	61,6	-	-	-	-	-	-	-	100
2004	-	-	1,4	45,8	52,7	-	-	-	-	-	-	-	100
2005	-	-	1,5	30,2	68,3	-	-	-	-	-	-	-	100
2006	-	-	2,3	40,3	57,4	-	-	-	-	-	-	-	100

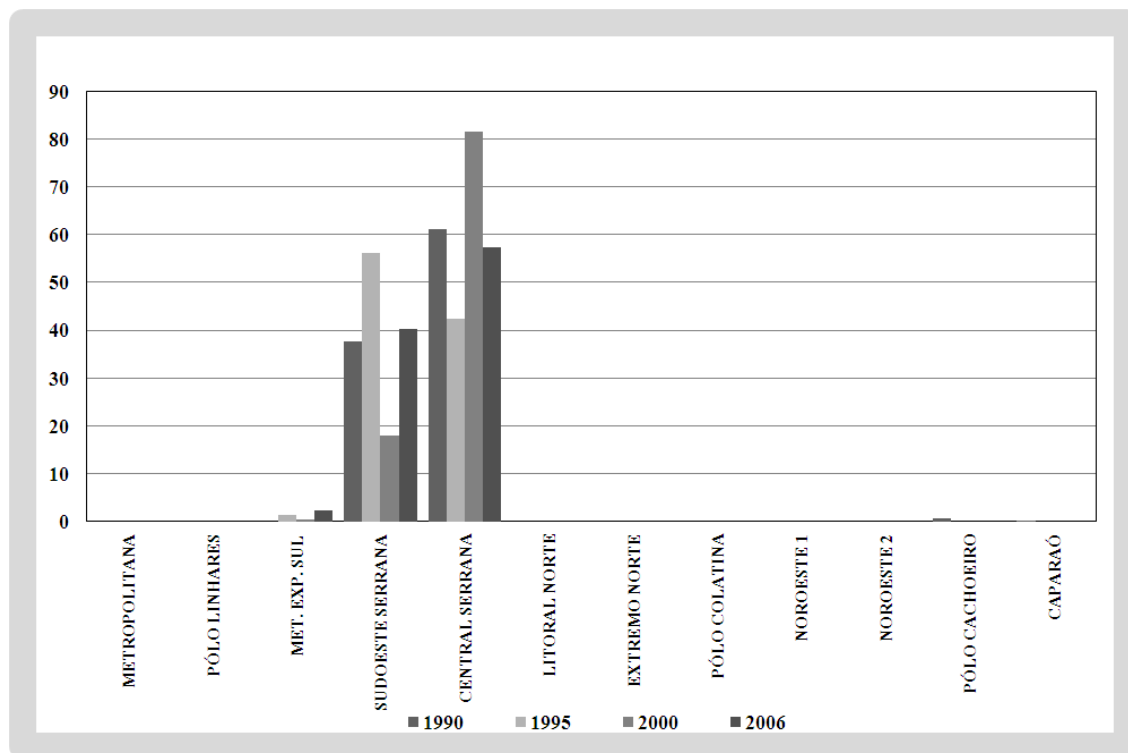
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 73A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE ALHO NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	-	-	-	100	100	-	-	-	-	-	100	100	100
1991	-	-	-	80,9	115,2	-	-	-	-	-	96	27,8	101,8
1992	-	-	100	81	87,7	-	-	-	-	100	96	77,8	85,7
1993	-	-	400	74	99,4	-	-	-	-	-	50	-	89,5
1994	-	-	400	70,2	70,6	-	-	-	-	-	50	-	70,4
1995	-	-	400	31,4	14,5	-	-	-	-	-	-	-	21
1996	-	-	400	45,1	29,9	-	-	-	-	-	4	-	35,7
1997	-	-	400	44,5	50,4	-	-	-	-	-	4	-	48
1998	-	-	400	21,1	47,7	-	-	-	-	-	-	-	37,5
1999	-	-	400	25,3	65,8	-	-	-	-	-	-	-	50,2
2000	-	-	400	34,6	96,1	-	-	-	-	-	-	-	72,2
2001	-	-	400	34,2	47,7	-	-	-	-	-	-	-	42,4
2002	-	-	400	26,9	60,8	-	-	-	-	-	-	-	47,6
2003	-	-	400	28,8	29,3	-	-	-	-	-	-	-	29,1
2004	-	-	400	26,7	18,9	-	-	-	-	-	-	-	22
2005	-	-	400	16,6	23,1	-	-	-	-	-	-	-	20,7
2006	-	-	400	14,5	12,7	-	-	-	-	-	-	-	13,5

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 28A - Alho: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 74A

PRODUÇÃO DE BATATA-DOCE NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	702	-	36	598	3.140	-	-	203	520	-	1.050	210	6.459
1991	353	-	48	554	3.132	-	-	-	405	-	1.000	210	5.702
1992	221	-	48	541	3.160	-	-	-	270	-	397	208	4.845
1993	221	-	48	532	6.016	-	-	-	216	-	293	208	7.534
1994	177	-	48	532	6.616	-	-	-	149	-	293	208	8.023
1995	321	-	30	532	6.102	-	-	-	121	-	269	208	7.583
1996	430	-	-	374	4.245	-	-	-	-	-	7	21	5.077
1997	400	-	-	400	4.245	-	-	-	-	-	13	21	5.079
1998	400	-	-	400	4.155	-	-	-	-	-	13	21	4.989
1999	400	-	-	400	4.155	-	-	-	-	-	-	21	4.976
2000	400	-	-	400	4.155	-	-	-	-	-	-	-	4.955
2001	380	-	-	400	3.885	-	-	-	-	-	-	-	4.665
2002	92	-	-	400	1.005	-	-	-	-	-	-	-	1.497
2003	92	-	-	400	2.870	-	-	-	-	-	-	-	3.362
2004	92	-	-	400	3.013	-	-	-	-	-	-	-	3.505
2005	72	-	-	280	2.580	-	-	-	-	-	50	-	2.982
2006	-	-	-	320	3.900	-	-	-	-	-	-	-	4.220
1990	10,9	-	0,6	9,3	48,6	-	-	3,1	8,1	-	16,3	3,3	100
1991	6,2	-	0,8	9,7	54,9	-	-	-	7,1	-	17,5	3,7	100
1992	4,6	-	1	11,2	65,2	-	-	-	5,6	-	8,2	4,3	100
1993	2,9	-	0,6	7,1	79,9	-	-	-	2,9	-	3,9	2,8	100
1994	2,2	-	0,6	6,6	82,5	-	-	-	1,9	-	3,7	2,6	100
1995	4,2	-	0,4	7	80,5	-	-	-	1,6	-	3,5	2,7	100
1996	8,5	-	-	7,4	83,6	-	-	-	-	-	0,1	0,4	100
1997	7,9	-	-	7,9	83,6	-	-	-	-	-	0,3	0,4	100
1998	8	-	-	8	83,3	-	-	-	-	-	0,3	0,4	100
1999	8	-	-	8	83,5	-	-	-	-	-	-	0,4	100
2000	8,1	-	-	8,1	83,9	-	-	-	-	-	-	-	100
2001	8,1	-	-	8,6	83,3	-	-	-	-	-	-	-	100
2002	6,1	-	-	26,7	67,1	-	-	-	-	-	-	-	100
2003	2,7	-	-	11,9	85,4	-	-	-	-	-	-	-	100
2004	2,6	-	-	11,4	86	-	-	-	-	-	-	-	100
2005	2,4	-	-	9,4	86,5	-	-	-	-	-	1,7	-	100
2006	-	-	-	7,6	92,4	-	-	-	-	-	-	-	100

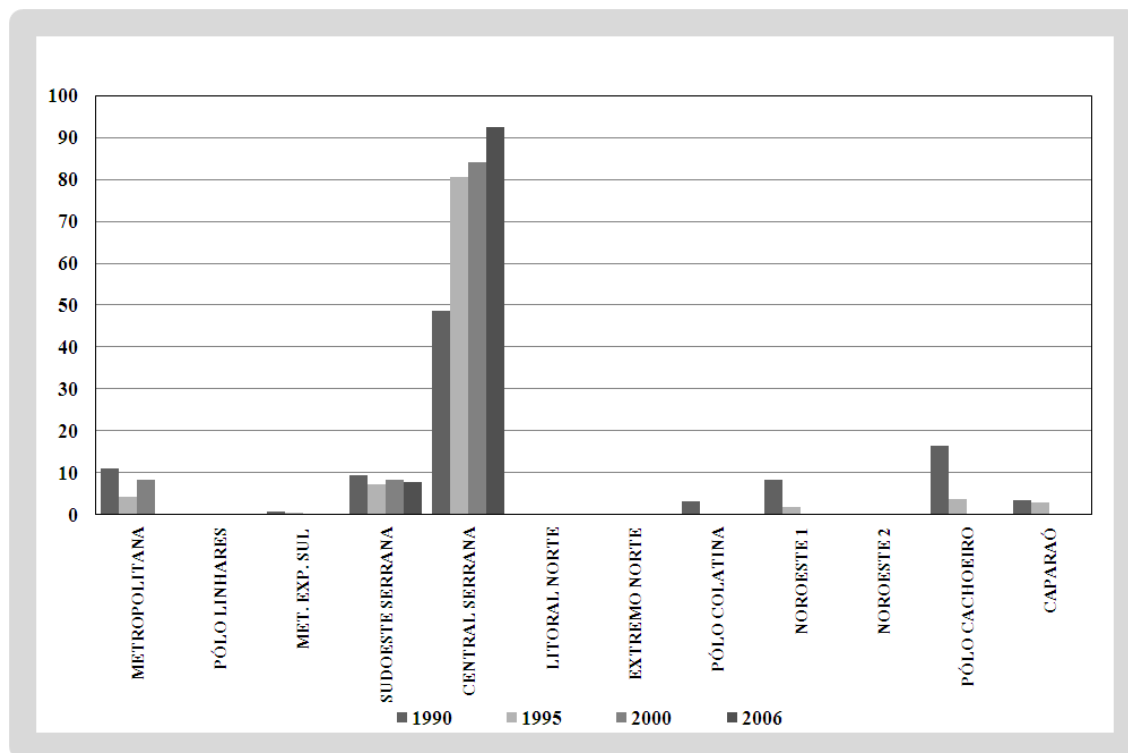
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 75A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE BATATA-DOCE NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	100	-	100	100	100	-	-	100	100	100	100	100	100
1991	50,3	-	133,3	92,6	99,7	-	-	-	77,9	-	95,2	100	88,3
1992	31,5	-	133,3	90,5	100,6	-	-	-	51,9	-	37,8	99	75
1993	31,5	-	133,3	89	191,6	-	-	-	41,5	-	27,9	99	116,6
1994	25,2	-	133,3	89	210,7	-	-	-	28,7	-	27,9	99	124,2
1995	45,7	-	83,3	89	194,3	-	-	-	23,3	-	25,6	99	117,4
1996	61,3	-	-	62,5	135,2	-	-	-	-	-	0,7	10	78,6
1997	57	-	-	66,9	135,2	-	-	-	-	-	1,2	10	78,6
1998	57	-	-	66,9	132,3	-	-	-	-	-	1,2	10	77,2
1999	57	-	-	66,9	132,3	-	-	-	-	-	-	10	77
2000	57	-	-	66,9	132,3	-	-	-	-	-	-	-	76,7
2001	54,1	-	-	66,9	123,7	-	-	-	-	-	-	-	72,2
2002	13,1	-	-	66,9	32	-	-	-	-	-	-	-	23,2
2003	13,1	-	-	66,9	91,4	-	-	-	-	-	-	-	52,1
2004	13,1	-	-	66,9	96	-	-	-	-	-	-	-	54,3
2005	10,3	-	-	46,8	82,2	-	-	-	-	-	4,8	-	46,2
2006	-	-	-	53,5	124,2	-	-	-	-	-	-	-	65,3

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 29A - Batata-doce: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 76A

PRODUÇÃO DE BATATA INGLESA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	-	-	216	9.184	248	-	-	-	-	-	530	1.463	11.641
1991	-	-	120	5.479	200	-	-	-	-	-	666	1.200	7.665
1992	-	-	120	5.727	200	-	-	-	20	-	594	1.254	7.915
1993	-	-	120	5.196	245	-	-	-	-	-	947	1.161	7.669
1994	-	-	156	5.649	325	-	-	-	-	-	1.172	1.607	8.909
1995	-	-	156	6.550	200	-	-	-	-	-	1.720	1.712	10.338
1996	-	-	46	1.929	320	-	-	-	-	-	1.895	1.541	5.731
1997	-	-	48	1.920	320	-	-	-	-	-	1.827	1.465	5.580
1998	-	-	156	4.442	320	-	-	-	-	-	1.550	1.298	7.766
1999	-	-	156	5.010	600	-	-	-	-	-	1.520	1.342	8.628
2000	-	-	156	5.280	600	-	-	-	-	-	1.307	1.234	8.577
2001	-	-	156	5.070	600	-	-	-	-	-	1.183	1.234	8.243
2002	-	-	24	5.250	600	-	-	-	-	-	1.430	1.234	8.538
2003	-	-	36	6.082	750	-	-	-	-	-	951	914	8.733
2004	-	-	36	5.706	1.225	-	-	-	-	-	1.131	900	8.998
2005	-	-	48	4.605	1.700	-	-	-	-	-	580	1.020	7.953
2006	-	-	48	4.530	1.700	-	-	-	-	-	540	504	7.322
1990	-	-	1,9	78,9	2,1	-	-	-	-	-	4,6	12,6	100
1991	-	-	1,6	71,5	2,6	-	-	-	-	-	8,7	15,7	100
1992	-	-	1,5	72,4	2,5	-	-	-	0,3	-	7,5	15,8	100
1993	-	-	1,6	67,8	3,2	-	-	-	-	-	12,3	15,1	100
1994	-	-	1,8	63,4	3,6	-	-	-	-	-	13,2	18	100
1995	-	-	1,5	63,4	1,9	-	-	-	-	-	16,6	16,6	100
1996	-	-	0,8	33,7	5,6	-	-	-	-	-	33,1	26,9	100
1997	-	-	0,9	34,4	5,7	-	-	-	-	-	32,7	26,3	100
1998	-	-	2	57,2	4,1	-	-	-	-	-	20	16,7	100
1999	-	-	1,8	58,1	7	-	-	-	-	-	17,6	15,6	100
2000	-	-	1,8	61,6	7	-	-	-	-	-	15,2	14,4	100
2001	-	-	1,9	61,5	7,3	-	-	-	-	-	14,4	15	100
2002	-	-	0,3	61,5	7	-	-	-	-	-	16,7	14,5	100
2003	-	-	0,4	69,6	8,6	-	-	-	-	-	10,9	10,5	100
2004	-	-	0,4	63,4	13,6	-	-	-	-	-	12,6	10	100
2005	-	-	0,6	57,9	21,4	-	-	-	-	-	7,3	12,8	100
2006	-	-	0,7	61,9	23,2	-	-	-	-	-	7,4	6,9	100

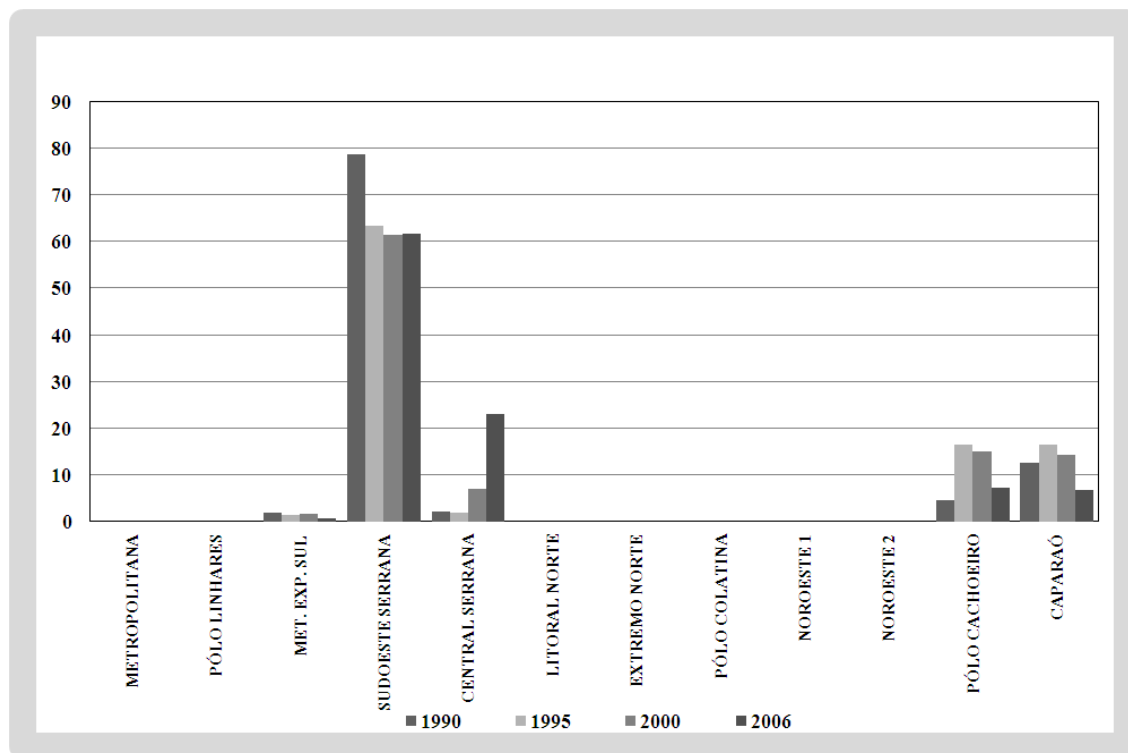
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 77A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE BATATA INGLESA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	-	-	100	100	100	-	-	-	-	-	100	100	100
1991	-	-	55,6	59,7	80,6	-	-	-	-	-	125,7	82	65,8
1992	-	-	55,6	62,4	80,6	-	-	-	100	-	112,1	85,7	68
1993	-	-	55,6	56,6	98,8	-	-	-	-	-	178,7	79,4	65,9
1994	-	-	72,2	61,5	131	-	-	-	-	-	221,1	109,8	76,5
1995	-	-	72,2	71,3	80,6	-	-	-	-	-	324,5	117	88,8
1996	-	-	21,3	21	129	-	-	-	-	-	357,5	105,3	49,2
1997	-	-	22,2	20,9	129	-	-	-	-	-	344,7	100,1	47,9
1998	-	-	72,2	48,4	129	-	-	-	-	-	292,5	88,7	66,7
1999	-	-	72,2	54,6	241,9	-	-	-	-	-	286,8	91,7	74,1
2000	-	-	72,2	57,5	241,9	-	-	-	-	-	246,6	84,3	73,7
2001	-	-	72,2	55,2	241,9	-	-	-	-	-	223,2	84,3	70,8
2002	-	-	11,1	57,2	241,9	-	-	-	-	-	269,8	84,3	73,3
2003	-	-	16,7	66,2	302,4	-	-	-	-	-	179,4	62,5	75
2004	-	-	16,7	62,1	494	-	-	-	-	-	213,4	61,5	77,3
2005	-	-	22,2	50,1	685,5	-	-	-	-	-	109,4	69,7	68,3
2006	-	-	22,2	49,3	685,5	-	-	-	-	-	101,9	34,4	62,9

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 30A - Batata inglesa: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 78A

PRODUÇÃO DE TOMATE NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	900	100	960	26.685	28.725	-	-	4.248	405	450	5.387	4.944	72.804
1991	600	1.000	960	21.600	31.950	40	105	4.688	615	450	10.710	7.488	80.206
1992	750	945	960	17.570	29.650	-	360	5.588	735	450	7.662	3.240	67.910
1993	540	940	1.980	24.395	32.430	152	600	5.050	1.115	450	9.600	4.866	82.118
1994	900	330	1.980	26.500	39.685	144	970	6.740	1.170	840	9.920	5.126	94.305
1995	600	240	2.310	23.518	38.990	-	525	6.680	1.070	370	9.980	5.201	89.484
1996	440	420	8.850	52.509	65.180	-	930	2.965	475	130	9.630	4.136	145.665
1997	400	-	8.000	50.090	46.250	100	1.030	4.818	1.250	150	9.790	4.633	126.511
1998	925	70	2.500	29.750	42.525	-	1.555	4.800	900	100	9.320	4.893	97.338
1999	595	70	2.500	38.900	43.700	-	715	2.900	300	-	7.750	7.046	104.476
2000	380	70	3.500	34.300	38.975	-	715	2.900	300	-	6.440	7.409	94.989
2001	390	70	3.500	36.395	41.550	-	800	3.600	300	-	5.898	6.830	99.333
2002	430	370	4.000	45.610	39.410	-	1.300	3.600	300	-	8.240	6.129	109.389
2003	540	450	4.400	48.130	40.350	160	1.915	4.200	180	326	10.814	6.194	117.659
2004	350	550	4.000	51.670	43.178	160	1.200	3.100	645	100	12.700	7.030	124.683
2005	350	780	4.000	50.128	42.378	-	1.750	3.400	885	96	12.550	6.394	122.711
2006	250	995	4.000	56.378	43.138	-	1.550	3.400	1.010	32	12.300	7.824	130.877
1990	1,2	0,1	1,3	36,7	39,5	-	-	5,8	0,6	0,6	7,4	6,8	100
1991	0,7	1,2	1,2	26,9	39,8	-	0,1	5,8	0,8	0,6	13,4	9,3	100
1992	1,1	1,4	1,4	25,9	43,7	-	0,5	8,2	1,1	0,7	11,3	4,8	100
1993	0,7	1,1	2,4	29,7	39,5	0,2	0,7	6,1	1,4	0,5	11,7	5,9	100
1994	1	0,3	2,1	28,1	42,1	0,2	1	7,1	1,2	0,9	10,5	5,4	100
1995	0,7	0,3	2,6	26,3	43,6	-	0,6	7,5	1,2	0,4	11,2	5,8	100
1996	0,3	0,3	6,1	36	44,7	-	0,6	2	0,3	0,1	6,6	2,8	100
1997	0,3	-	6,3	39,6	36,6	0,1	0,8	3,8	1	0,1	7,7	3,7	100
1998	1	0,1	2,6	30,6	43,7	-	1,6	4,9	0,9	0,1	9,6	5	100
1999	0,6	0,1	2,4	37,2	41,8	-	0,7	2,8	0,3	-	7,4	6,7	100
2000	0,4	0,1	3,7	36,1	41	-	0,8	3,1	0,3	-	6,8	7,8	100
2001	0,4	0,1	3,5	36,6	41,8	-	0,8	3,6	0,3	-	5,9	6,9	100
2002	0,4	0,3	3,7	41,7	36	-	1,2	3,3	0,3	-	7,5	5,6	100
2003	0,5	0,4	3,7	40,9	34,3	0,1	1,6	3,6	0,2	0,3	9,2	5,3	100
2004	0,3	0,4	3,2	41,4	34,6	0,1	1	2,5	0,5	0,1	10,2	5,6	100
2005	0,3	0,6	3,3	40,9	34,5	-	1,4	2,8	0,7	0,1	10,2	5,2	100
2006	0,2	0,8	3,1	43,1	33	-	1,2	2,6	0,8	-	9,4	6	100

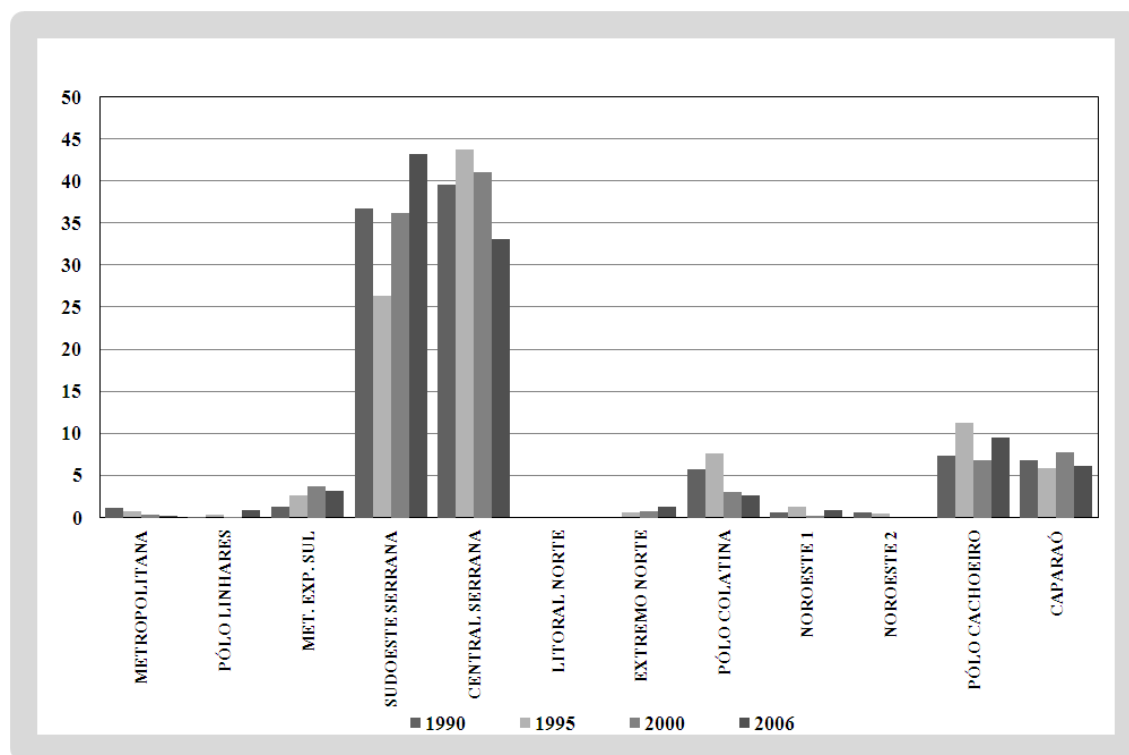
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 79A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE TOMATE NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	100	100	100	100	100	-	-	100	100	100	100	100	100
1991	66,7	1000	100	80,9	111,2	100	100	110,4	151,9	100	198,8	151,5	110,2
1992	83,3	945	100	65,8	103,2	-	342,9	131,5	181,5	100	142,2	65,5	93,3
1993	60	940	206,3	91,4	112,9	380	571,4	118,9	275,3	100	178,2	98,4	112,8
1994	100	330	206,3	99,3	138,2	360	923,8	158,7	288,9	186,7	184,1	103,7	129,5
1995	66,7	240	240,6	88,1	135,7	-	500	157,3	264,2	82,2	185,3	105,2	122,9
1996	48,9	420	921,9	196,8	226,9	-	885,7	69,8	117,3	28,9	178,8	83,7	200,1
1997	44,4	-	833,3	187,7	161	250	981	113,4	308,6	33,3	181,7	93,7	173,8
1998	102,8	70	260,4	111,5	148	-	1481	113	222,2	22,2	173	99	133,7
1999	66,1	70	260,4	145,8	152,1	-	681	68,3	74,1	-	143,9	142,5	143,5
2000	42,2	70	364,6	128,5	135,7	-	681	68,3	74,1	-	119,5	149,9	130,5
2001	43,3	70	364,6	136,4	144,6	-	761,9	84,7	74,1	-	109,5	138,1	136,4
2002	47,8	370	416,7	170,9	137,2	-	1238,1	84,7	74,1	-	153	124	150,3
2003	60	450	458,3	180,4	140,5	400	1823,8	98,9	44,4	72,4	200,7	125,3	161,6
2004	38,9	550	416,7	193,6	150,3	400	1142,9	73	159,3	22,2	235,8	142,2	171,3
2005	38,9	780	416,7	187,9	147,5	-	1666,7	80	218,5	21,3	233	129,3	168,5
2006	27,8	995	416,7	211,3	150,2	-	1476,2	80	249,4	7,1	228,3	158,3	179,8

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 31A - Tomate: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 80A

PRODUÇÃO DE PIMENTA-DO-REINO NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	66	283	-	-	4	4.273	45	-	8	201	-	-	4.880
1991	36	283	-	-	4	4.783	64	-	2	336	-	-	5.508
1992	36	320	-	-	4	3.890	51	-	2	391	-	-	4.694
1993	36	363	-	-	6	3.796	19	-	6	293	-	-	4.519
1994	36	277	-	-	6	3.086	14	-	4	188	-	-	3.611
1995	36	268	-	-	6	2.363	11	-	2	142	-	-	2.828
1996	31	334	-	-	-	2.866	17	-	-	217	-	-	3.465
1997	37	111	-	-	-	2.595	4	4	-	202	-	-	2.953
1998	14	63	-	-	-	2.320	2	4	-	110	-	-	2.513
1999	14	86	-	-	-	2.320	4	4	-	202	-	-	2.630
2000	14	161	-	-	-	2.910	2	4	-	202	-	-	3.293
2001	4	164	-	-	-	3.080	2	4	-	202	-	-	3.456
2002	4	248	-	-	-	3.092	9	4	-	322	-	-	3.679
2003	4	286	-	-	-	5.557	53	4	-	340	-	-	6.244
2004	4	315	-	-	2	4.750	86	4	-	342	-	-	5.503
2005	4	315	-	-	2	6.744	110	4	-	477	-	-	7.656
2006	4	321	-	-	2	7.263	110	4	-	591	-	1	8.296
1990	1,4	5,8	-	-	0,1	87,6	0,9	-	0,2	4,1	-	-	100
1991	0,7	5,1	-	-	0,1	86,8	1,2	-	-	6,1	-	-	100
1992	0,8	6,8	-	-	0,1	82,9	1,1	-	-	8,3	-	-	100
1993	0,8	8	-	-	0,1	84	0,4	-	0,1	6,5	-	-	100
1994	1	7,7	-	-	0,2	85,5	0,4	-	0,1	5,2	-	-	100
1995	1,3	9,5	-	-	0,2	83,6	0,4	-	0,1	5	-	-	100
1996	0,9	9,6	-	-	-	82,7	0,5	-	-	6,3	-	-	100
1997	1,3	3,8	-	-	-	87,9	0,1	0,1	-	6,8	-	-	100
1998	0,6	2,5	-	-	-	92,3	0,1	0,2	-	4,4	-	-	100
1999	0,5	3,3	-	-	-	88,2	0,2	0,2	-	7,7	-	-	100
2000	0,4	4,9	-	-	-	88,4	0,1	0,1	-	6,1	-	-	100
2001	0,1	4,7	-	-	-	89,1	0,1	0,1	-	5,8	-	-	100
2002	0,1	6,7	-	-	-	84	0,2	0,1	-	8,8	-	-	100
2003	0,1	4,6	-	-	-	89	0,8	0,1	-	5,4	-	-	100
2004	0,1	5,7	-	-	-	86,3	1,6	0,1	-	6,2	-	-	100
2005	0,1	4,1	-	-	-	88,1	1,4	0,1	-	6,2	-	-	100
2006	-	3,9	-	-	-	87,5	1,3	-	-	7,1	-	-	100

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

Quadro 81A

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE PIMENTA-DO-REINO NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	100	100	-	-	100	100	100	-	100	100	-	-	100
1991	54,5	100	-	-	100	111,9	142,2	-	25	167,2	-	-	112,9
1992	54,5	113,1	-	-	100	91	113,3	-	25	194,5	-	-	96,2
1993	54,5	128,3	-	-	150	88,8	42,2	-	75	145,8	-	-	92,6
1994	54,5	97,9	-	-	150	72,2	31,1	-	50	93,5	-	-	74
1995	54,5	94,7	-	-	150	55,3	24,4	-	25	70,6	-	-	58
1996	47	118	-	-	-	67,1	37,8	-	-	108	-	-	71
1997	56,1	39,2	-	-	-	60,7	8,9	-	-	100,5	-	-	60,5
1998	21,2	22,3	-	-	-	54,3	4,4	-	-	54,7	-	-	51,5
1999	21,2	30,4	-	-	-	54,3	8,9	-	-	100,5	-	-	53,9
2000	21,2	56,9	-	-	-	68,1	4,4	-	-	100,5	-	-	67,5
2001	6,1	58	-	-	-	72,1	4,4	-	-	100,5	-	-	70,8
2002	6,1	87,6	-	-	-	72,4	20	-	-	160,2	-	-	75,4
2003	6,1	101,1	-	-	-	130	117,8	-	-	169,2	-	-	128
2004	6,1	111,3	-	-	50	111,2	191,1	-	-	170,1	-	-	112,8
2005	6,1	111,3	-	-	50	157,8	244,4	-	-	237,3	-	-	156,9
2006	6,1	113,4	-	-	50	170	244,4	-	-	294	-	-	170

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

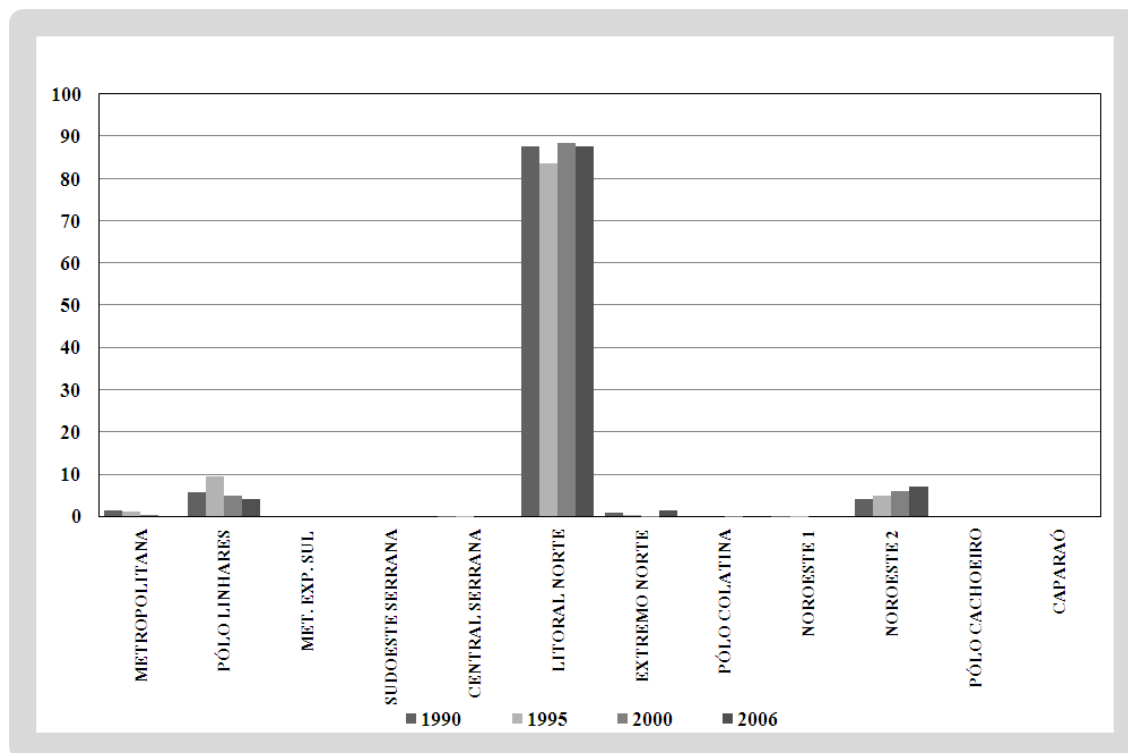


Ilustração 32A - Pimenta-do-reino: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006 (% sobre o Espírito Santo)

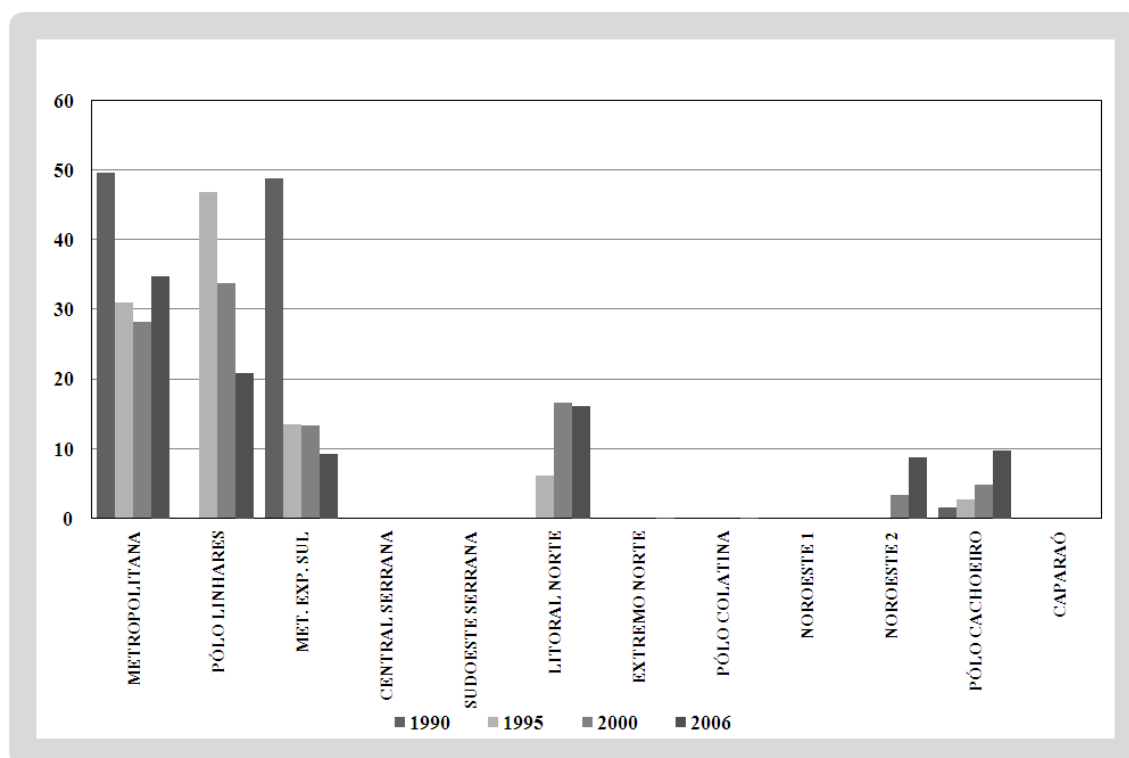
Quadro 82A

PRODUÇÃO DE BORRACHA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 CES	5 SUS	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	292	-	287	-	-	-	-	-	-	-	8	-	587
1991	1.885	-	250	-	-	63	-	-	-	-	23	-	2.221
1992	1.095	2.402	314	-	-	63	-	-	-	-	95	-	3.969
1993	1.105	109	394	-	-	200	-	-	-	-	115	-	1.923
1994	1.644	1.416	575	-	-	340	-	-	-	-	152	-	4.127
1995	1.742	2.638	753	-	-	343	-	-	-	-	152	-	5.628
1996	1.938	2.671	580	-	-	354	-	-	-	169	129	-	5.841
1997	1.658	2.776	648	-	-	688	-	-	-	169	129	-	6.068
1998	1.988	2.642	924	-	-	792	-	-	-	94	225	-	6.665
1999	1.977	2.332	924	-	-	766	-	-	-	94	335	-	6.428
2000	1.951	2.332	924	-	-	1.152	-	-	-	231	335	-	6.925
2001	1.919	2.332	864	-	-	1.219	-	-	-	313	371	-	7.018
2002	1.919	2.332	804	-	-	1.219	19	19	-	314	596	-	7.222
2003	2.768	1.526	804	-	-	1.356	19	19	-	511	640	-	7.643
2004	2.800	1.756	871	-	-	1.356	10	10	-	575	652	-	8.030
2005	2.879	1.756	823	13	-	1.356	10	10	-	667	678	-	8.192
2006	2.922	1.756	783	3	-	1.356	10	10	-	735	812	-	8.387
1990	49,7	-	48,9	-	-	-	-	-	-	-	1,4	-	100
1991	84,9	-	11,3	-	-	2,8	-	-	-	-	1	-	100
1992	27,6	60,5	7,9	-	-	1,6	-	-	-	-	2,4	-	100
1993	57,5	5,7	20,5	-	-	10,4	-	-	-	-	6	-	100
1994	39,8	34,3	13,9	-	-	8,2	-	-	-	-	3,7	-	100
1995	31	46,9	13,4	-	-	6,1	-	-	-	-	2,7	-	100
1996	33,2	45,7	9,9	-	-	6,1	-	-	-	2,9	2,2	-	100
1997	27,3	45,7	10,7	-	-	11,3	-	-	-	2,8	2,1	-	100
1998	29,8	39,6	13,9	-	-	11,9	-	-	-	1,4	3,4	-	100
1999	30,8	36,3	14,4	-	-	11,9	-	-	-	1,5	5,2	-	100
2000	28,2	33,7	13,3	-	-	16,6	-	-	-	3,3	4,8	-	100
2001	27,3	33,2	12,3	-	-	17,4	-	-	-	4,5	5,3	-	100
2002	26,6	32,3	11,1	-	-	16,9	0,3	0,3	-	4,3	8,3	-	100
2003	36,2	20	10,5	-	-	17,7	0,2	0,2	-	6,7	8,4	-	100
2004	34,9	21,9	10,8	-	-	16,9	0,1	0,1	-	7,2	8,1	-	100
2005	35,1	21,4	10	0,2	-	16,6	0,1	0,1	-	8,1	8,3	-	100
2006	34,8	20,9	9,3	-	-	16,2	0,1	0,1	-	8,8	9,7	-	100

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 33A - Borracha: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

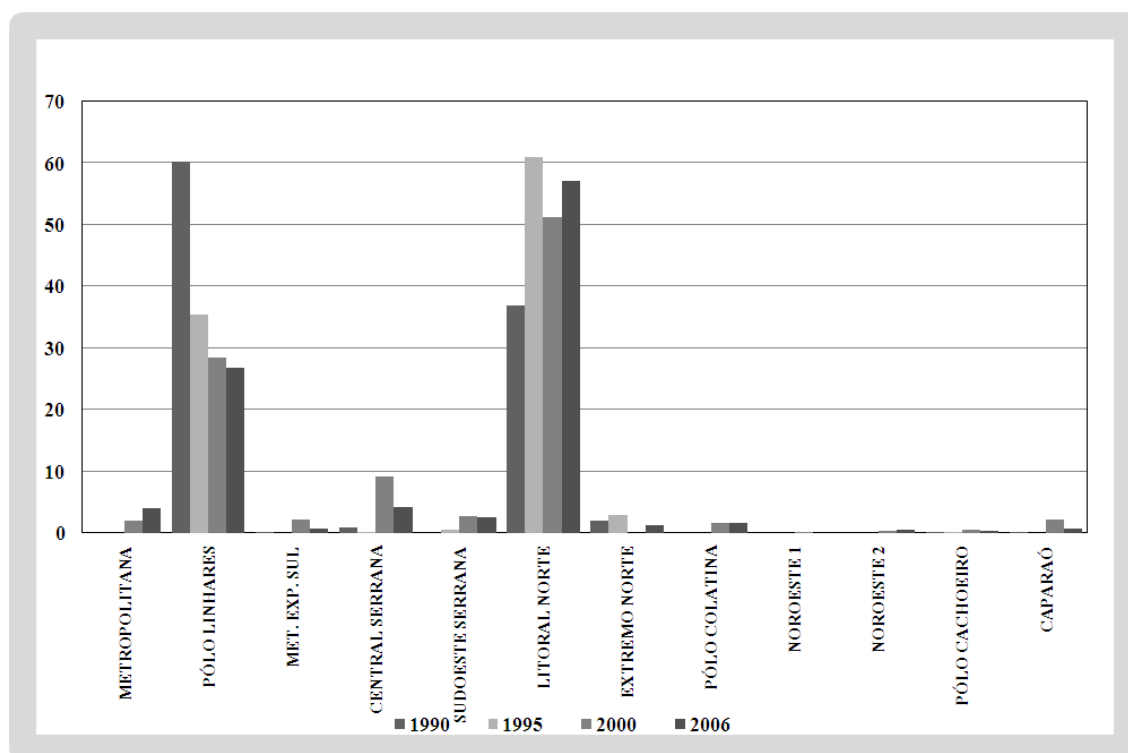
Quadro 83A

PRODUÇÃO DE MADEIRA EM TORA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Metros Cúbicos e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 CES	5 SUS	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	250	1.002.491	980	15.000	96	613.245	30.871	-	-	-	1.696	980	1.665.609
1991	280	1.437.577	1.226	23.773	7.460	1.770.793	-	-	-	-	1.494	1.226	3.243.829
1992	620	1.398.460	59.828	19.343	11.006	2.623.379	-	-	-	40	2.824	59.828	4.175.328
1993	190	2.000.025	8.201	12.431	20.758	1.578.411	-	-	-	1.538	3.007	8.201	3.632.762
1994	529.356	1.400.588	1.213	32.633	20.040	4.526.466	-	-	-	1.590	3.492	1.213	6.516.591
1995	1.186	1.859.045	1.185	7.730	18.710	3.191.831	153.278	-	-	1.200	3.282	1.185	5.238.632
1996	26.303	1.334.290	4.672	159.110	42.400	3.526.022	268	21.710	540	2.323	11.274	4.672	5.133.584
1997	17.311	1.490.770	6.810	130.492	44.862	1.868.591	94.148	20.350	470	1.347	11.633	6.810	3.693.594
1998	100.198	1.007.817	22.549	335.689	159.150	1.344.258	55	19.974	1.273	1.448	12.099	22.549	3.027.059
1999	90.217	1.303.254	14.210	518.760	142.250	1.131.349	56	83.536	6.002	25.002	12.036	14.210	3.340.882
2000	99.692	1.474.918	110.088	478.705	140.045	2.661.619	252	80.140	5.845	9.157	18.957	110.088	5.189.506
2001	414.906	1.138.210	104.919	390.243	143.400	2.732.393	940	74.155	5.541	8.640	38.457	104.919	5.156.723
2002	191.130	1.651.463	151.635	187.651	696.818	3.311.854	101.205	58.717	18.804	6.728	67.818	151.635	6.595.458
2003	161.670	1.595.005	49.012	171.279	212.709	2.973.362	873	76.488	230	4.261	52.444	49.012	5.346.345
2004	59.554	1.287.535	53.578	226.676	115.054	2.715.207	107.373	42.068	8.202	16.222	34.841	53.578	4.719.888
2005	44.996	1.850.177	7.982	227.789	90.825	3.101.640	22.534	38.925	1.888	25.243	27.820	7.982	5.447.801
2006	237.701	1.570.582	46.018	246.569	145.316	3.330.457	67.871	93.727	1.699	27.461	19.818	46.018	5.833.237
1990	-	60,2	0,1	0,9	-	36,8	1,9	-	-	-	0,1	0,1	100
1991	-	44,3	-	0,7	0,2	54,6	-	-	-	-	-	-	100
1992	-	33,5	1,4	0,5	0,3	62,8	-	-	-	-	0,1	1,4	100
1993	-	55,1	0,2	0,3	0,6	43,4	-	-	-	-	0,1	0,2	100
1994	8,1	21,5	-	0,5	0,3	69,5	-	-	-	-	0,1	-	100
1995	-	35,5	-	0,1	0,4	60,9	2,9	-	-	-	0,1	-	100
1996	0,5	26	0,1	3,1	0,8	68,7	-	0,4	-	-	0,2	0,1	100
1997	0,5	40,4	0,2	3,5	1,2	50,6	2,5	0,6	-	-	0,3	0,2	100
1998	3,3	33,3	0,7	11,1	5,3	44,4	-	0,7	-	-	0,4	0,7	100
1999	2,7	39	0,4	15,5	4,3	33,9	-	2,5	0,2	0,7	0,4	0,4	100
2000	1,9	28,4	2,1	9,2	2,7	51,3	-	1,5	0,1	0,2	0,4	2,1	100
2001	8	22,1	2	7,6	2,8	53	-	1,4	0,1	0,2	0,7	2	100
2002	2,9	25	2,3	2,8	10,6	50,2	1,5	0,9	0,3	0,1	1	2,3	100
2003	3	29,8	0,9	3,2	4	55,6	-	1,4	-	0,1	1	0,9	100
2004	1,3	27,3	1,1	4,8	2,4	57,5	2,3	0,9	0,2	0,3	0,7	1,1	100
2005	0,8	34	0,1	4,2	1,7	56,9	0,4	0,7	-	0,5	0,5	0,1	100
2006	4,1	26,9	0,8	4,2	2,5	57,1	1,2	1,6	-	0,5	0,3	0,8	100

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 34A - Madeira em Tora: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 84A

PRODUÇÃO DE MADEIRA EM TORA PARA PAPEL E CELULOSE NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO
Em Metros Cúbicos e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 CES	5 SUS	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	-	1.002.491	-	-	-	613.245	30.045	-	-	-	-	-	1.645.781
1991	-	1.436.477	-	-	-	1.770.793	-	-	-	-	-	-	3.207.270
1992	-	1.398.160	58.857	-	-	2.602.259	-	-	-	-	-	-	4.059.276
1993	-	1.999.628	7.766	-	650	1.539.385	-	-	-	1.500	-	-	3.548.929
1994	376.593	1.393.282	628	22.000	690	4.334.028	-	-	-	1.500	-	-	6.128.721
1995	224	1.857.529	-	2.435	-	3.078.142	153.278	-	-	1.200	-	-	5.092.808
1996	14.100	1.328.000	-	500	-	3.486.436	-	15.600	430	280	840	100	4.846.286
1997	100	1.487.360	-	492	-	1.820.273	93.347	14.200	400	300	825	100	3.417.397
1998	84.634	998.737	-	262.152	120.850	1.253.358	-	13.250	300	250	836	12.996	2.747.363
1999	84.597	1.292.359	-	442.282	122.270	1.076.889	-	76.901	5.122	8.240	784	33.920	3.143.364
2000	6.402	1.327.740	-	387.505	98.604	2.616.333	-	73.755	4.895	7.836	860	35.407	4.559.337
2001	348.087	1.017.549	160	306.251	101.400	2.665.983	-	68.220	4.580	7.360	19.934	130.647	4.670.171
2002	92.937	1.506.132	210	94.897	225.747	3.276.732	100.330	51.096	17.884	5.018	25.218	83.395	5.479.596
2003	101.900	1.444.547	-	68.527	114.272	2.963.297	-	72.641	-	-	-	10.833	4.776.017
2004	3.042	958.751	2.610	20.795	44.394	2.711.312	105.913	27.555	7.630	12.212	1.146	15.846	3.911.206
2005	-	1.505.937	4.785	12.444	26.762	3.085.790	22.184	33.572	928	21.178	-	6.134	4.719.714
2006	222.394	1.474.580	19.465	22.545	65.739	3.302.646	67.866	72.967	-	21.122	-	-	5.269.324

1990	-	60,9	-	-	-	37,3	1,8	-	-	-	-	-	100
1991	-	44,8	-	-	-	55,2	-	-	-	-	-	-	100
1992	-	34,4	1,4	-	-	64,1	-	-	-	-	-	-	100
1993	-	56,3	0,2	-	-	43,4	-	-	-	-	-	-	100
1994	6,1	22,7	-	0,4	-	70,7	-	-	-	-	-	-	100
1995	-	36,5	-	-	-	60,4	3	-	-	-	-	-	100
1996	0,3	27,4	-	-	-	71,9	-	0,3	-	-	-	-	100
1997	-	43,5	-	-	-	53,3	2,7	0,4	-	-	-	-	100
1998	3,1	36,4	-	9,5	4,4	45,6	-	0,5	-	-	-	0,5	100
1999	2,7	41,1	-	14,1	3,9	34,3	-	2,4	0,2	0,3	-	1,1	100
2000	0,1	29,1	-	8,5	2,2	57,4	-	1,6	0,1	0,2	-	0,8	100
2001	7,5	21,8	-	6,6	2,2	57,1	-	1,5	0,1	0,2	0,4	2,8	100
2002	1,7	27,5	-	1,7	4,1	59,8	1,8	0,9	0,3	0,1	0,5	1,5	100
2003	2,1	30,2	-	1,4	2,4	62	-	1,5	-	-	-	0,2	100
2004	0,1	24,5	0,1	0,5	1,1	69,3	2,7	0,7	0,2	0,3	-	0,4	100
2005	-	31,9	0,1	0,3	0,6	65,4	0,5	0,7	-	0,4	-	0,1	100
2006	4,2	28	0,4	0,4	1,2	62,7	1,3	1,4	-	0,4	-	-	100

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

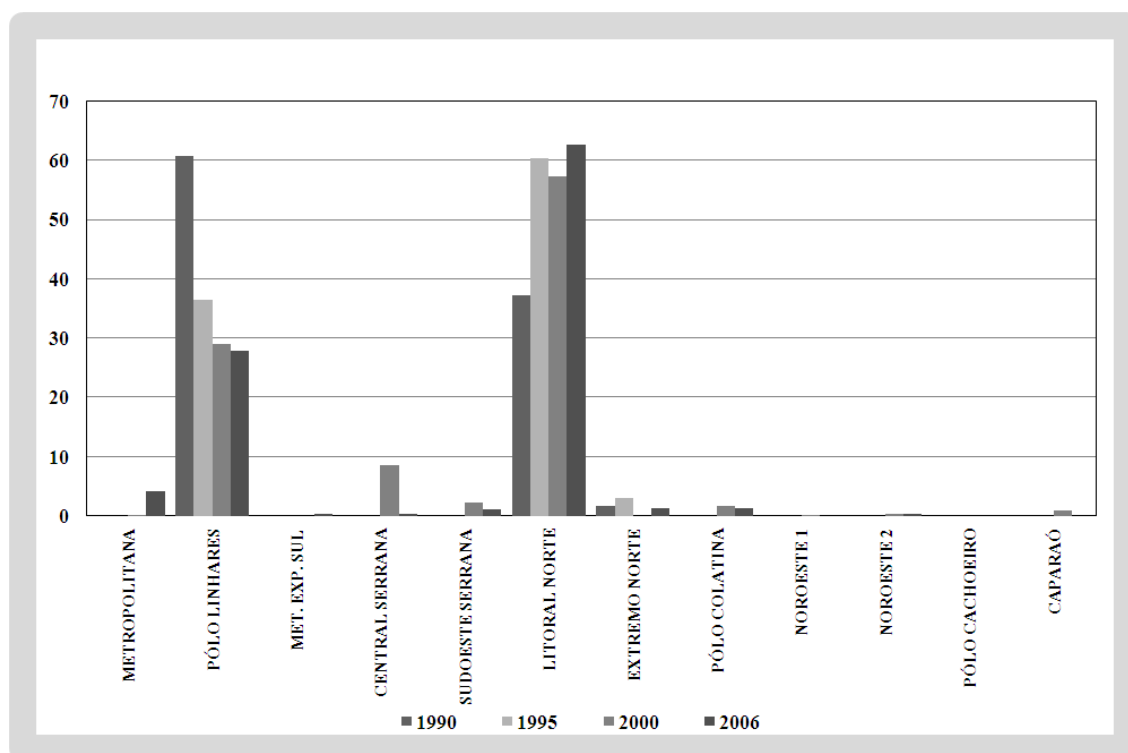


Ilustração 35A - Madeira em Tora para Papel e Celulose: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006 (% sobre o Espírito Santo)

Quadro 85A

PRODUÇÃO DE MADEIRA EM TORA PARA OUTRAS FINALIDADES NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO
Em Metros Cúbicos e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 CES	5 SUS	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	250	240	980	15.000	96	826	255	-	-	42	1.414	1.587	20.690
1991	280	1.300	1.226	23.484	7.460	-	280	-	-	56	1.527	1.775	37.388
1992	620	235	971	18.311	9.756	-	1.416	-	-	100	26.231	5.755	63.395
1993	190	360	435	11.331	18.678	6.142	348	-	-	87	38.364	5.222	81.157
1994	152.763	7.024	585	9.483	17.900	15.557	549	120.311	-	159	62.828	5.607	392.766
1995	962	1.247	1.185	4.237	17.250	21.675	566	66.211	-	130	31.692	4.521	149.676
1996	203	9.869	4.649	134.610	36.400	11.679	546	3.072	110	7.260	73.878	2.650	284.926
1997	650	8.796	6.788	109.250	43.642	16.362	1.193	7.219	70	6.555	69.153	6.999	276.677
1998	5.366	10.917	22.524	76.801	37.160	79.016	1.270	1.924	889	6.239	28.256	7.771	278.133
1999	5.244	12.485	14.185	69.555	19.573	30.343	1.332	1.935	900	5.886	56.056	7.448	224.942
2000	122.746	105.443	110.058	84.095	41.210	28.816	8.088	1.920	1.250	5.680	53.078	11.682	574.066
2001	93.341	77.433	105.116	78.184	41.725	39.420	8.701	12.285	1.165	5.355	57.003	12.410	532.138
2002	103.819	85.776	151.755	98.563	468.340	22.905	32.608	3.821	1.082	6.046	104.280	60.885	1.139.880
2003	65.946	95.242	49.012	107.341	97.615	4.728	6.232	3.742	430	1.152	105.344	30.697	567.481
2004	131.418	210.597	50.968	208.849	68.440	2.692	8.629	14.339	602	7.959	71.650	30.259	806.402
2005	124.831	232.893	3.547	214.995	61.763	14.319	2.920	4.331	1.330	2.788	63.342	24.193	751.252
2006	2.238	66.611	26.553	236.502	75.441	21.275	1.575	8.196	3.669	15.241	61.788	14.542	533.631
1990	1,2	1,2	4,7	72,5	0,5	4	1,2	-	-	0,2	6,8	7,7	100
1991	0,7	3,5	3,3	62,8	20	-	0,7	-	-	0,1	4,1	4,7	100
1992	1	0,4	1,5	28,9	15,4	-	2,2	-	-	0,2	41,4	9,1	100
1993	0,2	0,4	0,5	14	23	7,6	0,4	-	-	0,1	47,3	6,4	100
1994	38,9	1,8	0,1	2,4	4,6	4	0,1	30,6	-	-	16	1,4	100
1995	0,6	0,8	0,8	2,8	11,5	14,5	0,4	44,2	-	0,1	21,2	3	100
1996	0,1	3,5	1,6	47,2	12,8	4,1	0,2	1,1	-	2,5	25,9	0,9	100
1997	0,2	3,2	2,5	39,5	15,8	5,9	0,4	2,6	-	2,4	25	2,5	100
1998	1,9	3,9	8,1	27,6	13,4	28,4	0,5	0,7	0,3	2,2	10,2	2,8	100
1999	2,3	5,6	6,3	30,9	8,7	13,5	0,6	0,9	0,4	2,6	24,9	3,3	100
2000	21,4	18,4	19,2	14,6	7,2	5	1,4	0,3	0,2	1	9,2	2	100
2001	17,5	14,6	19,8	14,7	7,8	7,4	1,6	2,3	0,2	1	10,7	2,3	100
2002	9,1	7,5	13,3	8,6	41,1	2	2,9	0,3	0,1	0,5	9,1	5,3	100
2003	11,6	16,8	8,6	18,9	17,2	0,8	1,1	0,7	0,1	0,2	18,6	5,4	100
2004	16,3	26,1	6,3	25,9	8,5	0,3	1,1	1,8	0,1	1	8,9	3,8	100
2005	16,6	31	0,5	28,6	8,2	1,9	0,4	0,6	0,2	0,4	8,4	3,2	100
2006	0,4	12,5	5	44,3	14,1	4	0,3	1,5	0,7	2,9	11,6	2,7	100

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

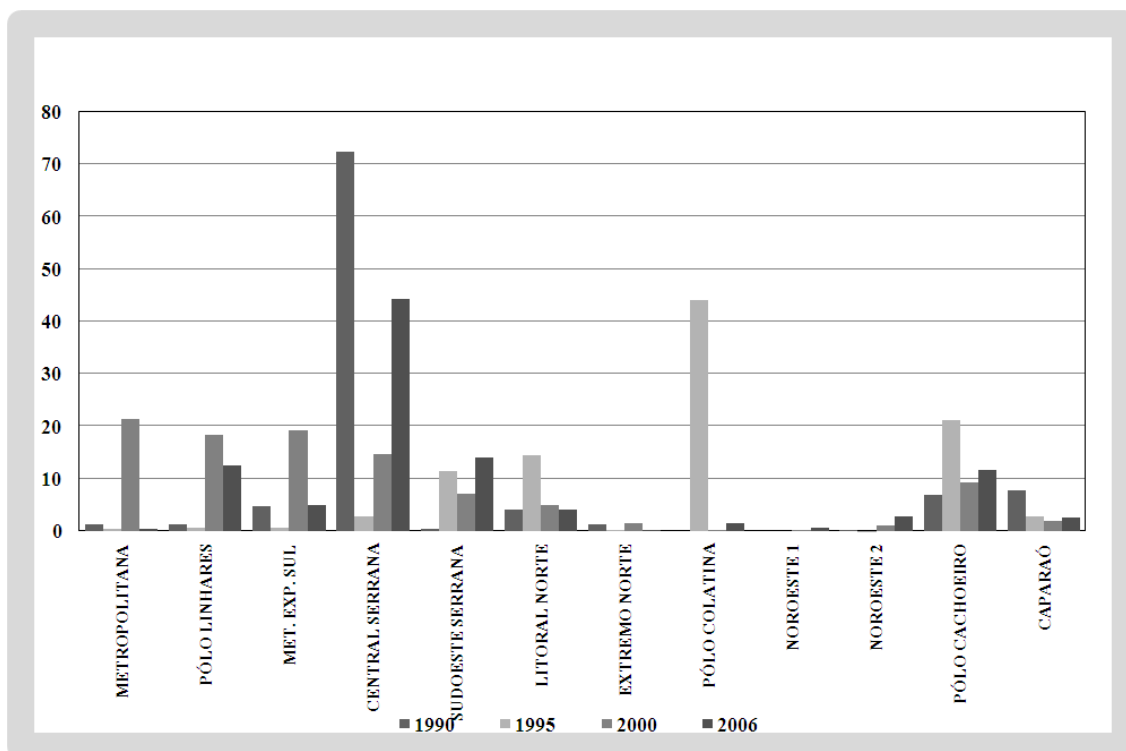


Ilustração 36A - Madeira em Tora para Outras Finalidades: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006 (% sobre o Espírito Santo)

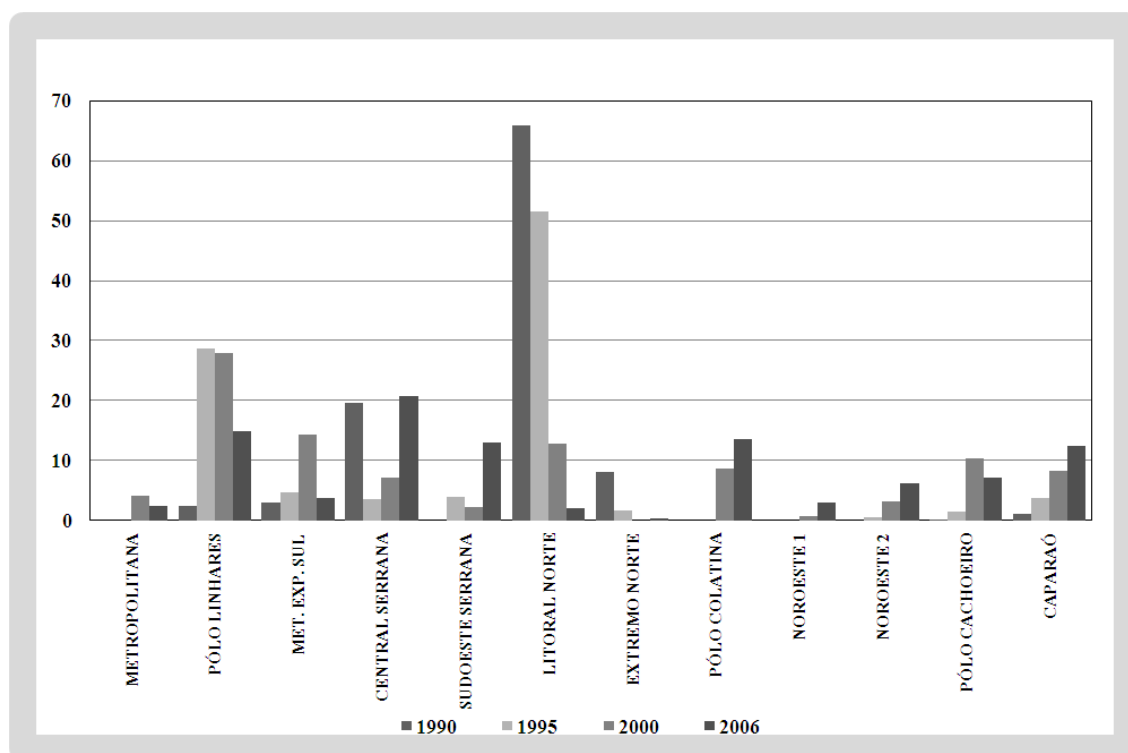
Quadro 86A

PRODUÇÃO DE LENHA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Metros Cúbicos e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 CES	5 SUS	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	-	3.800	4.694	32.000	-	107.495	13.268	-	-	-	215	1.565	163.037
1991	-	3.500	17.310	35.422	16.549	102.386	-	-	-	12.478	243	1.727	189.615
1992	200	12.072	19.115	24.710	13.789	211.912	3.710	-	-	7.870	3.749	18.350	315.477
1993	-	113.530	7.438	13.747	14.260	211.191	4.125	-	-	7.800	5.680	2.985	380.756
1994	11.869	51.685	15.875	12.456	13.410	349.845	4.112	-	-	7.140	7.789	12.836	487.017
1995	120	101.900	16.695	12.835	13.900	183.608	5.980	-	-	2.200	5.739	13.070	356.047
1996	1.122	13.235	27.154	25.900	11.000	115.973	10	20.200	1.520	6.310	7.953	12.100	242.477
1997	660	8.424	28.785	15.542	12.288	41.605	-	23.287	1.856	6.730	12.419	16.327	167.923
1998	1.102	76.289	51.156	19.235	11.884	120.507	-	23.258	2.800	6.155	11.856	23.049	347.291
1999	1.079	123.547	28.176	15.523	5.696	493.409	217	22.830	2.800	61.838	12.175	24.264	791.554
2000	14.018	95.235	48.672	24.167	7.439	43.893	-	29.470	2.692	10.884	35.535	28.353	340.358
2001	16.483	78.019	46.150	23.186	7.400	170.143	3.290	27.420	3.216	10.440	37.030	30.098	452.875
2002	21.125	67.502	72.742	50.901	35.535	24.953	3.345	21.731	3.248	4.610	39.005	36.850	381.547
2003	23.278	102.119	2.020	57.069	30.520	4.589	130	26.748	1.043	9.566	22.899	85.495	365.476
2004	12.850	103.580	4.521	57.490	19.097	24.157	2.407	21.588	10	9.412	26.478	105.333	386.923
2005	6.851	99.885	3.402	58.111	27.904	8.108	420	25.248	2.217	16.090	17.263	39.557	305.056
2006	7.368	43.567	10.933	60.320	38.141	6.076	830	39.174	8.802	18.282	20.887	36.101	290.481
1990	-	2,3	2,9	19,6	-	65,9	8,1	-	-	-	0,1	1	100
1991	-	1,8	9,1	18,7	8,7	54	-	-	-	6,6	0,1	0,9	100
1992	0,1	3,8	6,1	7,8	4,4	67,2	1,2	-	-	2,5	1,2	5,8	100
1993	-	29,8	2	3,6	3,7	55,5	1,1	-	-	2	1,5	0,8	100
1994	2,4	10,6	3,3	2,6	2,8	71,8	0,8	-	-	1,5	1,6	2,6	100
1995	-	28,6	4,7	3,6	3,9	51,6	1,7	-	-	0,6	1,6	3,7	100
1996	0,5	5,5	11,2	10,7	4,5	47,8	-	8,3	0,6	2,6	3,3	5	100
1997	0,4	5	17,1	9,3	7,3	24,8	-	13,9	1,1	4	7,4	9,7	100
1998	0,3	22	14,7	5,5	3,4	34,7	-	6,7	0,8	1,8	3,4	6,6	100
1999	0,1	15,6	3,6	2	0,7	62,3	-	2,9	0,4	7,8	1,5	3,1	100
2000	4,1	28	14,3	7,1	2,2	12,9	-	8,7	0,8	3,2	10,4	8,3	100
2001	3,6	17,2	10,2	5,1	1,6	37,6	0,7	6,1	0,7	2,3	8,2	6,6	100
2002	5,5	17,7	19,1	13,3	9,3	6,5	0,9	5,7	0,9	1,2	10,2	9,7	100
2003	6,4	27,9	0,6	15,6	8,4	1,3	-	7,3	0,3	2,6	6,3	23,4	100
2004	3,3	26,8	1,2	14,9	4,9	6,2	0,6	5,6	-	2,4	6,8	27,2	100
2005	2,2	32,7	1,1	19	9,1	2,7	0,1	8,3	0,7	5,3	5,7	13	100
2006	2,5	15	3,8	20,8	13,1	2,1	0,3	13,5	3	6,3	7,2	12,4	100

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



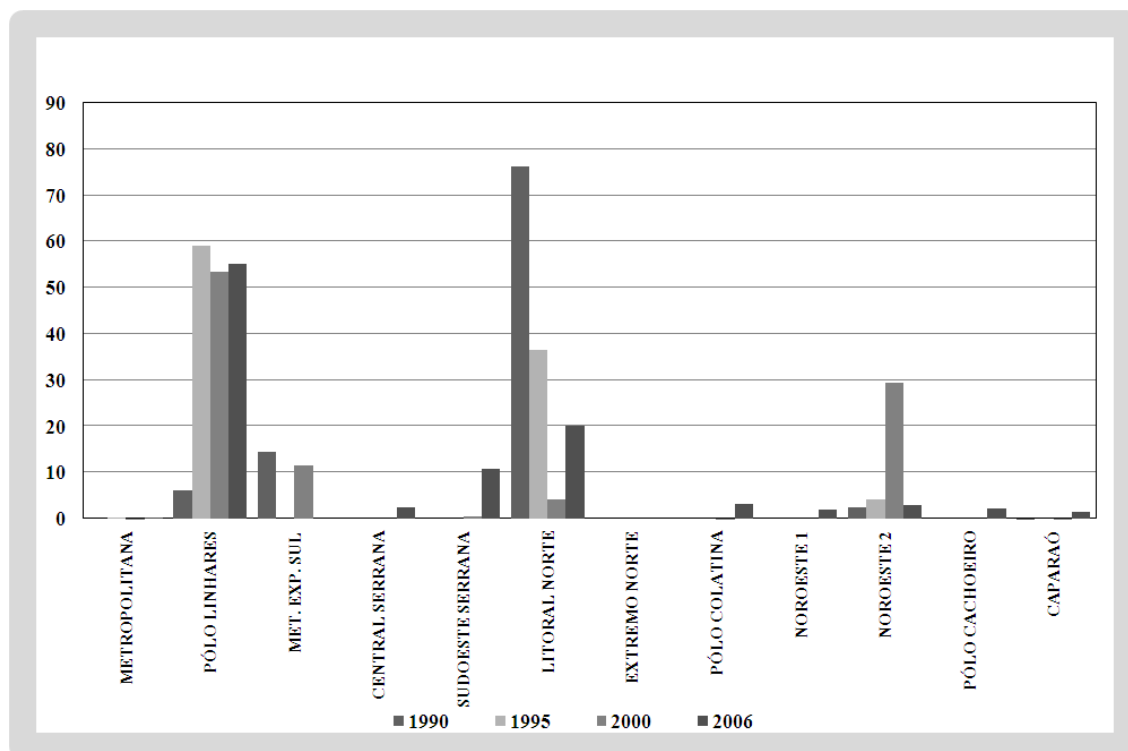
**Ilustração 37A - Lenha: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 87A

PRODUÇÃO DE CARVÃO VEGETAL NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Em Toneladas e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 CES	5 SUS	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	-	3.420	7.963	-	-	41.751	-	-	-	1.443	-	37	54.614
1991	-	4.353	2.005	-	52	49.057	-	-	-	1.560	-	39	57.066
1992	-	226	-	-	15	18.499	821	-	-	788	11	28	20.388
1993	-	5.781	-	-	18	21.265	522	-	-	712	12	-	28.310
1994	109	23.974	-	12	19	14.411	435	-	-	450	12	-	39.422
1995	118	22.469	-	-	17	13.913	-	-	-	1.579	11	-	38.107
1996	65	3.137	-	6	538	848	-	81	-	-	1	18	4.694
1997	52	3.192	-	5	187	8	-	77	-	-	1	31	3.553
1998	38	1.228	4.603	456	159	958	-	57	-	15	1	18	7.533
1999	35	10.861	8.084	5	16	1.136	-	56	-	7.759	1	1	27.954
2000	36	13.886	3.009	4	132	1.112	-	53	-	7.674	6	61	25.973
2001	45	9.578	8.066	3	130	1.286	25	49	-	7.444	6	64	26.696
2002	41	5.906	60	-	1.024	1.251	34	21	-	7.443	3	55	15.838
2003	37	6.304	56	72	1.797	2.190	32	-	-	2.355	20	22	12.885
2004	80	16.319	131	479	1.550	3.384	1.402	540	-	25	380	318	24.608
2005	106	17.799	106	574	2.246	3.254	-	801	463	628	444	311	26.732
2006	32	11.592	-	495	2.275	4.225	-	669	377	627	454	287	21.033
1990	-	6,3	14,6	-	-	76,4	-	-	-	2,6	-	0,1	100
1991	-	7,6	3,5	-	0,1	86	-	-	-	2,7	-	0,1	100
1992	-	1,1	-	-	0,1	90,7	4	-	-	3,9	0,1	0,1	100
1993	-	20,4	-	-	0,1	75,1	1,8	-	-	2,5	-	-	100
1994	0,3	60,8	-	-	0	36,6	1,1	-	-	1,1	-	-	100
1995	0,3	59	-	-	0	36,5	-	-	-	4,1	-	-	100
1996	1,4	66,8	-	0,1	11,5	18,1	-	1,7	-	-	-	0,4	100
1997	1,5	89,8	-	0,1	5,3	0,2	-	2,2	-	-	-	0,9	100
1998	0,5	16,3	61,1	6,1	2,1	12,7	-	0,8	-	0,2	-	0,2	100
1999	0,1	38,9	28,9	-	0,1	4,1	-	0,2	-	27,8	-	0	100
2000	0,1	53,5	11,6	-	0,5	4,3	-	0,2	-	29,5	-	0,2	100
2001	0,2	35,9	30,2	-	0,5	4,8	0,1	0,2	-	27,9	-	0,2	100
2002	0,3	37,3	0,4	-	6,5	7,9	0,2	0,1	-	47	-	0,3	100
2003	0,3	48,9	0,4	0,6	13,9	17	0,2	-	-	18,3	0,2	0,2	100
2004	0,3	66,3	0,5	1,9	6,3	13,8	5,7	2,2	-	0,1	1,5	1,3	100
2005	0,4	66,6	0,4	2,1	8,4	12,2	-	3	1,7	2,3	1,7	1,2	100
2006	0,2	55,1	-	2,4	10,8	20,1	-	3,2	1,8	3	2,2	1,4	100

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 38A - Carvão Vegetal: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

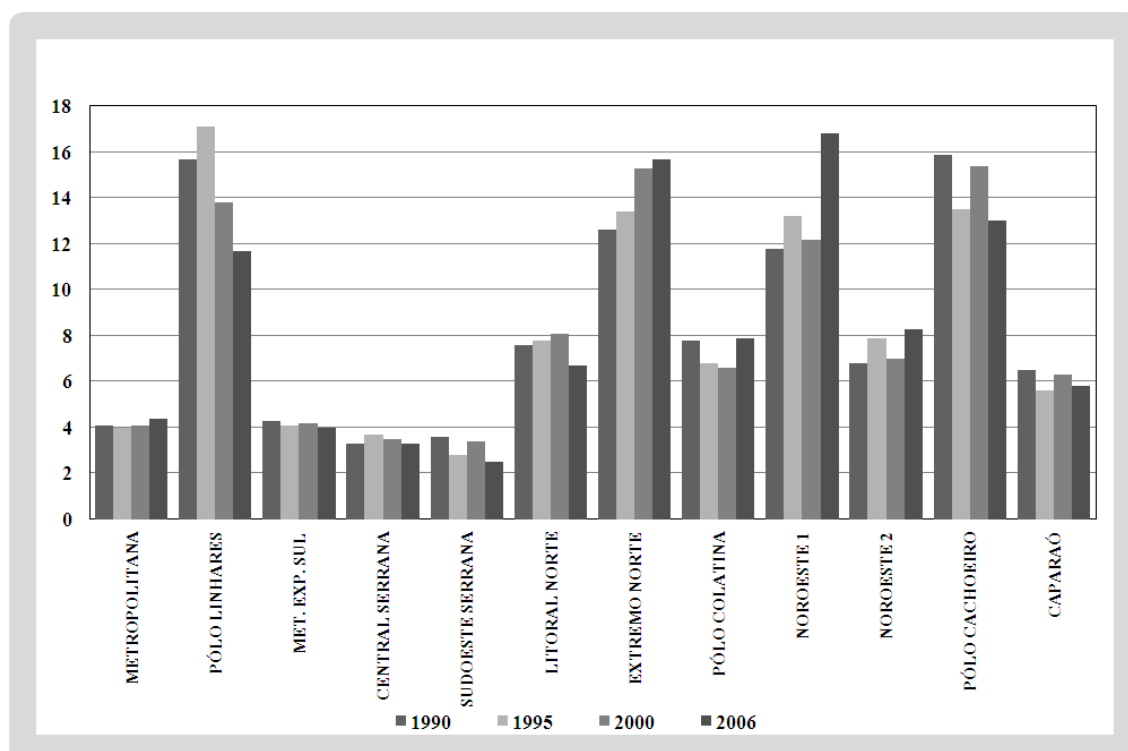
Quadro 88A

PRODUÇÃO DE BOVINOS NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Unidades e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 CES	5 SUS	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	67.314	260.414	71.302	54.273	60.269	126.205	209.500	130.080	195.270	112.963	263.936	108.147	1.659.673
1991	70.396	283.430	77.764	53.247	57.946	132.247	235.137	134.618	200.517	136.652	263.046	115.967	1.760.967
1992	77.308	309.158	81.861	57.925	57.770	134.850	250.037	123.836	192.536	147.733	271.855	118.788	1.823.657
1993	81.360	321.034	83.697	63.441	61.232	169.866	253.173	130.178	231.678	157.441	265.816	110.086	1.929.002
1994	80.972	328.037	80.916	69.826	62.689	145.987	254.330	131.912	237.728	152.676	261.979	106.738	1.913.790
1995	79.390	336.518	80.035	72.427	55.774	154.067	263.492	132.768	259.119	155.192	264.831	109.679	1.963.292
1996	67.866	262.460	79.544	70.339	71.692	138.782	231.409	134.746	237.919	121.592	267.049	126.984	1.810.382
1997	76.260	266.931	81.045	72.523	71.515	150.864	272.783	133.836	255.669	146.915	270.472	131.159	1.929.972
1998	81.166	261.029	82.563	74.621	72.939	147.989	267.970	133.768	256.142	144.384	282.876	126.853	1.932.300
1999	78.430	259.645	80.487	72.117	64.587	137.488	281.120	128.686	231.629	130.379	289.931	121.652	1.876.151
2000	74.360	250.671	77.329	63.976	61.290	148.080	278.767	119.927	221.824	127.577	280.731	115.227	1.819.759
2001	73.976	222.241	69.783	55.608	63.205	137.914	291.800	114.700	220.089	118.636	228.862	65.704	1.662.518
2002	82.846	216.078	66.137	58.816	63.100	140.075	291.800	121.385	233.485	123.172	221.134	62.880	1.680.908
2003	86.759	239.214	68.905	64.056	60.188	130.114	272.969	126.225	267.469	135.353	253.844	96.394	1.801.490
2004	84.429	250.827	73.135	63.325	57.792	137.847	301.406	134.454	286.012	142.066	284.052	106.004	1.921.349
2005	88.807	242.572	78.881	65.290	57.308	155.194	313.730	148.715	316.362	161.610	280.638	113.280	2.022.387
2006	92.586	247.063	85.116	69.620	52.096	142.173	331.701	166.431	355.849	174.964	275.125	122.002	2.114.726
1990	4,1	15,7	4,3	3,3	3,6	7,6	12,6	7,8	11,8	6,8	15,9	6,5	100
1991	4	16,1	4,4	3	3,3	7,5	13,4	7,6	11,4	7,8	14,9	6,6	100
1992	4,2	17	4,5	3,2	3,2	7,4	13,7	6,8	10,6	8,1	14,9	6,5	100
1993	4,2	16,6	4,3	3,3	3,2	8,8	13,1	6,7	12	8,2	13,8	5,7	100
1994	4,2	17,1	4,2	3,6	3,3	7,6	13,3	6,9	12,4	8	13,7	5,6	100
1995	4	17,1	4,1	3,7	2,8	7,8	13,4	6,8	13,2	7,9	13,5	5,6	100
1996	3,7	14,5	4,4	3,9	4	7,7	12,8	7,4	13,1	6,7	14,8	7	100
1997	4	13,8	4,2	3,8	3,7	7,8	14,1	6,9	13,2	7,6	14	6,8	100
1998	4,2	13,5	4,3	3,9	3,8	7,7	13,9	6,9	13,3	7,5	14,6	6,6	100
1999	4,2	13,8	4,3	3,8	3,4	7,3	15	6,9	12,3	6,9	15,5	6,5	100
2000	4,1	13,8	4,2	3,5	3,4	8,1	15,3	6,6	12,2	7	15,4	6,3	100
2001	4,4	13,4	4,2	3,3	3,8	8,3	17,6	6,9	13,2	7,1	13,8	4	100
2002	4,9	12,9	3,9	3,5	3,8	8,3	17,4	7,2	13,9	7,3	13,2	3,7	100
2003	4,8	13,3	3,8	3,6	3,3	7,2	15,2	7	14,8	7,5	14,1	5,4	100
2004	4,4	13,1	3,8	3,3	3	7,2	15,7	7	14,9	7,4	14,8	5,5	100
2005	4,4	12	3,9	3,2	2,8	7,7	15,5	7,4	15,6	8	13,9	5,6	100
2006	4,4	11,7	4	3,3	2,5	6,7	15,7	7,9	16,8	8,3	13	5,8	100

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 39A - Bovinos: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

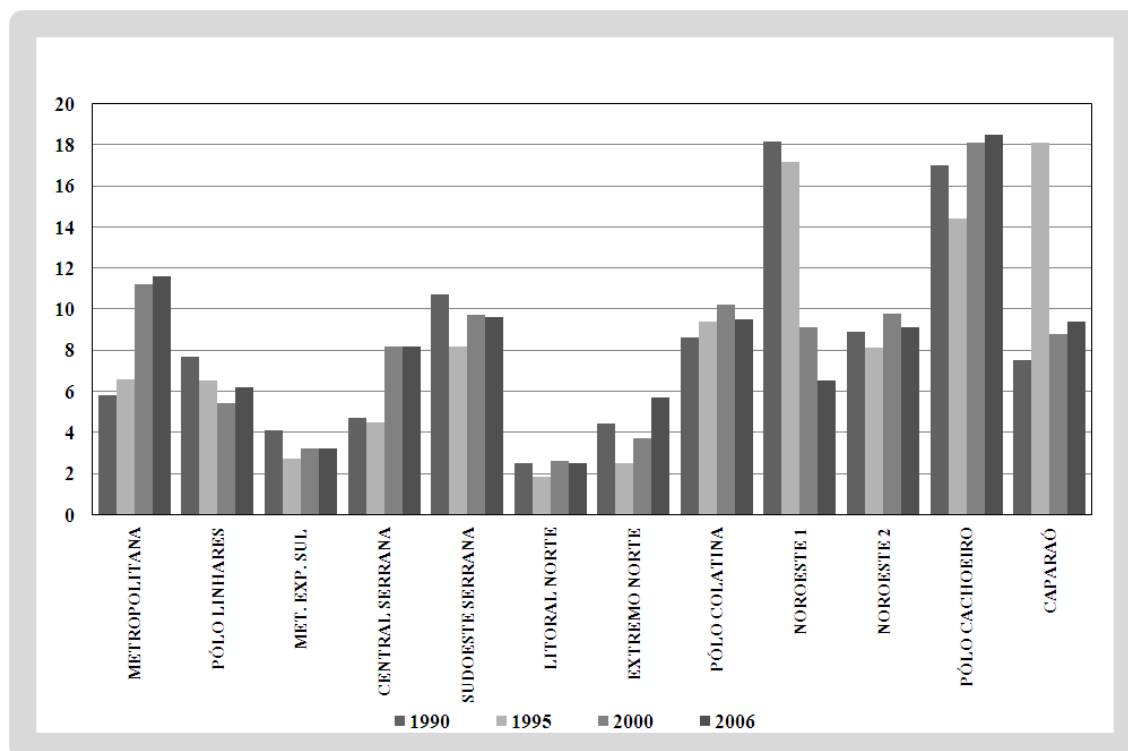
Quadro 89A

PRODUÇÃO DE CAPRINOS NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Unidades e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 CES	5 SUS	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	1.457	1.935	1.035	1.200	2.707	623	1.110	2.180	4.600	2.250	4.293	1.885	25.275
1991	2.049	1.810	958	1.133	2.827	595	860	2.400	4.700	2.230	4.476	1.971	26.009
1992	2.131	2.062	1.014	1.149	2.873	629	845	2.700	5.000	2.430	4.626	2.088	27.547
1993	2.217	2.003	827	1.161	2.785	680	895	3.030	5.680	2.952	4.729	2.197	29.156
1994	2.295	1.984	875	1.560	2.815	668	864	3.080	5.950	2.888	4.769	2.222	29.970
1995	2.203	2.176	913	1.523	2.755	618	855	3.150	5.760	2.733	4.821	6.074	33.581
1996	1.694	838	425	1.388	1.271	362	493	1.505	1.337	1.315	2.655	1.301	14.584
1997	1.675	842	437	1.400	1.293	379	556	1.540	1.365	1.480	2.794	1.302	15.063
1998	1.685	825	455	1.367	1.280	384	547	1.580	1.400	1.518	2.822	1.371	15.234
1999	1.618	825	477	1.333	1.532	396	560	1.579	1.398	1.518	2.784	1.360	15.380
2000	1.727	831	489	1.268	1.500	408	565	1.566	1.402	1.517	2.781	1.353	15.407
2001	1.774	884	503	1.304	1.518	408	571	1.569	1.403	1.522	2.831	1.359	15.646
2002	2.038	951	508	1.317	1.585	408	571	1.583	1.410	1.546	2.825	1.352	16.094
2003	2.068	963	559	1.354	1.608	411	940	1.603	1.130	1.585	3.164	1.458	16.843
2004	2.116	1.035	593	1.397	1.615	423	950	1.680	1.165	1.640	3.161	1.510	17.285
2005	2.127	1.096	616	1.444	1.656	433	976	1.648	1.135	1.625	3.250	1.603	17.609
2006	2.065	1.101	570	1.455	1.713	452	1.007	1.695	1.160	1.613	3.296	1.676	17.803
1990	5,8	7,7	4,1	4,7	10,7	2,5	4,4	8,6	18,2	8,9	17	7,5	100
1991	7,9	7	3,7	4,4	10,9	2,3	3,3	9,2	18,1	8,6	17,2	7,6	100
1992	7,7	7,5	3,7	4,2	10,4	2,3	3,1	9,8	18,2	8,8	16,8	7,6	100
1993	7,6	6,9	2,8	4	9,6	2,3	3,1	10,4	19,5	10,1	16,2	7,5	100
1994	7,7	6,6	2,9	5,2	9,4	2,2	2,9	10,3	19,9	9,6	15,9	7,4	100
1995	6,6	6,5	2,7	4,5	8,2	1,8	2,5	9,4	17,2	8,1	14,4	18,1	100
1996	11,6	5,7	2,9	9,5	8,7	2,5	3,4	10,3	9,2	9	18,2	8,9	100
1997	11,1	5,6	2,9	9,3	8,6	2,5	3,7	10,2	9,1	9,8	18,5	8,6	100
1998	11,1	5,4	3	9	8,4	2,5	3,6	10,4	9,2	10	18,5	9	100
1999	10,5	5,4	3,1	8,7	10	2,6	3,6	10,3	9,1	9,9	18,1	8,8	100
2000	11,2	5,4	3,2	8,2	9,7	2,6	3,7	10,2	9,1	9,8	18,1	8,8	100
2001	11,3	5,7	3,2	8,3	9,7	2,6	3,6	10	9	9,7	18,1	8,7	100
2002	12,7	5,9	3,2	8,2	9,8	2,5	3,5	9,8	8,8	9,6	17,6	8,4	100
2003	12,3	5,7	3,3	8	9,5	2,4	5,6	9,5	6,7	9,4	18,8	8,7	100
2004	12,2	6	3,4	8,1	9,3	2,4	5,5	9,7	6,7	9,5	18,3	8,7	100
2005	12,1	6,2	3,5	8,2	9,4	2,5	5,5	9,4	6,4	9,2	18,5	9,1	100
2006	11,6	6,2	3,2	8,2	9,6	2,5	5,7	9,5	6,5	9,1	18,5	9,4	100

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 40A - Caprinos: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

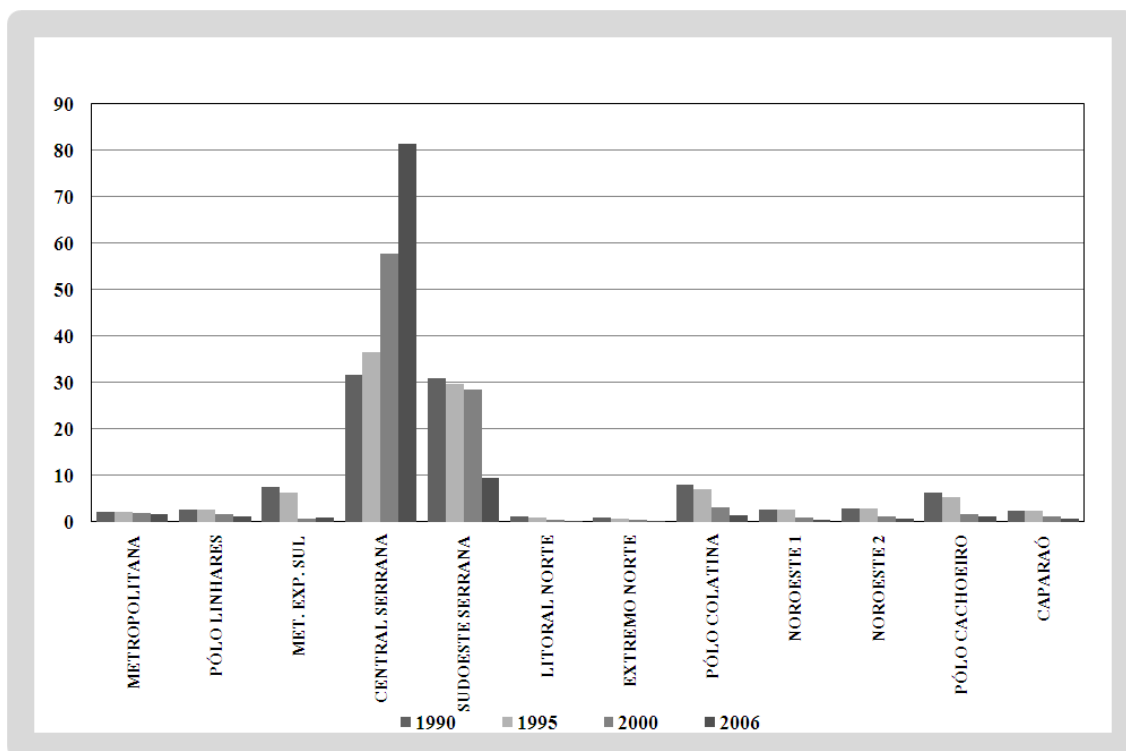
Quadro 90A

PRODUÇÃO DE GALINHAS NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Unidades e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 CES	5 SUS	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	65.832	76.970	213.560	891.149	866.137	33.370	25.800	226.200	75.600	82.810	177.500	70.440	2.805.368
1991	66.812	73.950	179.732	939.640	878.543	31.058	24.700	222.500	78.800	82.800	166.215	67.259	2.812.009
1992	69.973	76.800	186.124	965.067	806.380	32.646	26.420	223.400	83.300	86.600	161.110	71.170	2.788.990
1993	71.200	78.000	203.111	1.072.376	796.686	33.936	25.725	223.400	90.700	97.600	161.453	73.037	2.927.224
1994	70.400	77.658	201.280	1.040.122	871.095	31.352	23.750	215.800	87.720	92.104	160.864	72.420	2.944.565
1995	65.565	80.993	185.666	1.079.256	879.202	29.750	24.120	207.500	83.000	88.150	159.940	69.480	2.952.622
1996	78.080	67.471	29.273	1.395.347	1.450.500	23.631	21.530	109.400	46.087	39.450	72.491	46.722	3.379.982
1997	77.783	63.273	28.696	1.537.964	1.345.970	22.985	15.982	107.400	42.130	51.152	72.427	48.366	3.414.128
1998	77.480	61.794	28.480	1.638.065	1.198.730	22.791	15.831	104.700	40.705	49.793	73.455	47.355	3.359.179
1999	76.542	61.794	28.405	2.030.838	1.123.864	22.775	17.834	104.550	40.548	49.840	71.802	45.150	3.673.942
2000	74.904	61.697	27.735	2.282.234	1.125.230	22.849	17.958	125.510	40.500	49.837	69.709	45.250	3.943.413
2001	73.736	64.511	27.665	2.354.689	1.106.739	22.805	17.988	125.670	40.495	49.970	70.872	45.703	4.000.843
2002	74.721	68.141	53.165	2.852.155	1.039.000	22.810	17.988	120.890	40.205	49.530	70.848	45.150	4.454.603
2003	96.060	68.384	51.618	3.705.008	1.248.076	22.570	16.655	118.810	43.330	48.324	70.134	44.548	5.533.517
2004	#####	71.596	53.494	3.686.731	755.216	22.400	16.630	115.650	42.690	46.870	69.160	42.391	5.024.358
2005	#####	76.712	57.492	4.634.365	654.057	21.688	15.685	108.300	39.717	43.929	68.482	41.380	5.868.142
2006	97.531	76.696	54.322	4.962.904	583.009	21.034	15.798	88.900	37.542	41.032	68.011	40.295	6.087.074
1990	2,3	2,7	7,6	31,8	30,9	1,2	0,9	8,1	2,7	3	6,3	2,5	100
1991	2,4	2,6	6,4	33,4	31,2	1,1	0,9	7,9	2,8	2,9	5,9	2,4	100
1992	2,5	2,8	6,7	34,6	28,9	1,2	0,9	8	3	3,1	5,8	2,6	100
1993	2,4	2,7	6,9	36,6	27,2	1,2	0,9	7,6	3,1	3,3	5,5	2,5	100
1994	2,4	2,6	6,8	35,3	29,6	1,1	0,8	7,3	3	3,1	5,5	2,5	100
1995	2,2	2,7	6,3	36,6	29,8	1	0,8	7	2,8	3	5,4	2,4	100
1996	2,3	2	0,9	41,3	42,9	0,7	0,6	3,2	1,4	1,2	2,1	1,4	100
1997	2,3	1,9	0,8	45	39,4	0,7	0,5	3,1	1,2	1,5	2,1	1,4	100
1998	2,3	1,8	0,8	48,8	35,7	0,7	0,5	3,1	1,2	1,5	2,2	1,4	100
1999	2,1	1,7	0,8	55,3	30,6	0,6	0,5	2,8	1,1	1,4	2	1,2	100
2000	1,9	1,6	0,7	57,9	28,5	0,6	0,5	3,2	1	1,3	1,8	1,1	100
2001	1,8	1,6	0,7	58,9	27,7	0,6	0,4	3,1	1	1,2	1,8	1,1	100
2002	1,7	1,5	1,2	64	23,3	0,5	0,4	2,7	0,9	1,1	1,6	1	100
2003	1,7	1,2	0,9	67	22,6	0,4	0,3	2,1	0,8	0,9	1,3	0,8	100
2004	2	1,4	1,1	73,4	15	0,4	0,3	2,3	0,8	0,9	1,4	0,8	100
2005	1,8	1,3	1	79	11,1	0,4	0,3	1,8	0,7	0,7	1,2	0,7	100
2006	1,6	1,3	0,9	81,5	9,6	0,3	0,3	1,5	0,6	0,7	1,1	0,7	100

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 41A - Galinhas: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 91A

PRODUÇÃO DE GALO, FRANGA, FRANGO E PINTO NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO
Em Unidades e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 CES	5 SUS	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	153.573	325.270	219.110	291.979	2.555.388	119.220	34.150	163.000	105.800	133.030	344.180	86.580	4.531.280
1991	207.073	322.000	228.114	293.583	2.565.438	102.755	32.800	166.300	108.100	127.450	326.700	83.536	4.563.849
1992	198.723	340.360	238.400	305.971	3.875.529	106.321	35.330	166.400	108.300	131.250	335.922	88.700	5.931.206
1993	206.397	344.752	260.682	331.457	4.135.323	108.153	33.700	165.100	120.135	138.770	338.365	90.710	6.273.544
1994	222.282	349.580	259.215	335.963	4.342.520	95.002	30.980	159.300	113.760	129.680	338.951	90.965	6.468.198
1995	150.836	351.675	252.426	321.410	5.300.696	87.713	31.470	151.000	106.800	125.020	339.808	90.400	7.309.254
1996	232.225	112.954	272.261	592.546	2.061.500	73.694	62.520	82.900	82.880	75.592	183.396	469.278	4.301.746
1997	231.688	124.246	272.925	611.379	2.043.230	73.290	61.559	81.300	82.645	79.338	185.847	486.093	4.333.540
1998	231.424	313.009	272.377	631.893	1.878.260	73.077	61.166	79.400	81.190	77.197	186.740	481.696	4.367.429
1999	229.818	590.475	272.170	1.081.737	2.303.079	72.807	60.410	79.240	80.800	77.210	194.219	437.533	5.479.498
2000	228.310	624.173	271.243	1.036.901	2.306.500	72.909	60.732	79.180	80.915	77.392	200.108	437.633	5.475.996
2001	223.885	662.155	271.970	1.052.135	2.240.883	72.910	60.770	79.210	80.971	77.425	210.732	437.849	5.470.895
2002	222.497	699.973	278.918	1.106.643	2.216.000	72.970	50.770	77.135	80.341	76.890	210.952	436.840	5.529.929
2003	235.805	740.706	271.788	1.107.770	3.185.112	72.625	58.400	75.040	73.010	75.010	210.074	441.361	6.546.701
2004	247.939	787.610	285.182	1.079.016	3.130.508	72.570	58.300	72.460	71.300	74.535	211.192	415.678	6.506.290
2005	261.950	855.506	303.652	1.293.641	5.929.753	69.896	54.208	66.710	65.974	68.643	210.565	410.680	9.591.178
2006	238.835	855.120	276.594	1.359.314	6.223.582	67.791	53.064	62.110	64.061	65.206	210.155	378.390	9.854.222
1990	3,4	7,2	4,8	6,4	56,4	2,6	0,8	3,6	2,3	2,9	7,6	1,9	100
1991	4,5	7,1	5	6,4	56,2	2,3	0,7	3,6	2,4	2,8	7,2	1,8	100
1992	3,4	5,7	4	5,2	65,3	1,8	0,6	2,8	1,8	2,2	5,7	1,5	100
1993	3,3	5,5	4,2	5,3	65,9	1,7	0,5	2,6	1,9	2,2	5,4	1,4	100
1994	3,4	5,4	4	5,2	67,1	1,5	0,5	2,5	1,8	2	5,2	1,4	100
1995	2,1	4,8	3,5	4,4	72,5	1,2	0,4	2,1	1,5	1,7	4,6	1,2	100
1996	5,4	2,6	6,3	13,8	47,9	1,7	1,5	1,9	1,9	1,8	4,3	10,9	100
1997	5,3	2,9	6,3	14,1	47,1	1,7	1,4	1,9	1,9	1,8	4,3	11,2	100
1998	5,3	7,2	6,2	14,5	43	1,7	1,4	1,8	1,9	1,8	4,3	11	100
1999	4,2	10,8	5	19,7	42	1,3	1,1	1,4	1,5	1,4	3,5	8	100
2000	4,2	11,4	5	18,9	42,1	1,3	1,1	1,4	1,5	1,4	3,7	8	100
2001	4,1	12,1	5	19,2	41	1,3	1,1	1,4	1,5	1,4	3,9	8	100
2002	4	12,7	5	20	40,1	1,3	0,9	1,4	1,5	1,4	3,8	7,9	100
2003	3,6	11,3	4,2	16,9	48,7	1,1	0,9	1,1	1,1	1,1	3,2	6,7	100
2004	3,8	12,1	4,4	16,6	48,1	1,1	0,9	1,1	1,1	1,1	3,2	6,4	100
2005	2,7	8,9	3,2	13,5	61,8	0,7	0,6	0,7	0,7	0,7	2,2	4,3	100
2006	2,4	8,7	2,8	13,8	63,2	0,7	0,5	0,6	0,7	0,7	2,1	3,8	100

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

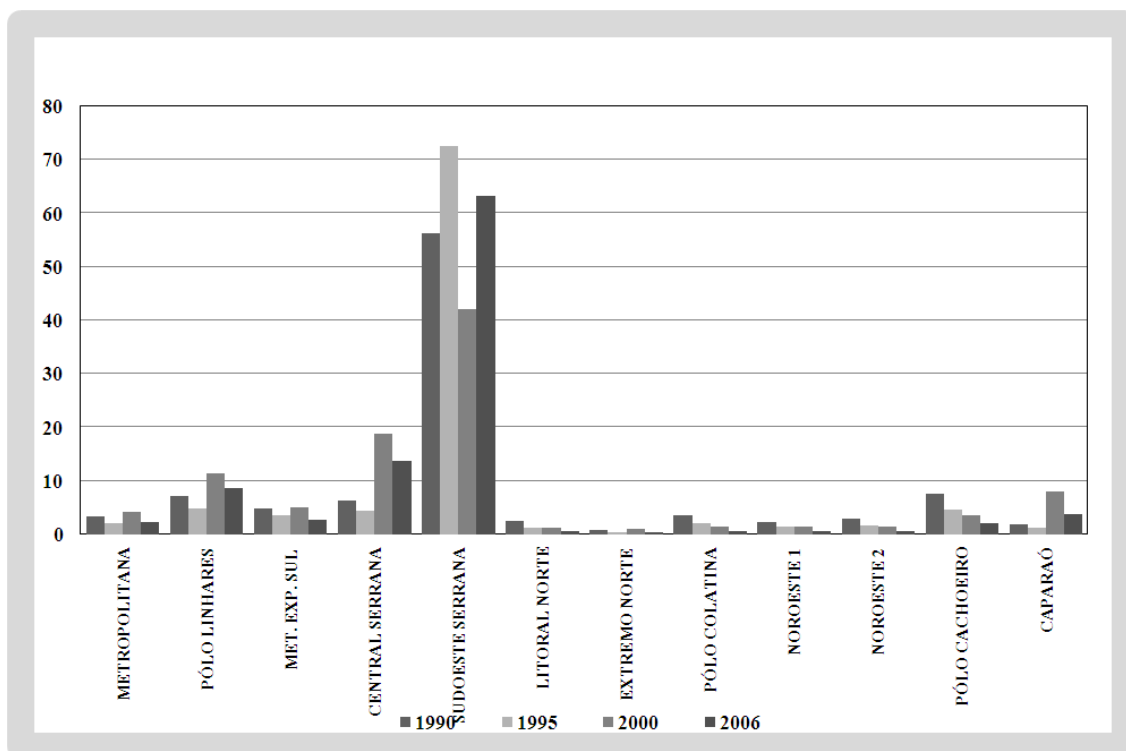


Ilustração 42A - Galos, Frangos, Frangas e Pintos: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006 (% sobre o Espírito Santo)

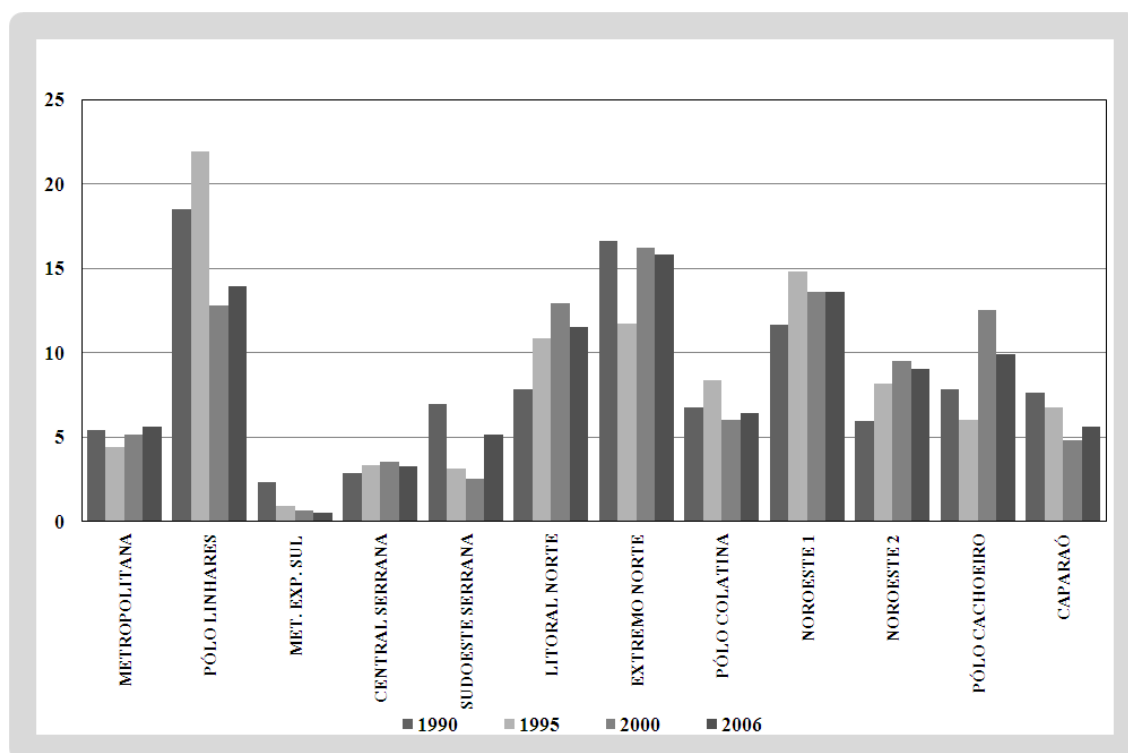
Quadro 92A

PRODUÇÃO DE OVINO NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Unidades e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 CES	5 SUS	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	1.280	4.380	555	669	1.643	1.843	3.950	1.600	2.750	1.405	1.850	1.808	23.733
1991	1.262	5.200	437	736	1.584	1.995	4.100	1.800	3.300	2.030	1.839	1.870	26.153
1992	1.337	6.273	462	832	1.614	3.760	4.227	2.050	3.650	2.470	1.806	2.000	30.481
1993	1.321	6.634	305	825	1.690	3.893	4.045	2.280	4.380	2.780	1.849	2.106	32.108
1994	1.375	6.606	306	1.003	1.683	3.749	3.930	2.450	4.803	2.636	1.853	1.980	32.374
1995	1.388	6.846	295	1.036	956	3.381	3.670	2.600	4.630	2.550	1.876	2.097	31.325
1996	1.543	3.564	198	1.021	741	3.291	4.425	1.680	3.785	2.082	3.523	1.124	26.977
1997	1.532	3.559	199	1.028	770	3.573	4.659	1.690	3.844	2.536	3.484	1.131	28.005
1998	1.511	3.448	180	1.027	718	3.572	4.577	1.690	3.798	2.565	3.504	1.257	27.847
1999	1.474	3.448	180	1.016	694	3.619	4.598	1.705	3.845	2.578	3.541	1.349	28.047
2000	1.455	3.608	178	981	705	3.654	4.595	1.695	3.849	2.684	3.532	1.349	28.285
2001	1.448	3.725	180	977	695	3.663	4.613	1.701	3.854	2.704	3.523	1.367	28.450
2002	1.577	3.963	133	988	1.625	3.658	4.613	1.694	3.798	2.729	3.518	1.368	29.664
2003	1.832	3.951	143	994	1.685	3.660	4.715	1.780	3.883	2.770	3.222	1.564	30.199
2004	1.826	4.225	144	1.021	1.670	3.695	4.790	1.865	4.030	2.850	3.207	1.630	30.953
2005	1.815	4.472	152	1.024	1.640	3.585	4.945	1.955	4.232	2.887	3.149	1.706	31.562
2006	1.788	4.457	147	1.024	1.627	3.680	5.044	2.030	4.350	2.879	3.150	1.792	31.968
1990	5,4	18,5	2,3	2,8	6,9	7,8	16,6	6,7	11,6	5,9	7,8	7,6	100
1991	4,8	19,9	1,7	2,8	6,1	7,6	15,7	6,9	12,6	7,8	7	7,2	100
1992	4,4	20,6	1,5	2,7	5,3	12,3	13,9	6,7	12	8,1	5,9	6,6	100
1993	4,1	20,7	0,9	2,6	5,3	12,1	12,6	7,1	13,6	8,7	5,8	6,6	100
1994	4,2	20,4	0,9	3,1	5,2	11,6	12,1	7,6	14,8	8,1	5,7	6,1	100
1995	4,4	21,9	0,9	3,3	3,1	10,8	11,7	8,3	14,8	8,1	6	6,7	100
1996	5,7	13,2	0,7	3,8	2,7	12,2	16,4	6,2	14	7,7	13,1	4,2	100
1997	5,5	12,7	0,7	3,7	2,7	12,8	16,6	6	13,7	9,1	12,4	4	100
1998	5,4	12,4	0,6	3,7	2,6	12,8	16,4	6,1	13,6	9,2	12,6	4,5	100
1999	5,3	12,3	0,6	3,6	2,5	12,9	16,4	6,1	13,7	9,2	12,6	4,8	100
2000	5,1	12,8	0,6	3,5	2,5	12,9	16,2	6	13,6	9,5	12,5	4,8	100
2001	5,1	13,1	0,6	3,4	2,4	12,9	16,2	6	13,5	9,5	12,4	4,8	100
2002	5,3	13,4	0,4	3,3	5,5	12,3	15,6	5,7	12,8	9,2	11,9	4,6	100
2003	6,1	13,1	0,5	3,3	5,6	12,1	15,6	5,9	12,9	9,2	10,7	5,2	100
2004	5,9	13,6	0,5	3,3	5,4	11,9	15,5	6	13	9,2	10,4	5,3	100
2005	5,8	14,2	0,5	3,2	5,2	11,4	15,7	6,2	13,4	9,1	10	5,4	100
2006	5,6	13,9	0,5	3,2	5,1	11,5	15,8	6,4	13,6	9	9,9	5,6	100

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 43A - Ovinos: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

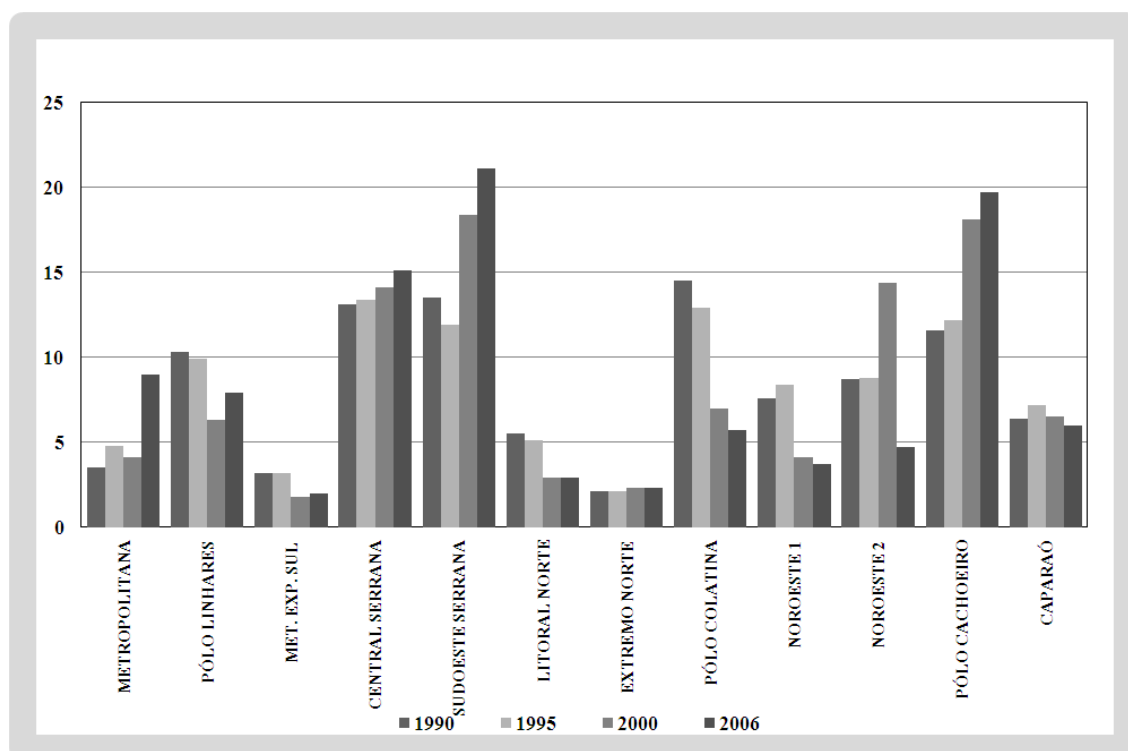
Quadro 93A

PRODUÇÃO DE SUÍNO NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Unidades e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 CES	5 SUS	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	15.093	44.670	14.052	56.809	58.966	23.945	9.030	63.300	33.250	37.770	50.490	27.850	435.225
1991	15.844	39.050	13.897	50.289	59.227	21.810	8.600	61.600	33.850	37.080	50.288	29.267	420.802
1992	15.881	40.528	14.530	49.686	56.003	22.766	9.098	62.950	37.550	38.897	50.682	30.680	429.251
1993	16.701	40.515	14.836	50.015	59.353	22.700	9.570	61.780	39.560	41.293	51.065	31.421	438.809
1994	17.337	40.129	14.265	58.579	60.771	21.824	9.093	57.450	36.635	38.405	51.263	31.796	437.547
1995	20.441	41.932	13.664	56.402	50.215	21.716	8.835	54.500	35.440	37.204	51.391	30.415	422.155
1996	12.792	18.186	5.336	43.779	49.180	8.550	6.354	22.240	13.018	15.765	53.391	20.781	269.372
1997	12.863	19.123	5.327	43.236	48.976	8.806	6.899	21.790	12.898	18.448	54.048	20.859	273.273
1998	12.741	18.807	5.364	43.402	49.626	8.751	6.766	21.050	12.540	18.549	53.616	20.604	271.816
1999	12.512	18.807	5.409	43.506	54.958	8.748	6.815	20.901	12.429	18.591	55.515	19.356	277.547
2000	12.372	18.910	5.388	42.254	55.065	8.774	6.815	20.866	12.419	43.326	54.256	19.411	299.856
2001	12.417	19.278	5.416	42.146	56.559	8.825	6.838	20.872	12.422	42.999	56.307	19.369	303.448
2002	14.108	20.035	5.444	41.659	65.960	8.840	6.838	20.355	12.400	42.956	55.440	19.420	313.455
2003	24.742	20.324	5.355	42.193	63.367	8.809	6.813	19.715	12.110	42.842	55.701	19.384	321.355
2004	25.400	21.559	5.536	41.919	61.870	8.745	6.805	18.840	11.693	42.276	56.352	18.224	319.219
2005	26.187	22.853	6.033	43.299	61.463	8.421	6.477	17.630	10.768	14.299	56.870	17.605	291.905
2006	25.793	22.830	5.628	43.456	60.777	8.285	6.689	16.390	10.538	13.603	56.861	17.228	288.078
1990	3,5	10,3	3,2	13,1	13,5	5,5	2,1	14,5	7,6	8,7	11,6	6,4	100
1991	3,8	9,3	3,3	12	14,1	5,2	2	14,6	8	8,8	12	7	100
1992	3,7	9,4	3,4	11,6	13	5,3	2,1	14,7	8,7	9,1	11,8	7,1	100
1993	3,8	9,2	3,4	11,4	13,5	5,2	2,2	14,1	9	9,4	11,6	7,2	100
1994	4	9,2	3,3	13,4	13,9	5	2,1	13,1	8,4	8,8	11,7	7,3	100
1995	4,8	9,9	3,2	13,4	11,9	5,1	2,1	12,9	8,4	8,8	12,2	7,2	100
1996	4,7	6,8	2	16,3	18,3	3,2	2,4	8,3	4,8	5,9	19,8	7,7	100
1997	4,7	7	1,9	15,8	17,9	3,2	2,5	8	4,7	6,8	19,8	7,6	100
1998	4,7	6,9	2	16	18,3	3,2	2,5	7,7	4,6	6,8	19,7	7,6	100
1999	4,5	6,8	1,9	15,7	19,8	3,2	2,5	7,5	4,5	6,7	20	7	100
2000	4,1	6,3	1,8	14,1	18,4	2,9	2,3	7	4,1	14,4	18,1	6,5	100
2001	4,1	6,4	1,8	13,9	18,6	2,9	2,3	6,9	4,1	14,2	18,6	6,4	100
2002	4,5	6,4	1,7	13,3	21	2,8	2,2	6,5	4	13,7	17,7	6,2	100
2003	7,7	6,3	1,7	13,1	19,7	2,7	2,1	6,1	3,8	13,3	17,3	6	100
2004	8	6,8	1,7	13,1	19,4	2,7	2,1	5,9	3,7	13,2	17,7	5,7	100
2005	9	7,8	2,1	14,8	21,1	2,9	2,2	6	3,7	4,9	19,5	6	100
2006	9	7,9	2	15,1	21,1	2,9	2,3	5,7	3,7	4,7	19,7	6	100

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 44A - Suínos: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

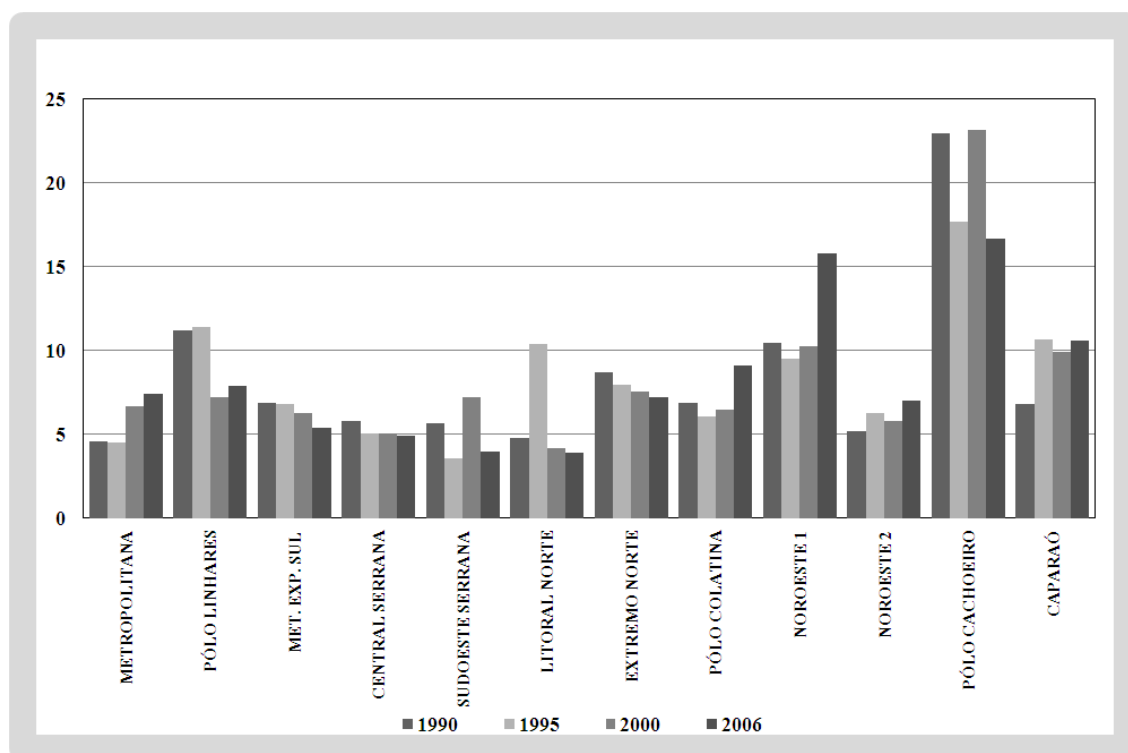
Quadro 94A

PRODUÇÃO DE LEITE NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Mil Litros e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 CES	5 SUS	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	12.786	31.521	19.398	16.360	16.014	13.349	24.273	19.311	29.547	14.459	64.414	19.136	280.568
1991	14.303	34.827	20.361	13.676	15.545	15.987	28.411	19.746	30.565	16.738	63.739	25.659	299.557
1992	15.132	34.394	22.373	15.479	14.663	17.200	32.188	19.138	29.926	17.801	64.931	26.356	309.581
1993	18.098	39.726	26.011	17.835	14.648	45.559	33.156	19.851	32.899	23.605	64.059	37.390	372.837
1994	18.197	39.106	25.215	18.871	14.527	39.735	30.384	20.847	34.640	22.496	63.112	36.677	363.807
1995	16.409	41.224	24.404	18.555	12.871	37.625	28.727	22.068	34.146	22.591	63.850	38.836	361.306
1996	13.760	28.154	21.510	18.195	13.924	16.706	24.806	22.052	35.882	19.912	69.501	33.620	318.022
1997	18.793	28.786	22.195	18.469	13.849	16.565	27.500	23.031	36.992	21.774	73.229	36.335	337.518
1998	19.857	27.889	23.200	18.218	14.058	16.000	28.218	21.897	35.862	21.575	73.801	37.571	338.146
1999	20.011	28.573	23.076	19.796	24.934	15.581	28.521	24.724	38.465	21.993	80.454	39.843	365.971
2000	25.165	27.038	23.509	19.367	26.972	15.695	28.516	24.497	38.854	21.829	87.339	37.334	376.115
2001	25.845	21.156	20.350	18.207	25.957	15.718	28.538	25.678	40.151	22.381	73.050	42.923	359.954
2002	30.355	28.624	17.108	18.427	25.532	15.869	28.538	28.172	48.462	22.655	69.205	39.926	372.873
2003	30.665	30.206	17.923	19.487	21.380	15.498	26.319	29.815	51.192	22.056	70.212	42.617	377.370
2004	30.381	34.860	18.598	19.664	19.579	16.290	28.914	33.591	57.419	24.776	76.594	43.164	403.830
2005	30.993	33.138	19.750	20.404	17.805	16.272	29.824	32.618	64.116	29.261	75.834	45.663	415.678
2006	31.771	34.063	23.467	21.063	17.391	16.674	31.185	39.511	68.291	30.264	72.222	45.991	431.893
1990	4,6	11,2	6,9	5,8	5,7	4,8	8,7	6,9	10,5	5,2	23	6,8	100
1991	4,8	11,6	6,8	4,6	5,2	5,3	9,5	6,6	10,2	5,6	21,3	8,6	100
1992	4,9	11,1	7,2	5	4,7	5,6	10,4	6,2	9,7	5,8	21	8,5	100
1993	4,9	10,7	7	4,8	3,9	12,2	8,9	5,3	8,8	6,3	17,2	10	100
1994	5	10,7	6,9	5,2	4	10,9	8,4	5,7	9,5	6,2	17,3	10,1	100
1995	4,5	11,4	6,8	5,1	3,6	10,4	8	6,1	9,5	6,3	17,7	10,7	100
1996	4,3	8,9	6,8	5,7	4,4	5,3	7,8	6,9	11,3	6,3	21,9	10,6	100
1997	5,6	8,5	6,6	5,5	4,1	4,9	8,1	6,8	11	6,5	21,7	10,8	100
1998	5,9	8,2	6,9	5,4	4,2	4,7	8,3	6,5	10,6	6,4	21,8	11,1	100
1999	5,5	7,8	6,3	5,4	6,8	4,3	7,8	6,8	10,5	6	22	10,9	100
2000	6,7	7,2	6,3	5,1	7,2	4,2	7,6	6,5	10,3	5,8	23,2	9,9	100
2001	7,2	5,9	5,7	5,1	7,2	4,4	7,9	7,1	11,2	6,2	20,3	11,9	100
2002	8,1	7,7	4,6	4,9	6,8	4,3	7,7	7,6	13	6,1	18,6	10,7	100
2003	8,1	8	4,7	5,2	5,7	4,1	7	7,9	13,6	5,8	18,6	11,3	100
2004	7,5	8,6	4,6	4,9	4,8	4	7,2	8,3	14,2	6,1	19	10,7	100
2005	7,5	8	4,8	4,9	4,3	3,9	7,2	7,8	15,4	7	18,2	11	100
2006	7,4	7,9	5,4	4,9	4	3,9	7,2	9,1	15,8	7	16,7	10,6	100

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 45A - Leite: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 95A

PRODUÇÃO DE MEL DE ABELHA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Mil Litros e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 CES	5 SUS	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	9.946	12.140	10.444	9.784	9.532	1.230	-	3.920	3.100	7.680	25.200	10.890	103.866
1991	17.934	33.108	6.439	27.389	13.468	1.740	-	3.750	2.900	7.645	24.346	11.360	150.079
1992	27.294	32.500	12.158	21.523	14.194	3.385	-	3.500	2.750	8.250	26.281	10.815	162.650
1993	28.380	29.000	12.840	46.950	14.512	3.802	1.100	3.180	3.800	10.075	29.304	11.050	193.993
1994	30.062	30.090	13.026	45.944	14.390	6.086	7.196	2.870	3.446	8.615	31.040	14.438	207.203
1995	29.353	27.050	19.650	48.104	15.150	7.428	8.200	2.570	3.000	8.550	33.694	15.080	217.829
1996	15.305	17.430	14.463	27.660	11.000	7.172	6.142	22.800	14.370	21.392	9.282	7.216	174.232
1997	14.084	16.745	14.804	29.920	11.000	7.704	5.887	22.330	13.610	23.622	8.991	7.340	176.037
1998	14.113	26.167	14.805	29.470	11.753	7.668	5.841	20.030	13.033	20.600	9.346	7.646	180.472
1999	14.018	26.843	14.200	29.247	12.305	7.790	7.411	19.913	13.050	20.665	9.664	7.763	182.869
2000	14.509	27.882	5.576	29.357	12.530	7.787	7.330	19.865	13.010	20.638	9.998	7.783	176.265
2001	14.791	29.989	5.600	30.156	12.633	7.740	7.308	19.713	12.985	20.540	10.293	7.577	179.325
2002	29.113	89.228	6.542	41.165	26.200	7.760	7.308	17.920	12.630	19.590	10.269	7.832	275.557
2003	41.000	87.496	6.330	43.802	55.750	7.745	6.704	15.455	12.215	16.473	10.886	8.169	312.025
2004	71.406	94.921	4.103	37.385	68.138	7.595	6.780	14.225	11.965	16.130	11.288	8.220	352.156
2005	59.352	102.580	3.795	32.475	44.680	23.424	6.693	13.035	11.030	15.510	11.595	8.825	332.994
2006	97.053	134.484	3.438	32.610	45.540	24.330	6.930	12.010	11.143	14.643	11.358	9.185	402.724
1990	9,6	11,7	10,1	9,4	9,2	1,2	-	3,8	3	7,4	24,3	10,5	100
1991	11,9	22,1	4,3	18,2	9	1,2	-	2,5	1,9	5,1	16,2	7,6	100
1992	16,8	20	7,5	13,2	8,7	2,1	-	2,2	1,7	5,1	16,2	6,6	100
1993	14,6	14,9	6,6	24,2	7,5	2	0,6	1,6	2	5,2	15,1	5,7	100
1994	14,5	14,5	6,3	22,2	6,9	2,9	3,5	1,4	1,7	4,2	15	7	100
1995	13,5	12,4	9	22,1	7	3,4	3,8	1,2	1,4	3,9	15,5	6,9	100
1996	8,8	10	8,3	15,9	6,3	4,1	3,5	13,1	8,2	12,3	5,3	4,1	100
1997	8	9,5	8,4	17	6,2	4,4	3,3	12,7	7,7	13,4	5,1	4,2	100
1998	7,8	14,5	8,2	16,3	6,5	4,2	3,2	11,1	7,2	11,4	5,2	4,2	100
1999	7,7	14,7	7,8	16	6,7	4,3	4,1	10,9	7,1	11,3	5,3	4,2	100
2000	8,2	15,8	3,2	16,7	7,1	4,4	4,2	11,3	7,4	11,7	5,7	4,4	100
2001	8,2	16,7	3,1	16,8	7	4,3	4,1	11	7,2	11,5	5,7	4,2	100
2002	10,6	32,4	2,4	14,9	9,5	2,8	2,7	6,5	4,6	7,1	3,7	2,8	100
2003	13,1	28	2	14	17,9	2,5	2,1	5	3,9	5,3	3,5	2,6	100
2004	20,3	27	1,2	10,6	19,3	2,2	1,9	4	3,4	4,6	3,2	2,3	100
2005	17,8	30,8	1,1	9,8	13,4	7	2	3,9	3,3	4,7	3,5	2,7	100
2006	24,1	33,4	0,9	8,1	11,3	6	1,7	3	2,8	3,6	2,8	2,3	100

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

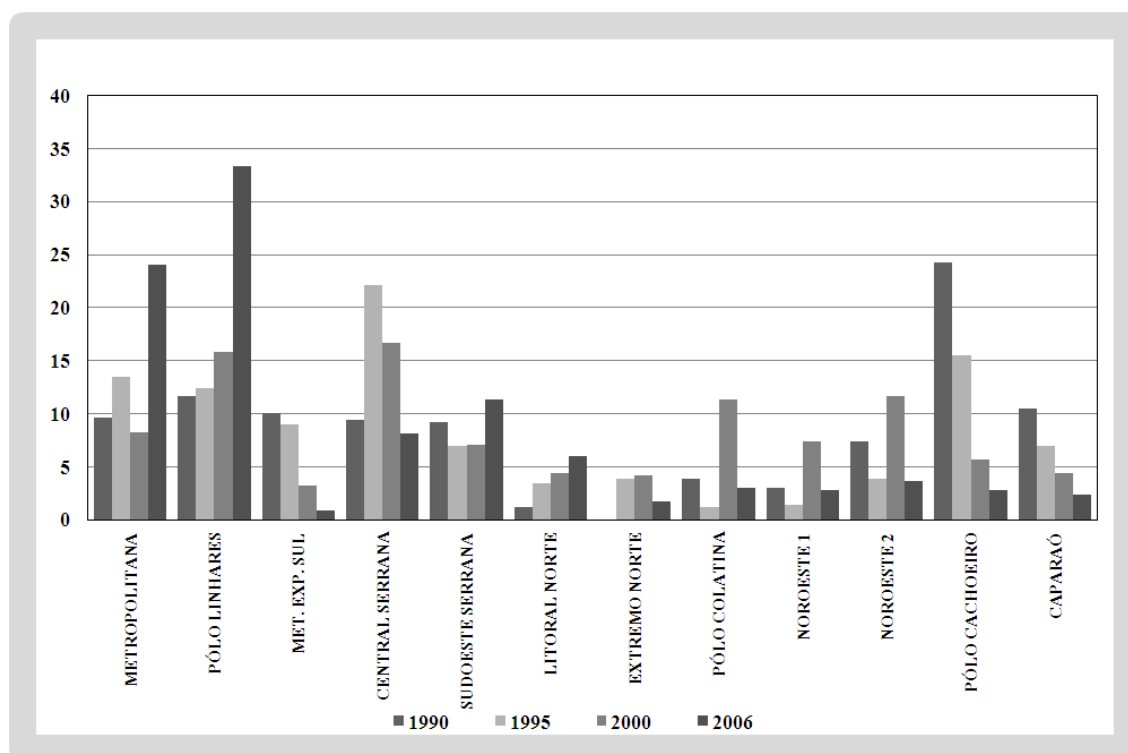


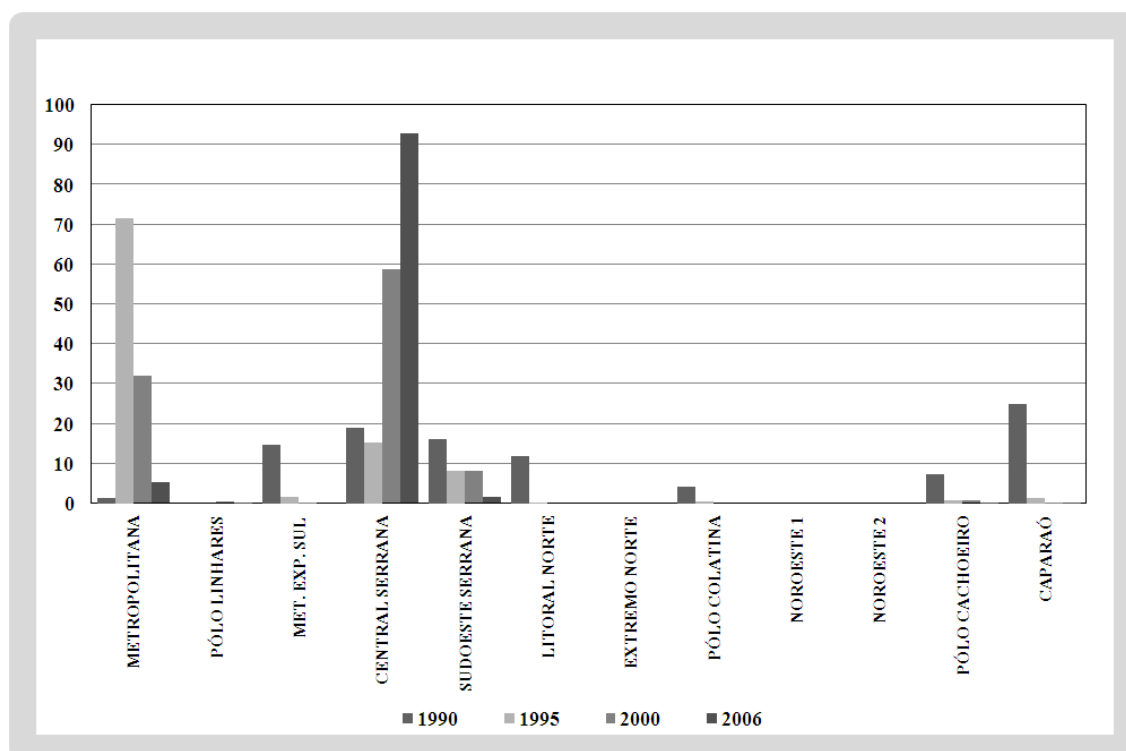
Ilustração 46A - Mel de abelha: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006 (% sobre o Espírito Santo)

Quadro 96A

PRODUÇÃO DE OVOS DE CODORNA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO Em Mil Dúzias e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 CES	5 SUS	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	1	-	10	13	11	8	-	3	-	-	5	17	68
1991	731	-	31	11	12	5	-	3	-	-	4	17	814
1992	739	-	33	16	14	5	-	5	-	-	6	16	834
1993	730	-	19	10	15	5	-	5	-	-	8	16	808
1994	182	-	19	10	14	4	-	6	-	-	8	15	258
1995	760	-	18	163	87	3	-	5	-	-	8	16	1.060
1996	725	2	2	188	13	3	-	14	-	3	27	3	980
1997	983	19	3	206	8	-	-	-	-	-	28	3	1.250
1998	908	19	3	233	8	-	-	-	-	-	31	2	1.204
1999	842	19	5	251	4	-	-	-	-	-	28	3	1.152
2000	1.181	19	4	2.173	300	-	-	-	-	-	26	3	3.706
2001	1.219	20	5	2.281	306	-	-	-	-	-	29	3	3.863
2002	1.142	11	3	2.484	229	-	-	-	-	-	29	3	3.901
2003	950	11	3	5.132	228	-	-	-	-	-	26	21	6.371
2004	1.092	13	3	8.236	223	-	-	-	-	-	30	22	9.619
2005	1.072	13	2	12.568	211	-	-	-	-	-	31	23	13.920
2006	775	13	2	13.730	207	-	-	-	-	-	32	21	14.780
1990	1,5	-	14,7	19,1	16,2	11,8	-	4,4	-	-	7,4	25	100
1991	89,8	-	3,8	1,4	1,5	0,6	-	0,4	-	-	0,5	2,1	100
1992	88,6	-	4	1,9	1,7	0,6	-	0,6	-	-	0,7	1,9	100
1993	90,3	-	2,4	1,2	1,9	0,6	-	0,6	-	-	1	2	100
1994	70,5	-	7,4	3,9	5,4	1,6	-	2,3	-	-	3,1	5,8	100
1995	71,7	-	1,7	15,4	8,2	0,3	-	0,5	-	-	0,8	1,5	100
1996	74	0,2	0,2	19,2	1,3	0,3	-	1,4	-	0,3	2,8	0,3	100
1997	78,6	1,5	0,2	16,5	0,6	-	-	-	-	-	2,2	0,2	100
1998	75,4	1,6	0,2	19,4	0,7	-	-	-	-	-	2,6	0,2	100
1999	73,1	1,6	0,4	21,8	0,3	-	-	-	-	-	2,4	0,3	100
2000	31,9	0,5	0,1	58,6	8,1	-	-	-	-	-	0,7	0,1	100
2001	31,6	0,5	0,1	59	7,9	-	-	-	-	-	0,8	0,1	100
2002	29,3	0,3	0,1	63,7	5,9	-	-	-	-	-	0,7	0,1	100
2003	14,9	0,2	0	80,6	3,6	-	-	-	-	-	0,4	0,3	100
2004	11,4	0,1	0	85,6	2,3	-	-	-	-	-	0,3	0,2	100
2005	7,7	0,1	0	90,3	1,5	-	-	-	-	-	0,2	0,2	100
2006	5,2	0,1	0	92,9	1,4	-	-	-	-	-	0,2	0,1	100

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.



**Ilustração 47A - Ovos de Codorna: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006
(% sobre o Espírito Santo)**

Quadro 97A

PRODUÇÃO DE OVOS DE GALINHA NO ESPÍRITO SANTO POR MICRORREGIÃO

Em Mil Dúzias e Percentual

ANO	1 MET	2 PLI	3 MES	4 CES	5 SUS	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP	TOTAL
1990	299	220	1.702	12.855	14.877	133	85	1.038	382	337	936	339	33.203
1991	311	215	1.483	13.812	14.842	109	82	1.034	406	326	872	321	33.813
1992	323	224	1.545	14.124	13.392	111	85	1.038	429	340	914	322	32.847
1993	325	216	1.691	15.860	13.481	110	83	1.048	454	400	903	328	34.899
1994	393	233	1.625	18.330	14.382	86	77	1.012	438	375	892	321	38.164
1995	362	243	1.498	20.145	14.619	80	78	972	401	357	882	304	39.941
1996	462	234	214	25.698	13.742	67	917	486	198	149	462	407	43.036
1997	506	222	207	28.395	12.809	65	42	486	187	199	457	407	43.982
1998	499	217	203	30.252	12.418	61	42	474	181	192	454	408	45.401
1999	489	223	202	40.128	15.426	60	42	473	179	191	467	379	58.259
2000	463	224	226	45.111	15.500	61	42	991	179	191	455	279	63.722
2001	489	234	197	50.660	15.788	61	42	988	179	191	467	284	69.580
2002	509	239	583	61.536	14.343	61	42	961	178	190	467	284	79.393
2003	652	241	365	80.104	13.860	60	37	933	416	187	348	281	97.484
2004	697	264	383	78.593	13.510	60	39	914	186	183	338	265	95.432
2005	731	282	431	109.312	12.674	58	38	866	173	173	328	258	125.324
2006	700	283	407	119.046	12.034	59	36	478	165	162	325	258	133.953
1990	0,9	0,7	5,1	38,7	44,8	0,4	0,3	3,1	1,2	1	2,8	1	100
1991	0,9	0,6	4,4	40,8	43,9	0,3	0,2	3,1	1,2	1	2,6	0,9	100
1992	1	0,7	4,7	43	40,8	0,3	0,3	3,2	1,3	1	2,8	1	100
1993	0,9	0,6	4,8	45,4	38,6	0,3	0,2	3	1,3	1,1	2,6	0,9	100
1994	1	0,6	4,3	48	37,7	0,2	0,2	2,7	1,1	1	2,3	0,8	100
1995	0,9	0,6	3,8	50,4	36,6	0,2	0,2	2,4	1	0,9	2,2	0,8	100
1996	1,1	0,5	0,5	59,7	31,9	0,2	2,1	1,1	0,5	0,3	1,1	0,9	100
1997	1,2	0,5	0,5	64,6	29,1	0,1	0,1	1,1	0,4	0,5	1	0,9	100
1998	1,1	0,5	0,4	66,6	27,4	0,1	0,1	1	0,4	0,4	1	0,9	100
1999	0,8	0,4	0,3	68,9	26,5	0,1	0,1	0,8	0,3	0,3	0,8	0,7	100
2000	0,7	0,4	0,4	70,8	24,3	0,1	0,1	1,6	0,3	0,3	0,7	0,4	100
2001	0,7	0,3	0,3	72,8	22,7	0,1	0,1	1,4	0,3	0,3	0,7	0,4	100
2002	0,6	0,3	0,7	77,5	18,1	0,1	0,1	1,2	0,2	0,2	0,6	0,4	100
2003	0,7	0,2	0,4	82,2	14,2	0,1	0	1	0,4	0,2	0,4	0,3	100
2004	0,7	0,3	0,4	82,4	14,2	0,1	0	1	0,2	0,2	0,4	0,3	100
2005	0,6	0,2	0,3	87,2	10,1	0	0	0,7	0,1	0,1	0,3	0,2	100
2006	0,5	0,2	0,3	88,9	9	0	0	0,4	0,1	0,1	0,2	0,2	100

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

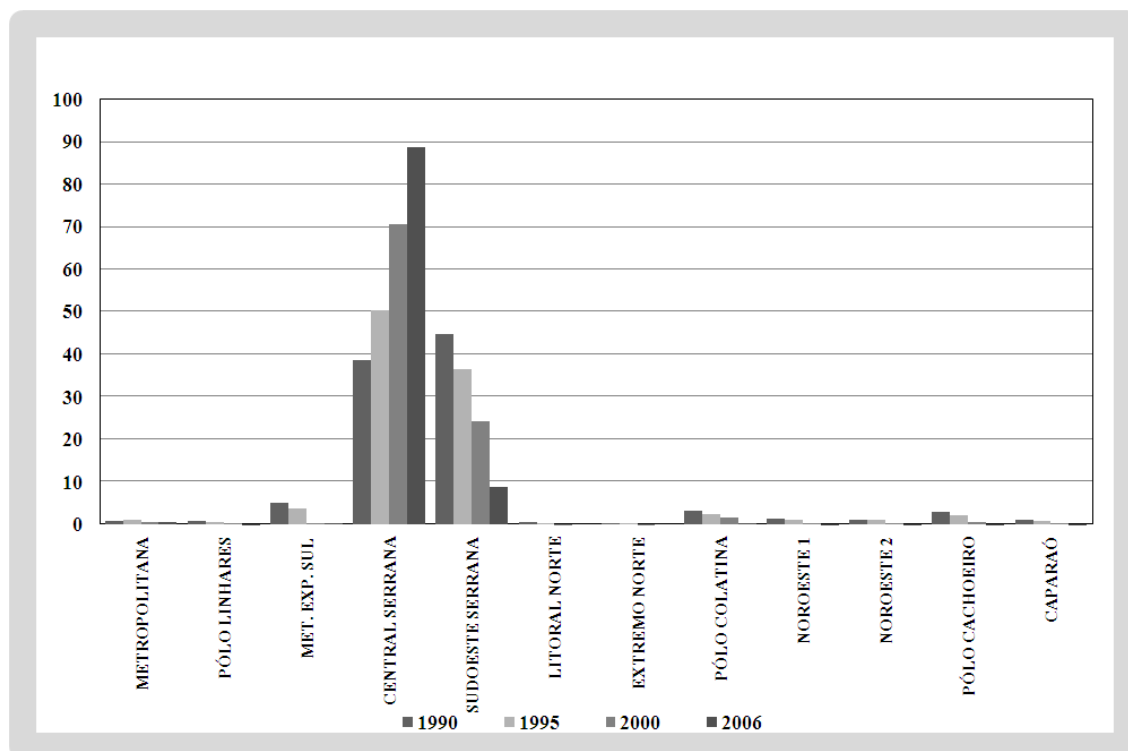


Ilustração 48A - Ovos de Galinha: Quantidade Produzida por Microrregião - 1990/2006 (% sobre o Espírito Santo)

Quadro 98A

ALIMENTOS - MASSAS E BEBIDAS

Ordenação Decrescente dos QLs

MUNICÍPIOS	QL
Domingos Martins	6,93
Viana	5,72
Marataízes	4,07
Cariacica	3,72
Jerônimo Monteiro	3,67
Guarapari	2,84
Venda Nova do Imigrante	2,76
Santa Leopoldina	2,4
Ibatiba	2,2
Vila Velha	2,15
Piúma	1,99
Nova Venécia	1,84
Marechal Floriano	1,75
Guaçuí	1,61
Santa Maria de Jetibá	1,43
Pedro Canário	1,42
João Neiva	1,39
Santa Teresa	1,37
São Mateus	1,27
Alfredo Chaves	1

Fonte: RAIS

Quadro 99A

ALIMENTOS - MASSAS E BEBIDAS

Por Microrregião - 1990-2006

MICRORREGIÃO	GINI	INDICADORES		
		QL	TX. CRESC.	APL ES
1 MET	0,705	1,04	6,04%	64,23%
2 PLI	0,705	-	9,84%	-
3 MES	0,705	0,89	7,59%	2,31%
4 SUS	0,705	1,48	17,70%	3,14%
5 CES	0,705	1,10	16,49%	1,68%
6 LNO	0,705	1,02	10,16%	3,68%
7 ENO	0,705	0,66	13,76%	0,66%
8 PCO	0,705	0,85	6,57%	4,10%
9 NO1	0,705	0,61	10,94%	0,90%
10 NO2	0,705	0,92	9,79%	2,09%
11 PCA	0,705	0,86	6,22%	6,84%
12 CAP	0,705	0,99	9,49%	1,89%

Quadro 100A

CAFEICULTURA

Ordenação Decrescente dos QLs

MUNICÍPIOS	QL	MUNICÍPIOS	QL
Vila Valério	16,02	Mimoso do Sul	6,03
Alto Rio Novo	15,95	Conceição do Castelo	5,96
Brejetuba	15,19	Marechal Floriano	5,77
Irupi	14,31	Itaguaçu	5,40
Águia Branca	13,88	Castelo	5,33
Governador Lindenberg	13,82	Nova Venécia	5,21
Marilândia	13,75	Sooretama	4,50
Pancas	13,54	Atílio Vivacqua	4,20
Rio Bananal	12,63	Afonso Cláudio	4,01
São Domingos do Norte	12,63	Cachoeiro de Itapemirim	3,36
Mantenópolis	12,47	Santa Teresa	3,35
Vila Pavão	12,07	Bom Jesus do Norte	3,14
Jerônimo Monteiro	11,96	Rio Novo do Sul	3,09
Ibatiba	11,87	Alfredo Chaves	2,99
São Gabriel da Palha	11,12	João Neiva	2,92
Jaguaré	10,55	Anchieta	2,91
Ibitirama	9,97	Serra	2,68
Divino de São Lourenço	9,86	São Roque do Canaã	2,61
Muniz Freire	9,62	Ibiraçu	2,46
Água Doce do Norte	9,27	Fundão	2,38
Apiaca	9,11	Santa Leopoldina	2,32
Alegre	9,07	Ecoporanga	2,32
Barra de São Francisco	8,48	Domingos Martins	2,16
Vargem Alta	8,17	Iconha	2,07
Colatina	7,92	Venda Nova do Imigrante	2,04
Muqui	7,77	Piúma	2,01
São José do Calçado	6,92	Laranja da Terra	1,89
Guaçuí	6,83	Santa Maria do Jetiba	1,88
Baixo Guandu	6,59	Guarapari	1,68
Dores do Rio Preto	6,53	Viana	1,18
Itarana	6,24		

Fonte: RAIS.

Quadro 101A

CAFEICULTURA

Por Microrregião

MICRORREGIÃO	GINI	INDICADORES		
		QL	TX. CRESC.	APL ES
1 MET	0,455	1,63	7,25%	1,43%
2 PLI	0,455	1,32	1,94%	16,78%
3 MES	0,455	0,34	5,52%	2,45%
4 SUS	0,455	4,14	0,28%	8,32%
5 CES	0,455	3,58	-0,78%	9,19%
6 LNO	0,455	0,59	7,32%	10,15%
7 ENO	0,455	0,31	4,61%	4,30%
8 PCO	0,455	10,96	0,69%	7,78%
9 NO1	0,455	7,65	3,73%	5,46%
10 NO2	0,455	2,89	3,97%	12,97%
11 PCA	0,455	2,19	-1,43%	8,64%
12 CAP	0,455	0,37	-0,62%	12,53%

Quadro 102A

CONFECÇÕES

Ordenação Decrescente dos QLs

MUNICÍPIOS	QL
São Gabriel da Palha	12,89
Marilândia	6,66
Colatina	5,40
Bom Jesus do Norte	5,20
São Domingos do Norte	3,74
Ibiraçu	2,24
Vila Velha	1,93
Guaçuí	1,52
Baixo Guandu	1,49
Ibatiba	1,48
Linhares	1,18
Águia Branca	1,14
Iúna	1,03
Itaguaçu	1,02

Fonte: RAIS.

Quadro 103A

CONFECÇÃO
Por Microrregião

MICRORREGIÃO	GINI	INDICADORES		
		QL	TX. CRESC.	APL ES
1 MET	0,500	0,73	1,98%	44,97%
2 PLI	0,500	0,86	10,65%	7,56%
3 MES	0,500	0,27	8,30%	0,70%
4 SUS	0,500	0,34	12,19%	0,71%
5 CES	0,500	0,65	22,00%	0,99%
6 LNO	0,500	0,41	5,01%	1,46%
7 ENO	0,500	0,35	11,07%	0,35%
8 PCO	0,500	4,70	3,18%	22,73%
9 NO1	0,500	0,41	8,72%	0,61%
10 NO2	0,500	5,39	18,40%	12,22%
11 PCA	0,500	0,74	2,13%	5,94%
12 CAP	0,500	0,92	5,33%	1,75%

Quadro 104A
FLORESTAL-MOVELEIRO
Ordenação Decrescente dos QLs

MUNICÍPIOS	QL
Dores do Rio Preto	8,02
Conceição do Castelo	6,48
Linhares	6,43
São Mateus	6,38
Aracruz	6,25
João Neiva	6,05
Sooretama	5,28
Santa Teresa	4,44
Ibiraçu	2,78
Marilândia	2,68
Domingos Martins	2,24
Conceição da Barra	2,18
Rio Novo do Sul	2,15
Santa Maria do Jetibá	1,87
Venda Nova do Imigrante	1,83
Vargem Alta	1,77
São Domingos do Norte	1,64
Muniz Freire	1,57
Rio Bananal	1,46
Governador Lindenberg	1,43
Divino de São Lourenço	1,31
Iconha	1,24
Itaguaçu	1,17
Iúna	1,15
Cariacica	1,00

Fonte: RAIS.

Quadro 105A

FLORESTAL-MOVELEIRO

Por Microrregião

MICRORREGIÃO	GINI	INDICADORES		
		QL	TX. CRESC.	APL ES
1 MET	0,683	0,24	53,39%	15,05%
2 PLI	0,683	5,99	2,86%	52,73%
3 MES	0,683	0,38	18,67%	0,97%
4 SUS	0,683	1,63	59,13%	3,46%
5 CES	0,683	2,16	17,16%	3,30%
6 LNO	0,683	4,53	10,57%	16,30%
7 ENO	0,683	0,33	3,94%	0,33%
8 PCO	0,683	0,59	3,67%	2,86%
9 NO1	0,683	0,28	11,18%	0,41%
10 NO2	0,683	0,22	60,58%	0,51%
11 PCA	0,683	0,31	23,90%	2,46%
12 CAP	0,683	0,84	21,78%	1,61%

Quadro 106A

FRUTICULTURA

Ordenação Decrescente dos QLs

MUNICÍPIOS	QL	MUNICÍPIOS	QL
Iconha	6,30	Afonso Cláudio	2,50
Venda Nova do Imigrante	5,87	Baixo Guandu	2,41
Laranja da Terra	5,79	Sao Roque do Canaã	2,31
Alfredo Chaves	5,45	Muniz Freire	2,00
Santa Leopoldina	5,44	Santa Maria do Jetibá	1,84
Ponto Belo	4,96	Muqui	1,83
Viana	4,91	Guaçuí	1,77
Sooretama	4,86	São José do Calçado	1,77
Guarapari	4,56	Mantenópolis	1,77
Domingos Martins	4,24	Ibatiba	1,74
Cariacica	3,98	Montanha	1,72
Marechal Floriano	3,85	Anchieta	1,62
Pinheiros	3,80	Colatina	1,61
Itarana	3,57	Ibitirama	1,47
Itaguaçu	3,10	Apiacá	1,46
Rio Novo do Sul	3,03	Marataízes	1,33
Santa Teresa	3,03	Aracruz	1,29
Atílio Vivacqua	2,97	Vila Pavão	1,28
Vargem Alta	2,93	Jerônimo Monteiro	1,20
Castelo	2,88	Boa Esperança	1,12
Mimoso do Sul	2,85	Cachoeiro de Itapemirim	1,03
Conceição do Castelo	2,81	Dores do Rio Preto	1,02
Jaguare	2,62	Ibiraçu	1,00
Bom Jesus do Norte	2,55		

Fonte: RAIS.

Quadro 107A

FRUTICULTURA

Por Microrregião

MICRORREGIÃO	GINI	INDICADORES		
		QL	TX. CRESC.	APL ES
1 MET	0,684	2,57	-2,61%	2,27%
2 PLI	0,684	1,10	1,90%	14,03%
3 MES	0,684	0,93	1,64%	6,66%
4 SUS	0,684	3,81	4,47%	7,65%
5 CES	0,684	3,09	6,19%	7,94%
6 LNO	0,684	0,40	-0,97%	6,82%
7 ENO	0,684	3,17	13,69%	43,62%
8 PCO	0,684	1,05	-6,11%	0,74%
9 NO1	0,684	0,60	-10,10%	0,43%
10 NO2	0,684	0,95	5,27%	4,25%
11 PCA	0,684	1,07	-0,79%	4,20%
12 CAP	0,684	0,04	-4,33%	1,39%

Quadro 108A**MÁRMORE E GRANITO**

Ordenação decrescente dos Qls

MUNICÍPIOS	QL
Vila Pavão	19,70
Vargem Alta	13,52
Água Branca	10,23
Atílio Vivacqua	9,15
Barra de São Francisco	8,84
Ecoporanga	8,48
Água Doce do Norte	7,05
São Domingos do Norte	6,49
Cachoeiro de Itapemirim	6,38
Rio Novo do Sul	5,69
Nova Venécia	4,92
Mimoso do Sul	4,89
Castelo	4,57
Baixo Guandu	4,14
Itapemirim	3,50
Afonso Cláudio	3,13
Governador Lindenberg	2,96
Conceição do Castelo	2,37
Venda Nova do Imigrante	2,21
Itaguaçu	2,21
João Neiva	1,78
Boa Esperança	1,73
Ponto Belo	1,31
São José do Calçado	1,18

Fonte: RAIS.

Quadro 109A

MÁRMORE E GRANITO

Por Microrregião

MICRORREGIÃO	GINI	INDICADORES		
		QL	TX. CRESC.	APL ES
1 MET	0,686	0,26	7,98%	16,10%
2 PLI	0,686	0,36	15,64%	3,15%
3 MES	0,686	1,14	15,58%	2,94%
4 SUS	0,686	1,35	19,17%	2,86%
5 CES	0,686	0,37	8,61%	0,56%
6 LNO	0,686	0,08	20,34%	0,27%
7 ENO	0,686	0,27	10,95%	0,27%
8 PCO	0,686	0,96	8,90%	4,66%
9 NO1	0,686	9,06	18,38%	13,40%
10 NO2	0,686	2,97	13,08%	6,74%
11 PCA	0,686	6,06	7,59%	48,37%
12 CAP	0,686	0,36	14,34%	0,68%

Quadro 110A

METALMECÂNICO

Ordenação Decrescente dos QLs

MUNICÍPIOS	QL
Aracruz	4,21
Serra	3,67
Anchieta	2,86
Cachoeiro de Itapemirim	1,75
Ibiraçu	1,64

Fonte: RAIS.

Quadro 111A

METALMECÂNICO

Por Microrregião

MICRORREGIÃO	GINI	INDICADORES		
		QL	TX. CRESC.	APL ES
1 MET	0,669	1,10	11,79%	68,31%
2 PLI	0,669	1,70	10,88%	14,96%
3 MES	0,669	1,04	16,47%	2,70%
4 SUS	0,669	0,19	9,20%	0,40%
5 CES	0,669	0,15	22,58%	0,22%
6 LNO	0,669	0,16	0,10%	0,56%
7 ENO	0,669	0,03	-	0,03%
8 PCO	0,669	0,39	-0,55%	1,88%
9 NO1	0,669	0,07	9,05%	0,10%
10 NO2	0,669	0,18	9,82%	0,40%
11 PCA	0,669	1,27	9,34%	10,14%
12 CAP	0,669	0,16	5,57%	0,29%

Quadro 112A

PECUÁRIA DE CORTE

Ordenação Decrescente dos QLs

MUNICÍPIOS	QL	MUNICÍPIOS	QL
Montanha	7,86	Cariacica	4,48
Ecoporanga	7,85	Serra	4,46
Mucurici	7,67	Marataízes	4,45
Pedro Canário	7,41	Cachoeiro de Itapemirim	4,34
Itapemirim	7,19	São Gabriel da Palha	4,31
Ponto Belo	7,06	Divino de São Lourenço	4,22
São José do Calçado	6,48	Fundão	4,21
Água Doce do Norte	6,43	Jerônimo Monteiro	3,91
Apiacá	6,40	Muqui	3,84
Nova Venécia	5,92	Pancas	3,68
Baixo Guandu	5,90	Jaguaré	3,56
Piúma	5,90	Muniz Freire	3,49
Barra de São Francisco	5,88	Marilândia	3,36
Pinheiros	5,73	Vila Pavão	3,31
Anchieta	5,64	São Roque do Canaã	3,18
Bom Jesus do Norte	5,63	Iconha	3,17
Água Branca	5,52	Ibitirama	3,10
São Mateus	5,41	Vila Valério	2,80
Boa Esperança	5,22	Iúna	2,67
Mimoso do Sul	5,21	Vila Velha	2,50
João Neiva	5,08	Itarana	2,01
Presidente Kennedy	5,07	Conceição da Barra	1,95
Aracruz	5,05	Rio Bananal	1,87
São Domingos do Norte	4,96	Laranja da Terra	1,87
Alegre	4,95	Irupi	1,78
Dores do Rio Preto	4,91	Governador Lindenberg	1,74
Colatina	4,91	Itaguaçu	1,71
Rio Novo do Sul	4,87	Linhares	1,63
Atílio Vivacqua	4,75	Castelo	1,59
Mantenópolis	4,68	Vargem Alta	1,59
Viana	4,57	Ibatiba	1,47
Ibiraçu	4,52	Afonso Cláudio	1,45
Alto Rio Novo	4,51	Sooretama	1,15

Fonte: RAIS.

Quadro 113A

PECUÁRIA DE CORTE

Por Microrregião

MICRORREGIÃO	GINI	INDICADORES		
		QL	TX. CRESC.	APL ES
1 MET	0,346	1,66	2,01%	4,37%
2 PLI	0,346	1,84	-0,33%	11,66%
3 MES	0,346	1,82	1,11%	4,02%
4 SUS	0,346	0,07	-0,91%	2,46%
5 CES	0,346	0,09	1,57%	3,29%
6 LNO	0,346	5,14	0,75%	6,71%
7 ENO	0,346	7,13	2,91%	15,65%
8 PCO	0,346	4,41	1,55%	7,85%
9 NO1	0,346	6,67	3,82%	16,79%
10 NO2	0,346	5,19	2,77%	8,26%
11 PCA	0,346	3,84	0,26%	12,14%
12 CAP	0,346	2,16	0,76%	6,81%

Quadro 114A

PECUÁRIA DE LEITE

Ordenação Decrescente dos QLS

MUNICÍPIO	QL	MUNICÍPIO	QL
Ecoporanga	1,63	São Gabriel da Palha	1,59
Atílio Vivacqua	1,63	São Roque do Canaã	1,59
Mucurici	1,63	Marataízes	1,59
Montanha	1,62	Viana	1,59
Pedro Canário	1,62	São Domingos do Norte	1,59
Ponto Belo	1,62	Divino de São Lourenço	1,59
Presidente Kennedy	1,62	Boa Esperança	1,59
Água Doce do Norte	1,62	Serra	1,58
Itapemirim	1,62	Iconha	1,58
Mimoso do Sul	1,62	Vargem Alta	1,57
Guaçu	1,61	Iuna	1,57
Barra de São Francisco	1,61	Sooretama	1,57
Mantenópolis	1,61	Cariacica	1,57
Nova Venécia	1,61	Marilândia	1,56
Alegre	1,61	Laranja da Terra	1,56
Águia Branca	1,61	Jaguaré	1,55
Pinheiros	1,61	Pancas	1,55
Bom Jesus do Norte	1,61	Sao Mátêus	1,55
São José do Calçado	1,61	Vila Pavão	1,53
Cachoeiro de Itapemirim	1,61	Vila Valério	1,52
Colatina	1,60	Afonso Cláudio	1,51
Anchieta	1,60	Itarana	1,51
Alto Rio Novo	1,60	Conceição da Barra	1,50
Muniz Freire	1,60	Ibatiba	1,46
Muqui	1,60	Governador Lindenberg	1,45
Piúma	1,60	Alfredo Chaves	1,45
Apiacá	1,60	Irupi	1,45
Rio Novo do Sul	1,60	Aracruz	1,41
Baixo Guandu	1,60	Itaguaçu	1,39
Jerônimo Monteiro	1,60	Brejetuba	1,36
Linhares	1,59	Rio Bananal	1,36
Dores do Rio Preto	1,59	Guarapari	1,29
Ibitirama	1,59	Fundão	1,22
Castelo	1,59	João Neiva	1,14

Fonte: RAIS. Elaboração: Futura

Quadro 115A

PECUÁRIA DE LEITE

Por Microrregião

MICRORREGIÃO	GINI	INDICADORES		
		QL	TX. CRESC.	APL ES
1 MET	0,450	0,79	0,24%	3,89%
2 PLI	0,450	5,84	8,32%	27,74%
3 MES	0,450	0,67	-2,70%	3,07%
4 SUS	0,450	0,49	-1,72%	2,97%
5 CES	0,450	0,09	-1,36%	3,22%
6 LNO	0,450	0,96	-2,70%	2,11%
7 ENO	0,450	1,27	-0,57%	5,43%
8 PCO	0,450	0,67	-0,94%	4,07%
9 NO1	0,450	1,20	3,69%	12,94%
10 NO2	0,450	1,48	3,95%	6,58%
11 PCA	0,450	1,77	0,59%	16,48%
12 CAP	0,450	1,61	4,50%	11,50%

Quadro 116A

PETRÓLEO E GÁS

Ordenação Decrescente dos QLs

MUNICÍPIOS	QL
São Mateus	8,85
Linhares	2,70
Vitória	1,76

Fonte: RAIS

Quadro 117A

PETRÓLEO E GÁS

Por Microrregião

MICRORREGIÃO	GINI	INDICADORES		
		QL	TX. CRESC.	APL ES
1 MET	0,585	1,06	8,09%	65,39%
2 PLI	0,585	1,37	40,32%	12,05%
3 MES	0,585	-	-	-
4 SUS	0,585	-	-	-
5 CES	0,585	-	-	-
6 LNO	0,585	5,93	-3,38%	21,33%
7 ENO	0,585	-	-	-
8 PCO	0,585	0,11	-	0,53%
9 NO1	0,585	-	-	-
10 NO2	0,585	-	-	-
11 PCA	0,585	0,09	-	0,69%
12 CAP	0,585	-	-	-

Quadro 118A

SUCRO-ALCOOLEIRO

Ordenação Decrescente dos QLs

MUNICÍPIO	QL
Pedro Canário	54,12
Conceição da Barra	39,83
Itapemirim	29,32
Boa Esperança	18,67
Pinheiros	6,76
Linhares	5,57
São Roque do Canaã	3,79
São Mateus	1,73
Montanha	1,04

Fonte: RAIS.

Quadro 119A

SUCRO-ALCOOLEIRO

Por Microrregião

MICRORREGIÃO	GINI	INDICADORES		
		QL	TX. CRESC.	APL ES
1 MET	0,585	1,06	8,09%	65,39%
2 PLI	0,585	1,37	40,32%	12,05%
3 MES	0,585	-	-	-
4 SUS	0,585	-	-	-
5 CES	0,585	-	-	-
6 LNO	0,585	5,93	-3,38%	21,33%
7 ENO	0,585	-	-	-
8 PCO	0,585	0,11	-	0,53%
9 NO1	0,585	-	-	-
10 NO2	0,585	-	-	-
11 PCA	0,585	0,09	-	0,69%
12 CAP	0,585	-	-	-

Quadro 120A**TURISMO**

Ordenação Decrescente dos QLs

MUNICÍPIOS	QL
Marataízes	7,86
Domingos Martins	7,63
Guarapari	3,54
Piúma	3,09
Anchieta	2,37
São Domingos do Norte	1,76
Guaçuí	1,72
São Mateus	1,69
Irupi	1,66
Conceição da Barra	1,61
Baixo Guandu	1,53
Ibatiba	1,45
Fundão	1,44
Pedro Canário	1,44
Nova Venécia	1,39
Santa Teresa	1,27
Muqui	1,18
Vila Velha	1,16
Itaguaçu	1,11
Alegre	1,10
Venda Nova do Imigrante	1,06

Fonte: RAIS

Quadro 121A

TURISMO

Por Microrregião

MICRORREGIÃO	GINI	INDICADORES		
		QL	TX. CRESC.	APL ES
1 MET	0,120	1,03	9,89%	63,53%
2 PLI	0,120	0,64	24,77%	5,64%
3 MES	0,120	2,11	30,03%	5,45%
4 SUS	0,120	2,40	41,21%	5,11%
5 CES	0,120	0,64	27,37%	0,98%
6 LNO	0,120	1,47	35,52%	5,29%
7 ENO	0,120	0,32	9,05%	0,33%
8 PCO	0,120	0,70	17,80%	3,37%
9 NO1	0,120	0,39	6,01%	0,57%
10 NO2	0,120	0,91	19,30%	2,06%
11 PCA	0,120	0,72	7,98%	5,72%
12 CAP	0,120	1,02	20,20%	1,94%

Quadro 122A

GINI ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS

APL	GINI
Alimentos	0,705
Cafeicultura	0,455
Confecções	0,500
Florestal Moveleiro	0,683
Fruticultura	0,684
Mármore e Granito	0,686
Metalmecânico	0,669
Pecuária de Corte	0,346
Pecuária de Leite	0,450
Petróleo e Gás	0,585
Sucro-Alcooleiro	0,585
Turismo	0,120

Quadro 123A

QUOCIENTE LOCACIONAL DOS APLS

Por Microrregião

APL	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP
Alimentos	1,04	-	0,89	1,48	1,10	1,02	0,66	0,85	0,61	0,92	0,86	0,99
Cafeicultura	1,63	1,32	0,34	4,14	3,58	0,59	0,31	10,96	7,65	2,89	2,19	0,37
Confecções	0,73	0,86	0,27	0,34	0,65	0,41	0,35	4,70	0,41	5,39	0,74	0,92
Florestal Moveleiro	0,24	5,99	0,38	1,63	2,16	4,53	0,33	0,59	0,28	0,22	0,31	0,84
Fruticultura	2,57	1,10	0,93	3,81	3,09	0,40	3,17	1,05	0,60	0,95	1,07	0,04
Mármore e Granito	0,26	0,36	1,14	1,35	0,37	0,08	0,27	0,96	9,06	2,97	6,06	0,36
Metalmecânico	1,10	1,70	1,04	0,19	0,15	0,16	0,03	0,39	0,07	0,18	1,27	0,16
Pecuária de Corte	1,66	1,84	1,82	0,07	0,09	5,14	7,13	4,41	6,67	5,19	3,84	2,16
Pecuária de Leite	0,79	5,84	0,67	0,49	0,09	0,96	1,27	0,67	1,20	1,48	1,77	1,61
Petróleo e Gás	1,06	1,37	-	-	-	5,93	-	0,11	-	-	0,09	-
Sucro-Alcooleiro	1,06	1,37	-	-	-	5,93	-	0,11	-	-	0,09	-
Turismo	1,03	0,64	2,11	2,40	0,64	1,47	0,32	0,70	0,39	0,91	0,72	1,02

Quadro 124A

TAXA DE CRESCIMENTO DOS APL'S

Por Microrregião - 1990 a 2007

APL	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP
Alimentos	0,06	0,10	0,08	0,18	0,16	0,10	0,14	0,07	0,11	0,10	0,06	0,09
Cafeicultura	0,07	0,02	0,06	0,00	-0,01	0,07	0,05	0,01	0,04	0,04	-0,01	-0,01
Confecções	0,02	0,11	0,08	0,12	0,22	0,05	0,11	0,03	0,09	0,18	0,02	0,05
Florestal Moveleiro	0,53	0,03	0,19	0,59	0,17	0,11	0,04	0,04	0,11	0,61	0,24	0,22
Fruticultura	-0,03	0,02	0,02	0,04	0,06	-0,01	0,14	-0,06	-0,10	0,05	-0,01	-0,04
Mármore e Granito	0,08	0,16	0,16	0,19	0,09	0,20	0,11	0,09	0,18	0,13	0,08	0,14
Metalmecânico	0,12	0,11	0,16	0,09	0,23	0,00	0,00	-0,01	0,09	0,10	0,09	0,06
Pecuária de Corte	0,02	0,00	0,01	-0,01	0,02	0,01	0,03	0,02	0,04	0,03	0,00	0,01
Pecuária de Leite	-	0,08	-0,03	-0,02	-0,01	-0,03	-0,01	-0,01	0,04	0,04	0,01	0,05
Petróleo e Gás	0,08	0,40	-	-	-	-0,03	-	-	-	-	-	-
Sucro-Alcooleiro	0,08	0,40	-	-	-	-0,03	-	-	-	-	-	-
Turismo	0,10	0,25	0,30	0,41	0,27	0,36	0,09	0,18	0,06	0,19	0,08	0,20

Quadro 125A

PARTICIPAÇÃO REGIONAL NO APL ESTADUAL

APL's Agropecuários - Percentual do total da Produção Física

APL's Industriais - Percentual de Empregos Gerados

APL	1 MET	2 PLI	3 MES	4 SUS	5 CES	6 LNO	7 ENO	8 PCO	9 NO1	10 NO2	11 PCA	12 CAP
Alimentos	0,64	-	0,02	0,03	0,02	0,04	0,01	0,04	0,01	0,02	0,07	0,02
Cafecultura	0,01	0,17	0,02	0,08	0,09	0,10	0,04	0,08	0,05	0,13	0,09	0,13
Confecções	0,45	0,08	0,01	0,01	0,01	0,01	-	0,23	0,01	0,12	0,06	0,02
Florestal Moveleiro	0,15	0,53	0,01	0,03	0,03	0,16	-	0,03	-	0,01	0,02	0,02
Fruticultura	0,02	0,14	0,07	0,08	0,08	0,07	0,44	0,01	-	0,04	0,04	0,01
Mármore e Granito	0,16	0,03	0,03	0,03	0,01	-	-	0,05	0,13	0,07	0,48	0,01
Metalmecânico	0,68	0,15	0,03	-	-	0,01	-	0,02	-	-	0,10	-
Pecuária de Corte	0,04	0,12	0,04	0,02	0,03	0,07	0,16	0,08	0,17	0,08	0,12	0,07
Pecuária de Leite	0,04	0,28	0,03	0,03	0,03	0,02	0,05	0,04	0,13	0,07	0,16	0,11
Petróleo e Gás	0,65	0,12	-	-	-	0,21	-	0,01	-	-	0,01	-
Sucro-Alcooleiro	0,65	0,12	-	-	-	0,21	-	0,01	-	-	0,01	-
Turismo	0,64	0,06	0,05	0,05	0,01	0,05	-	0,03	0,01	0,02	0,06	0,02

Quadro 126A

TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL

Percentual

LOCALIDADE	1991-2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Mundo	3,1%	1,9%	2,7%	4,0%	3,4%	3,9%	3,8%	2,9%
Países desenvolvidos	2,6%	1,3%	1,9%	3,0%	2,4%	2,8%	2,5%	1,6%
Países em desenvolvimento	4,8%	3,9%	5,4%	7,2%	6,6%	7,1%	7,3%	6,4%
África	2,9%	3,7%	4,9%	5,4%	5,7%	5,6%	5,8%	6,0%
América Latina	3,1%	-0,5%	2,2%	6,2%	4,9%	5,6%	5,7%	4,6%
China	10,3%	9,1%	10,0%	10,1%	10,4%	11,1%	11,4%	10,0%
Índia	5,9%	3,6%	8,3%	8,5%	8,8%	9,2%	9,7%	7,6%

Fonte: UNCTAD Secretariat calculation, baseado na UNCTAD Handbook Statistic database.

Quadro 127A

VOLUME ANUAL DE EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES

Percentual sobre o Ano Anterior

LOCALIDADE	VOLUME EXPORTADO						VOLUME IMPORTADO					
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Mundo	4,5	6,3	11,4	5,2	8,1	5,5	4,2	7,7	12,1	7,0	7,3	5,8
Países desenvolvidos	2,3	3,1	8,4	4,9	7,7	2,8	3,0	5,1	9,0	5,9	5,8	2,3
Países em desenvolvimento	8,8	12,9	16,7	6,3	9,2	9,3	6,6	12,9	18,4	8,5	8,9	10,8
África	5,5	10,4	8,6	-0,2	2,4	2,2	6,3	16,0	16,4	9,8	6,5	5,9
América Latina	0,5	4,0	9,6	5,0	4,2	4,6	-7,0	1,2	14,1	10,3	13,0	14,2
China	24,0	35,3	33,0	26,2	24,4	23,3	22,5	35,2	25,9	7,5	11,5	16,1
Índia	17,4	13,6	19,5	14,8	10,5	12,3	10,4	18,7	19,4	20,8	6,6	13,1

Fonte: UNCTAD Secretariat calculation, baseado na UNCTAD Handbook Statistic database.

Quadro 128A

POPULAÇÃO E PIB NO ESPÍRITO SANTO

Preços em Mil Reais - 2006

ANO	PIB	POPULAÇÃO	PIB PER CAPITA
2006	52.782.000	3.380.923	15.612
2011	65.410.312	3.549.207	18.430
2015	79.128.040	3.656.068	21.643
2020	100.989.659	3.768.543	26.798
2025	127.055.781	3.863.509	32.886
2030	170.029.296	3.951.887	43.025

Fonte: Dados do PIB IPEA. Dados população IBGE. Cálculos Futura.

Quadro 129A

TGA DE VARIAÇÃO DO PIB REGIONAL NO ESPÍRITO SANTO
Preços de 2006

MICRORREGIÃO	PERÍODOS			
	1970-1980	1980-1996	1996-2000	2002-2006
Extremo Norte	10,29%	3,13%	4,53%	3,19%
Pólo Colatina	8,38%	1,88%	0,31%	1,40%
Noroeste 1	8,87%	3,03%	0,91%	5,30%
Noroeste II	7,70%	4,25%	1,36%	2,18%
Litoral Norte	9,09%	12,59%	3,16%	6,02%
Pólo Linhares	15,90%	3,79%	2,16%	5,18%
Central Serrana	8,56%	7,62%	-0,20%	5,22%
Sudoeste Serrana	8,46%	5,57%	1,71%	-0,95%
Metropolitana	11,21%	6,29%	2,23%	5,46%
M. Expandida Sul	20,85%	-3,73%	10,19%	7,13%
Caparaó	8,76%	7,57%	-1,09%	-0,95%
Pólo Cachoeiro	8,81%	3,34%	1,23%	2,11%
TOTAL GERAL	11,02%	5,32%	2,15%	4,79%

FONTE: IPEA e IBGE

Nota 1: Valores deflacionados pelo deflator implícito do produto nacional até 2000

Nota 2: Valores ajustados a preços de 2006 pelo deflator do PIB estadual

Quadro 130A

DISTRIBUIÇÃO DO PIB POR MICRORREGIÃO NO ESPÍRITO SANTO

Percentual

MICRORREGIÃO	1970	1980	1996	2000	2002*	2006
Extremo Norte	0,98%	0,92%	0,74%	0,94%	1,10%	1,03%
Pólo Colatina	7,58%	5,96%	4,28%	3,57%	3,68%	3,22%
Noroeste 1	2,35%	1,94%	1,55%	1,38%	1,32%	1,34%
Noroeste 2	3,38%	2,50%	2,25%	2,09%	2,05%	1,85%
Litoral Norte	2,13%	1,79%	3,48%	3,84%	3,86%	4,05%
Pólo Linhares	6,37%	9,80%	8,47%	8,48%	9,62%	9,76%
Central Serrana	2,49%	1,99%	2,47%	1,95%	1,69%	1,72%
Sudoeste Serrana	2,99%	2,36%	2,42%	2,32%	2,27%	1,81%
Metropolitana	54,96%	55,93%	61,30%	61,81%	61,68%	63,28%
M. Expandida Sul	2,05%	4,80%	1,95%	4,16%	3,58%	3,91%
Caparaó	3,40%	2,76%	3,42%	2,47%	2,25%	1,80%
Pólo Cachoeiro	11,32%	9,26%	7,66%	7,00%	6,90%	6,22%
TOTAL GERAL	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: IPEA. Cálculos Futura.

*Ano do início da aplicação da nova metodologia do IBGE

Quadro 131A

DISTRIBUIÇÃO DO PIB POR MICRORREGIÃO NO ESPÍRITO SANTO

Em Mil Reais

MICRORREGIÃO	1970	1980	1996	2000	2002*	2006
Extremo Norte	63.155	185.058	266.290	385.657	481.333	545.843
Pólo Colatina	487.961	1.200.462	1.528.448	1.465.637	1.609.150	1.701.006
Noroeste 1	151.545	389.954	555.482	565.316	575.856	708.021
Noroeste 2	217.680	502.855	805.865	857.068	896.337	976.966
Litoral Norte	137.127	359.981	1.244.978	1.579.195	1.690.041	2.135.394
Pólo Linhares	410.326	1.974.572	3.027.835	3.484.084	4.209.016	5.151.878
Central Serrana	160.112	400.590	882.239	803.437	738.945	905.594
Sudoeste Serrana	192.202	476.315	865.762	952.992	994.341	957.244
Metropolitana	3.537.585	11.266.937	21.914.291	25.400.859	26.997.331	33.399.499
M. Expandida Sul	132.178	966.013	697.760	1.711.099	1.567.792	2.064.922
Caparaó	218.600	556.791	1.221.017	1.016.774	986.830	949.927
Pólo Cachoeiro	728.765	1.865.599	2.738.307	2.875.887	3.022.127	3.285.609
TOTAL GERAL	6.437.238	20.145.126	35.748.274	41.098.005	43.769.099	52.781.902

Fonte: IPEA. Cálculos Futura.

*Ano do início da aplicação da nova metodologia do IBGE

Quadro 132A

SÍNTESE DE REGIÕES - METROPOLITANA

DIMENSÃO	VARIÁVEL/CONCEITO	UNIDADE	PERÍODO		RESULTADO		SINALIZADOR DE TENDÊNCIA	
			INÍCIO	FIM	INÍCIO	FIM/PERÍODO		
Socioeconomia	População	Qtde	1970	2007	418.273	1.624.837	288,46%	
		TGA	1970	2007		3,7%		
	Taxa de urbanização	%	1970	2000	83,1%	98,3%	18,30%	
	Densidade populacional	hab/km²	1980	2006	32262,4%	94798,0%	193,83%	
	População região/total ES	%	1970	2007	26,2%	48,5%	85,36%	
PIB e Estrutura Produtiva	PIB	PIB corrente	Valor	2002	2006	16.503.469	33.399.498	102,38%
		PIB preços 2006	valor	2002	2006	26.997.331	33.399.498	23,71%
		Variação do PIB real	TGA	1970	2000		6,5%	
		Variação do PIB real	TGA	2002	2006		5,5%	
		Participação do PIB regional	%	1970	2000	55,0%	61,8%	12,46%
	Emprego	participação no PIB regional	%	2002	2006	61,7%	63,3%	2,59%
		Taxa de industrialização	%	2002	2006	62,5%	60,3%	-3,56%
		Participação do PIB agrícola	%	2002	2006	3,4%	3,5%	3,61%
		participação do PIB terciário	%	2002	2006	63,6%	66,6%	4,59%
		Emprego formal	Qtde	1985	2006	219.390	437.822	99,56%
		participação emprego ES	%	1985	2006	72,6%	61,9%	-14,74%
		Emprego industrial	%	1985	2006	28,0%	21,1%	-24,64%
		Emprego agrícola	%	1985	2006	71,6%	78,4%	9,42%
		Emprego terciário	%	1985	2006	0,4%	0,5%	34,35%
		Exportação	tonelada	2004	2007	32.930.868	31.146.785	-5,42%
APLs	Alimentos	GINI		2006	-	0,705	-	
		Especialização	QL	2006	-	1,04	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	6,04%	-
		Participação no APL estadual	%		2006	-	64,23%	-
	Confeções	GINI	qtde	2006	-	0,500	-	
		Especialização	QL	2006	-	0,73	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	1,98%	-
		Participação no APL estadual	%		2006	-	45,0%	-
	Florestal moveleiro	GINI	qtde	2006	-	0,683	-	
		Especialização	QL	2006	-	0,24	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	53,4%	-
		Participação no APL estadual	%		2006	-	15,1%	-
	Mármores e granito	GINI	qtde	2006	-	0,686	-	
		Especialização	QL	2006	-	0,26	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	8,0%	-
		Participação no APL estadual	%		2006	-	16,1%	-
	Metal mecânico	GINI	qtde	2006	-	0,669	-	
		Especialização	QL	2006	-	1,10	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	11,8%	-
		Participação no APL estadual	%		2006	-	68,3%	-
Pecuária de leite	GINI	qtde	2006	-	0,409	-		
	Especialização	QL	2006	-	1,45	-		
	Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	0,24%	-	
	Participação no APL estadual	%		2006	-	7,12%	-	
Petróleo e gás	GINI	qtde	2006	-	0,585	-		
	Especialização	QL	2006	-	1,06	-		
	Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	8,1%	-	
	Participação no APL estadual	%		2006	-	65,4%	-	
Turismo	GINI	qtde	2006	-	0,695	-		
	Especialização	QL	2006	-	1,03	-		
	Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	9,9%	-	
	Participação no APL estadual	%		2006	-	63,5%	-	

Quadro 133A

SÍNTESE DE REGIÕES - PÓLO LINHARES

DIMENSÃO	VARIÁVEL/CONCEITO	UNIDADE	PERÍODO		RESULTADO		SINALIZADOR DE TENDÊNCIA	
			INÍCIO	FIM	INÍCIO	FIM/PERÍODO		
Socioeconomia	População	Qtde	1970	2007	135.900	261.091	92,12%	
		TGA	1970	2007		1,8%		
	Taxa de urbanização	%	1970	2000	32,5%	76,3%	134,88%	
	Densidade populacional	hab/km²	1980	2006	2807,7%	4819,0%	71,63%	
	População região/total ES	%	1970	2007	8,5%	7,8%	-8,33%	
PIB e Estrutura Produtiva	PIB	PIB corrente	Valor	2002	2006	2.572.971	5.151.878	100,23%
		PIB preços 2006	valor	2002	2006	4.209.016	4.689.577	11,42%
		Variação do PIB real	TGA	1970	2000		7,1%	
		Variação do PIB real	TGA	2002	2006		5,2%	
		Participação do PIB regional	%	1970	2000	6,4%	8,5%	33,00%
	Emprego	participação no PIB regional	%	2002	2006	9,6%	9,8%	1,50%
		Taxa de industrialização	%	2002	2006	46,0%	51,3%	11,54%
		Participação do PIB agrícola	%	2002	2006	16,5%	17,2%	4,17%
		participação do PIB terciário	%	2002	2006	40,7%	33,4%	-17,86%
		Emprego formal	Qtde	1985	2006	8.692	62.258	616,27%
		participação empreto ES	%	1985	2006	2,9%	8,8%	206,02%
		Emprego industrial	%	1985	2006	32,9%	30,5%	-7,52%
		Emprego agrícola	%	1985	2006	63,7%	58,1%	-8,91%
		Emprego terciário	%	1985	2006	3,3%	11,5%	246,99%
		Exportação	tonelada	2004	2007	2.430.105	2.161.562	-11,05%
APLs	Café	GINI		2006	-	0,455	-	
		Especialização	QL	2006	-	1,32	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	1,94%	-
		Participação no APL estadual	%		2006	-	16,78%	-
	Confeccções	GINI	qtde	2006	-	0,500	-	
		Especialização	QL	2006	-	0,86	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	10,65%	-
		Participação no APL estadual	%		2006	-	7,6%	-
	Florestal moveleiro	GINI	qtde	2006	-	0,683	-	
		Especialização	QL	2006	-	5,99	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	2,9%	-
		Participação no APL estadual	%		2006	-	52,7%	-
	Fruticultura	GINI	qtde	2006	-	0,684	-	
		Especialização	QL	2006	-	1,10	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	1,9%	-
		Participação no APL estadual	%		2006	-	14,0%	-
	Metal mecânico	GINI	qtde	2006	-	0,669	-	
		Especialização	QL	2006	-	1,70	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	10,9%	-
		Participação no APL estadual	%		2006	-	15,0%	-
	Pecuária de corte	GINI	qtde	2006	-	0,415	-	
		Especialização	QL	2006	-	1,84	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	-0,33%	-
		Participação no APL estadual	%		2006	-	11,66%	-
	Pecuária de leite	GINI	qtde	2006	-	0,409	-	
		Especialização	QL	2006	-	1,50	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	8,3%	-
		Participação no APL estadual	%		2006	-	7,1%	-
Petróleo e gás	GINI	qtde	2006	-	0,585	-		
	Especialização	QL	2006	-	1,37	-		
	Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	40,3%	-	
	Participação no APL estadual	%		2006	-	12,1%	-	
Sucro alcooleiro	GINI	qtde	2006	-	0,642	-		
	Especialização	QL	2006	-	3,08	-		
	Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	5,31%	-	
	Participação no APL estadual	%		2006	-	27,08%	-	
Turismo	GINI	qtde	2006	-	0,695	-		
	Especialização	QL	2006	-	0,64	-		
	Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	24,77%	-	
	Participação no APL estadual	%		2006	-	5,64%	-	

Quadro 134A

SÍNTESE DE REGIÕES - REGIÃO METRÓPOLE EXPANDIDA SUL

DIMENSÃO	VARIÁVEL/CONCEITO	UNIDADE	PERÍODO		RESULTADO		SINALIZADOR DE TENDÊNCIA	
			INÍCIO	FIM	INÍCIO	FIM/PERÍODO		
Socioeconomia	População	Qtde	1970	2007	61.396	123.241	100,73%	
		TGA	1970	2007		1,9%		
	Taxa de urbanização	%	1970	2000	25,3%	65,4%	159,09%	
	Densidade populacional	hab/km²	1980	2006	35,4%	68,2%	92,76%	
	População região/total ES	%	1970	2007	3,8%	3,7%	-4,22%	
PIB e Estrutura Produtiva	PIB corrente	Valor	2002	2006	958.391	2.064.922	115,46%	
	PIB preços 2006	valor	2002	2006	1.567.792	2.064.922	31,71%	
	Variação do PIB real	TGA	1970	2000		8,6%		
	Variação do PIB real	TGA	2002	2006		7,1%		
	Participação do PIB regional	%	1970	2000	5,2%	4,2%	-19,67%	
	participação no PIB regional	%	2002	2006	3,6%	3,9%	9,22%	
	Taxa de industrialização	%	2002	2006	41,8%	54,8%	30,93%	
	Participação do PIB agrícola	%	2002	2006	8,2%	7,7%	-5,00%	
	participação do PIB terciário	%	2002	2006	50,0%	37,5%	-25,04%	
	Emprego formal	Qtde	1985	2006	4.378	18.262	317,13%	
	participação empreto ES	%	1985	2006	1,4%	2,6%	78,21%	
	Emprego industrial	%	1985	2006	42,3%	25,7%	-39,28%	
	Emprego agrícola	%	1985	2006	45,8%	67,9%	48,40%	
	Emprego terciário	%	1985	2006	12,0%	6,4%	-46,25%	
	Exportação	tonelada	2004	2007	16.774.953	16.622.896	-0,91%	
APLs	Fruticultura	GINI		2006	-	0,684	-	
		Especialização	QL	2006	-	0,93	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	1,64%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	6,66%	-	
	Sucroalcooleiro	GINI	qtde	2006	-	0,642	-	
		Especialização	QL	2006	-	7,08	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	9,90%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	18,3%	-	
	Turismo	GINI	qtde	2006	-	0,695	-	
		Especialização	QL	2006	-	2,11	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	30,0%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	5,5%	-	

Quadro 135A

SÍNTESE DE REGIÕES - SUDESTE SERRANA

DIMENSÃO	VARIÁVEL/CONCEITO	UNIDADE	PERÍODO		RESULTADO		SINALIZADOR DE TENDÊNCIA
			INÍCIO	FIM	INÍCIO	FIM/PERÍODO	
Socioeconomia	População	Qtde	1970	2007	86.828	126.334	45,50%
		TGA	1970	2007		1,0%	
	Taxa de urbanização	%	1970	2000	15,2%	35,6%	133,76%
	Densidade populacional	hab/km²	1980	2006	2434,5%	4366,9%	79,37%
	População região/total ES	%	1970	2007	5,4%	3,8%	-30,57%
PIB e Estrutura Produtiva	PIB corrente	Valor	2002	2006	607.841	957.244	57,48%
	PIB preços 2006	valor	2002	2006	994.341	957.244	-3,73%
	Variação do PIB real	TGA	1970	2000		5,2%	
	Variação do PIB real	TGA	2002	2006		-0,9%	
	Participação do PIB regional	%	1970	2000	3,0%	2,3%	-22,34%
	participação no PIB regional	%	2002	2006	2,3%	1,8%	-20,17%
	Taxa de industrialização	%	2002	2006	9,7%	11,0%	14,04%
	Participação do PIB agrícola	%	2002	2006	36,5%	35,7%	-1,96%
	participação do PIB terciário	%	2002	2006	53,9%	53,2%	-1,19%
	Emprego formal	Qtde	1985	2006	2.195	15.025	584,51%
	participação empreto ES	%	1985	2006	0,7%	2,1%	192,45%
	Emprego industrial	%	1985	2006	13,2%	17,9%	36,18%
	Emprego agrícola	%	1985	2006	74,5%	63,8%	-14,41%
	Emprego terciário	%	1985	2006	12,3%	18,3%	48,58%
	Exportação	tonelada	2004	2007	19.772	14.892	-24,68%
APLs	GINI			2006	-	0,455	-
	Especialização	QL		2006	-	4,14	-
	Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	0,28%	-
	Participação no APL estadual	%		2006	-	8,32%	-
	GINI	qtde		2006	-	0,684	-
	Especialização	QL		2006	-	3,81	-
	Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	4,47%	-
	Participação no APL estadual	%		2006	-	7,7%	-
	GINI	qtde		2006	-	0,695	-
	Especialização	QL		2006	-	2,40	-
	Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	41,2%	-
	Participação no APL estadual	%		2006	-	5,1%	-

Quadro 136A

SÍNTESE DE REGIÕES - CENTRAL SERRANA

DIMENSÃO	VARIÁVEL/CONCEITO	UNIDADE	PERÍODO		RESULTADO		SINALIZADOR DE TENDÊNCIA	
			INÍCIO	FIM	INÍCIO	FIM/PERÍODO		
Socioeconomia	População	Qtde	1970	2007	68.016	99,262	45,94%	
		TGA	1970	2007		1,0%		
	Taxa de urbanização	%	1970	2000	15,4%	32,9%	112,93%	
	Densidade populacional	hab/km²	1980	2006	3151,7%	4338,4%	37,65%	
	População região/total ES	%	1970	2007	4,3%	3,0%	-30,36%	
PIB e Estrutura Produtiva	PIB	PIB corrente	Valor	2002	2006	451.717	905.594	100,48%
		PIB preços 2006	valor	2002	2006	738.945	905.594	22,55%
		Variação do PIB real	TGA	1970	2000		5,3%	
		Variação do PIB real	TGA	2002	2006		5,2%	
		Participação do PIB regional	%	1970	2000	2,5%	2,0%	-21,40%
		participação no PIB regional	%	2002	2006	1,7%	1,7%	1,63%
		Taxa de industrialização	%	2002	2006	11,9%	7,5%	-36,81%
		Participação do PIB agrícola	%	2002	2006	33,8%	49,0%	44,80%
		participação do PIB terciário	%	2002	2006	54,3%	43,5%	-19,83%
	Emprego	Emprego formal	Qtde	1985	2006	1.331	10.837	714,20%
		participação empreto ES	%	1985	2006	0,4%	1,5%	247,86%
		Emprego industrial	%	1985	2006	18,4%	23,5%	27,68%
		Emprego agrícola	%	1985	2006	79,6%	61,4%	-22,86%
		Emprego terciário	%	1985	2006	2,0%	15,1%	645,56%
		Exportação	tonelada	2004	2007	2.487	2.081	-16,31%

Quadro 137A

SÍNTESE DE REGIÕES - LITORAL NORTE

DIMENSÃO	VARIÁVEL/CONCEITO	UNIDADE	PERÍODO		RESULTADO		SINALIZADOR DE TENDÊNCIA	
			INÍCIO	FIM	INÍCIO	FIM/PERÍODO		
Socioeconomia	População	Qtde	1970	2007	73.228	167.773	129,11%	
		TGA	1970	2007		0,8%		
	Taxa de urbanização	%	1970	2000	26,8%	75,1%	179,58%	
	Densidade populacional	hab/km²	1980	2006	1649,6%	3622,8%	119,62%	
	População região/total ES	%	1970	2007	4,6%	5,0%	9,33%	
PIB e Estrutura Produtiva	PIB corrente	Valor	2002	2006	1.033.122	2.135.394	106,69%	
	PIB preços 2006	valor	2002	2006	1.690.041	2.135.394	26,35%	
	Variação do PIB real	TGA	1970	2000		8,2%		
	Variação do PIB real	TGA	2002	2006		6,0%		
	Participação do PIB regional	%	1970	2000	2,1%	3,8%	80,38%	
	participação no PIB regional	%	2002	2006	3,9%	4,0%	4,78%	
	Taxa de industrialização	%	2002	2006	23,2%	22,4%	-3,48%	
	Participação do PIB agrícola	%	2002	2006	31,7%	41,2%	29,88%	
	participação do PIB terciário	%	2002	2006	45,0%	36,4%	-19,26%	
	Emprego formal	Qtde	1985	2006	11.704	25.442	117,38%	
	participação empreto ES	%	1985	2006	3,9%	3,6%	-7,13%	
	Emprego industrial	%	1985	2006	37,2%	12,4%	-66,58%	
	Emprego agrícola	%	1985	2006	56,1%	68,7%	22,58%	
	Emprego terciário	%	1985	2006	6,7%	18,8%	180,58%	
	Exportação	tonelada	2004	2007	512	1.521	197,33%	
APLs	Café	GINI		2006	-	0,455	-	
		Especialização	QL	2006	-	0,59	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	7,32%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	10,15%	-	
	Florestal moveleiro	GINI	qtde	2006	-	0,683	-	
		Especialização	QL	2006	-	4,53	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	10,57%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	16,3%	-	
	Fruticultura	GINI	qtde	2006	-	0,684	-	
		Especialização	QL	2006	-	0,40	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	-1,0%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	6,8%	-	
	Pecuária de corte	GINI	qtde	2006	-	0,415	-	
		Especialização	QL	2006	-	5,14	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	0,7%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	6,7%	-	
	Petróleo e gás	GINI	qtde	2006	-	0,585	-	
		Especialização	QL	2006	-	5,93	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	-3,4%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	21,3%	-	
	Sucro alcooleiro	GINI	qtde	2006	-	0,642	-	
		Especialização	QL	2006	-	11,91	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	4,86%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	42,84%	-	
	Turismo	GINI	qtde	2006	-	0,695	-	
		Especialização	QL	2006	-	1,47	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	35,5%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	5,3%	-	

Quadro 138A

SÍNTESE DE REGIÕES - EXTREMO NORTE

DIMENSÃO	VARIÁVEL/CONCEITO	UNIDADE	PERÍODO		RESULTADO		SINALIZADOR DE TENDÊNCIA	
			INÍCIO	FIM	INÍCIO	FIM/PERÍODO		
Socioeconomia	População	Qtde	1970	2007	54.343	53.247	-2,02%	
		TGA	1970	2007		-0,1%		
	Taxa de urbanização	%	1970	2000	39,1%	68,8%	76,12%	
	Densidade populacional	hab/km²	1980	2006	1930,4%	1789,8%	-7,28%	
	População região/total ES	%	1970	2007	3,4%	1,6%	-53,25%	
PIB e Estrutura Produtiva	PIB	PIB corrente	Valor	2002	2006	294.239	545.843	85,51%
		PIB preços 2006	valor	2002	2006	481.333	545.843	13,40%
		Variação do PIB real	TGA	1970	2000		5,9%	
		Variação do PIB real	TGA	2002	2006		3,2%	
		Participação do PIB regional	%	1970	2000	1,0%	0,9%	-4,35%
		participação no PIB regional	%	2002	2006	1,1%	1,0%	-5,96%
		Taxa de industrialização	%	2002	2006	5,9%	6,3%	6,47%
		Participação do PIB agrícola	%	2002	2006	48,3%	55,8%	15,58%
	Emprego	participação do PIB terciário	%	2002	2006	45,8%	37,9%	-17,27%
		Emprego formal	Qtde	1985	2006	1.426	7.119	399,23%
		participação empreto ES	%	1985	2006	0,5%	1,0%	113,29%
		Emprego industrial	%	1985	2006	13,2%	7,9%	-40,33%
		Emprego agrícola	%	1985	2006	81,8%	49,3%	-39,70%
		Emprego terciário	%	1985	2006	5,0%	42,8%	748,25%
		Exportação	tonelada	2004	2007	966	505	-47,74%
APLs	Fruticultura	GINI		2006	-	0,684	-	
		Especialização	QL	2006	-	3,17	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	13,69%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	43,62%	-	
	Pecuária de corte	GINI	qtde	2006	-	0,346	-	
		Especialização	QL	2006	-	7,13	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	2,91%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	15,7%	-	
	Pecuária de leite	GINI	qtde	2006	-	0,409	-	
		Especialização	QL	2006	-	1,64	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	-0,6%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	7,0%	-	

Quadro 139A

SÍNTESE DE REGIÕES - PÓLO COLATINA

DIMENSÃO	VARIÁVEL/CONCEITO	UNIDADE	PERÍODO		RESULTADO		SINALIZADOR DE TENDÊNCIA
			INÍCIO	FIM	INÍCIO	FIM/PERÍODO	
Socioeconomia	População	Qtde	1970	2007	160.171	180.053	12,41%
		TGA	1970	2007		0,3%	
	Taxa de urbanização	%	1970	2000	44,1%	71,6%	62,48%
	Densidade populacional	hab/km²	1980	2006	4887,9%	6097,3%	24,74%
	População região/total ES	%	1970	2007	10,0%	5,4%	-46,36%
PIB e Estrutura Produtiva	PIB						
	PIB corrente	Valor	2002	2006	983.673	1.701.006	72,92%
	PIB preços 2006	valor	2002	2006	1.609.150	1.701.006	5,71%
	Variação do PIB real	TGA	1970	2000		3,5%	
	Variação do PIB real	TGA	2002	2006		1,4%	
	Participação do PIB regional	%	1970	2000	7,6%	3,6%	-52,95%
	participação no PIB regional	%	2002	2006	3,7%	3,2%	-12,34%
	Taxa de industrialização	%	2002	2006	22,9%	20,2%	-11,87%
	Participação do PIB agrícola	%	2002	2006	10,3%	13,0%	25,91%
	participação do PIB terciário	%	2002	2006	66,8%	66,9%	0,07%
	Emprego formal	Qtde	1985	2006	16.012	34.200	113,59%
	participação empreto ES	%	1985	2006	5,3%	4,8%	-8,75%
	Emprego industrial	%	1985	2006	35,8%	36,5%	1,82%
	Emprego agrícola	%	1985	2006	61,8%	59,1%	-4,43%
	Emprego terciário	%	1985	2006	2,4%	4,4%	88,64%
	Exportação	tonelada	2004	2007	27.351	77.323	182,70%
APLs	Café			2006	-	0,455	-
		GINI		2006	-	10,96	-
		Especialização	QL	2006	-	10,96	-
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	0,69%
	Confecções	Participação no APL estadual	%	2006	-	7,78%	-
					-		-
		GINI	qtde	2006	-	0,500	-
		Especialização	QL	2006	-	4,70	-
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	3,18%
		Participação no APL estadual	%	2006	-	22,7%	-
	Pecuária de corte				-		-
		GINI	qtde	2006	-	0,415	-
		Especialização	QL	2006	-	4,41	-
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	1,6%
		Participação no APL estadual	%	2006	-	7,9%	-

Quadro 140A

SÍNTESE DE REGIÕES - NOROESTE 1

DIMENSÃO	VARIÁVEL/CONCEITO	UNIDADE	PERÍODO		RESULTADO		SINALIZADOR DE TENDÊNCIA
			INÍCIO	FIM	INÍCIO	FIM/PERÍODO	
Socio economia	População	Qtde	1970	2007	113.675	92.372	-18,74%
		TGA	1970	2007		-0,6%	
	Taxa de urbanização	%	1970	2000	20,7%	51,4%	148,29%
	Densidade populacional	hab/km²	1980	2006	2588,7%	2294,4%	-11,37%
	População região/total ES	%	1970	2007	7,1%	2,8%	-61,23%
PIB e Estrutura Produtiva	PIB						
	PIB corrente	Valor	2002	2006	352.021	708.021	101,13%
	PIB preços 2006	valor	2002	2006	575.856	708.021	22,95%
	Variação do PIB real	TGA	1970	2000		4,2%	
	Variação do PIB real	TGA	2002	2006		5,3%	
	Participação do PIB regional	%	1970	2000	2,4%	1,4%	-41,57%
	participação no PIB regional	%	2002	2006	1,3%	1,3%	1,96%
	Taxa de industrialização	%	2002	2006	13,5%	25,1%	86,30%
	Participação do PIB agrícola	%	2002	2006	23,6%	24,6%	4,27%
	participação do PIB terciário	%	2002	2006	63,0%	50,4%	-20,03%
	Emprego formal	Qtde	1985	2006	2.122	10.467	393,26%
	participação empreto ES	%	1985	2006	0,7%	1,5%	110,74%
	Emprego industrial	%	1985	2006	9,0%	31,5%	249,85%
	Emprego agrícola	%	1985	2006	89,4%	61,0%	-31,81%
	Emprego terciário	%	1985	2006	1,6%	7,5%	383,49%
	Exportação	tonelada	2004	2007	25.977	100.363	286,35%
APLs	Café						
	GINI			2006	-	0,455	-
	Especialização	QL		2006	-	7,65	-
	Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	3,73%	-
	Participação no APL estadual	%		2006	-	5,46%	-
					-		-
	Mármore e granito						
	GINI	qtde		2006	-	0,686	-
	Especialização	QL		2006	-	9,06	-
	Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	18,38%	-
	Participação no APL estadual	%		2006	-	13,4%	-
					-		-
	Pecuária de corte						
	GINI	qtde		2006	-	0,415	-
	Especialização	QL		2006	-	6,67	-
	Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	3,8%	-
	Participação no APL estadual	%		2006	-	16,8%	-
					-		-
	Pecuária de leite						
	GINI	qtde		2006	-	0,409	-
	Especialização	QL		2006	-	1,15	-
	Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	3,7%	-
	Participação no APL estadual	%		2006	-	16,7%	-

Quadro 141A

SÍNTESE DE REGIÕES - NOROESTE 2

DIMENSÃO	VARIÁVEL/CONCEITO	UNIDADE	PERÍODO		RESULTADO		SINALIZADOR DE TENDÊNCIA
			INÍCIO	FIM	INÍCIO	FIM/PERÍODO	
Socioeconomia	População	Qtde	1970	2007	93.453	119.590	27,97%
		TGA	1970	2007		0,7%	
	Taxa de urbanização	%	1970	2000	24,0%	56,1%	133,59%
	Densidade populacional	hab/km ²	1980	2006	4381,3%	4552,3%	3,90%
	População região/total ES	%	1970	2007	5,8%	3,6%	-38,94%
PIB e Estrutura Produtiva	PIB						
	PIB corrente	Valor	2002	2006	547.931	976.966	78,30%
	PIB preços 2006	valor	2002	2006	896.337	976.966	9,00%
	Variação do PIB real	TGA	1970	2000		4,4%	
	Variação do PIB real	TGA	2002	2006		2,2%	
	Participação do PIB regional	%	1970	2000	3,4%	2,1%	-38,33%
	participação no PIB regional	%	2002	2006	2,0%	1,9%	-9,62%
	Taxa de industrialização	%	2002	2006	17,2%	19,2%	11,51%
	Participação do PIB agrícola	%	2002	2006	26,7%	29,5%	10,50%
	participação do PIB terciário	%	2002	2006	56,1%	51,3%	-8,54%
	Emprego formal	Qtde	1985	2006	4.808	16.030	233,40%
	participação empreto ES	%	1985	2006	1,6%	2,3%	42,44%
	Emprego industrial	%	1985	2006	32,4%	37,0%	14,13%
	Emprego agrícola	%	1985	2006	66,0%	54,9%	-16,82%
	Emprego terciário	%	1985	2006	1,6%	8,1%	417,49%
	Exportação	tonelada	2004	2007	22.445	140.570	526,28%
APLs	Café			2006	-	0,455	-
		GINI		2006	-	2,89	-
		Especialização	QL	2006	-	3,97%	-
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	12,97%
	Confecções			2006	-		-
		GINI		2006	-	0,500	-
		Especialização	QL	2006	-	5,39	-
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	18,40%
		Participação no APL estadual	%	2006	-	12,2%	-
	Mámore e granito			2006	-		-
		GINI		2006	-	0,686	-
		Especialização	QL	2006	-	2,97	-
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	13,1%
		Participação no APL estadual	%	2006	-	6,7%	-
	Pecuária de corte			2006	-		-
		GINI		2006	-	0,346	-
		Especialização	QL	2006	-	5,19	-
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	2,8%
		Participação no APL estadual	%	2006	-	8,3%	-
	Pecuária de leite			2006	-		-
		GINI		2006	-	0,415	-
		Especialização	QL	2006	-	0,63	-
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	3,9%
		Participação no APL estadual	%	2006	-	6,2%	-

Quadro 142A

SÍNTESE DE REGIÕES - PÓLO CACHOEIRO

DIMENSÃO	VARIÁVEL/CONCEITO	UNIDADE	PERÍODO		RESULTADO		SINALIZADOR DE TENDÊNCIA	
			INÍCIO	FIM	INÍCIO	FIM/PERÍODO		
Socioeconômico	População	Qtde	1970	2007	218.687	353.951	61,85%	
		TGA	1970	2007		1,3%		
	Taxa de urbanização	%	1970	2000	46,3%	72,1%	55,87%	
	Densidade populacional	hab/km²	1980	2006	6684,9%	25500,8%	281,47%	
	População região/total ES	%	1970	2007	13,7%	10,6%	-22,77%	
PIB e Estrutura Produtiva	PIB corrente	Valor	2002	2006	1.847.426	3.285.609	77,85%	
	PIB preços 2006	valor	2002	2006	3.022.127	3.285.609	8,72%	
	Variação do PIB real	TGA	1970	2000		4,4%		
	Variação do PIB real	TGA	2002	2006		2,1%		
	Participação do PIB regional	%	1970	2000	11,3%	7,0%	-38,19%	
	participação no PIB regional	%	2002	2006	6,9%	6,2%	-9,85%	
	Taxa de industrialização	%	2002	2006	31,4%	33,6%	7,15%	
	Participação do PIB agrícola	%	2002	2006	7,7%	9,4%	21,48%	
	participação do PIB terciário	%	2002	2006	60,9%	57,0%	-6,41%	
	Emprego formal	Qtde	1985	2006	26.249	57.335	118,43%	
	participação empreto ES	%	1985	2006	8,7%	8,1%	-6,68%	
	Emprego industrial	%	1985	2006	38,0%	33,2%	-12,58%	
	Emprego agrícola	%	1985	2006	61,7%	62,4%	1,18%	
	Emprego terciário	%	1985	2006	0,3%	4,4%	1312,45%	
	Exportação	tonelada	2004	2007	194.368	323.322	66,34%	
APLs	Alimentos	GINI		2006	-	0,705	-	
		Especialização	QL	2006	-	0,86	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	6,22%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	6,84%	-	
	Café	GINI	qtde	2006	-	0,455	-	
		Especialização	QL	2006	-	2,19	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	-1,43%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	8,6%	-	
	Confecções	GINI	qtde	2006	-	0,500	-	
		Especialização	QL	2006	-	0,74	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	2,1%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	5,9%	-	
	Mámore e granito	GINI	qtde	2006	-	0,686	-	
		Especialização	QL	2006	-	6,06	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	7,6%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	48,4%	-	
	Metal mecânico	GINI	qtde	2006	-	0,669	-	
		Especialização	QL	2006	-	1,27	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	9,3%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	10,1%	-	
Pecuária de corte	GINI	qtde	2006	-	0,415	-		
	Especialização	QL	2006	-	3,84	-		
	Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	0,26%	-	
	Participação no APL estadual	%	2006	-	12,14%	-		
Pecuária de leite	GINI	qtde	2006	-	0,409	-		
	Especialização	QL	2006	-	1,31	-		
	Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	0,6%	-	
	Participação no APL estadual	%	2006	-	14,3%	-		
Turismo	GINI	qtde	2006	-	0,695	-		
	Especialização	QL	2006	-	0,72	-		
	Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	8,0%	-	
	Participação no APL estadual	%	2006	-	5,7%	-		

Quadro 143A

SÍNTESE DE REGIÕES - CAPARAÓ

DIMENSÃO	VARIÁVEL/CONCEITO	UNIDADE	PERÍODO		RESULTADO		SINALIZADOR DE TENDÊNCIA	
			INÍCIO	FIM	INÍCIO	FIM/PERÍODO		
Socioeconômica	População	Qtde	1970	2007	418.273	1.624.837	288,46%	
		TGA	1970	2007		3,7%		
	Taxa de urbanização	%	1970	2000	83,1%	98,3%	18,30%	
	Densidade populacional	hab/km²	1980	2006	32262,4%	94798,0%	193,83%	
	População região/total ES	%	1970	2007	26,2%	48,5%	85,36%	
PIB e Estrutura Produtiva	PIB	PIB corrente	Valor	2002	2006	16.503.469	33.399.498	102,38%
		PIB preços 2006	valor	2002	2006	26.997.331	33.399.498	23,71%
		Variação do PIB real	TGA	1970	2000		6,5%	
		Variação do PIB real	TGA	2002	2006		5,5%	
		Participação do PIB regional	%	1970	2000	55,0%	61,8%	12,46%
	Emprego	participação no PIB regional	%	2002	2006	61,7%	63,3%	2,59%
		Taxa de industrialização	%	2002	2006	62,5%	60,3%	-3,56%
		Participação do PIB agrícola	%	2002	2006	3,4%	3,5%	3,61%
		participação do PIB terciário	%	2002	2006	63,6%	66,6%	4,59%
		Emprego formal	Qtde	1985	2006	219.390	437.822	99,56%
		participação empreto ES	%	1985	2006	72,6%	61,9%	-14,74%
		Emprego industrial	%	1985	2006	28,0%	21,1%	-24,64%
		Emprego agrícola	%	1985	2006	71,6%	78,4%	9,42%
		Emprego terciário	%	1985	2006	0,4%	0,5%	34,35%
		Exportação	tonelada	2004	2007	32.930.868	31.146.785	-5,42%
APLs	Alimentos	GINI		2006	-	0,705	-	
		Especialização	QL	2006	-	1,04	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	6,04%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	64,23%	-	
	Confecções	GINI	qtde	2006	-	0,500	-	
		Especialização	QL	2006	-	0,73	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	1,98%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	45,0%	-	
	Florestal moveleiro	GINI	qtde	2006	-	0,683	-	
		Especialização	QL	2006	-	0,24	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	53,4%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	15,1%	-	
	Mármores e granito	GINI	qtde	2006	-	0,686	-	
		Especialização	QL	2006	-	0,26	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	8,0%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	16,1%	-	
	Metal mecânico	GINI	qtde	2006	-	0,669	-	
		Especialização	QL	2006	-	1,10	-	
		Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	11,8%	-
		Participação no APL estadual	%	2006	-	68,3%	-	
Pecuária de leite	GINI	qtde	2006	-	0,409	-		
	Especialização	QL	2006	-	1,45	-		
	Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	0,24%	-	
	Participação no APL estadual	%	2006	-	7,12%	-		
Petróleo e gás	GINI	qtde	2006	-	0,585	-		
	Especialização	QL	2006	-	1,06	-		
	Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	8,1%	-	
	Participação no APL estadual	%	2006	-	65,4%	-		
Turismo	GINI	qtde	2006	-	0,695	-		
	Especialização	QL	2006	-	1,03	-		
	Taxa de crescimento	%	1990	2006	-	9,9%	-	
	Participação no APL estadual	%	2006	-	63,5%	-		

Quadro 144A

PARTICIPAÇÃO NO TOTAL PRODUZIDO NO ESPÍRITO SANTO
Em Toneladas - 2006

MICRORREGIÃO	TOTAL	PERCENTUAL
1 MET	263.193	2,38
2 PLI	2.187.393	19,81
3 MES	797.772	7,22
4 SUS	342.704	3,10
5 CES	541.016	4,90
6 LNO	3.565.393	32,29
7 ENO	1.491.983	13,51
8 PCO	231.371	2,10
9 NO1	257.177	2,33
10 NO2	564.931	5,12
12 CAP	219.165	1,98

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

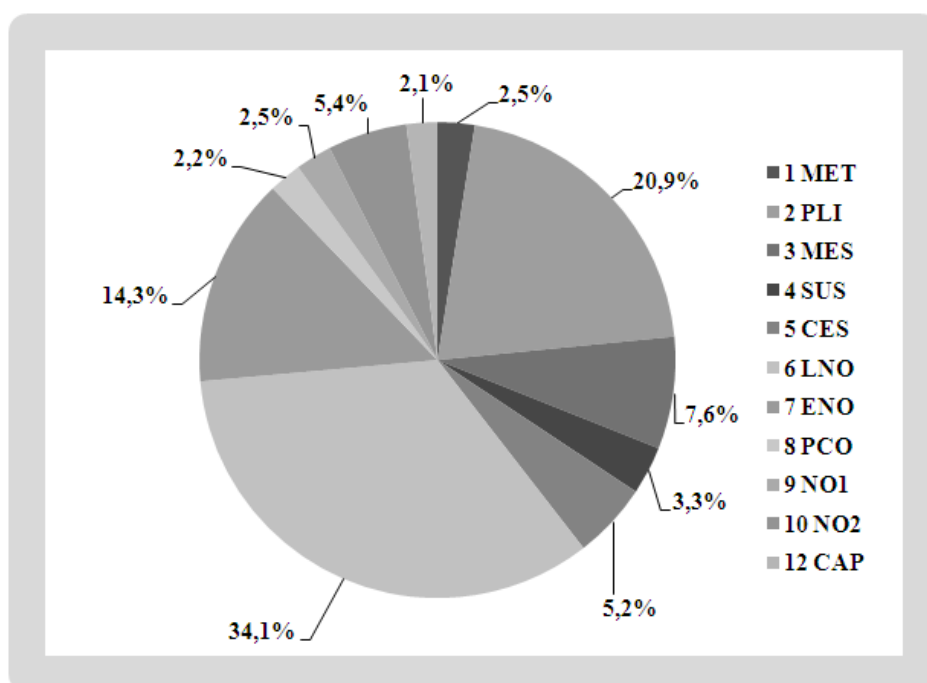


Ilustração 49A - Participação das Microrregiões no Total do Espírito Santo

Quadro 145A

PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS

Em Toneladas

PRODUTOS	1990	2006	VARIAÇÃO	2006 PERCENTUAL ACUMULADO	
Cana-de-açúcar	1.510.848	4.190.062	6,58%	37,94%	37,94%
Madeira em tora	438.318	1.535.062	8,15%	13,90%	51,84%
Madeira em tora para papel e celulose	433.100	1.386.664	7,54%	12,56%	64,40%
Mamão	274.827	752.503	6,50%	6,81%	71,21%
Bovino	497.902	634.418	1,53%	5,74%	76,96%
Café beneficiado	433.544	547.885	1,47%	4,96%	81,92%
Leite	288.985	444.850	2,73%	4,03%	85,95%
Mandioca	318.601	325.446	0,13%	2,95%	88,89%
Coco-da-bahia	3.669	180.245	27,56%	1,63%	90,53%
SUBTOTAL	4.199.794	9.997.135	5,57%	90,53%	90,53%
Outros	1.063.670	1.046.262	-0,10%	9,47%	100,00%
TOTAL GERAL	5.263.464	11.043.397	4,74%	100,00%	-

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.

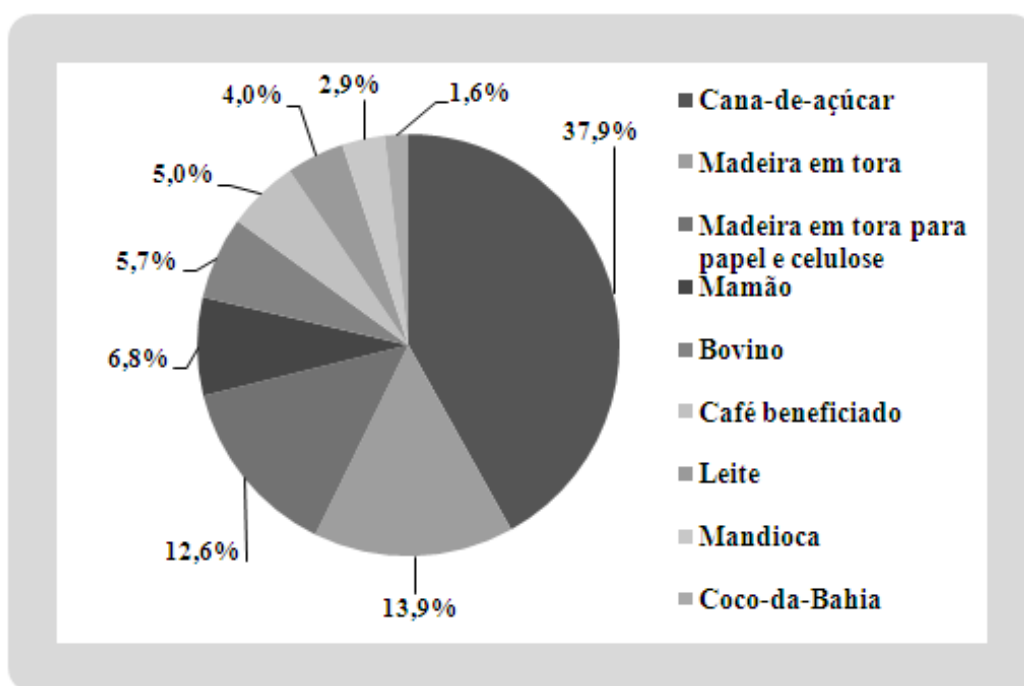


Ilustração 50A - Participação dos Produtos no Total do Espírito Santo

Quadro 146A

PRINCIPAIS PRODUTOS REGIÃO METROPOLITANA

Percentual de Participação

PRODUTOS	TONELADA	2006	ACUMULADO
Madeira em tora	62.553	23,8%	23,8%
Madeira em tora para papel/celulose	58.525	22,2%	46,0%
Leite	32.724	12,4%	58,4%
Bovino	27.776	10,6%	69,0%
Banana	22.460	8,5%	77,5%
Cana-de-açúcar	19.290	7,3%	84,9%
Mandioca	10.124	3,8%	88,7%
Café beneficiado	7.905	3,0%	91,7%
Outros	21.836	8,3%	100,0%
TOTAL GERAL	263.193	100,0%	

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal

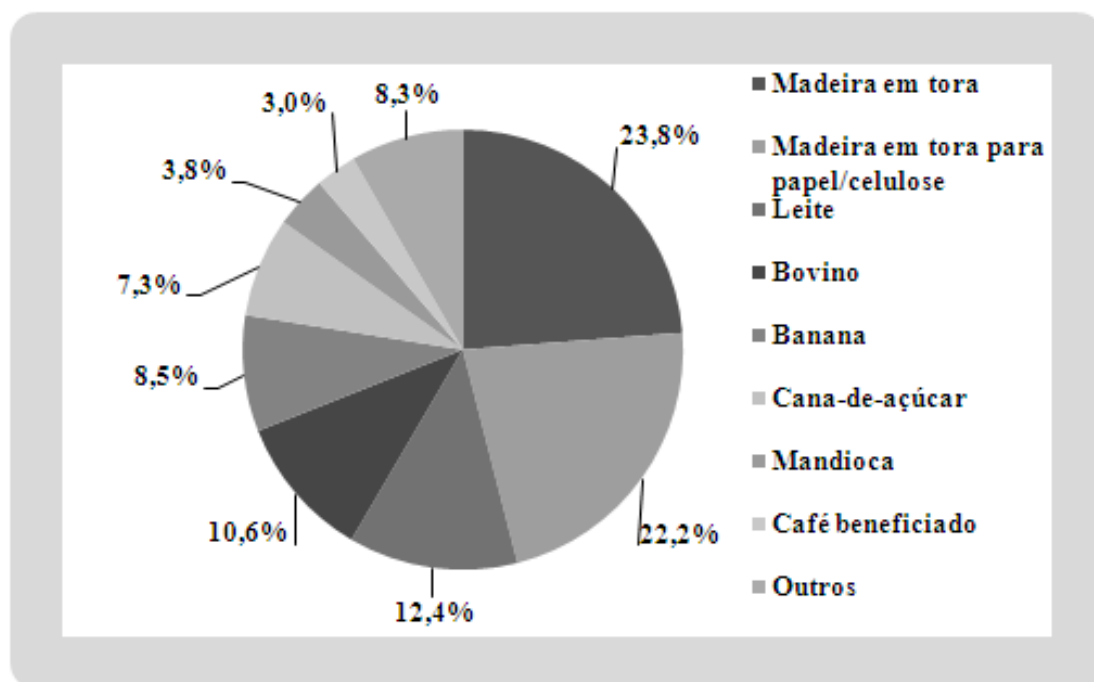


Ilustração 51A - Principais Produtos Região Metropolitana

Quadro 147A

PRINCIPAIS PRODUTOS REGIÃO PÓLO LINHARES

Percentual de Participação

PRODUTOS	TONELADA	2006	ACUMULADO
Cana-de-açúcar	884.700	40,4%	40,4%
Madeira em tora	413.311	18,9%	59,3%
Madeira em tora para papel/celulose	388.047	17,7%	77,1%
Mamão	97.342	4,5%	81,5%
Café beneficiado	92.580	4,2%	85,8%
Bovino	74.119	3,4%	89,2%
Mandioca	47.280	2,2%	91,3%
Maracujá	40.900	1,9%	93,2%
Outros	149.114	6,8%	100,0%
TOTAL GERAL	2.187.393	100,0%	

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal

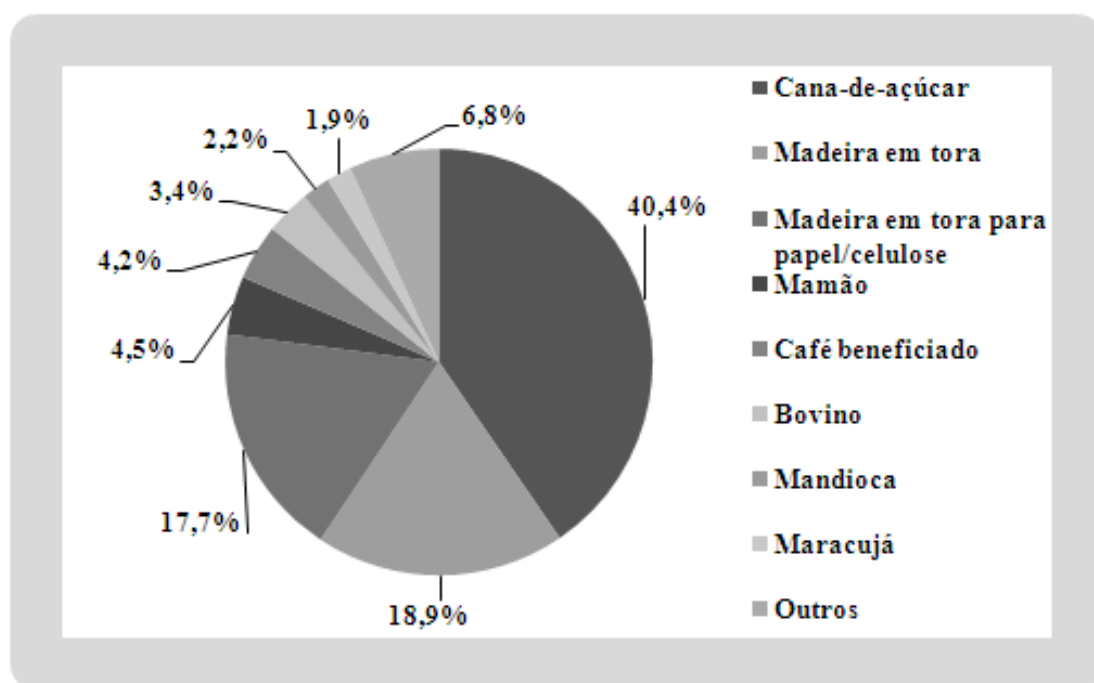


Ilustração 52A - Principais Produtos Região Pólo Linhares

Quadro 148A

PRINCIPAIS PRODUTOS REGIÃO METRÓPOLE EXPANDIDA SUL
Percentual de Participação

PRODUTOS	TONELADA	2006	ACUMULADO
Cana-de-açúcar	576.450	72,3%	72,3%
Banana	47.242	5,9%	78,2%
Mandioca	39.900	5,0%	83,2%
Abacaxi	30.200	3,8%	87,0%
Bovino	25.535	3,2%	90,2%
Leite	24.171	3,0%	93,2%
Café beneficiado	13.527	1,7%	94,9%
Madeira em tora	12.110	1,5%	96,4%
Outros	28.637	3,6%	100,0%
TOTAL GERAL	797.772	100,0%	

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal

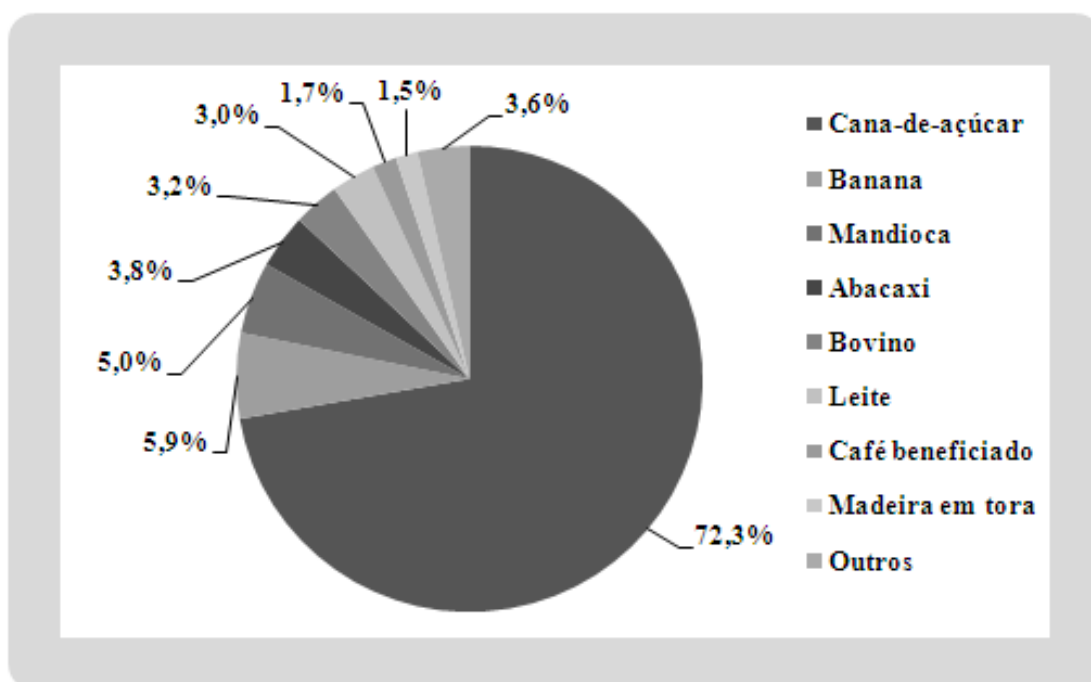


Ilustração 53A - Principais Produtos Região Metrópole Expandida Sul

Quadro 149A

PRINCIPAIS PRODUTOS REGIÃO SUDOESTE SERRANA

Percentual de Participação

PRODUTOS	TONELADA	2006	ACUMULADO
Tomate	56.378	16,5%	16,5%
Café beneficiado	45.895	13,4%	29,8%
Madeira em tora	38.241	11,2%	41,0%
Banana	26.816	7,8%	48,8%
Madeira em tora para outras finalidades	19.853	5,8%	54,6%
Cana-de-açúcar	19.290	5,6%	60,2%
Leite	17.913	5,2%	65,5%
Madeira em tora para papel/celulose	17.300	5,0%	70,5%
Outros	101.019	3,2%	73,7%
TOTAL GERAL	342.704	100,0%	

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal

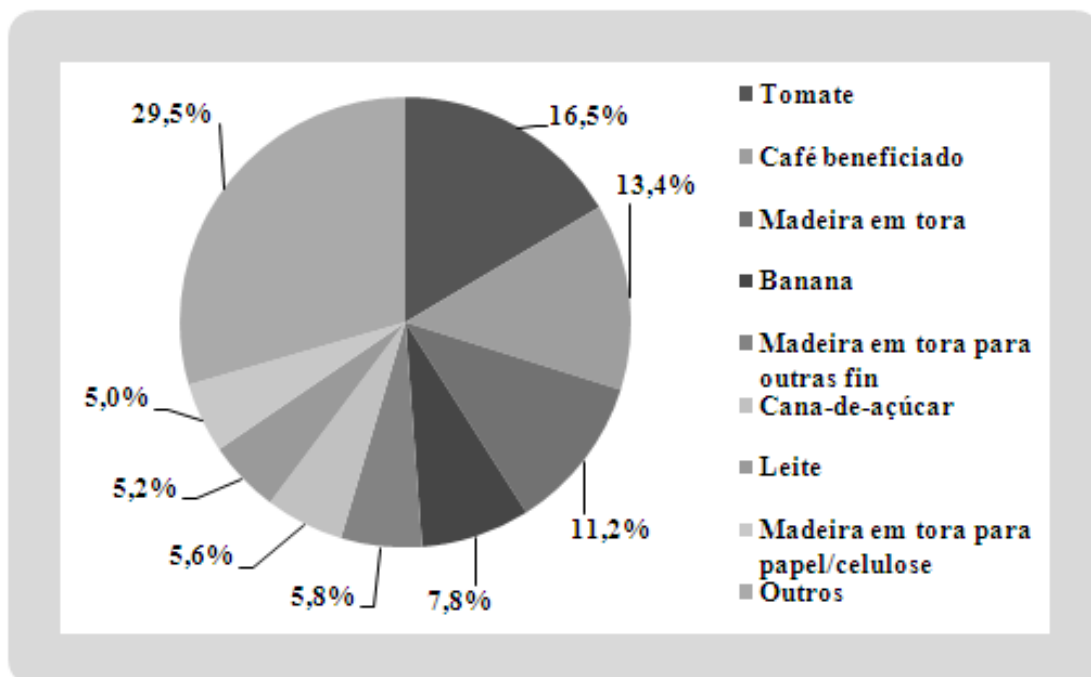


Ilustração 54A - Principais Produtos Região Sudoeste Serrana

Quadro 150A

PRINCIPAIS PRODUTOS REGIÃO CENTRAL SERRANA

Percentual de Participação

PRODUTOS	TONELADA	2006	ACUMULADO
Ovos de galinha	89.999	16,6%	16,6%
Madeira em tora	64.887	12,0%	28,6%
Madeira em tora para outras finalidades	62.237	11,5%	40,1%
Café beneficiado	50.687	9,4%	49,5%
Cana-de-açúcar	45.300	8,4%	57,9%
Tomate	43.138	8,0%	65,8%
Banana	34.550	6,4%	72,2%
Milho em grão	23.480	4,3%	76,6%
Outros	126.738	23,4%	100,0%
TOTAL GERAL	541.016	100,0%	

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal

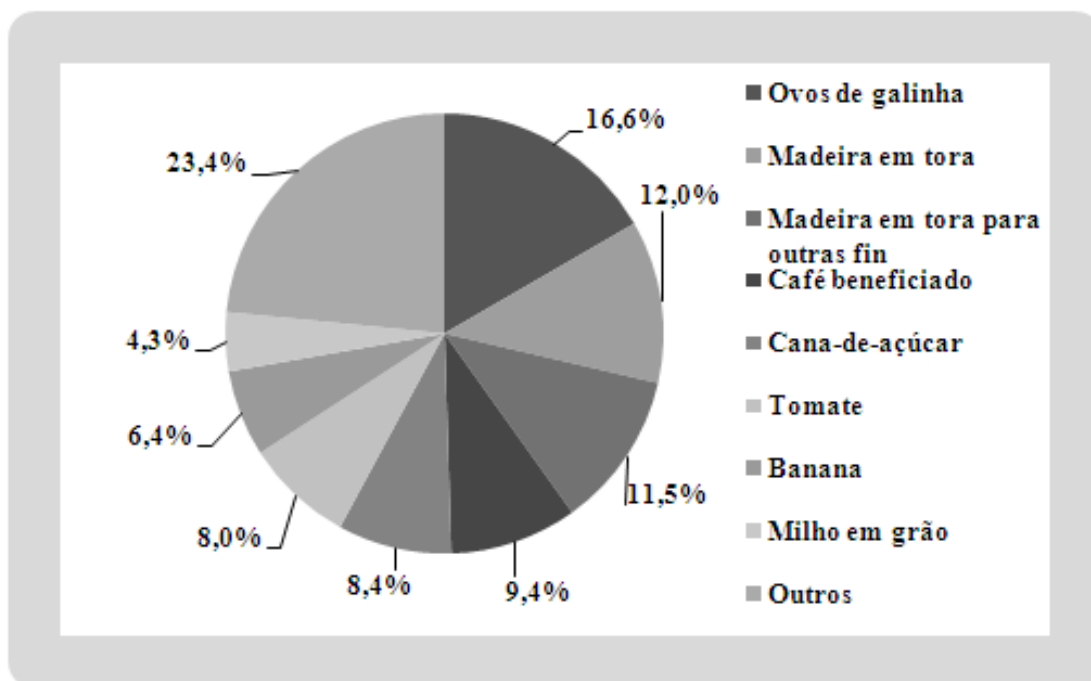


Ilustração 55A - Principais Produtos Região Central Serrana

Quadro 151A

PRINCIPAIS PRODUTOS REGIÃO LITORAL NORTE

Percentual de Participação

PRODUTOS	TONELADA	2006	ACUMULADO
Cana-de-açúcar	1.475.572	41,4%	41,4%
Madeira em tora	876.436	24,6%	66,0%
Madeira em tora para papel/celulose	869.117	24,4%	90,3%
Coco-da-Bahia	95.368	2,7%	93,0%
Mamão	67.500	1,9%	94,9%
Café beneficiado	55.970	1,6%	96,5%
Bovino	42.652	1,2%	97,7%
Mandioca	24.740	0,7%	98,4%
Outros	58.038	1,6%	100,0%
TOTAL GERAL	3.565.393	100,0%	

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal

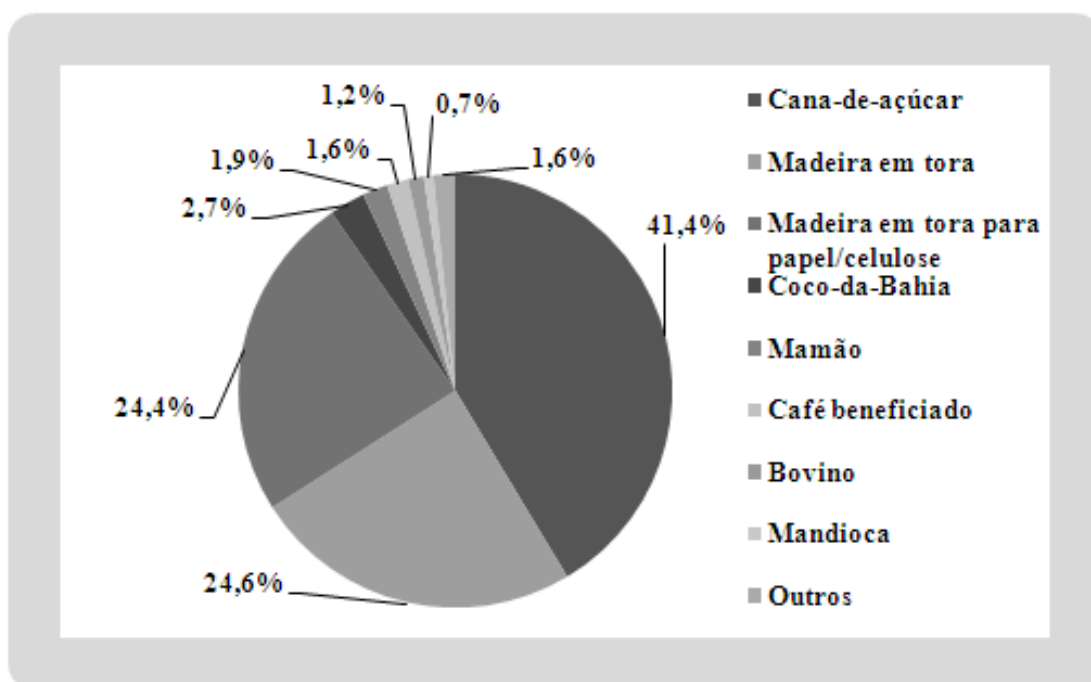


Ilustração 56A - Principais Produtos Região Litoral Norte

Quadro 152A

PRINCIPAIS PRODUTOS REGIÃO EXTREMO NORTE

Percentual de Participação

PRODUTOS	TONELADA	2006	ACUMULADO
Cana-de-açúcar	654.150	43,8%	43,8%
Mamão	532.730	35,7%	79,6%
Bovino	99.510	6,7%	86,2%
Mandioca	88.350	5,9%	92,1%
Leite	32.121	2,2%	94,3%
Café beneficiado	23.703	1,6%	95,9%
Madeira em tora	17.861	1,2%	97,1%
Madeira em tora para papel/celulose	17.859	1,2%	98,3%
Outros	25.699	1,7%	100,0%
TOTAL GERAL	1.491.983	100,0%	

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal

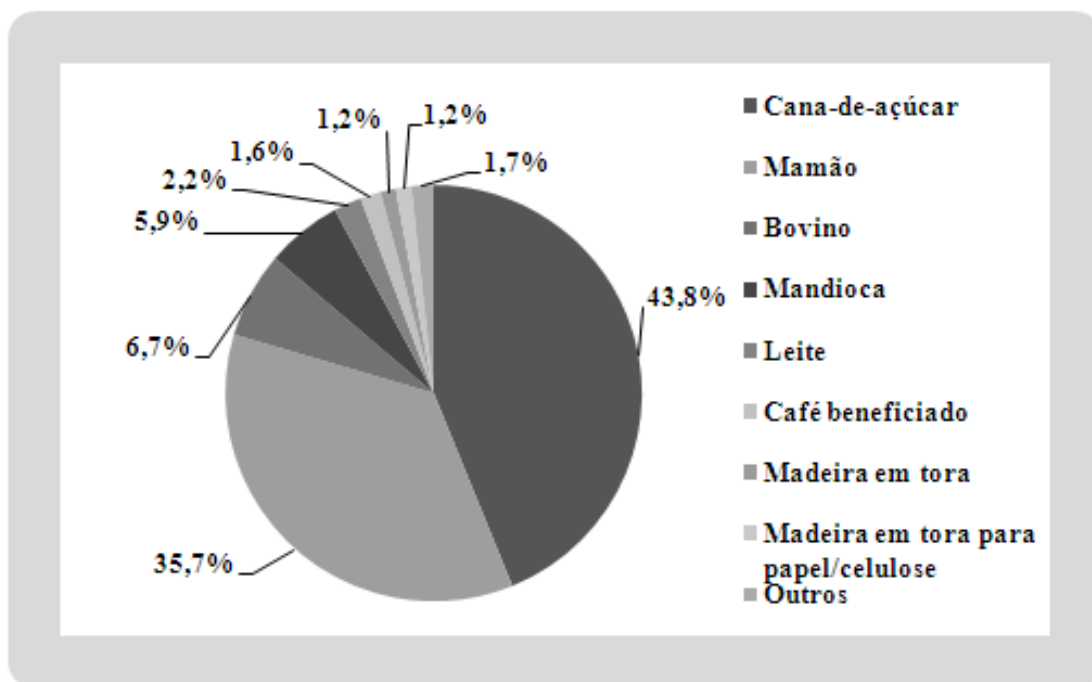


Ilustração 57A - Principais Produtos Região Extremo Norte

Quadro 153A

PRINCIPAIS PRODUTOS REGIÃO PÓLO COLATINA

Percentual de Participação

PRODUTOS	TONELADA	2006	ACUMULADO
Bovino	49.929	21,6%	21,6%
Café beneficiado	42.899	18,5%	40,1%
Leite	40.696	17,6%	57,7%
Madeira em tora	24.665	10,7%	68,4%
Madeira em tora para papel/celulose	19.202	8,3%	76,7%
Coco-da-Bahia	11.680	5,0%	81,7%
Lenha	10.309	4,5%	86,2%
Milho em grão	6.146	2,7%	88,8%
Outros	25.845	11,2%	100,0%
TOTAL GERAL	231.371	100,0%	

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal

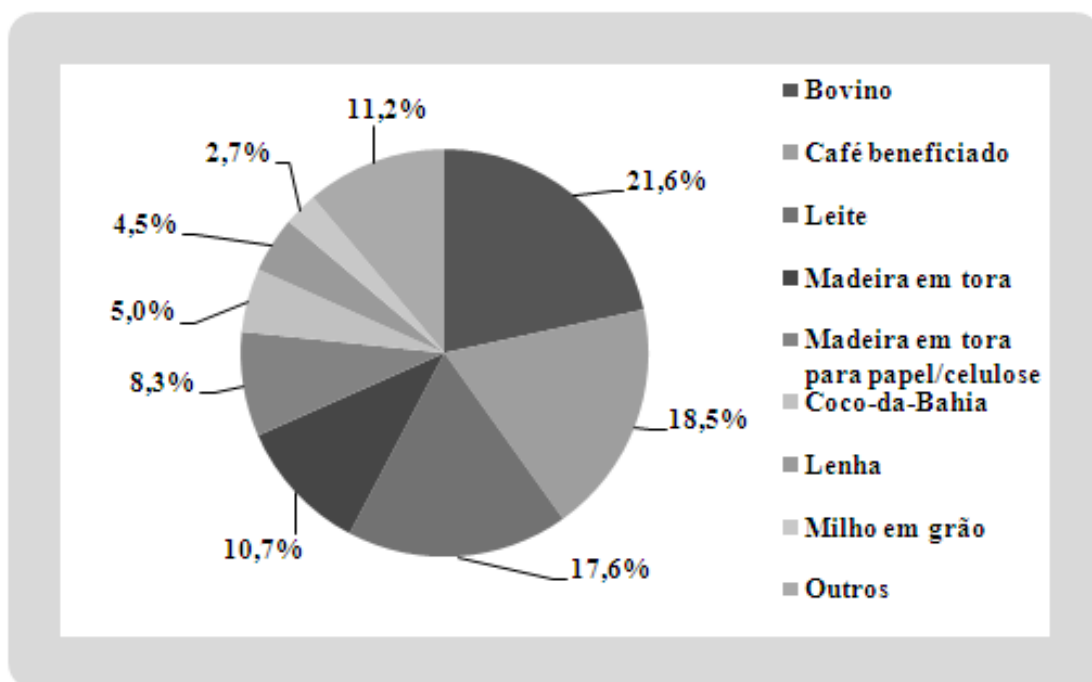


Ilustração 58A - Principais Produtos Região Pólo Colatina

Quadro 154A

PRINCIPAIS PRODUTOS REGIÃO NOROESTE 1

Percentual de Participação

PRODUTOS	TONELADA	2006	ACUMULADO
Bovino	106.755	41,5%	41,5%
Leite	70.340	27,4%	68,9%
Café beneficiado	30.138	11,7%	80,6%
Cana-de-açúcar	17.850	6,9%	87,5%
Mandioca	8.654	3,4%	90,9%
Coco-da-Bahia	6.011	2,3%	93,2%
Arroz	4.530	1,8%	95,0%
Maracujá	2.385	0,9%	95,9%
Outros	10.515	4,1%	100,0%
TOTAL GERAL	257.177	100,0%	

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal

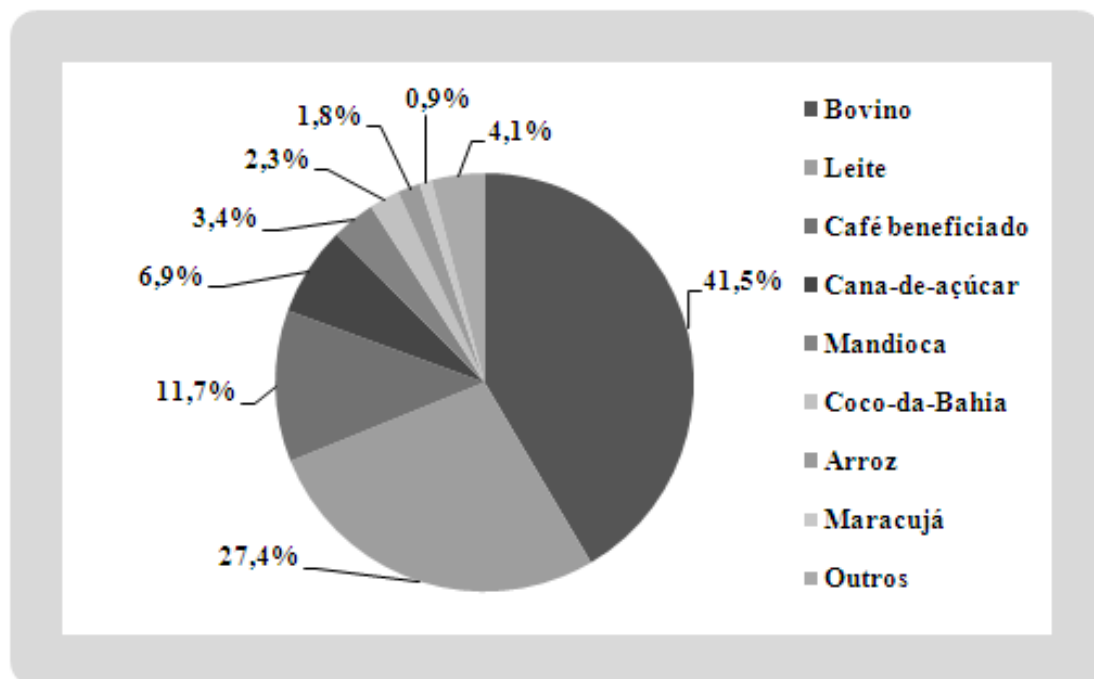


Ilustração 59A - Principais Produtos Região Noroeste 1

Quadro 155A

PRINCIPAIS PRODUTOS REGIÃO NOROESTE 2

Percentual de Participação

PRODUTOS	TONELADA	2006	ACUMULADO
Cana-de-açúcar	286.350	50,7%	50,7%
Café beneficiado	71.519	12,7%	63,3%
Bovino	52.489	9,3%	72,6%
Mamão	45.310	8,0%	80,7%
Leite	31.172	5,5%	86,2%
Coco-da-Bahia	27.026	4,8%	91,0%
Mandioca	12.395	2,2%	93,2%
Madeira em tora	7.227	1,3%	94,4%
Outros	31.443	5,6%	100,0%
TOTAL GERAL	564.931	100,0%	

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal

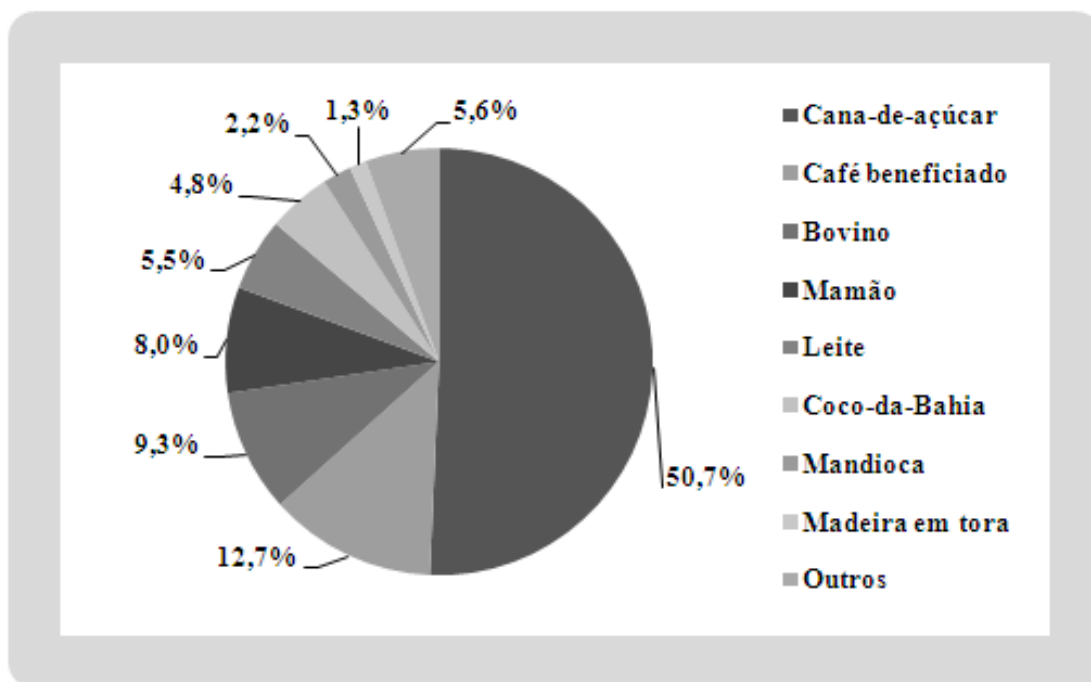


Ilustração 60A - Principais Produtos Região Noroeste 2

Quadro 156A

PRINCIPAIS PRODUTOS REGIÃO PÓLO CACHOEIRO

Percentual de Participação

PRODUTOS	TONELADA	2006	ACUMULADO
Cana-de-açúcar	200.900	34,6%	34,6%
Bovino	82.538	14,2%	48,8%
Leite	74.389	12,8%	61,6%
Mandioca	67.185	11,6%	73,1%
Café beneficiado	49.983	8,6%	81,7%
Banana	28.941	5,0%	86,7%
Madeira em tora para outras finalidades	16.260	2,8%	89,5%
Tomate	12.300	2,1%	91,6%
Outros	48.807	8,4%	100,0%
TOTAL GERAL	581.302	100,0%	

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal

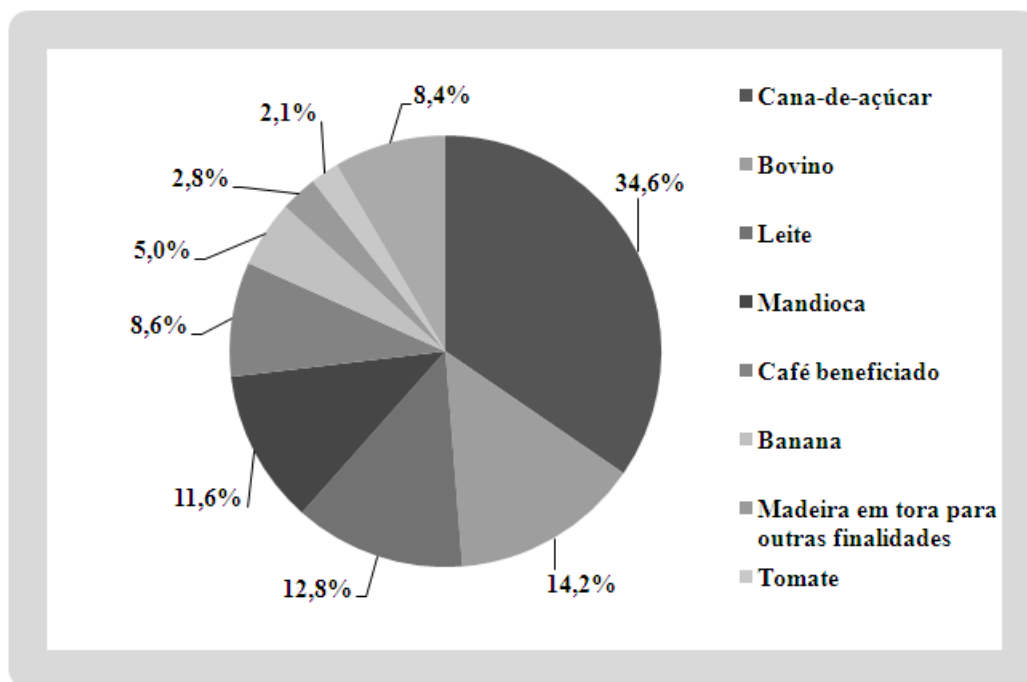


Ilustração 61A - Principais Produtos Região Pólo Cachoeiro

Quadro 157A

PRINCIPAIS PRODUTOS REGIÃO CAPARAÓ

Percentual de Participação

PRODUTOS	TONELADA	2006	ACUMULADO
Café beneficiado	63.079	28,8%	28,8%
Leite	47.371	21,6%	50,4%
Bovino	36.601	16,7%	67,1%
Milho em grão	16.270	7,4%	74,5%
Madeira em tora	12.110	5,5%	80,0%
Lenha	9.500	4,3%	84,4%
Tomate	7.824	3,6%	87,9%
Cana-de-açúcar	6.135	2,8%	90,7%
Outros	20.275	9,3%	100,0%
TOTAL GERAL	219.165	100,0%	

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal

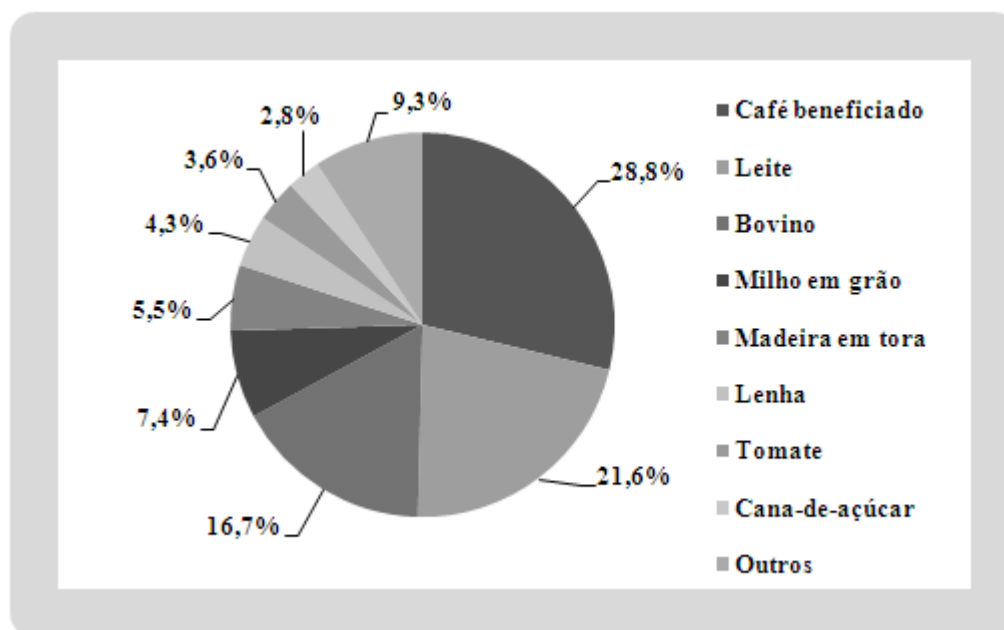


Ilustração 62A - Principais Produtos Região Caparaó

Quadro 158A

PRODUTOS EXPORTADOS POR MICRORREGIÃO

Em Toneladas - Líquido

MICRORREGIÕES	2004	2005	2006	2007
1 MET	32.930.868	32.723.076	32.920.490	31.146.785
2 PLI	2.430.105	2.577.634	2.157.527	2.161.562
3 MES	16.774.953	15.403.542	14.838.881	16.622.896
4 SUS	19.772	19.568	15.247	14.892
5 CES	2.487	3.363	2.465	2.081
6 LNO	512	640	836	1.521
7 ENO	966	2.672	2.155	505
8 PCO	27.351	32.283	65.142	77.323
9 NO1	25.977	61.712	79.171	100.363
10 NO2	22.445	64.640	108.318	140.570
11 PCA	194.368	230.693	302.208	323.322
12 CAP	-	77	-	-
TOTAL GERAL	52.429.805	51.119.900	50.492.441	50.591.821

Fonte: Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Quadro 159A

EXPORTAÇÕES REGIÃO METROPOLITANA

Em Toneladas - Líquido

PRODUTOS	2004	2005	2006	2007
Minérios de ferro aglomerados e seus concentrados	25.536.203	27.372.826	27.787.906	26.434.799
Outros prod semimanufat de ferro/aço C<0,25% sec. transv.ret	2.263.086	1.661.251	1.895.583	1.842.325
Outros granitos trabalhados de outro modo e suas obras	39.066	275.887	330.439	312.584
Café não torrado, não descafeinado, em grão	102.290	86.086	99.186	86.687
Produtos semimanufaturados de outras ligas de aço	503.111	578.858	404.319	376.472
Outros grãos de soja, mesmo triturados	949.737	371.398	391.652	421.360
Outros lamin. ferro/aço	284.616	282.831	305.433	182.225
Granito cortado em blocos ou placas	427.710	602.974	735.976	616.394
Lamin. de outras ligas aços, quente, L>=600mm, rolos	8.942	40.539	115.187	96.705
Outras preparações alimentícias de farinhas, etc, cacau<40%	-	4.000	1.000	14.309
Pefis de ferro/aço, em L, lamina,etc,a quente, h<8cm	24.097	34.003	64.120	80.698
Lamin. ferro/aço quente, L>=60cm, rolo, E<3mm, elast.275MPA	79.254	55.502	70.451	76.882
Milho em grão exceto para semeadura	-	-	2	206.767
Outras laminas ferro/aço, L>=6dm, quente, rolos 3mm<=E<=4,75mm	56.447	72.853	115.831	60.786
Lamin. ferro/aço, quente, L>=60cm, rolo, 4,75mm<E<=10mm	64.735	63.545	110.866	49.797
Café solúvel, mesmo descafeinado	8.057	8.630	7.603	7.413
Outros tubos flexíveis de ferro ou aço	-	-	2.932	2.023
Barras de ferro/aço, lamin, quente, dentada, etc	33.080	8.080	30.700	37.929
Outros chocolates e preparações alimentícias contendo cacau	3.835	3.898	4.004	4.666
Produtos semimanufat ferro/aço, não ligados carbono>=0,25%	108.338	230.599	139.523	31.419
Bagaços e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja	912.178	245.942	66.004	45.225
SUBTOTAL	31.404.782	31.999.701	32.678.718	30.987.466
Outros	1.526.086	723.375	241.772	159.319
TOTAL GERAL	32.930.868	32.723.076	32.920.490	31.146.785

Fonte: Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Quadro 160A

EXPORTAÇÕES REGIÃO PÓLO LINHARES

Em Toneladas - Líquido

PRODUTOS	2004	2005	2006	2007
Pasta quím. madeira de n/conif. A soda/sulfato, semi/branq	2.094.895	2.198.024	2.150.806	2.157.030
Partes e acess. p/instrumentos musicais de cordas	-	1	1	1
Peroxido de hidrogênio (água oxigenada)	10.715	5.976	6.696	4.487
Arcos de madeira, estacas fendidas, etc de coníferas	-	-	-	-
Outros granitos trabalhados de outro modo e suas obras	653	23.557	-	42
Ferro fundido bruto não ligado, c/peso<=0,5% de fósforo	226.672	268.201	-	-
Mamões (papaia) frescos	22.063	22.392	-	-
Café não torrado, não descafeinado, em grão	10.847	14.620	-	-
Móveis de madeira p/quartos de dormir	3.590	4.348	-	-
Álcool etílico n/desnaturado c/vol.teor alcoólico>=80%	25.165	10.532	-	-
Sucos de outras frutas, prods.hortícolas,não fermentados	4.481	5.296	-	-
Granito cortado em blocos ou placas	5.041	16.677	-	-
Torres e porticos,de ferro fundido, ferro ou aço	7.912	2.271	-	-
Pimenta “piper”, seca	1.992	1.203	-	-
Cacau inteiro ou partido em bruto ou torrado	413	383	-	-
Prods.ferrosos da redução direta dos minérios de ferro	400	1.200	-	-
Gengibre	171	693	-	-
Outros móveis de madeira	907	262	-	-
Tilápias, peixes congelados,exc.filés, outros carnes, etc	82	184	-	-
Cravo-da-índia (frutos, flores e pedúnculos)	24	90	-	-
Suco de uvas com valor brix<=30	159	307	-	-
Álcool etílico desnaturado c/qq.teor alcoólico	5.730	375	-	-
SUBTOTAL	2.421.913	2.576.592	2.157.503	2.161.560
Outros	8.192	1.042	24	-
TOTAL GERAL	2.430.105	2.577.634	2.157.527	2.161.560

Fonte: Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Quadro 161A

EXPORTAÇÕES REGIÃO METROPOLITANA EXPANDIDA SUL

Em Toneladas - Líquido

PRODUTOS	2004	2005	2006	2007
Minérios de ferro aglomerado e seus concentrados	16.748.228	15.376.061	13.195.066	14.672.208
Minérios de ferro não aglomerado e seus concentrados	-	-	1.589.401	1.910.082
Outros granitos trabalhados de outro modo e suas obras	2.772	25.162	34.980	37.867
Outros peixes frescos, refrig, exc, filés, outras carnes, etc	2.159	1.724	1.397	1.283
Microesferas de vidro de diâmetro <=1mm	-	-	-	145
Filés de outros peixes frescos refrigerados	-	-	-	49
Granito cortado em blocos ou placas	90	151	57	1.055
Outras obras de ferro ou aço	-	-	-	23
Filés de outros peixes frescos ou refrigerados	125	127	141	13
Cavalas, cavalinhas, etc, frescas, refrig, exc filés, etc	84	41	39	24
Outros peixes congelados, exc filés, outras carnes, etc	14	41	58	32
Filés de outros peixes congelados	288	25	12	12
SUBTOTAL	16.753.760	15.403.332	14.821.151	16.622.794
Outros	32.209	31.047	24.671	25.014
TOTAL GERAL	16.785.969	15.434.379	14.845.822	16.647.808

Fonte: Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Quadro 162A

EXPORTAÇÕES REGIÃO SUDOESTE SERRANA
Em Toneladas - Líquido

PRODUTOS	2004	2005	2006	2007
Café não torrado, não descafeinado, em grão	19.483	17.301	12.445	12.583
Outros granitos trabalhados de outro modo e suas obras	80	1.973	2.265	2.205
Outras madeiras serradas/cortadas em folhas, etc, esp>6mm	209	213	150	368
Outras pedras de cantaria, etc trabalhadas de outro modo e obra	-	0,2	29	0,5
Ardósia natural trabalhada e obras de ardósia nat/aglom	-	14	3	22
Partes e acess p/instrumentos musicais de cordas	-	0,1	-	-
Madeira de não coníferas, perfilada	-	-	-	19
Madeira de ipê, serrada/cortada em folhas, etc. esp>6mm	-	66	-	50
Outras obras de madeira	-	0,9	-	0,8
Molduras de madeira p/quadros, fotografias, espelhos, etc	-	-	-	-
Granito talhado ou serrado, de superfície plana ou lisa	1.513	18	-	-
Ferro e aço não ligados ou em outras formas primárias	-	0,1	-	-
TOTAL GERAL	21.285	19.586	14.892	15.247

Fonte: Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Quadro 163A

EXPORTAÇÕES REGIÃO CENTRAL SERRANA

Em Toneladas - Líquido

PRODUTOS	2004	2005	2006	2007
Outras raízes, tubérculos, frescos, etc, e medula de sagueiro	1.375	1.708	1.093	1.039
Gengibre	1.094	1.620	1.367	978
Mamões (papias) frescos	-	-	-	60
Batatas-doces, frescas, refrigeradas, congeladas ou secas	-	0,5	5	4
Bananas frescas ou secas	-	-	-	-
Outras frutas secas	-	-	-	-
Outros prods horícolas, frescos ou refriger.	15	35	0,1	
Açafrão	-	-	-	-
Maqs. p/limpar/selecionar ovos e outs. prods. agrícolas	2	-	-	-
TOTAL GERAL	2.487	3.363	2.465	2.081

Fonte: Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Quadro 164A

EXPORTAÇÕES REGIÃO LITORAL NORTE

Em Toneladas - Líquido

PRODUTO	2004	2005	2006	2007
Pimenta “piper”, seca	181	302	646	778
Outros couros/peles, int. bovinos prepar. Etc	-	-	-	105
Nozes frescas ou secas, sem casca	249	253	166	253
Nozes frescas ou secas com casca	-	-	-	274
Outras águas sem açúcar, n/aromatizadas, etc. Gelo e neve	-	19	24	108
Cravo-da-índia (frutos,flores e pendúculos)	-	2	-	2
Pimentões e pimentas “capsicum”/”pimenta”, secos, pó, etc	-	15	-	0,3
Estatuetas e outros objetos de madeira p/ ornamentação	-	-	-	0,19
Castanha-do-Pará, fresca ou seca, com casca	-	48	-	-
Sucos de outras frutas, prods.hortícolas, não fermentaos	75	-	-	-
Pimenta “piper”, triturada ou em pó	6	-	-	-
Pimentões e pimentas, frescos ou refrigerados	1	-	-	-
TOTAL GERAL	512	640	836	1.521

Fonte: Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Quadro 165A

EXPORTAÇÕES REGIÃO EXTREMO NORTE

Em Toneladas - Líquido

PRODUTOS	2004	2005	2006	2007
Granito Cortado em Blocos ou Placas	-	1.881	2.155	505
Outros granitos trabalhados de outro modo e suas obras	872	421	-	-
Mamões (papaia) frescos	94	369	-	-
TOTAL	966	2.672	2.155	505

Fonte: Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Quadro 166A

EXPORTAÇÕES REGIÃO PÓLO COLATINA

Em Toneladas - Líquido

PRODUTOS	2004	2005	2006	2007
Café não torrado, não descafeinado, em grão	25.551	30.854	60.773	71.852
Carnes desossadas de bovinos, frescas ou refrigeradas	510	215	155	202
Carnes desossadas de bovinos congeladas	718	784	3.971	541
Granito cortado em bloco ou placas	-	-	-	4.655
Calças, jardineiras, etc. de algodão, de uso masculino	0,1	4	7	3
Café torrado, não descafeinado	-	14	12	10
Outros granitos trabalhados de outro modo e suas obras	-	365	199	48
Bexigas e estômagos de animais, exc. peixes, frescas, etc.	-	-	20	4
Camisas, blusas, etc de fibra sint/artif de uso feminino	0,1	5	-	3
Camisas de malha de algodão de uso masculino	-	29	-	0,1
Vestidos de malha de fibras sintéticas	-	-	-	0,1
Vestidos de fibras sintéticas	-	-	-	0,1
Luvras, etc de malhas de fibras sintéticas	-	-	-	0,1
Outras miudezas comestíveis de bovino congeladas	20	1,0	1,1	3
Saias e saias-calças de algodão	0,1	0,1	1,7	0,2
Vestidos de algodão	-	0,0	0,0	0,1
Camisas, etc de malhas de algodão de uso feminino	0,1	0,1	0,1	0,1
Louça e outros artigos de uso doméstico, etc de outras cerâmicas	-	0,2	0,1	0,2
Camisas blusas, etc de algodão de uso feminino	-	0,0	0,0	0,1
Vestidos de malha de algodão	-	-	0,0	0,0
Camisas de algodão de uso masculino	-	-	0,2	0,1
Blazers de algodão de uso feminino	-	0,1	0,6	0,1
Camisas, etc de malha de fibras sint/artif de uso feminino	111	-	0,1	-
Calças, jardineiras, etc, de algodão, de uso feminino	403	-	-	-
SUBTOTAL	27.314	32.272	65.141	77.323
Outros	37	12	1,692	0,106
TOTAL GERAL	27.351	32.283	65.142	77.323

Fonte: Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Quadro 167A

EXPORTAÇÕES REGIÃO NOROESTE I

Em Toneladas - Líquido

PRODUTOS	2004	2005	2006	2007
Outros granitos trabalhados de outro modo e suas obras	69	60	16.874	293
Granito cortado em blocos ou placas	28	17	22.071	-
Granito em bruto ou desbastado	3	1	6.632	17.288
Granito talhado ou serrado, de superfície plana ou lisa	-	1	16.135	8.377
Partes e acess. de maqs. ferram. p/ afiar, amolar, etc, metais	-	-	-	-
Maqs. ferram. p/serrar pedra. prods cerâmicos, concreto, etc.	-	-	-	-
Ladrilhos, etc de pedra natural, lado<7cm	-	-	-	-
Mármore, travertino, etc.talhada/serrada superf.plana/lisa	-	-	-	18
Outras obras de ferro ou aço	-	-	-	2
TOTAL GERAL	100,4	79,2	61.712,5	25.977,3

Fonte: Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Quadro 168A

EXPORTAÇÕES REGIÃO NOROESTE II

Em Toneladas - Líquido

PRODUTOS	2004	2005	2006	2007
Outros granitos trabalhados de outro modo e suas obras	8.956	19.005	16.114	26.313
Café não torrado, não descafeinado, em grão	-	-	-	8.117
Granito em bruto ou desbastado	-	20.269	65.244	68.264
Granito cortado em blocos ou placas	3.433	25.233	26.958	37.740
Pimenta “piper”, seca	-	-	-	57
Granito talhado ou serrado, de superfície plana ou lisa	9.706	77	-	75
Ardósia natural trabalhada e obras de ardósia nat/aglom	5	-	-	5
Outras obras de ferro ou aço	-	2	1	-
Outras obras de cerâmica, exceto porcelana	-	-	-	-
Outros jogos adicionados por ficha/moeda, exc jogos balizas	-	-	1	-
Mármore, travertino, etc.trabalhado de outro modo e obras	-	24	-	-
Mármore cortados em blocos ou placas	254	30	-	-
Outras obras moldadas de ferro fundido, não maleável	-	1	-	-
Correias transportadoras/transmissão, de matéria têxtil	-	-	-	-
Calças, etc.de malha de algodão, de uso feminino	-	-	-	-
Ganchos e armelas (pitões), de ferro fundido/ferro/aço	-	-	-	-
Camisas de malha de algodão, de uso masculino	-	-	-	-
Mármore e travertinos em bruto ou desbastados	43	-	-	-
Mármore, travertino, etc, talhada/serrada superf.plana/lisa	47	-	-	-
TOTAL GERAL	22.445	64.641	108.318	140.570

Fonte: Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Quadro 169A

EXPORTAÇÕES REGIÃO PÓLO CACHOEIRO

Em Toneladas - Líquido

PRODUTOS	2004	2005	2006	2007
Outros granitos trabalhados de outro modo e suas obras	20.541	196.671	251.980	258.575
Granito cortado em blocos ou placas	16.027	14.237	37.674	48.129
Granito em bruto ou desbastado	11.718	1.942	2.763	9.477
Outras pedras de cantaria, etc, trabalhadas de outro modo e obras	52	191	323	593
Mármore, travertino, etc, trabalhado de outro modo e obras	3.278	1.734	1.335	1.361
Granito trabalhado ou serrano, de superfície plana ou lisa	132.793	3.662	1.148	704
Mármore cortados em blocos ou placas	2.411	6.192	6.830	3.406
SUBTOTAL	186.821	224.629	302.052	322.245
Outros	7.548	6.064	156	1.077
TOTAL GERAL	194.368	230.693	302.208	323.322

Fonte: Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior